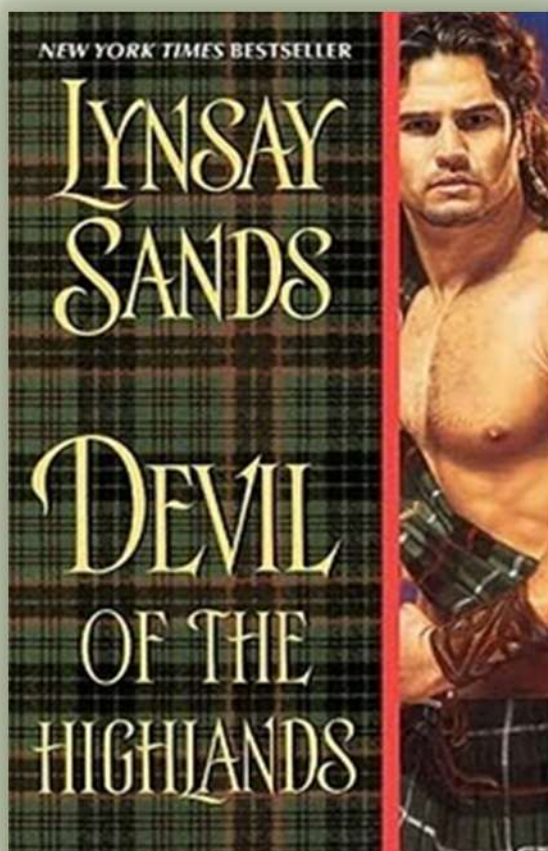


Romances Históricos

Lynsay Sands

O DIABO DAS HIGHLANDERS



Tradução/Pesquisas: As3

Revisão Inicial e Final: Nádia Cortez

Formatação e arte: Miss Bella





RESUMO

Escócia medieval, 1273

As pessoas o chamam de Diabo, o lorde mais notório de toda a Escócia. Cullen, é o novo Lorde de Donnachaidh, só quer agora uma família. Ele só se preocupa com a sobrevivência do seu clã, e para isso ele precisa de uma esposa. Ele quer alguém que seja forte e lhe dê muitos filhos. Ele quer uma mulher flexível que não o questione e o obedeça sem pestanejar. Ele também quer que seja uma mulher apaixonada para aquecer sua cama... Se conseguir que ela tenha ao menos uma entre as três qualidades não seria mau. Evelinde viveu sujeita a crueldade de sua madrasta por muito tempo. É a única explicação para sua ânsia de casar com o Diabo da Região Montanhosa da Escócia. Ela está determinada a ser uma boa esposa, mas esse Diabo tem que aprender que existem mais coisas num matrimônio do que o que acontece no quarto do casal...

É passado na Escócia medieval de 1273.

A escritora nos brinda com mais uma de suas histórias. Bem-humorada, é fluída, leve e muito divertida. Lynsay Sands sabe muito bem desenvolver um enredo onde mistura romance, cenas quentes, suspense e muita comédia. A cena em que os protagonistas se conhecem no início do livro é hilária. Ainda na linha da comédia rasgada a cena do casamento é divina. O casal tem muita empatia, mas custam a chegar no “e foram felizes”, pois ha um mistério que eles terão que desvendar.

Ele: - Moreno, alto, forte, ótimo lorde chefe do clã, mas tem um pequeno defeito, não gosta de falar, só fica literalmente grunhindo o tempo todo, para ele uma frase com no máximo três palavras já é falar muito, até aprender que precisa conversar com a esposa.

Ela: - Linda com todas as curvas nos lugares, a verdadeira beldade inglesa, loura, ótima castelã, bem-humorada e muito inteligente; o único defeito é não parar de falar, o que vai tirar do sério seu marido taciturno, até aprender que ações são mais importantes que palavras.

Esse livro vai levar dois leques...





Capítulo I

Inglaterra do norte, 1273

—Minha senhora!

O grito ansioso fez com que Evelinde fizesse uma pausa no que dizia ao cozinheiro e olhasse ao seu redor. Sua criada atravessava rapidamente a cozinha e vinha em sua direção, com uma expressão zangada e muito preocupada. Essa combinação usualmente era causada pelas ações da sua madrasta Edda. Perguntou-se qual seria a confusão que Edda teria aprontado agora, Evelinde rapidamente prometeu ao cozinheiro que terminariam a conversa sobre o cardápio mais tarde, e saiu apressada ao encontro de sua criada.

Mildrede pegou suas mãos no momento que se aproximaram. Sua boca se curvou para baixo quando anunciou.

—Sua madrasta lhe chama.

Evelinde fez uma careta e suspirou. Sua madrasta só mandava procurá-la quando estava de péssimo humor, o que era normal para Edda, e queria animar-se maltratando um pouco sua desafortunada enteada, o que sempre fazia. Por um momento, Evelinde considerou ignorar o chamado e buscar uma tarefa fora da fortaleza pelo resto do dia. Mas isso só pioraria o mau humor da mulher e seus subsequentes abusos.

—Devo ir ver o que quer então — Evelinde disse e apertou as mãos de Mildrede reconfortando-a antes de passar ao lado dela.

—Ela está sorrindo — Mildrede advertiu, seguindo-a.



Evelinde fez uma breve pausa com a sua mão apoiada no puxador da porta do grande salão, com um temor, invadindo-a. Uma Edda sorridente não era uma boa coisa. Usualmente isso queria dizer que Evelinde estava a ponto de sofrer. A verdade era que a mulher nunca se atrevera a bater-lhe, mas existiam coisas bem piores para sofrer, existiam tarefas tão desagradáveis que Evelinde às vezes quase preferiria receber uma bordoadas. Mordendo o lábio com preocupação, ela perguntou:

—Sabe o que a tirou do sério dessa vez?

—Não — Mildrede disse desculpando-se. —Estava gritando para Mac que escovasse bem a égua quando um mensageiro do rei chegou, ela leu a mensagem, sorriu, e mandou chamá-la.

—Oh — Evelinde ofegou fracamente e endireitou seus ombros, levantou o queixo, e abriu a porta. Era a única coisa que podia fazer, se aprumar e rezar para que algum dia pudesse se livrar do controle férreo e dos abusos de sua madrasta.

—Oh, Evelinde! — Edda sorria com um sorriso muito amplo e radiante que realmente não era sinal de um bom presságio.

—Informaram-me que desejava falar comigo. — Evelinde disse timidamente, consciente de que Mildrede se movia as suas costas. A criada sempre lhe oferecia seu apoio moral durante os ataques de Edda.

—Sim — Edda continuou com seu largo sorriso dentuço, embora estivesse desdentada, banguela teria sido uma descrição mais exata. Na mulher faltava a metade dos dentes, e os que sobraram eram marrons e retorcidos. Edda raramente sorria, e certamente nunca o fazia largamente para não mostrar o estado de sua boca. Sua conduta atual aumentou a ansiedade de Evelinde.

—Desde a morte de seu pai, ocupei-me com o seu bem-estar, e durante algum tempo estive muito preocupada com seu futuro, minha querida — Edda começou a dizer.

Evelinde se conteve para não sorrir sarcasticamente ante a declaração dela. Seu pai, James d'Aumesbery, tinha sido um bom homem e um barão fiel ao seu rei. Quando o rei Henry III lhe pedira para que se casasse com a problemática lady Edda e que a tirasse da corte, onde ela incomodava a todos, seu pai aceitara a árdua tarefa dignamente. Mas lady Edda não. Ela havia se ressentido do fato de ver-se unida a um homem que possuía apenas um Baronato e também havia sentido uma aversão instantânea pela filha dele Evelinde, ao chegar a d'Aumesbery.

Não tinha sido tão ruim no início. Com a presença na casa do pai de Evelinde e de seu irmão, Alexander, Edda ao menos se comportava cordialmente com ela. Mas Alexander resolveu unir-se às Cruzadas com o Príncipe Edward I, e partira há três anos. Então o príncipe precisou retornar para ser coroado rei depois da morte de seu pai rei Henry III, mas Alexander ainda estava na Tunísia. E para piorar ainda mais, nem bem ele partiu seu pai tinha morrido de uma afecção cardíaca.

James d'Aumesbery mal fora colocado na cripta familiar, quando Edda deixou de lado qualquer fingimento de urbanidade e soltou as rédeas dos seus verdadeiros sentimentos e sua sinistra personalidade. Esses últimos três anos tinham sido um inferno do qual Evelinde temia nunca mais escapar. Sua única esperança era esperar o retorno de seu irmão para assumir a casa e para que ele pudesse providenciar o casamento dela e enviá-la para bem longe dessa mulher. Infelizmente, Alexander parecia não ter nenhuma pressa em voltar.

—Decidi que já é tempo que se case — Edda anunciou — e o rei está de pleno acordo comigo.

—Ela quer dizer que o rei decidiu que você deveria se casar, e então ela se vê forçada a estar de acordo também — Mildrede resmungou atrás de Evelinde, suficientemente baixo para que Edda não pudesse ouvi-la. — Não acha que ela voluntariamente lhe deixaria ir e renunciaria ao prazer de lhe atormentar, esse é seu passatempo favorito.

Evelinde mal ouviu o que sua criada dizia, pois estava muito ocupada tentando assimilar o que Edda dizia. Uma parte dela teve medo de que fosse simplesmente uma piada cruel por parte de Edda: alimentar suas esperanças, para logo em seguida as afundar.

—E por esse motivo eu já escolhi um marido para você, e o próprio rei negociou seu contrato de matrimônio — Edda anunciou grandiosamente. —Acabei de receber uma mensagem que diz que tudo está arrumado, você se casará.

Evelinde simplesmente esperou, sabia que havia algo mais. Edda finalmente explicaria que tudo era uma brincadeira, ou nomearia algum lorde absolutamente horrível, fedorento e velho com quem Evelinde certamente seria muito infeliz. Muito infeliz.

—Seu prometido já está a caminho daqui, agora mesmo. Ele é o lorde de Donnachaidh, — ela anunciou triunfalmente.

Evelinde ofegou. Isso era pior que um lorde velho e fedorento.

—É o Diabo de Donnachaidh

A expressão de Edda era de contentamento.

—Sim, e desejo a ambos toda a infelicidade do mundo.

—Cadela — Mildrede grunhiu furiosamente atrás de Evelinde.

Ignorando sua criada, Evelinde conseguiu reprimir todo o horror e desalento, e conservar seus traços faciais inexpressivos. Não aumentaria o prazer de Edda revelando quão profundo era o golpe que lhe tinha infligido. O Diabo de Donnachaidh? A mulher não só a odiava, desprezava-a com o mais profundo de seu ser se estava disposta a entregá-la a esse infame lorde escocês.

—Agora vá — Edda disse feliz, aparentemente tendo obtido sua diversão. — Não desejo mais vê-la na minha frente daqui para frente.

Evelinde concordou acenando com a cabeça rigidamente e deu a volta, tomando Mildrede pelo braço para guiá-la para fora do grande salão e fora da fortaleza.

—Cadela! — Mildrede grunhiu, logo que as portas da fortaleza se fecharam atrás delas.

Evelinde simplesmente correu ao cruzar rapidamente o pátio do castelo para os estábulos.

—Velha horrorosa e sádica — Mildrede continuou. — Tem um coração de pedra e uma cara de bruxa. Satanás deve ter rido muito no dia em que o rei obrigou seu pai a casar-se com semelhante filha do demônio.

Evelinde lançou um mecânico sorriso agradecido para Mac, o chefe de estábulos, quando a deixou entrar com Mildrede nos estábulos e a ajudou a montar um cavalo já selado.

—Vi o sorriso cruel na cara de Edda quando recebeu a mensagem — o chefe dos estábulos explicou. — Imaginei que você poderia necessitar um passeio quando ela acabasse com você.

—Sim. Obrigado, Mac. — Evelinde respondeu.

—Seu pai deve estar se revirando dentro da tumba — a criada replicou, enquanto Evelinde a fazia subir no animal. Com uma pequena ajuda de Mac, Evelinde montou atrás da criada enquanto ela continuava furiosa com seu discurso insano — E sua adorada e Santa mãe deve estar espumando pela boca, desejando poder estar viva para arrancar pedaço por pedaço a essa cadela.

Evelinde esporeou a égua para lançá-la a um meio galope, Mac consciente tinha montado em seu cavalo e as seguia um pouco mais atrás.

—Deveria envenenar o hidromel dessa harpia desdentada — Mildrede ameaçou, enquanto elas atravessavam o pátio num passo tranquilo, dirigindo-se para o portão de entrada e a ponte levadiça. — Cada habitante dessa fortaleza me agradecerá por isso. E eles, até ergueriam um monumento para mim, por libertar à humanidade dessa víbora... Ah!

Evelinde sorriu fragilmente ante a ladainha de Mildred. Tinham alcançado o meio da ponte levadiça, e ela tinha acelerado o passo de Laady. A égua imediatamente lançou um relincho de alegria e começou a correr. Evelinde não se incomodou em virar-se para averiguar sobre Mac; sabia que ele as seguiria. Além disso, estava muito ocupada em manter-se sobre o cavalo ao mesmo tempo em que conduzia as rédeas, enquanto Mildrede cravava as unhas em sua cintura por medo de escorregar da sela.

Só quando a raiva de Mildrede começou a enfraquecer Evelinde afrouxou brandamente as rédeas de sua égua. Laady respondeu imediatamente, já estava acostumada a essa rotina. Cada vez que Edda fazia algo cruel ou mesquinho, Mildrede perdia a calma, e Evelinde a levava para passear para impedir que ela dissesse ou fizesse algo pelo qual poderia ser castigada.

Assim que sua égua Laady diminui o passo, Mac emparelhou seu cavalo ao lado delas e ergueu uma sobrancelha, mas Evelinde negou com a cabeça. Tinha pouca vontade de explicar ‘a notícia feliz’ de Edda. Isso só iria enraivecêr Mildrede novamente, e ela já estava suficientemente zangada. Em vez de perder tempo em apaziguar sua criada, esperaria até o momento em que ela mesma pudesse considerar a situação.

—Pode dar a volta agora — Mildrede disse. — Já estou tranquila, não direi nem farei nada para essa mulher desprezível. E de qualquer maneira é uma perda de tempo mesmo. Estou certa que o Diabo tem algo especial guardado para ela quando ela finalmente morrer. Embora fosse mais apazível que ela o fizesse logo para que todos nós o desfrutássemos.

Evelinde conseguiu dar um pequeno sorriso, mas não teve energia para responder. Em vez disso, deteve seu cavalo e lançou o olhar ao chefe dos estábulos.

—Pode levá-la para casa, Mac?

—Não retornará agora então? — Ele perguntou com preocupação.

—Agora não. Eu gostaria de ficar um tempo a sós.

—Não volte muito tarde ou poderá meter-se em problemas — avisou-a. — e não permaneça aqui fora muito tempo, ou virei procurá-la.

Evelinde assentiu com a cabeça, então os observou voltar para o castelo. Pela maneira como ele inclinava a cabeça para Mildrede, Evelinde soube que a mulher provavelmente estava explicando o que ocorria e o que estava por acontecer.

* * * * *

Matrimônio. Com o Diabo de Donnachaidh.

Evelinde reprimiu o medo que imediatamente comprimiu sua garganta. Deu volta em seu cavalo, dirigindo-se a uma clareira do bosque. Era um recanto tranquilo por onde corria um rio com uma linda cachoeira.

Evelinde levou Laady à beira da água para que a égua pudesse beber, assim que desmontou acariciou automaticamente o pescoço de sua égua enquanto olhava fixamente para a água.

Sempre se dirigia para ali, quando estava angustiada, pois achava que esse lugar a relaxava. Era ali aonde trazia todos seus problemas e suas dúvidas. Usualmente, o som da água tirava suas preocupações, e a fazia sentir-se melhor. Mas não estava certa se teria êxito dessa vez. Suspeitava que fosse custar muito poder aplacar essa grande preocupação.

Fazendo uma careta, Evelinde se moveu para sentar-se sobre uma grande rocha na beira da água e tirou os sapatos. Em seguida se inclinou e colocou a mão entre seus pés para pegar a barra da parte posterior de seu vestido, passá-la entre as pernas e prendê-la na cintura. Uma vez feito isso, retornou a margem do rio e delicadamente afundou os pés na água, sorrindo quando a corrente fria molhou sua pele. Evelinde ficou assim por um momento antes de dar um passo para dentro da água, um suspiro de contentamento escapou de seus lábios enquanto o líquido gelado foi rodeando seus pés e suas pernas até os joelhos.

Fechando os olhos, simplesmente ficou parada ali, tentando não pensar sobre o casamento com o Diabo de Donnachaidh. Evelinde queria passar alguns minutos de calma e serenidade; logo consideraria seu futuro.

Esses momentos não duraram muito, pois a barra de sua saia se desenganchou de sua cintura e caiu entrando na água.

Gritando surpreendida, Evelinde tentou sair do rio, mas não pôde evitar que seus pés se enredassem na barra molhada da saia e tropeçar. Inclinou-se para frente no último momento, com os braços estendidos, esperando evitar a queda. Mas sua mão escorregou pelo limo da grande rocha antes de cair no rio. Nesse instante ela bateu contra a rocha machucando suas costelas e seu quadril enquanto sua cabeça afundava na água, ao mesmo tempo ela batia o lado do maxilar em outra pedra.

Evelinde arquejou pela dor e engoliu uma grande quantidade de água enquanto esteve submersa. Ela retornou à superfície imediatamente, cuspiendo e esparramando água para todo lado, enquanto procurava ignorar a dor, tentando sentar-se na água. Colocando sua mão ao lado de seu queixo, Evelinde tocou o ponto sensível. Embora doesse, ela acreditava não ter quebrado nada. Sua mão então desceu para o quadril dolorido, e resmungou um palavrão.

Não era perfeito? Evelinde nunca tinha sido a mais ágil das mulheres, mas nunca havia sido tão desastrada como nesse momento. Parecia que a boa sorte a tinha abandonado justo nesse dia.

Sacudindo a cabeça, impulsionou-se para ficar de pé e cambaleou para fora do rio. Ela percebeu que a água tinha recuado e que agora a observava desgostosamente. Evelinde suspeitou que tivesse salpicado água no animal quando tinha caído. Mas não se incomodou em desculpar-se, simplesmente voltou a sentar-se sobre a grande rocha, tremendo de frio.

Evelinde se sentira muito bem com seus pés na água, mas agora que seu vestido estava completamente molhado sentiu muito frio onde o pano tocava sua pele.

Fazendo uma careta, tentou manter a saia afastada das pernas, mas logo desistiu.

Murmurando entre dentes, trabalhou nos cordões dos sapatos para tirá-los, e depois lutou para sair de dentro do vestido. Uma tarefa quase impossível. Era um pesadelo absurdo despir um vestido molhado. Evelinde estava avermelhada, ofegante, e suada quando conseguiu tirá-lo

Deixando-o cair ao chão com alívio, voltou a sentar-se pesadamente na grande rocha, mas o calor que ela tinha gerado com seus esforços logo se desvaneceu, e Evelinde se encontrou outra vez tremendo de frio pela camisa úmida que usava. Mas não iria tirar essa peça e ficar sentada ali nua. Ainda que as pessoas que a conheciam raras vezes vinham ao seu lugar favorito, faziam-no ocasionalmente, e ela não iria arriscar-se a ser apanhada em estado de nudez absoluta.

Mas Evelinde também não era tão parva para ficar simplesmente sentada ali morrendo de frio. Precisava descobrir um modo de secar o corpo e sua camisa de baixo, sem ser vista e devia fazê-lo rapidamente se não quisesse se resfriar.

Seu olhar foi para sua égua, Laady que tinha deixado de observá-la ressentidamente e estava outra vez na margem. Evelinde vacilou por um momento, considerando as possibilidades da ideia que lhe fazia cócegas na mente, então ficou de pé, recolheu seu vestido, e se moveu para a égua.

* * * * *

Cullen foi o primeiro homem a vê-la. A imagem o fez frear tão abruptamente que seu cavalo empinou erguendo as duas patas dianteiras em resposta ao puxão na rédea. Ele comprimiu suas coxas ao redor do cavalo para se equilibrar, mas não afastou sua vista da mulher no desfiladeiro.

—Por Deus! O que ela está fazendo? — Fergus perguntou enquanto se detinha ao lado dele.

Cullen nem sequer olhou seu amigo corpulento e ruivo, que era seu primeiro em comando. Ele simplesmente sacudiu sua cabeça silenciosamente. Ele estava fascinado com a imagem a sua frente. A mulher estava a cavalo numa clareira, fazendo correr sua montaria para a direita, e depois à esquerda, para retornar em seguida ao ponto de partida. O fato em si era muito estranho, mas o que paralisou a voz de Fergus e de Cullen também foi que ela estivesse fazendo isso não vestindo nada exceto uma camisa íntima transparente e que segurasse suas rédeas com os dentes. As mãos dela estavam ocupadas em outra coisa. Elas estavam levantadas em direção ao céu e segurando algo que parecia ser uma capa ou algo semelhante flutuando por cima de sua vasta cabeleira cor de ouro enquanto montava daqui para lá... Daqui para lá... Daqui para lá.

—Quem acredita que seja — à pergunta de Rory foi dessa forma que Cullen percebeu que os outros homens se aproximaram.

—Não sei, mas poderia observar essa moça o dia todo — Tavis disse, com sua voz soando faminta. — Mas há outras coisas que estaria fazendo todo o dia com ela.

Cullen se sentiu irritado com o comentário. Tavis era seu primo, o mais bonito e encantador entre os homens de seu clã; Loiro, bonito, e com um sorriso fascinante, custava-lhe pouco esforço seduzir às mulheres e as levar para sua cama de noite. E o homem se aproveitava dessa vantagem, seduzindo as mulheres em qualquer oportunidade que se apresentasse. Se os títulos de nobreza fossem outorgados pelas habilidades amorosas, Tavis teria sido o rei da Escócia.

—Eu primeiro gostaria de saber por que a moça está fazendo o que faz — Fergus disse lentamente. — Não desejaria me deitar com uma moça que não está bem da cabeça.

—Não é sua cabeça o que levaria para minha cama. — Tavis riu.

—Sim — Gillie disse com sua voz soando quase sonhadora.

Cullen lançou um olhar duro a seus homens.

—Se adiantem. Os alcançarei logo.

Houve um curto silêncio quando as sobrancelhas se curvaram interrogativamente e os olhares foram trocados, em seguida os cinco homens impeliram suas rédeas.

—Cavalguem rodeando o prado — Cullen instruiu, quando se puseram em marcha.

Houve outra troca de olhares, mas os homens seguiram pela orla da vegetação.

* * * * *

Cullen esperou que eles desaparecessem de sua visão, para em seguida voltar a observar a mulher. Seus olhos a seguiram em sua trajetória descabida, várias vezes antes que fizesse seu cavalo avançar em direção a clareira.

Não havia entendido assim na borda da clareira, mas a mulher na verdade se movia a grande velocidade em seu animal, desacelerando apenas para dar a volta antes de estimular seu cavalo a uma nova corrida. A égua não parecia se importar com essa insanidade. O animal parecia pensar que era uma espécie de jogo e se entregava completamente em cada corrida que fazia com uma velocidade impressionante.

Cullen se aproximou da égua, mas a mulher não o notou imediatamente. Sua atenção oscilava entre a rota diante dele e o tecido levantado em suas mãos. Quando ela finalmente o viu de relance, ele não estava preparado para sua reação.

Os olhos da moça se abriram imensamente, e a sua cabeça foi para trás com um solavanco, e fazendo-a morder involuntariamente as rédeas que ela prendia fortemente entre seus dentes. A égua repentinamente se deteve levantando-se nas duas patas traseiras. A jovem imediatamente desceu às mãos para pegar às rédeas e o tecido que segurava foi bater na cara de Cullen, um tecido enorme, pesado e molhado. Essa batida o cegou momentaneamente, fazendo-o largar suas rédeas pelo choque, e repentinamente seu cavalo estava empinando também.

Cullen caiu ao chão, enrolando-se no tecido molhado que apesar de uma grande quantidade não serviu para amortecer sua aterrissagem. Uma violenta dor em suas costas tirou-lhe o ar, e revirou sua cabeça, antes que perdesse o sentido.

Uma espécie de sacudidela o despertou. Piscando, pensou que por um momento o golpe na cabeça o tinha cegado, mas em seguida houve outro puxão e ele se deu conta que era algo sobre seu rosto. O tecido úmido, Cullen respirou com alívio. Parecia que na verdade ele não estava cego. No entanto não teve certeza até que tirou o tecido de seu rosto.

Outro puxão se repetiu, mas esse estava acompanhado por um grunhido e com muita força. Uma força suficiente para separar sua cabeça do chão e dobrar seu pescoço em um ângulo incômodo. Temendo quebrar seu pescoço com a batida, Cullen decidiu que seria melhor ajudar a desenroscar-se do tecido molhado e levantou suas mãos para sua cabeça, tendo a intenção de segurar esse material pegajoso. Mas parecia que seu atormentador insistia em recostar-se sobre ele. Absorto como estava lutando com o tecido, em princípio não ouviu os arquejos horrorizados que vinham de além do tecido sobre sua cabeça.

—Sinto muito — Cullen resmungou quando se deu conta que estava tocando os lados dos seios da mulher.

—Cuidado! Devagar ou vai rasgar... — A advertência terminou com um gemido como o som do tecido rasgando encheu o ar.

Cullen fez uma pausa, mas em seguida continuou tentando extrair o tecido da cabeça, dessa vez sem desculpar-se. Nunca gostara de espaços fechados e sentia que se sufocaria se não tirasse esse tecido imediatamente.

— Deixe-me... Eu posso

As palavras mal foram entendidas por Cullen. Soavam como palavras estúpidas. Ignorou-as e continuou lutando contra o tecido, até que com outro som de rasgão, conseguiu

desprender-se e pôde respirar com alívio. Cullen fechou seus olhos e respirou profundamente, cheio alívio.

—Oh, meu Deus.

O gemido suave o fez abrir os olhos e deslizar a vista para a mulher ajoelhada ao lado dele. Ela movia o tecido entre suas mãos, examinando o material prejudicado com olhos pasmados.

Cullen cogitou em lhe apresentar suas desculpa novamente, mas já tinha pedido uma vez, e essa era a quantidade de desculpas a que ele normalmente se submetia por um ano inteiro. Antes que tivesse tomado uma decisão, a loira do cavalo deixou de examinar o tecido e voltou seus olhos alarmados para ele.

—Está sangrando!

—O que — Perguntou surpreso.

—Há sangue em meu vestido. Você deve ter cortado sua cabeça quando caiu — ela explicou, inclinando-se para examinar o couro cabeludo dele. Essa posição colocou a parte superior de seu corpo a poucos centímetros da cara masculina, e Cullen começou a ter uma sensação de sufoco outra vez até que foi distraído pelos seios sacudindo diante de seus olhos.

A camisa que ela usava era muito fina e diáfana, e também estava molhada, ele observou que sem dúvida a fazia virtualmente transparente. Cullen se encontrou cravando seus olhos nessas belas esferas com fascinação.

Aparentemente sem encontrar nenhuma ferida sangrando, a moça murmurou.

—Deve ser na parte de trás de sua cabeça — e repentinamente ergueu a cabeça dele do chão, provavelmente para examinar sua nuca. Ao menos foi isso o que Cullen imaginou quando seu rosto foi enterrado entre os seios que tinha estado observando com tanto interesse. —Sim, foi aqui. Deve ter ferido a cabeça contra uma pedra ou algo assim quando você caiu — ela anunciou com uma mescla de excitação e preocupação.

Cullen simplesmente suspirou e se entregou às carícias dos seios observando-os com naturalidade. Realmente eram preciosos, e se algum homem tivesse que morrer sufocado, então essa era uma bela forma de falecer. Sentiu algo duro aproximar-se de sua bochecha direita e se deu conta de que os mamilos dela endureceram. Ela repentinamente paralisou como pressentindo o perigo. Não desejando fazê-la sair correndo de medo, ele abriu a boca e tentou virar a cabeça para falar uma ou duas palavras para acalmar a moça.

—Se acalme — foi o que ele disse. Cullen não acreditava em gastar saliva desnecessária. Mas duvidava que ela tivesse compreendido o que tinha dito, pois suas palavras saíram amortecidas pelo mamilo que repentinamente preencheu sua boca aberta. Apesar de sua intenção de não assustá-la, quando percebeu que tinha um mamilo na boca, Cullen não resistiu a fechar os lábios ao redor dele e lhe dar uma lambida com a língua.

No momento seguinte, sentiu que a dor transpassava sua cabeça outra vez e ele a deixou cair ao chão.

Capítulo II

—Oh! — Evelinde ofegou quando notou que deixara cair à cabeça ferida do homem.

Ela não tivera a intenção de fazer isso, mas ele tentara falar, e roçara a boca contra seu seio o que tinha lhe causado uma sensação muito estranha. Ficara tão atordoada com o prazer abrasador que sentira que tinha soltado sua cabeça.

O homem virou sobre seu corpo, levantando seu *tartan*¹ e ela teve uma imagem auspiciosa de suas pernas e uma pequena aparição de suas partes privadas. Evelinde se obrigou a afastar a vista dessa imagem inquietante e em lugar disso se inclinou para frente para olhar sua ferida na nuca. Ele era escocês, mas isso não a preocupava. Seu pai tivera vários amigos que eram escoceses, em sua maior parte Highlanders que tinha conhecido na corte ou em suas viagens. Tiveram muitos visitantes da Escócia ao longo dos anos, e Evelinde desconfiava que esse fosse mais um deles, e esperava que ele a tratasse com o mesmo devido respeito e bondade que os outros sempre tinham demonstrado. Pois ela descobriu que os escoceses não eram os pagãos primitivos como todos afirmavam e como era reputação deles.

Uma injúria, consequência da dor do homem, trouxe de volta a atenção de Evelinde à ferida na cabeça. Havia muito sangue no vestido, e até havia mais mesclado com seu cabelo. Mas se tornava impossível dizer qual a gravidade da ferida com o sangue e a terra encobrindo a lesão.

—Está bem? — Ela perguntou inquieta, desviando seu olhar para ver o lado do rosto dele. O homem franzia a cara de dor, e o olho visível estava fechado. Evelinde mudou de posição, ficou de joelhos e olhou por toda clareira como se estivesse pensando no que fazer. Então ela perguntou — Acha que pode se levantar? — Um grunhido foi sua resposta. Hesitando se isso significava sim ou não, ela se levantou, e em seguida se inclinou para pegar seu braço e tentar colocá-lo de pé. — Venha, temos que cuidar de sua cabeça.

—Minha cabeça está bem — ele grunhiu novamente, mas teria sido muito mais convincente se não enrugasse a cara de dor.

Suas palavras, faladas com um acento marcante, lembrou-a de que ele era escocês, e Evelinde se inclinou ansiosamente sobre ele quando perguntou.

—Conhece o Diabo de Donnachaidh?

¹ Tartan – é um tipo de tecido quadriculado, parecido com xadrez, com padrões de linhas diferentes e cores levemente distintas. É o padrão utilizado para se fazer um kilt, típica indumentária escocesa.

A maneira como ele ficou rígido repentinamente, lhe sugeriu que pelo menos reconhecia o nome como a maioria das pessoas o fazia. Era um nome que todos os pais da Inglaterra e da Escócia estavam acostumados usar para assustar os meninos. — Se você não se comportar, o Diabo de Donnachaidh virá lhe buscar — era uma advertência repetida frequentemente por babás e mães.

Quando o homem começou a sentar-se, Evelinde rapidamente se moveu para lhe dar espaço. Mas para sua insatisfação, ele não respondeu a pergunta, mas simplesmente cravou seus olhos nela, com uma expressão fechada.

—Conhece-o? — Ela perguntou impacientemente.

—Sim. Eu sou Duncan, — ele disse finalmente, e Evelinde franziu o cenho, sem saber o que isso queria dizer. — Duncan era seu nome ou seu título? — Ela suspeitou que fosse o seu título, mas se perguntou se os Duncans eram vizinhos do clã Donnachaidh. Ela abriu a boca para lhe perguntar, mas imediatamente decidiu que isso não tinha importância. O que era importante era que o homem conhecesse o diabo com quem ela supostamente devia casar-se.

—Ele não é tão cruel como dizem, não é verdade? — Ela perguntou esperançosamente. — É puramente um boato, certo? — continuou falando — Os contos se aumentam ao redor do calor das fogueiras, certo? — falava sem parar — Estou certa de que ele será um bom marido, realmente, não pode ser mais cruel que Edda. — finalmente concluiu — Não lhe parece?

O homem não respondia nenhuma de suas perguntas, o que fez Evelinde pensar o quanto ele era terrivelmente mal educado. Mas nesse momento viu o fio vermelho descendo por seu pescoço e se lembrou de sua ferida. Realmente não ficava nada bem com ela ali sentada bombardeando-o com perguntas enquanto ele estava ferido.

—Continua sangrando — disse com preocupação. Então esticou a mão para tocá-lo na nuca, e Evelinde viu uma centelha de dor em seus olhos ante o simples toque.

Pegando rapidamente seu arruinado vestido, ela ficou de pé e deu uma olhada ao seu redor. Para seu alívio, ele tinha caído próximo do rio. Por felicidade, ela apenas teria que caminhar por uma curta distância para alcançar a água.

Voltando-se para o homem no chão, lhe estendeu uma mão.

—Venha, vamos cuidar de seu ferimento.

O homem olhou a mão que ela oferecia, mas ficou de pé sem aceitar sua ajuda.

Os homens são tão orgulhosos, Evelinde pensou sacudindo exasperadamente a cabeça.

—Espere aqui, que irei procurar nossos cavalos, — ela informou. Os animais se afastaram uns vinte metros. Sua égua estava parada, dignamente ignorando o outro cavalo, que a farejava.

Evelinde só tinha dado um passo nessa direção quando um assobio agudo a fez deter-se. Com os olhos muito abertos, ela olhou para Duncan, e depois ofegou quando ele a pegou pelo braço enquanto o cavalo repentinamente avançava até aproximar-se de seu amo e saudá-lo com um roçar de cabeça.

Evelinde esperou apenas para ver Duncan murmurar uma palavra de aprovação ao animal. Ela deu a volta e foi procurar sua égua.

—Há um rio depois dessas árvores — ela anunciou, retornando com Laady — Podemos lavar a ferida, então poderei vê-la melhor para saber sua gravidade.

—Estou bem — Duncan murmurou, mas a seguiu quando ela passou ao seu lado com a égua e caminhou entre as árvores.

—Golpes na cabeça podem ser muito perigosos, cavalheiro — Evelinde disse firmemente enquanto o conduzia a margem do rio. — Precisa ser limpa e medicada, e deve ficar atento e não dormir por algumas horas, afinal desmaiou depois da queda.

—Eu estou bem — ele repetiu, com sua voz que era um grunhido.

—Eu julgarei isso, — ela anunciou, soltando as rédeas de Laady e movendo-se à margem. Uma vez ali, ajoelhou-se, arrancando um pedaço limpo do tecido de sua saia e o molhou na água. Estivera tentado secar seu vestido no vento, por isso ficara galopando daqui para lá, segurando-o sobre a cabeça. Provavelmente conseguiria um efeito mais rápido se tivesse corrido pelo campo numa corrida desenfreada em Laady, mas não quis cavalgar pelo bosque de d'Aumesbery sem roupa. O pequeno prado estava rodeado de árvores, e tinha esperado secar o vestido sem ser vista. Mas o plano obviamente não tinha funcionado muito bem. Havia sido vista e o vestido ainda não secara.

Fazendo uma careta, Evelinde ficou de pé, então se virou para se reunir com Duncan, só para estacar bruscamente e ficar perplexa quando viu que ele tirara as botas e estava metido no rio até os joelhos, inclinado para frente, com a cabeça debaixo da cascata.

—Que tola sou! — Evelinde murmurou, desejando ter pensado nisso em vez de molhar sua saia novamente. Suspirando, colocou o vestido sobre uma grande rocha, a mesma que ela tinha estado sentada mais cedo. Imediatamente foi para onde ele estava lavando o sangue. — Venha, deixe-me ver como está, — pediu, quando ele se endireitou, e tirou o cabelo de seu rosto, e começou a sair da água.

O homem arqueou a sobrancelha interrogativamente, mas parou brevemente diante dela para logo depois virar-se.

Evelinde olhou o muro largo de suas costas e fez uma careta. Ele era quase um metro mais alto que ela. Não podia ver seu couro cabeludo.

—Aqui, venha, você tem que se sentar. — Tomando sua mão, o empurrou para um tronco caído. Então o obrigou a sentar-se, e em seguida se colocou entre suas pernas e o fez abaixar a cabeça para frente para poder olhar sua nuca. Com ajuda de Mildrede, Evelinde se encarregara da tarefa de atender os vassalos feridos e doentes depois da morte de sua mãe.

Evelinde que estava acostumada a distribuir ordens aos soldados e aos servos adultos como se eles fossem menininhos. Pois falando honestamente, e de acordo com sua larga experiência, essa era exatamente a forma de como os homens agiam quando estavam feridos ou doentes. Eram piores que qualquer criança com um mal-estar.

—Humm — ela murmurou examinando o raspão. Ainda estava sangrando um pouco, mas os cortes na cabeça costumavam sangrar muito, e esse realmente era um pequeno corte e também pouco profundo. — Não está tão mal.

—Disse-lhe que estava bem — ele murmurou, levantando a cabeça.

—Perdeu a consciência — ela o questionou. — Me deixe ver os olhos.

Ele ergueu o rosto, e Evelinde segurou-o pelas bochechas, o olhar dela estudou lentamente os olhos dele. Mas eles estavam bem com certeza. Mais do que bem. Na realidade eram olhos muito belos; Grandes e de uma cor marrom profunda, eles eram tão escuros que pareciam quase negros. Também estavam emoldurados por longas pestanas negras. O resto de seu rosto também era muito atraente, com maçãs marcadas, um nariz reto, e lábios...

Os olhos de Evelinde fizeram uma pausa ali, notando que seu lábio superior era magro, e o inferior mais cheio e pareciam bem suaves ao tato. Antes que ela pudesse repensar, a curiosidade a fez passar o dedo polegar sobre o lábio inferior, então constatou que sem dúvida era muito suave. Evelinde se deu conta do que tinha feito. Pôde sentir um rubor colorir sua face.

—Tinha um pouquinho de barro ali — ela mentiu, tentando afastar-se ao mesmo tempo, mas as pernas dele imediatamente a rodearam e a prenderam. Encontrando-se presa entre seus joelhos, Evelinde sentiu seu primeiro momento de inquietação com esse homem. Não de medo, exatamente. Por alguma razão inexplicável acreditava não ter nada o que temer desse homem, mas a situação a pôs nervosa.

Evelinde abriu a boca para pedir que a soltasse, mas conteve o fôlego quando as mãos dele se ergueram para segurá-la pelos quadris. Seu aperto abrandou imediatamente, mas não a deixou ir. Em vez disso, ele a manteve no lugar e abaixou a vista para o lugar que ela havia se ferido.

—Você também se machucou com a queda — ele grunhiu, soando contrariado. — Tem um machucado no quadril.

Evelinde mordeu o lábio e tentou imaginar-se em qualquer outro lugar menos ali, enquanto o olhar dele acompanhava a trajetória da sua mão, que parou debaixo de seu seio esquerdo. Essa ação causou um formigamento estranho na pele de Evelinde.

—E aqui também.

Ela olhou para baixo. O hematoma era do escorregão na água, mas não havia um modo em como ele pudesse ver os hematomas através da camisa...

Os pensamentos de Evelinde morreram quando viu que sua camisa úmida estava totalmente transparente. Nitidamente era possível observar várias manchas escuras no seu corpo através do tecido molhado. Um grande machucado em seu quadril, e mais outro hematoma, até maior, em suas costelas, mas as outras manchas escuras não eram ferimentos. Seus mamilos estavam claramente à vista, e o pelo cor de ouro escuro entre suas coxas contrastava com a pele pálida.

Um arquejo de horror escapou de sua garganta, mas antes que Evelinde pudesse afastar-se para se esconder, ele já pegara seu braço.

—E aqui.

Ela já tinha visto todos esses machucados antes, eles eram o resultado da sua queda no rio, e não por cair de sua égua como ele avaliava. Evelinde estava mais preocupada com outros assuntos nesse momento, como sua nudez e a cercania com o homem. Quando ele se inclinou um pouco mais perto para ver melhor a parte superior do braço dela, Evelinde prendeu a

respiração alarmada. O fôlego quente e doce do homem roçava seu mamilo através da camisa úmida. E o efeito era quase chocante.

Evelinde estava completamente paralisada, contendo a respiração enquanto ele examinava a lesão. Ele demorou muito tempo examinando esse, muito mais tempo do que ele levou com os outros machucados. E durante todo esse tempo, ele inalava e exalava, enviando baforadas quentes de ar sobre o mamilo rígido. Cada vez que o fazia, um comichão estranho percorria o corpo de Evelinde. Em seguida, repentinamente, levantou uma das mãos para passar um dedo ao redor do hematoma em seu braço, e sua mão roçou o mamilo sobre o tecido úmido.

Evelinde tinha certeza que foi um roçar acidental, e que ele nem sequer o tinha notado, mas o efeito que teve nela foi deveras surpreendente. Então fechou os olhos enquanto um prazer que para ela era desconhecido percorria todo seu corpo. Sentia-se ambígua entre colocar algum espaço entre eles ou ficar ali gozando desse efeito assombroso. Quando ele finalmente soltou seu braço e separou suas pernas para liberá-la, Evelinde abriu os olhos, para encontrá-lo se levantando. Antes que Evelinde pudesse recuperar seus sentidos, e procurar seu vestido para cobrir-se com ele, Cullen pegara sua cabeça com uma mão e tinha inclinado o rosto dela. Roçou com seu dedo um círculo sobre seu queixo.

—Tem outro aqui — ele grunhiu.

—Oh — Evelinde ofegou, enquanto seu dedo aparentemente seguia a linha do machucado até o canto de seus lábios. Isso também tinha ocorrido na queda no rio, mas ela não podia mover a língua para dizer-lhe

—Tem olhos muito belos, moça — ele murmurou, olhando atentamente seus olhos.

—Você também — Evelinde sussurrou antes que pudesse repensar sobre essas palavras.

Um sorriso surgiu em seus lábios antes que sua boca cobrisse a dela.

Evelinde ficou rígida ante essa carícia inesperada. Os lábios dele eram suaves, mas eram firmes, mas beijá-la era uma coisa completamente inapropriada. Evelinde estava a ponto de

dizer-lhe quando algo aguilhoou seus lábios. Evelinde tentou recuar, mas a mão dele sustentava firmemente sua cabeça, impedindo sua retirada. Repentinamente Evelinde encontrou sua boca sendo invadida pela língua dele.

Seu primeiro impulso foi afastar-se à força, mas logo sua língua se enroscou com a dela, e Evelinde paralisou. Essa carícia era surpreendentemente agradável. Ela se encontrou agarrando-se em seus braços em vez de afastá-lo com um empurrão, e seus olhos se fecharam enquanto um suspiro escapava de sua boca.

Ninguém nunca tinha beijado Evelinde. Ninguém tinha se atrevido. Ela nunca tinha saído de d'Aumesbery e, como filha do lorde, lhe era proibido passar algum tempo com os cavaleiros ou com qualquer homem no castelo. Essa era a primeira vez para ela, e na realidade não estava certa se gostava dessa coisa de beijar. Era interessante, e causava estremecimentos de excitação, mas eles eram apenas perceptíveis e estavam sombreados por uma grande confusão. Evelinde não se sentiu muito decepcionada quando ele interrompeu o beijo. Mas ele não a soltou como ela esperava e em vez disso, sua boca simplesmente roçou sua bochecha sadia

—Cavaleiro — Evelinde murmurou, pensando que era momento de apresentar-se e lhe dizer que tinha que deter-se. Evelinde não teve medo de que ele não se detivesse. No momento em que lhe mencionasse que estava comprometida em matrimônio com o Diabo de Donnachaidh, ele provavelmente a deixaria em paz. Todos temiam o Diabo, ela pensou e ficou quieta quando ele começou a acariciar com seu nariz o lado de seu pescoço.

Evelinde se encontrou fechando os olhos outra vez, e um murmúrio de prazer escapou de seus lábios enquanto inclinava a cabeça para lhe permitir um melhor acesso. Chegou um pouco mais para perto do homem, as mãos dela agora tentavam agarrar-se em seus braços em vez de afastá-lo pela força. Toda espécie de sensações deliciosas percorreram seu corpo enquanto a boca dele se movia sobre a pele perto do brinco. Ele se concentrou nessa zona sensível até que Evelinde se encontrou respirando sem fôlego e gemendo.

Sua boca finalmente retornou a dela, e dessa vez, ela não permaneceu inativa. Evelinde o beijou em resposta, sua língua agora se envolvendo com a dele ativamente. O homem a levantou do chão erguendo-a nos braços e a pressionou contra seu corpo.

Quando ele repentinamente interrompeu o beijo, ela gemeu com frustração, mas quando ele se sentou no tronco que estava derrubado no chão e a puxou para colocá-la sentada sobre seu colo, algo do senso comum de Evelinde retornou e ficou em alerta.

—Oh, não! Não deveríamos estar fazendo isto. Estou comprometida em matrimônio com o Diabo de Donnachaidh.

Evelinde esperara que isso o detivesse subitamente, mas o homem simplesmente murmurou.

— Eu sou Duncan e quero um beijo.

Sua boca se encontrou sobre a dela outra vez, e Evelinde se abstraiu de protestar. Um beijo não era nada tão grave, ela pensou, enquanto a língua masculina dominava sua boca novamente, ressuscitando a excitação. Ao menos assim teria essas lembranças para esquentá-la nas frias noites de sua vida de casada, ela pensou, acalmando sua consciência.

Então Evelinde deixou de pensar e se permitiu desfrutar do beijo.

Era muito agradável estar sentada em seu colo. Relaxando, ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço, sendo cuidadosa em evitar o machucado da nuca enquanto o beijava com muito entusiasmo. Evelinde estremeceu quando uma mão dele acariciou um seio através da camisa úmida. Tentando agarrar-se ao *plaid*² escocês dele, Evelinde gemeu contra sua boca. Ele massageou seus seios, e ela foi invadida por um torvelinho de novas sensações.

² Plaid – Era constituída por uma peça de pano de lã xadrez, com um padrão de cores típico de cada clã, era preso por cima do ombro esquerdo por um alfinete de peito, com a extremidade suspensa nas costas, formando a manta. O lado direito, mais comprido, era guardado dobrado dentro do cinto, sendo usado por cima da cabeça nas intempéries

Quando o polegar dele estimulou o mamilo excitado, ela submergiu num furacão de prazer, e não conseguiu evitar mexer-se sobre o colo dele. Seus quadris se moviam por vontade própria sem que ela pudesse controlar-se.

Isto pareceu ter um efeito eletrizante em Duncan, seu beijo imediatamente passou a ser mais exigente. A mão sobre as costas dela abaixou para os quadris e a outra começava a lhe dar um puxão no mamilo sobre o tecido que estava enrijecendo rapidamente.

Dessa vez Evelinde inclinou a cabeça para lhe oferecer melhor acesso quando a boca dele se moveu sobre sua orelha novamente. As lambidas ali logo a fizeram gemer. Sua mão ainda estava fazendo coisas deliciosas no primeiro seio. Quando ele alcançou a área sensível da clavícula, Evelinde já era uma massa de excitação, rebolando sobre seu colo em resposta ao calor líquido que parecia emanar da parte baixa de seu ventre.

Tão distraída como estava, Evelinde não percebeu que ele empurrara para um lado a parte superior da sua camisa, revelando um seio. No entanto ela tomou conhecimento disso quando os lábios dele repentinamente deixaram sua clavícula e se fecharam sobre o mamilo nu.

Ela gritou com uma sacudida de excitação e se agarrou freneticamente ao plaid escocês do homem enquanto ele lhe lambia o mamilo

Evelinde sabia que era errado, que não deveria consentir esse tipo de liberdade para nenhum homem. Estava comprometida em matrimônio com outra pessoa. E embora ela nunca houvesse passado por uma situação igual, pois era uma donzela solteira, não podia permitir que... Oh... Mas se sentia tão bem. E se realmente, deveria casar com o Diabo de Donnachaidh e tolerar sofrimentos atrozes, ou muito possivelmente até que fosse morta pelo homem, pareceu-lhe um pouco menos pecaminoso aproveitar-se desse prazer momentâneo. Um beijo ou dois mais... Que mal poderia fazer...

Além disso, era a coisa mais arrebatadora que experimentava em sua vida. Evelinde nunca havia se sentido tão... Viva. Tão cheia de paixão. Esfregou-se contra ele, procurando algo que ela nem sequer compreendia o que era.

Então Duncan liberou seu mamilo da boca com uma última lambida e subiu a cabeça para voltar a cobrir sua boca. Se o beijo anterior tinha sido apaixonado e exigente, não foi nada comparado com esse. Ele esgrimiou sua língua como uma arma, colocando-a ferozmente dentro de sua boca como se estivesse enterrando uma espada no corpo de um adversário. Evelinde lhe deu as boas-vindas e se defendeu com sua própria espada.

Sua mão novamente estava em seu seio e o polegar esfregando o sensível botão. Evelinde gemeu e se encontrou apertando suas coxas enquanto um calor crescia ali.

Quando a mão dele se afastou de seu seio, ela se decepcionou. Entretanto, rapidamente ela começou a se intimidar quando sentiu que a mão dele descia por sua perna, levantando a barra da parte dianteira de sua camisa íntima. Evelinde ofegou em sua boca e imediatamente começou a lutar. Isso definitivamente era mais do que estava disposta a permitir.

Rapidamente saltou de seu colo, conseguindo parar no chão.

Duncan imediatamente tentou alcançá-la, mas Evelinde deu uns passos para trás para ficar fora de seu alcance, então correu para apanhar rapidamente o vestido sobre a rocha. Sabendo que ele a perseguia e temendo que ele tentasse agarrá-la pelas costas, ela correu enquanto lutava para colocar o vestido, balbuciando ansiosamente enquanto tentava manter-se fora de seu alcance.

—Rogo-lhe isso, deve parar. Não deveria ter permitido nem um só beijo. Estou comprometida em matrimônio com o Diabo de Donnachaidh. Dizem que ele tem muito mau caráter e...

Suas palavras morreram em um arquejo quando ele a agarrou pelas costas e a fez girar para enfrentá-lo. Contudo não conseguiu beijá-la, pois a roupa cobriu sua cabeça. Evelinde

esperava que ele não terminasse de rasgar completamente seu vestido e que não continuasse também com sua profusão de beijos. Mas em vez disso, ele pegou a roupa, ajudando-a a vestir-se corretamente. Parecia que a menção de seu prometido o tinha detido finalmente.

Aliviada porque ele novamente já não tentaria fazê-la pecar, Evelinde lhe lançou um sorriso logo que o tecido desceu por seu rosto, e lhe disse:

—Obrigado.

Duncan ajudou-a a colocar o vestido no lugar, e olhou atentamente para o rosto dela.

Evelinde o admirou intensamente, tentando decorar suas feições para ter uma bela recordação nos tristes anos que viriam. Certamente ele seria o único refúgio agradável que teria depois que se casasse com o Diabo de Donnachaidh. Estava certa que seriam os olhos o que melhor recordaria dele. Esses olhos falavam tudo o que ele sentia. Nesse momento, eles ardiam com fome e Evelinde suspeitava que seus olhos estivessem refletindo esse sentimento também. Era uma loucura, não conhecia esse homem, mas na verdade, tudo o que desejava fazer nesse momento era esquecer-se de tudo, tirar o vestido e a camisa, e ser beijada novamente. Queria sentir suas mãos movendo-se sobre seu corpo como ele tinha feito minutos antes. Era algo que Evelinde nunca tinha conhecido antes e que suspeitava nunca mais experimentaria como esposa do Diabo de Donnachaidh.

Aparentemente isso era algo que Duncan também queria voltar a fazer, porque sua cabeça começou a mover-se para baixo, sua boca procurando a dela, mas Evelinde se separou rapidamente.

—Não. — Suplicou. —Peço-lhe, Sir Duncan, não mais.

Ele vacilou franzindo o cenho como se estivesse confuso por sua negativa.

— Você gostou dos beijos, não o negue. Sei que foi assim.

—Sim — ela admitiu tristemente. — E daria muitos beijos mais, mas quero salvar sua vida. Se ele for tão mau como sua reputação afirma, o Diabo de Donnachaidh provavelmente lhe mataria se descobrisse sobre o beijo que compartilhamos. Não quero vê-lo morto por algo que será uma lembrança preciosa e que sem dúvida me sustentará durante as noites atroz de minha vida de casada.

Cullen piscou ante suas palavras, logo sacudiu a cabeça.

—Moça, eu sou Duncan.

—Duncan — ela repetiu brandamente. — Nunca esquecerei seu nome.

Ele fez uma cara de aborrecido, e então lhe explicou:

—Duncan... É o nome de meu clã, eu sou Cullen... O Duncan, — ele disse enfaticamente.

—Cullen — ela suspirou, pensando que era um nome muito mais agradável que Duncan.

Franzindo o cenho ele disse:

— Duncan, em galês é Donnachaidh.

Os olhos de Evelinde se arregalaram horrorizados, era terrível, era pior do que ela poderia ter imaginado. Se ele fazia parte do clã de seu futuro marido, então com absoluta certeza ela iria vê-lo frequentemente. E ele estaria ali dia após dia, sendo uma tentação irresistível que ela teria que lutar contra pelo bem de ambos. Suas próprias vidas dependeriam disso.

—Oh! Isto é terrível — ela ofegou, imaginando os anos de tortura que tinha pela frente. — É parente de meu prometido.

—Não — respondeu exasperadamente. — Eu sou o seu prometido.

Capítulo III

—Não pode ser.

As sobrancelhas de Cullen subiram ante o desalentado sussurro de Evelinde D'Aumesbery, sua futura esposa. Há apenas alguns minutos antes, ela estivera voluntariamente afetuosa em seus braços, e agora ela parecia estar completamente horrorizada. Com a boca curvando-se para baixo, lhe confirmou:

— Sou eu.

—Não, não pode ser o Diabo de Donnachaidh — protestou. — Ele é o diabo em pessoa. Todos dizem isso. E você... — Ela o olhou fixamente. — Você é bonito e doce e tem olhos amáveis. E me fez sentir... — Ela fez uma pausa e negou firmemente com a cabeça. — Não pode ser o Diabo.

A expressão de Cullen se suavizou com suas palavras. Ela o achava bonito? Podia prescindir dos disparates ditos sobre seus olhos amáveis, mas lhe agradou que ela achasse que era bonito.

—O que a fez sentir? — ele questionou, movendo-se mais para perto, para deslizar a mão sobre seu braço, reprimindo um sorriso de satisfação quando ela tremeu e ofegou ante desse leve contato.

—Minha senhora!

Cullen paralisou e quase injuriou em voz alta ante a interrupção quando percebeu o som de cascos de cavalos aproximando-se deles. Franzindo o cenho, ele lançou um olhar ao homem atrevido que irrompeu na clareira montando um alazão.

—Mac. — Não havia modo de não notar o alívio em sua voz quando Evelinde se afastou e foi saudar o homem.

—Aí está. Começava a me preocupar. Eu...

As sobrancelhas de Cullen se arquearam quando as palavras do homem morreram e sua expressão se nublou com ferocidade. Cullen seguiu o olhar dele para Evelinde e imediatamente entendeu a situação. A mulher estava completamente desalinhada. O vestido ainda estava úmido e rasgado em pelo menos três lugares; sendo que o pior era um comprido rasgão desde ombro até a cintura. O tecido da lateral do vestido se abria permitindo uma visão perfeita do machucado da cintura, aparente sobre o tecido transparente da camisa. Se isso não era suficiente para convencer o homem que sua ama tinha sido atacada, também estava o hematoma escuro em seu queixo, os lábios inchados pelos beijos, a massa desordenada de seu cabelo, e o olhar aturdido na cara dela.

A fúria na expressão do homem deu certeza a Cullen que iria fazer algum exercício onde lhe permitiria descarregar a energia insatisfeita que ainda circulava por todo seu corpo, mas logo notou que o homem não tinha uma espada. Era um criado, ele se deu conta.

—Você é Donnachaidh — O homem perguntou com sua voz tremendo de fúria.

—Sim. — Cullen respondeu, compreendendo que seus homens já deviam ter chegado ao castelo e por isso mesmo esse homem enlouquecido tinha saído procurando por sua senhora. Se eles tinham mencionado ter encontrado uma mulher no bosque e que seu lorde havia ficado com ela, essa poderia ser a razão então pela qual esse homem estava tão enfurecido. No entanto essa reação também sugeria que ele a protegia bem, e que ele não era um covarde se estava disposto a enfrentar ao infame Diabo de Donnachaidh por sua ama.

Quando o criado pegou Evelinde pelo braço e a levou em direção de sua égua, Cullen ponderou em tranquilizar a mente do homem lhe explicando que ele não tinha sido o causador de nenhuma das lesões dela, entretanto logo decidiu não fazer isso. Raras vezes ele

se incomodava em explicar alguma coisa. Cullen preferia deixar que todas as pessoas formassem suas próprias opiniões sobre os acontecimentos, em parte essa era a razão pela qual ele tinha uma reputação tão temível. Deixados a seu livre-arbítrio, as pessoas geralmente escolhiam as explicações mais rebuscadas para explicar os acontecimentos. Isso usualmente funcionava em seu próprio benefício.

Era bastante útil ser considerado o cruel e desumano Diabo de Donnachaidh. Essa reputação tinha lhe garantido ganhar mais de uma batalha, antes mesmo que elas começassem. Deu-se conta de que não havia melhor arma no mundo do que o medo inspirado pelos relatos ridículos do Diabo de Donnachaidh.

—Obrigado — Evelinde murmurou, quando ele a ergueu sobre a égua.

Cullen a observou, percebendo que ela o analisava com uma expressão que era preocupada e perplexa. Por alguma razão quis beijá-la outra vez... E foi o que fez. Ignorando o criado vigilante, Cullen a tomou pela nuca e puxou para baixo sua cabeça para lhe dar um beijo firme e breve que a fez ficar sem fôlego pela surpresa. Logo a soltou, e ela se acomodou na sela. Aparentemente, a ação não tinha sido tranquilizadora para ela. Pois ela se via ainda mais preocupada e mais perplexa.

As mulheres são assim, Cullen pensou enquanto assumia as rédeas da égua e a conduzia até seu cavalo. Sempre pensando, sempre se preocupando, e nunca usando a lógica, mas era para isso que Deus tinha criado os homens, para proteger essas criaturas tolas dos perigos criados por elas mesmas.

Cullen subiu ao cavalo e girou para olhar o criado. O homem passava o olhar dele pela sua ama, logo apertou os dentes e guiou seu cavalo para cruzar a clareira. Cullen o seguiu, levando a égua de Evelinde atrás dele.

A qualquer outra mulher Cullen não teria conferido mais atenção do que já tinha feito, mas Cullen se encontrou olhando repetidas vezes por cima de seu ombro enquanto cavalgavam.

Não podia conter esse impulso. Cada vez que olhava para trás, era para encontrá-la lhe devolvendo um olhar fixo, e sua expressão era diferente cada vez. Sobressaltada, preocupada, prudente, inquisitiva... Quando Cullen olhou para trás novamente foi para encontrar um sorriso suave em seu rosto, era muito para ele. Deteve o cavalo, logo deteve a égua que ficou ao lado de seu cavalo, então estendeu as mãos para erguê-la e colocá-la sobre seu cavalo, na frente dele.

—Quem é ele — Cullen perguntou enquanto esporeava o cavalo para pô-lo em marcha novamente.

—Mac — ela respondeu. — É nosso chefe dos estábulos... E um amigo.

Cullen contemplou a nuca grisalha do homem, porém rapidamente decidiu que ele não era uma ameaça. O chefe dos estábulos não tinha nenhum interesse amoroso na moça, estava seguro disso. O interesse do homem provavelmente era de natureza paternal. Por sua falta completa de delicadeza quando a tinha beijado pela primeira vez, pareceu-lhe óbvio que sua prometida nunca tinha sido beijada antes. Mas tinha aprendido rapidamente, Cullen pensou com satisfação e deslizou a mão que tinha ao redor de sua cintura para colocá-la debaixo de seu seio. Ela o agradaria na cama. Não tinha dúvida.

—Seu criado pensa que a violei — ele anunciou, e ela se sobressaltou em seus braços.

—Que...? Não! Por que pensaria isso? — Ela perguntou, girando para olhá-lo.

Cullen simplesmente curvou uma sobrancelha, seu olhar rapidamente percorreu o corpo dela. Evelinde seguiu a direção de seu olhar e gemeu quando observou o estado lastimável em se encontrava, então tomou o tecido solto do rasgão de seu vestido e procurou inutilmente cobrir-se.

Suspirando, ela renunciou a tentativa, e perguntou,

—Por que não lhe explicou?

Cullen se encolheu de ombros e roçou o seio feminino.

—Sou o Diabo de Donnachaidh.

Evelinde o olhou silenciosamente, e Cullen se sentiu repentinamente incômodo sob esse olhar fixo. Suspeitava que tivesse dado a conhecer mais do que pretendia com essas palavras.

Franzindo o cenho, ele fechou a boca e voltou seu olhar ao caminho mais adiante. Era por isso exatamente que não gostava de falar.

* * * * *

Cullen conservou-se em silêncio pelo resto do trajeto, mas Evelinde não se importou. Ela estava ensimesmada em seus próprios pensamentos, mas estava sendo difícil para ela se concentrar com a mão dele roçando continuamente seu seio. No entanto cada vez que ele o fazia, uma onda de antecipação a invadia enquanto seu corpo recordava o prazer que lhe tinha dado no rio.

E isso era um grande problema. Evelinde estava muito confusa. O Diabo de Donnachaidh, ou Duncan como ele continuava chamando a si mesmo, ele não era nada daquilo que ela tinha esperado. Não havia sentido o menor medo por esse homem. Nem quando ele tinha aparecido no prado pela primeira vez, não tinha tido medo, só um sobressalto pela surpresa.

Evelinde não tivera muito tempo para pensar no matrimônio com o Diabo de Donnachaidh, mas tinha certeza que nunca teria imaginado que ele poderia lhe inspirar tanta paixão como tinha feito. O Diabo, supostamente, tinha que ser frio, desumano, e cruel. Presumia-se que ele tinha assassinado seu pai e seu tio para obter o título de chefe de seu clã. Também se desconfiava que tivesse matado sua primeira esposa porque não lhe dera herdeiros. Provavelmente Evelinde fosse ingênua, mas no seu entender um homem como esse deveria ter uma aparência cruel e desumana. Deveria causar medo a qualquer pessoa no exato momento em que posassem os olhos nele, e não deveria causar a ternura e paixão que Evelinde tinha experimentado na clareira do bosque.

Mas essa era apenas uma de suas preocupações. A outra era que ela receava que depois do seu comportamento licencioso na clareira, o homem passasse a pensar que podia usar livremente seu corpo. Inclusive podia concluir que ela não era apenas uma moça lasciva, mas também o tipo de mulher que lhe seria infiel como esposa. Porque, de algum jeito, tinha lhe sido infiel como prometida. Possivelmente não em termos técnicos, pois Evelinde não sabia que ele era seu prometido quando o deixou beijá-la tão apaixonadamente e que lhe fizesse todas aquelas outras coisas. Agora sentia vergonha e medo do que ele pudesse pensar dela.

O polegar de Cullen subitamente acariciou o seio dela, distraindo Evelinde novamente. Olhando para cima, ela notou que tinham chegado a d'Aumesbery e que cruzavam a ponte levadiça. Seu olhar se ergueu para os homens na muralha, e ela franziu o cenho enquanto notava como estavam silenciosos e como eram sombrias as expressões deles. Obviamente, eles tinham visto seu estado de desalinho e pensavam o pior.

Sentindo-se completamente ruborizada de vergonha, Evelinde mordeu seu lábio para reprimir o impulso de anunciar aos gritos que ela não tinha sido violada, mas simplesmente ergueu seu rosto olhando para frente enquanto atravessavam o pátio do castelo.

Edda os estava esperando na porta da fortaleza. Cinco homens envoltos em plaids escoceses estavam parados ao redor dela.

—Seus homens? — Evelinde perguntou, reparando que todos eram bem mais altos que Edda. Sua madrasta não era uma pessoa pequena. Edda media pelo menos quatrocentímetros a mais do que ela. Os homens estavam todos parados com os braços cruzados sobre seus peitos e com expressões sérias em suas caras. Não os via particularmente contentes de estar ali.

Edda, entretanto, parecia um gato que havia comido toda a nata. Seu sorriso se expandia com cada passada que o cavalo de Cullen dava e muito mais quando pôde ver melhor o estado em que sua enteada se encontrava.

Evelinde não tinha dúvida de que a mulher tinha tirado as mesmas conclusões que Mac, só que sua madrastra, aparentemente, desfrutava alegremente dessas conclusões. Evelinde não ficou muito admirada. Edda nunca gostara dela e tinha sido muito clara ao expressar isso. Sem dúvida Edda tinha convencido o rei a indicar o Diabo de Donnachaidh como o prometido ideal para Evelinde com a esperança de lhe assegurar um futuro dos mais miseráveis. De fato, Evelinde suspeitava de que Edda provavelmente se aborreceria muito se descobrisse o que realmente tinha acontecido. Se essa mulher odiosa soubesse que Evelinde se machucara, não pelas mãos desse homem, mas sim por uma queda no rio, ou que Duncan a tinha beijado e, pior ainda, que ela tinha desfrutado desses beijos e carícias, Edda poderia procurar um modo de terminar com esse compromisso matrimonial.

Essa ideia fez com que Evelinde parasse para refletir. Quando ela saiu do castelo para encontrar uma maneira de terminar com esse acordo nupcial com o Diabo de Donnachaidh achava que essa era a única saída para a situação. Mas, era-o ainda?

Ela se virou para olhar o homem atrás dela. O queixo de Cullen estava alto, seus olhos fixos nas pessoas nos degraus de entrada, sua expressão tão severa como a de seus homens... Só que Evelinde se recordava das palavras suaves que ele havia dito ao seu cavalo e a palmada carinhosa que tinha dado no animal. Seus beijos tinham sido apaixonados, enquanto que suas carícias e seus contatos foram agradáveis. E quando ela tinha começado a lutar, ele a soltara imediatamente, embora, como seu prometido, ele na realidade não tinha obrigação de fazê-lo.

Tudo isso fazia com que Evelinde se perguntasse agora, o quanto das aterrorizantes histórias sobre ele eram simplesmente isso: histórias. Provavelmente ela deveria deixar que as pessoas percebessem que na verdade não acontecera nada entre eles, ou quase nada. Evelinde ainda não estava muito segura a respeito desse homem, mas de uma coisa tinha certeza. Não sentia medo dele. Seus instintos lhe diziam que estava a salvo em suas mãos.

Também estava segura de que não desejava que Edda tomasse conhecimento da realidade. Não iria se arriscar que essa mulher pusesse um fim nesse compromisso matrimonial, só para casá-la com alguém a quem Evelinde viesse a temer, ou alguém que lhe fosse absolutamente repulsivo. E Evelinde estava realmente certa de que não teria esse problema com este homem. Ele já tinha acionado suas paixões, uma paixão que ela não sabia que existia.

Não, Evelinde decidiu que então, deixaria que Edda e todos os outros pensassem o pior... E que sua madrasta a casasse com esse homem.

Quando Cullen freou o garanhão e desmontou pela parte traseira de seu cavalo, Evelinde imediatamente começou a deslizar para fora da sela sem ajuda, mas ele já estava ali para tomá-la pela cintura antes que seus pés tocassem no chão. Seus olhos se encontraram brevemente quando a colocou brandamente no chão, e ela quase lhe agradeceu com um sorriso, mas se lembrou de Edda e o olhou severamente. Evelinde viu brilho surpresa no olhar de Cullen e quase se desculpou. Então murmurou:

— Me perdoe meu lorde, pelo que está a ponto de acontecer. Irei lhe explicar sobre isso mais tarde, só se comporte como o Diabo de Donnachaidh, tal como se comportou com Mac.

Para seu alívio, ele não exigiu nenhuma explicação. Simplesmente uma sobrancelha se arqueou ligeiramente, e essa foi à única reação que mostrou.

Ela se virou e caminhou, mas seus passos estavam lentos e um pouco rígidos, quando os machucados começaram a doer. Sem dúvida a dor iria piorar nas próximas horas.

Seu olhar se dirigiu para Edda, e observou que a mulher estava em estado de êxtase, enquanto a observava aproximar-se. Escondendo a irritação que sentiu, Evelinde forçou seu rosto a permanecer solene e sem nenhuma emoção se deteve diante de sua madrasta. Não ficou surpresa quando Edda a ignorou completamente e em lugar disso lançou um sorriso amplo e aprovador a Cullen.

—Lorde Donnachaidh — Edda saudou. — Vejo que já conheceu nossa Evelinde. Espero que esteja satisfeito com o compromisso matrimonial.

—Sim — Cullen resmungou, e Evelinde notou a maneira como seus olhos foram para seus homens. Cada um lhe devolveu o olhar e uma espécie de mensagem tácita pareceu circular entre eles. Evelinde não podia ler essa mensagem, mas suspeitava que tivesse algo a ver com Edda.

—Bem, bem. — Sua madrastra sorriu amplamente, mas rapidamente moderou o sorriso para esconder suas falhas nos dentes e enlaçou seu braço no dele para levá-lo a porta da fortaleza. — Devo lhe dizer que fui eu quem o escolheu para se casar com nossa Evelinde, e admiro os homens determinados. Não precisa ter piedade por essa moça. Bata-lhe tão frequentemente lhe parecer necessário. Ela é tão saudável e forte que pode resistir a muitos golpes. De fato, ela é tão forte que frequentemente me pergunto se não existe sangue camponês em alguma parte de sua ascendência. — Ela terminou de expressar esse pequeno insulto com uma risada que desapareceu repentinamente quando tentou conduzir Cullen para a fortaleza só para descobrir que ele não se movia.

—Seu sacerdote — Cullen grunhiu quando ela mostrou uma expressão confusa no rosto.

Suas sobrancelhas se arquearam.

—O Padre Saunders?

—Traga-o, casamo-nos e partimos.

—Tão logo? Eu... — Edda fez uma pausa, então, aparentemente decidindo que gostava da ideia de desfazer-se de Evelinde tão rapidamente como fosse possível, seu sorriso amplo voltou. — Mandarei procurá-lo imediatamente.

Cullen assentiu com a cabeça, tomou Evelinde pelo braço, e ambos passaram pelo lado de Edda para entrar na fortaleza.

Evelinde mordeu o lábio para reprimir um protesto, de que não poderia estar pronta para partir tão rapidamente. Mas em vez disso, começou a pensar em como ela conseguiria empacotar todos seus pertences em tão pouco tempo. A ideia de deixar d'Aumesbery era ao mesmo tempo uma perspectiva dolorosa e um prazer por vir. Havia muitas pessoas e coisas que iria perder. Tinha crescido entre essas pessoas e agora as abandonaria. No entanto a ideia de livrar-se de Edda era tão agradável, Evelinde pensou, enquanto Cullen a deixava ao pé das escadas e ela começava a subir.

Foi só quando ela começou a subir os degraus que se deu conta que suas lesões causadas pela queda se tornaram um grande problema. Enquanto caminhar lhe causava dor, levantar as pernas para subir as escadas, lhe fez conter a respiração enquanto uma dor dilacerante se estendia do quadril até os joelhos. Oh sim, viajar ia ser algo muito complicado, ela pensou com um suspiro.

Rilhando os dentes, Evelinde se obrigou a ignorar aquela dor intensa e continuou subindo, convencendo a si mesma que logo passaria. Um ou dois dias e estariam bem. Poderia tolerar essa dor até que seu corpo se recuperasse. Mas sabia que a dor pioraria durante as próximas horas. A ideia de ter que apressar-se para aprontar a bagagem não era agradável, entretanto a ideia de montar depois da cerimônia era suficiente para lhe trazer lágrimas aos olhos.

* * * * *

Seu quarto estava vazio quando entrou. Evelinde adiou o quanto podia o ato de trocar a roupa no momento, ela preferiu começar a preparar sua bagagem, tão rápido quanto pôde. Não crescera muito desde que tinha dezesseis anos e sempre tinha sido muito cuidadosa com seus vestidos, então embora Edda se recusasse a lhe permitir ter novos vestidos desde a morte de seu pai, Evelinde tinha várias roupas usáveis. A maioria dos vestidos era fora de moda e perdera a cor, estava um pouco desfiado aqui e ali, mas ainda podiam ser bem usados. Lentamente estava dobrando um desses vestidos quando a porta seu quarto se abriu repentinamente e Mildrede entrou rapidamente.

—Oh, minha senhora! Mac me contou tudo... Deus do céu — a criada ofegou, deteve-se quando Evelinde se endireitou e virou para enfrentá-la.

Só então Evelinde lembrou do seu estado desalinhado e dos hematomas. Rapidamente ela garantiu à criada:

— Cullen não me fez isto.

—Não, foi o Diabo com quem deve se casar — Mildrede questionou com desgosto.

—Não, fui eu...

—Mac já me contou. Não se preocupe, temos um plano — lhe assegurou. — Fugiremos, não estamos longe de Abbey, podemos...

—Cullen é o Diabo, — Evelinde interrompeu, dando um passo atrás quando a mulher a alcançou, então percebeu que não se expressara corretamente. — Digo, ele não é na realidade o Diabo, mas ele é Cullen, Lorde Donnachaidh — ela disse finalmente, exasperada consigo mesma. — E ele não me fez isso. Simplesmente caí no rio.

—Oh, sim. — Mildrede se deteve diante dela, havia incredulidade em seu rosto. — E cair no rio rasgou seu vestido e sua camisa íntima lhe deixando tão exposta assim, é verdade?

—Não — ela admitiu. — Cullen fez isso.

Mildrede assentiu com a cabeça e a agarrou pelo braço.

—Escaparemos. Mac já está preparando três cavalos para nós, nesse instante.

—Não — Evelinde gritou, afastando-se de seu braço, mas a criada estava decidida a salvá-la e se manteve firme. — Cullen não teve intenção de rasgar o vestido, ele somente estava tentando tirá-lo de seu rosto — ela contou rapidamente, enquanto Mildrede estalava a língua desgostosa.

Isso deteve Mildrede. Voltou-se com os olhos horrorizados para Evelinde, então perguntou,

—Ele é um desses estranhos? Ele estava querendo ficar com seu vestido?

—Não — Evelinde ofegou incomodada com a mera ideia. Realmente, não poderia imaginar Cullen ou nenhum outro homem usando um vestido. — Estava enrolado em sua cabeça.

A explicação não apaziguou Mildrede. Na verdade, pareceu ser exatamente o que ela pensava.

—Diabo canalha! — Mildrede disse desgostosa, começando a empurrar Evelinde novamente. — Tentando entrar a força por debaixo de sua saia no primeiro momento que a conhece! E vocês dois nem sequer se casaram ainda!

—Mildrede! — Evelinde gritou exasperadamente. — Não é isso que está pensando! Peço que me deixe explicar. Toda essa situação é um simples mal-entendido, na verdade ele não me machucou.

—Pode me explicar isso no caminho aos estábulos. É... — Sua voz morreu quando abriu a porta só para encontrar-se com vários servos carregando uma banheira e baldes de água.

—O Diabo... Lorde Donnachaidh lhe mandou um banho, minha senhora — um dos homens carregando a banheira anunciou. — Disse que devíamos lhe trazer água tão quente quanto poderia suportar. Isso vai acalmar suas dores da queda.

—Vê! — Evelinde empurrou seu braço do enlace de Mildrede e se afastou alguns passos para estar segura de que ela não a agarraria novamente. — Disse-lhe que caí.

Mildrede vacilou, mas então deu aos homens instruções para colocar a banheira perto do fogo da lareira, antes de aproximar-se de Evelinde.

—Então ele não a golpeou, de verdade? Nenhum desses machucados que tem são de seus punhos?

—Não. Foi caindo no rio onde me machuquei, apesar de que, acho que Cullen pensa que caí de meu cavalo como aconteceu com ele. — Evelinde lhe garantiu num sussurro, e olhou

agitada movendo a cabeça para os homens que agora esvaziavam os baldes atrás do biombo, para encher a banheira. Não queria que eles a escutassem e possivelmente informassem tudo para Edda. Levando Mildrede para um canto afastado do quarto para terem privacidade, Evelinde rapidamente sussurrou a cadeia de acontecimentos que a tinha conduzido ao estado em que se encontrava.

—Então a cabeça dele não estava embaixo de sua saia. — Mildrede disse lentamente, logo que Evelinde terminou o relato. — Ele não a tocou de maneira alguma?

—Pois bem — Evelinde ruborizou e evitou seu olhar. Então vendo desconfiança no rosto da mulher, suspirou e admitiu — ele me beijou.

Mildrede silenciosamente olhou Evelinde e arqueando a sobancelha.

—E?

Evelinde vacilou, mas sabia que se não conseguisse convencer sua criada de que tudo estava bem, Mildrede e Mac arriscariam suas próprias vidas para tentar fazê-la escapar, e na verdade ela tinha pouca vontade de fugir desse matrimônio a essa altura. De fato, Evelinde começava a sentir a primeira centelha de esperança quanto a seu futuro, coisa que não tivera durante muito tempo. Seria a senhora de sua casa, sem Edda presente para atormentar e tornar sua vida miserável. Ela verdadeiramente começava a ter esperança que poderia ser tratada civilizadamente por Cullen.

—Ele realmente demonstrou ter um bom coração — Evelinde assegurou em voz baixa e solene. — Eu não sinto medo dele. Tem olhos amáveis e... — Evelinde suspirou profundamente, e admitiu... — sabe, desfrutei de seus beijos... Muitíssimo — ela adicionou quando Mildrede vacilou, ainda mostrando-se incerta. — Além disso, ele é muito prudente, observe que ordenou que preparassem um banho para aliviar minhas dores — ela assinalou. — Cullen não é como sua reputação o descreve Mildrede, do mesmo modo que Edda não é a carinhosa e dedicada madrastra que todos na corte pensam que é.

Um suspiro lento foi saindo dos lábios da criada, e prontamente olhou para os homens enquanto eles terminavam seu trabalho. Observou-os sair do quarto antes de voltar-se para Evelinde e sugerir:

— Entre na tina, que irei correndo aos estábulos para assegurar a Mac que tudo está bem... Por enquanto. Embora, se mudar de ideia, ainda podemos...

— Não trocarei de ideia — Evelinde garantiu, e estava muito segura de que não o faria. Então lhe advertiu — Certifique-se de que não tenha ninguém por perto quando contar a Mac a verdade do que ocorreu. Não quero que Edda saiba nada disso antes que o matrimônio se realize.

— Não, claro. Essa velha vaca provavelmente encontraria um modo de romper o compromisso matrimonial e a obrigar a se casar com outro — a criada murmurou, confirmando os pensamentos de Evelinde a respeito. — Ajudo-a com o vestido?

Evelinde abriu a boca para recusar a oferta, no entanto hesitou. Não era somente a perna que sentia rígida. Também notara que seu braço começara a doer enquanto preparava a bagagem, e suspeitava que, além disso, mais as costelas arroxeadas, tirar a roupa não seria tarefa fácil.

— Sim. Obrigado — ela murmurou.

Mildrede aquiesceu e então começou a lhe tirar o vestido rapidamente. Considerou o vestido como irreparável e o jogou para um canto, em seguida ajudou a tirar a camisa íntima, arquejando com preocupação quando os machucados ficaram à vista.

— Não pode cavalgar assim, minha senhora — Mildrede disse franzindo o cenho enquanto a fazia entrar na banheira. — Ficaré morta de dor.

— Espero que o banho ajude — Evelinde disse brandamente, estremecendo quando a água quente pareceu queimar sua pele. Exalou um arquejo quando entrou completamente na

banheira, mas em seguida ficou imóvel, então sentiu as dores aliviarem quase que imediatamente.

—Peça para ficar um ou dois dias para se curar. Se ele for tão amável como diz, sem dúvida lhe permitiria isso...

Evelinde mordeu o lábio, mas negou com a cabeça.

—Cullen já viu os machucados, entretanto deseja partir imediatamente. Deve ter suas razões. Além disso, o que é suportar umas poucas dores, comparado ao prazer de livrar-me de Edda? — Evelinde perguntou secamente.

Mildrede lhe sorriu reticentemente e suspirou.

—Porei um pouco de tônico em seu hidromel assim fará a viagem mais confortável.

—Obrigado. Agradeço-lhe — Evelinde respondeu.

Mildrede aquiesceu e partiu.

—Trarei o hidromel e o tônico quando retornar do estábulo depois de falar com Mac, só relaxe ai na água.

Evelinde assentiu com a cabeça, seus olhos se fecharam enquanto deixava que a água agisse com sua magia.

Evelinde deve ter adormecido na água quente, pois só voltou à consciência, na hora que Mildrede estava de volta, com três criadas seguindo-a e que a água da tina agora estava morna.

—O padre Saunders está aqui, e seu prometido a quer lá abaixo imediatamente para realizar as bodas — sua criada resmungou em pânico. Jogou sua bolsa com remédios sobre o baú perto da cama, logo correu para a banheira, onde Evelinde se obrigava a sentar-se direito.

— Venha. Temos que lavar sua cabeça e vesti-la.

—Quanto tempo fiquei na água — Evelinde perguntou com um olhar cansado enquanto notava que sua pele estava toda enrugada pela água.

Mildrede ordenou às três criadas que se pusessem a fazer a bagagem, depressa respondeu:

—Um bom tempo. Levei mais tempo do que esperava para convencer Mac de que tudo estava bem, em seguida Edda exigiu que primeiro eu fizesse algumas coisas para ela. — Mildrede sacudiu a cabeça desgostosa, enquanto pegava a vasilha com água e a derramava sobre a cabeça de Evelinde para molhar o cabelo. — Não sentirei nada em poder me afastar dessa mulher.

Evelinde murmurou concordando e fechou os olhos enquanto Mildrede começava a lhe lavar a cabeça com um sabão aromático. Ouviu a porta abrir-se novamente e abriu os olhos, arriscando-se ao sabão entrar em seus olhos, para ver uma criada entrar apressadamente, com uma grande taça em sua mão.

—Trouxe o hidromel, Mildrede — a mulher disse, apressando-se em direção a elas.

— Ponha um pouco do meu tônico nele, Alice — Mildrede ordenou. Alice concordou com a cabeça indo para o baú perto da cama. — Está em minha bolsa de remédios. Em uma pequena bolsinha de couro marcada com um x.

A criada fez o que lhe foi ordenado, então Evelinde fechou os olhos outra vez quando Mildrede derramava mais água para enxaguar seu cabelo.

—Acredito que ficarei bem sem o tônico, Mildrede — ela disse depois que a criada terminou de jogar a água.

—O tônico a ajudará. É melhor se precavido do que chorar — lhe garantiu, jogando mais água sobre sua cabeça.

Evelinde não se incomodou em continuar protestando. Conjeturou que não lhe faria mal tomar o tônico.

—Pronto, agora se levante. Temos que secar seu cabelo e vesti-la. — Mildrede envolveu uma toalha ao redor do corpo de Evelinde, quando ela ficou de pé, logo a levou para uma cadeira perto do fogo. —Alice, onde está... Oh bem — Mildrede murmurou quando a criada se aproximou com o copo de hidromel com o tônico. Dando para Evelinde, ela disse — Beba o tônico enquanto penso no que coloquei nele.

Evelinde aceitou o copo com um sorriso de agradecimento para Alice, depressa aproximou o copo de seu nariz inalando o aroma, o cheiro foi suficiente para lhe indicar que esse tônico iria ser um desses preparados que lhe causariam mais dores no estômago do que acalmariam suas dores no corpo. Ponderou negar-se a bebê-lo, mas em vez de discutir com Mildrede, tampou o nariz e inclinou a taça sobre seus lábios. Essa medida não serviu muito para cobrir o odor nauseante da beberagem, mas Evelinde respirou fortemente e engoliu.

—Aiiiii, Mildrede, essa coisa é horrível — ela murmurou com um estremecimento.

Mildrede que separava os vestidos apressadamente parou para negar com a cabeça.

— Não é. Logo você vai se sentir melhor.

Isso era o que a mulher sempre dizia para obrigá-la a beber seus preparados medicinais, e Evelinde lançou seu usual bufo de incredulidade, logo tampou o nariz e bebeu todo o resto.

—Tenho que tomar essas coisas que estão flutuando no líquido — Evelinde perguntou apreensiva quando encontrou no fundo da taça pequenos pedaços de folhas e palitos.

—O que? — Mildrede de repente se aproximou, lhe arrancando a taça da mão. Então olhou fixamente o conteúdo, e amaldiçoando-se, ela se dirigiu rapidamente para Alice. — O que pôs aqui dentro, moça!

Evelinde sentiu um temor percorrer sua coluna ante o pânico na voz da mulher.

—Eu... Fiz o que você disse. Marcada com o x — a desventurada Alice disse ofegando, depois que Mildrede correu para pegar a bolsa com remédios e derrubar seu conteúdo sobre a cama.

—Qual usou? — Ela perguntou.

—Esse. — A moça pegou uma pequena bolsinha de couro.

—Não! — Mildrede ofegou de horror.

—Fiz mal? Você disse marcada com o x — Alice quase chorou com desassossego.

—Esse não é um x, é uma cruz — Mildrede grunhiu. Logo olhou a taça franzindo o cenho, e perguntou — Quanto pôs?

—Eu... Você disse um pouco... — Alice respondeu evasivamente.

—Sim, fiz, mas a bolsinha estava cheia e agora está na metade.

—Bem, derrubei um pouquinho enquanto colocava na taça — a moça disse desculpando-se.

—Deus Santo — Mildrede ofegou.

—O que era isso, Mildrede — Evelinde perguntou e ficou alarmada, quando sua voz saiu muito lenta e dificultosa. Tentou pegar a toalha ao redor de seu corpo para ficar de pé e atravessar o quarto, mas suas mãos não podiam segurar o tecido, a toalha simplesmente escapulia de seus dedos como areia. — O que me...?

—Está tudo bem — a criada disse reconfortando-a enquanto avançava em direção a Evelinde, embora a preocupação em sua voz fosse notória. — Não vai lhe matar. Simplesmente... — Mildrede apressou-se em segurá-la quando Evelinde começou a deslizar para fora de seu assento.

Capítulo IV

—Disse para a criada que se apressasse, por que demora tanto tempo?

Cullen se conteve para não fazer uma careta ante a lamentação de Tavis. Seu primo nunca tinha sido um homem paciente, mas agora ele estava inteiramente de acordo com ele. Tinha mandado aquela criada trazer sua noiva, mas já tinha passado mais de uma hora e Evelinde ainda não tinha aparecido.

—Não acha que ela de repente, decidiu não querer casar com você e fugiu? — Tavis disse impacientemente. — Sua reputação como Diabo de Donnachaidh pôde tê-la apavorado. Talvez nós devêssemos procurar nos estábulos e nos garantirmos de que sua égua ainda está aqui.

Cullen franziu o cenho ante a sugestão. Por isso Evelinde fizera aquele comentário, pois já conhecia a reputação do Diabo de Donnachaidh. No entanto, não acreditava que ela tivesse medo dele. Na verdade, depois daquele contato íntimo na clareira, Cullen esperava que ela estivesse menos assustada e com mais expectativa a respeito dos encontros sexuais da vida de casados. Ele, de sua parte, certamente estava.

—Não — Cullen disse finalmente — não há razão para que ela escape.

—As mulheres não necessitam de nenhuma razão — Fergus disse secamente em oposição. — Além disso, eu não estaria tão seguro disso. Ela pode ser um pouco desequilibrada da cabeça. Certamente não parecia muito lúcida, cavalgando no prado e agitando aquele tecido como se fosse uma bandeira.

—Era seu vestido — Cullen grunhiu.

—Que diabos ela estava fazendo agitando o vestido — Fergus resmungou.

—Estava molhado — Tavis comentou, quando Cullen não se incomodou em explicar nada.
— Ela provavelmente tentava secá-lo.

Uma série de murmúrios aliviados brotou dos outros homens. Cullen compreendeu que eles temiam que sua nova senhora fosse uma louca, quando descobriram que ela era a mesma moça do prado.

—Como ela arrumou todos aqueles hematomas? — Gillie perguntou repentinamente.

—Sem dúvida ela caiu do cavalo — Fergus conjecturou quando Cullen se conservou em silêncio. — Isso é o que acontece quando uma pessoa procede estupidamente e não sabe cavalgar corretamente, e se Deus quiser, essa moça já aprendeu sua lição.

Cullen não comentou nada. Seu olhar mais uma vez se dirigiu para a parte superior das escadas com a esperança de ver sua prometida aparecer, mas a escada ainda estava vazia.

—Ficaria feliz de não ter que passar a noite aqui — Gillie comentou, atraindo sua atenção novamente. — A madrasta é uma mulher sinistra.

—Sim — Tavis murmurou, e Cullen observou seu olhar mudando de direção indo à mesa onde estava sentada Edda d'Aumesbery conversando com o Padre Saunders. Seu primo sacudiu a cabeça com incompreensão, e acrescentou — Não compreendo essa mulher. Pelo que ela disse enquanto esperávamos sua volta, obviamente ela acredita em todos esses contos sobre o Diabo de Donnachaidh.

— Sim — Gillie murmurou. — Entretanto não parece lhe temer.

—Não, ela está fascinada com a probabilidade de que sua enteada se case com nosso lorde e que leve uma vida miserável — Fergus comentou aborrecido. — Ela vê nosso lorde como um aliado para conseguir isso e não tem o mínimo sentido lhe temer.

Tavis lançou um leve assobio silencioso ante essa sugestão, a seguir deu uma cotovelada a Cullen.

— Se for esse o caso, suspeito que a mulher tenha feito a vida dessa moça impossível.

—Sim — Cullen concordou grunhindo, seu olhar virando para a inglesa. Era uma criatura vil. Ele viu seu olhar inconfundível de prazer, quando Edda notou o estado precário em que Evelinde tinha retornado à fortaleza. Então compreendeu que Edda ansiava que Evelinde partisse imediatamente do castelo. E essa opinião não tinha alterado durante todo o tempo em que ela tinha passado esperando pela prometida dele. Edda tinha decorrido esse tempo vomitando insulto após insulto sobre sua enteada ausente e lhe contando à odisseia que tinha sido criar à moça.

A mulher insistia que Cullen teria que surrá-la até aperfeiçoar seu comportamento. Ela parecia pensar que ele deveria açoitá-la com uma vara manhã, tarde e noite para assegurar uma boa conduta... Mas quanto, mais ela falava mais ele sentia gana de espancar com uma vara a própria Edda. Cullen não acreditava que a megera tivesse algum dia se atrevido a levantar a mão para sua enteada, mas não duvidava de que Tavis tivesse razão, e que essa cadela fizera a vida de Evelinde impossível desde a morte de d'Aumesbery. Tinha sido um verdadeiro alívio quando o Padre Saunders tinha chegado, pois eles puderam enfim afastar-se dessa vaca perversa e ir para outra mesa mais separada para poder conversar. O sacerdote o salvara de estrangular a madrasta de sua prometida... Provavelmente não seria a melhor lembrança que Evelinde teria de seu dia das bodas.

O olhar ansioso de Cullen retornou para a escada, e se perguntou por onde estaria sua noiva. Desejava sair desse maldito castelo o quanto antes.

—Bem — Edda d'Aumesbery disse subitamente ficando de pé. — Evelinde obviamente está consumindo muito seu tempo. Terei que ir apurar o que aconteceu se não, sem dúvida, ficaremos aqui esperando durante toda à tarde. — Ela lançou um olhar prazeroso de antecipação a Cullen. — Espero que possa educar corretamente essa moça e lhe ensinar a ser mais rápida e obediente, receio que seu pai a mimou muito, e ela necessita uma mão forte.

Cullen apertou os dentes e simplesmente anunciou:

—Eu subirei.

O sorriso felino que imediatamente ocupou a cara da mulher o irritou. Não tinha dúvida que ela dava por certo que surraria a moça por estar consumindo tempo. Cullen nunca tinha levantado a mão a nenhuma mulher em toda sua vida. Mas adoraria começar a fazê-lo agora mesmo. Gostaria de apagar o sorriso afetado da cara de Edda.

Apertando os lábios, subiu as escadas. Não podia esperar para ir embora desse castelo.

* * * * *

Cullen alcançou a parte superior das escadas justamente quando uma criada saía por uma das portas e saía para o vestíbulo em direção a ele. Seus passos se desaceleraram, e seus olhos se abriram imensamente com alarme quando ela o viu.

—Onde fica o quarto de Evelinde? — Cullen grunhiu, sentindo-se impaciente com o medo da criada. Sinceramente, um pouco de cautela em relação aos desconhecidos era sempre um pouco apropriado, mas o terror manifesto da criada era ofensivo. Mas supôs que era melhor deixar que todos pensassem o pior dele.

Quando a moça deu a volta e assinalou silenciosamente o quarto que acabava de deixar, Cullen assentiu com a cabeça e foi velozmente para lá. Não bateu na porta. Abriu-a e entrou, já ia falar para exigir saber por que estavam demorando tanto tempo, só para que seu queixo caísse aberto. Havia duas mulheres no quarto com sua noiva, sua dama de companhia e outra criada. Nenhuma das duas notaram sua chegada. Estavam muito ocupadas arrastando uma Evelinde seminua através do chão.

Cullen fechou a porta batendo-a estrondosamente para chamar a atenção das mulheres então elas pararam imediatamente e o olharam. Todas exceto sua noiva, que simplesmente permanecia relaxada como uma boneca de trapo.

—Que diabo, o que aconteceu — Cullen grunhiu, cruzando o quarto para o trio de mulheres. As criadas imediatamente começaram a retroceder arrastando Evelinde com elas.

A mais jovem simplesmente sacudiu freneticamente a cabeça em resposta a sua pergunta. Foi a mais velha, que ele considerava como sendo a criada pessoal da Evelinde, que por fim lhe explicou:

—Disse para Alice que pusesse um pouco de tônico medicinal no hidromel de Evelinde para ajudar a relaxar seus músculos doloridos.

—Oh, sim estou vendo, seus músculos estão muito relaxados agora — Cullen respondeu bruscamente, levantando a cabeça de Evelinde para descobrir que ela estava consciente, mas tão relaxada que era incapaz de erguer a cabeça. Brandamente soltou sua cabeça para apoiá-la contra seu peito e olhou furiosamente à criada. — Se alguma vez ficar doente, nem tente me tratar.

—Foi Alice que deu o tônico para Mildrede e não foi o tônico apropriado, — respondeu bruscamente. — E ainda por cima deu muito.

Cullen franziu a boca duvidosamente, seu olhar voltando para sua noiva.

—Quanto tempo levará para que passe o efeito?

Mildrede vacilou, considerando a questão, então sacudiu sua cabeça, e admitiu:

—Não tenho certeza no momento.

—E não vai lhe fazer mal — ele perguntou. Mildrede negou com a cabeça. — Pode falar?

— Sim. — A palavra foi um pequeno sussurro saído da cabeça abaixada de sua noiva.

Cullen sacudiu a cabeça, prontamente ergueu Evelinde em seus braços.

—Então podemos nos casar.

— Espere um minuto! — Mildrede chiou, quando ele começou a encaminhar-se para porta.

— Não pode levá-la assim, ela está seminua!

Cullen se deteve olhando para Evelinde em seus braços. Ficara tão contrariado que realmente havia esquecido de que ela estava quase nua.

—Venha, coloque-a na cama, e a vestiremos — Mildrede disse.

Cullen franziu o cenho ante a ordem categórica, mas colocou Evelinde sobre a cama. Olhou sua noiva enquanto Mildrede mandava a outra criada trazer uma camisa íntima e um vestido.

—Teve uma queda muito feia. Alguns dos machucados estão muito doloridos — a criada disse sacudindo amargamente a cabeça.

—Sim — Cullen concordou seus olhos percorrendo sua pele leitosa, interrompida por vários hematomas negros. — Parece uma vaca.

Mildrede lançou-lhe um olhar horrorizado ante esse comentário estapafúrdio, mas ele estava mais preocupado pelo som sufocado que veio de sua noiva. Na realidade não desejou insultá-la, mas parecia que todas as mulheres entenderam assim.

—Referia-me à pele branca com manchas negras — Cullen murmurou, perguntando-se por que se incomodava em explicar-se.

Mildrede sacudiu a cabeça e aceitou a roupa que a criada trouxe. Imediatamente começou a tentar vestir à moça, mas Evelinde não conseguia ajudá-la em nada, e era óbvio que não era uma tarefa fácil. As duas mulheres tiveram que puxá-la para que sentasse e em seguida, erguer seus braços para lhe colocar a camisa ao mesmo tempo. Até com a criada jovem tentando ajudar, Mildrede transpirou fazendo essa tarefa.

Com um suspiro irritado, Cullen foi para o outro lado da cama para ajudar. Sustentou-a sentada para que Mildrede pudesse lhe abaixar a camisa íntima quando um golpe seco soou na porta. A criada jovem foi atendê-la.

—Isto me ensina a não confiar em ninguém o manuseio de meus remédios — a criada mais velha resmungou enquanto terminava de abaixar a camisa.

A única resposta de Cullen foi um grunhido.

—Por Deus! Com todos esses hematomas escuros na pele branca, parece uma vaca — Tavis disse, aparecendo ao lado de Cullen.

—Foi o que eu disse — Cullen concordou, sentindo-se vingado. Mas quando Evelinde exalou um gemido, repentinamente lhe ocorreu que seu primo estava observando a pele suave e o corpo de sua prometida. Na realidade, isso pouco lhe importava, pois se tudo se desenvolvesse normalmente, Tavis, assim como todo o resto de seus homens, poderiam ver o corpo de Evelinde durante o rito da cama nupcial. Mas agora não estavam no rito da cama nupcial, e provavelmente não haveria esse rito. Pois não havia nada absolutamente normal a respeito desse casamento até esse momento.

—Vire-se — Cullen comandou. — Que diabo está fazendo aqui?

Com um sorriso em seus lábios, Tavis fez o que foi ordenado, e explicou.

—Demoraram tanto, que a megera ameaçou subir para ver o que estava acontecendo, então eu disse que subiria. — Tavis olhou de volta para a cama, e perguntou — O que lhe aconteceu?

—Drogaram-na — Cullen disse secamente.

—Foi um acidente — Mildrede protestou. — Alice se equivocou de tônico

Tavis levantou as sobrancelhas, mas simplesmente perguntou:

—O casamento enfim vai se realizar?

—Sim — Cullen disse firmemente. — só precisamos vesti-la.

Tavis assentiu com a cabeça.

— Necessitam ajuda?

Cullen vacilou, mas depressa negou com a cabeça.

—Não. Só cuide da porta e mantenha a cadela da madrastra fora daqui.

—Sim.

No momento que se ele retirou, Cullen voltou sua atenção à tarefa de vestir Evelinde.

—Pode levantá-la? — Mildrede perguntou.

Cullen levantou Evelinde pelos braços e a criada rapidamente abaixou a camisa até cobri-la.

Estavam lhe colocando o vestido quando ouviram outro golpe na porta. Cullen retornou o olhar para Tavis parado ao lado da porta, dentro do quarto. Estava apoiado contra a parede, com os braços cruzados, observando todo o processo, mas então se endireitou e virou para responder ao chamado.

Cullen viu que era Fergus do outro lado da porta, então sacudiu sua cabeça com desgosto, enquanto retornava para o que estava fazendo. Edda obviamente estava ansiosa por inteirar-se do que estava ocorrendo. A esse passo, todos os seus homens estariam dentro do quarto antes que terminassem de vestir Evelinde.

O dia de bodas de Evelinde estava resultando em ser o mais humilhante de toda sua jovem vida. Ela sendo manejada como uma boneca, também estava arroxeadada e aparentemente parecia uma vaca e finalmente, completamente incapaz de manter-se em pé.

Assim que a vestiram, Cullen se viu forçado a levá-la para baixo sustentando-a numa posição vertical, pressionando-a contra o seu corpo, com um braço ao redor da cintura dela e a outra mão segurando sua cabeça erguida para que ela pudesse ver o sacerdote. Mas quando Evelinde teve que pronunciar os votos, foi proferido em acanhados grunhidos porque sua boca não estava modulando corretamente. Porém o sacerdote se aborreceu ficando relutante em aceitar como válido o consentimento de Evelinde, e Cullen começou a perder a paciência com o padre. Felizmente, Mildrede salvou o clérigo convencendo-o que Evelinde poderia

assentir com a cabeça. Então o sacerdote recomeçou o cerimonial, e Evelinde acenou com a cabeça concordando.

E foi assim, que com ela assentido com a cabeça em vez pronunciar cada um dos votos, que se realizou o casamento. Evelinde sentiu um enorme alívio quando a cerimônia finalmente acabou, mas isso durou até Cullen anunciar que era hora de partir, e Edda insistiu para que eles consumassem o matrimônio antes de irem.

—Não. Você consumará o matrimônio agora mesmo. Não permitirei que leve Evelinde daqui, para que logo depois mude de ideia, e queira devolvê-la para anular o matrimônio. Esse casamento não vai ser desfeito — Edda disse insistido firmemente.

A mulher era louca, estava claro; não havia maneira de poder consumir o matrimônio no estado de Evelinde, foi o que Mildrede pensou.

Aparentemente, Cullen pensou o mesmo, e grunhiu:

—Como propõe que devemos consumá-lo? Essa mulher nem consegue se mexer.

Edda não considerava isso um problema. Despreocupada apesar do humor sombrio de Cullen que crescia assustadoramente, provavelmente porque ele mantinha as mãos ocupadas sustentando Evelinde em posição vertical. Ela comentou quase divertida.

—Embora seja viúva há dois anos, ainda me lembro o suficiente para saber que ela não precisa mover-se para consumir a união, não precisa mais do que subir a saia para fazê-lo se é que deseja fazê-lo.

—Senhora d'Aumesbery!

Evelinde reconheceu a voz perturbada do Padre Saunders, mas estava mais preocupada com a maneira em que seu marido repentinamente havia ficado rígido ao seu lado. Suspeitou que Cullen estivesse enfurecido, e sua expressão devia demonstrá-lo, porque a voz de Edda soou na defensiva quando adicionou:

—Ela quase nem vai sentir, pois ele está tão apressado, que realizará o ato rapidamente.

Evelinde escutou o grunhido que saiu do peito de Cullen e sentiu sua cólera crescer na pressão de seu abraço.

—O que vai fazer meu lorde? — Edda perguntou resolutamente — Vai consumir agora ou vai esperar que ela se recupere e poderão partir em um dia ou dois?

A resposta de Cullen foi afastar Evelinde de seu peito para elevá-la em seus braços dirigindo-se para as escadas.

Evelinde presumiu que deveria sentir-se horrorizada com a ideia do que estava por vir, mas na verdade não tinha certeza do que estava por vir. Tudo tinha acontecido tão rapidamente, Mildrede não tivera a oportunidade de lhe contar o que deveria esperar de sua noite de bodas. E mesmo que ela soubesse o que iria acontecer, não achava que sentiria receio. O homem tinha sido cortês com ela até agora, e não tinha medo dele. Evelinde estava resignada. E de algum modo sabia que Edda faria tudo isso ser tão humilhante e vergonhoso quanto fosse possível.

Só teria que levantar a cabeça e suportar uma vez mais, Evelinde raciocinou. Não literalmente, é obvio; pois nem sequer podia levantar o pescoço no momento.

Cullen a carregou pelas escadas e logo passaram pelo corredor que conduzia ao dormitório, murmurando entre dentes durante todo o trajeto. Evidentemente ela não era a única que achava Edda insuportável.

Cullen se deteve diante da porta, estendeu a mão que estava debaixo de suas pernas para abri-la, então entrou rapidamente enquanto Edda bufava e corria atrás deles.

—A cerimônia da cama nupcial...

—Espero minha senhora, que não tenha a intenção de presenciar a consumação — ele rosnou num tom de aviso.

Evelinde não tinha dúvida de que a megera pretendia fazer exatamente isso. Significava mais humilhação para Edda gozar.

—Eu... — a mulher começou a dizer, mas Cullen continuou falando.

—Porque estou de muito mau humor, e odiaria ter que bater numa mulher no dia do meu casamento — ele grunhiu.

Evelinde realmente ansiou ver a cara de sua madrasta nesse momento. Tinha certeza de ter escutado ela engolir em seco, e sua voz certamente soou perturbada quando disse:

—Não, claro que não, meu lorde.

Cullen esperou, e Evelinde pôde ver a saia de Edda retrocedendo. Quando ela já estava fora do alcance, ele se dirigiu a seus homens, que aparentemente tinham seguido Edda, e lhes disse:

—Preparem os cavalos, estaremos abaixo em um abrir e fechar de olhos.

Num abrir e fechar dos olhos? Evelinde pensou com súbita desilusão. Ele realmente não iria erguer-lhe a saia e...

Cullen deu meia volta e entrou no quarto, e claramente chutou a porta para fechá-la. Então a levou para a cama. Ficou ali parado por um momento e Evelinde desejou poder ver sua expressão para saber no que ele pensava. Então, Cullen girou e a levou através do quarto para colocá-la sobre a pele diante do fogo. Cullen foi muito afetuoso, depositando-a brandamente sobre a pele. Seus olhares se encontraram brevemente e ele sacudiu a cabeça, antes de endireitar-se e dar a volta.

Evelinde ficou se perguntando o que queria dizer aquela sacudida de cabeça. Era para reconfortá-la se indagou, seguindo-o com seus olhos.

Cullen regressou para a cama, agarrou os lençóis e as peles, e as empurrou para um lado. Em seguida fez algo que acabou confundindo-a: Tirou sua espada da *vagem*³ pendurada em sua cintura, e cortou o braço, imediatamente esfregou seu sangue no centro da cama. Erguendo-se foi para junto dela. Evelinde o observou aproximar-se, imaginando o que ele estava fazendo. Mas não se inquietou até que ele murmurou uma desculpa e levantou a bainha de sua saia.

Os olhos de Evelinde se arregalaram enquanto ele separava suas pernas. Ela sentiu uma fraca e breve pressão em sua perna, e logo ele baixou a saia de volta e a levantou em seus braços novamente.

Cullen a colocou sobre a cama, e a pôs justo sobre onde estava a mancha de sangue, depois caminhou por um momento pelo quarto. Evelinde o seguiu com seus olhos tanto como pôde, mas ele de repente se dirigiu para um canto onde estavam os baús abertos e ela o perdeu de vista. Ouviu uns sussurros, mas não podia ver nada, e a tensão de tentar forçar a vista fez doer seus olhos, e Evelinde teve que fechá-los por um momento para aliviar essa tensão.

Quando sentiu umas mãos deslizando por seu corpo, abriu os olhos a tempo de ver Cullen que a erguia no colo. Então se encaminhou para a porta, abriu-a, e gritou por Edda antes de virar-se e voltar até a cama e ficar parado com Evelinde em seus braços.

—Realizado... — ele mentiu ao mesmo tempo em que Evelinde escutava várias passadas entrando no quarto.

Um longo período de silêncio se seguiu durante o qual Edda examinava a mancha de sangue na cama. Logo sua madrastra disse:

—Quero examiná-la.

³ Bainha presa no cinturão dos guerreiros e soldados onde colocavam a espada presa na cintura. Ficava por cima das roupas com livre acesso para desembainhar a espada com rapidez quando necessário

—Já perdi bastante tempo nesta tolice — Cullen grunhiu. — não vou esperar até que você consiga uma curandeira...

—Vou mandar examinar — Edda insistiu, e se voltou para a porta. —Beth.

Evelinde teria mordido o lábio nesse momento se pudesse. Beth tinha sido a criada de sua mãe e as duas tinham sido as curandeiras do castelo. Evelinde almejava que ela ajudasse a ocultar a mentira de Cullen, mas não tinha certeza. A velha receberia horríveis castigos se Edda descobrisse que Beth ajudou no embuste para ajudá-la.

Cullen grunhiu entre dentes, e voltou a colocar Evelinde sobre a cama. Mas não a deixou sozinha. Ficou parado em silêncio ao lado da cama. Evelinde ouviu os passos lentos e vacilantes de Beth entrando no quarto e então Edda e a velha entraram em seu campo de visão. Aproximaram-se da cama. Evelinde fechou os olhos nesse momento. Não queria estar ali, embora sentisse quando suas pernas foram separadas.

Um momento passou então Beth disse:

—Foi feito.

—Está segura? — Edda perguntou. — Foi rapidíssimo.

—Pode ver o sangue em suas coxas você mesma, minha senhora — Beth disse exasperada então Evelinde abriu seus olhos e se deparou com o olhar da mulher enrugada, enquanto ela lhe abaixava a saia. Evelinde esperou que a mulher pudesse ler sua gratidão em seu olhar. Beth lhe deu uma piscada rápida antes de retirar-se.

Evelinde agora entendia o que Cullen fizera debaixo de sua saia. Era suficientemente ardiloso para imaginar que Edda a submeteria a toda humilhação possível e que insistiria em examiná-la. Cullen esfregou uma parte do sangue de sua ferida em suas coxas para ajudar a convencer Edda.

— Está satisfeita? — Cullen grunhiu.

—Sim. Legitimamente foi feito. Agora não pode devolvê-la. — Edda mostrou sua satisfação, imediatamente olhou Evelinde. — Adeus, enteada. Que sua vida seja como espero que seja.

Evelinde sabia exatamente o que essa mulher esperava de seu futuro e teria bufado ante suas palavras se tivesse podido. Foi Cullen quem fez isso enquanto a levantava. Depressa a carregou para fora do quarto.

* * * * *

Estavam fora da fortaleza num abrir e fechar de olhos. Um de seus homens se aproximou deles no momento em que o portão se fechou atrás deles, Evelinde considerou que estavam esperando por eles. Seu marido lhe falou rapidamente em galês enquanto a levava para seu cavalo, logo ela se viu passada aos braços do homem enquanto seu marido montava. Foi devolvida a ele assim que assumiu as rédeas. Cullen demorou um momento em acomodá-la em seu colo, e logo estavam partindo.

Tudo tinha ocorrido tão rapidamente Evelinde se sentia ofegante e ansiosa. Onde estava Mildrede? E seus pertences? Seus vestidos, as poucas joias de sua mãe que seu pai tinha lhe dado e que ela tinha escondido para que Edda não as roubasse? O retrato de sua mãe, que tinha estado escondido em seu quarto desde a chegada de Edda a d'Aumesbery porque de outra maneira ela teria ordenado destruí-lo? O retrato de seu pai que tinha estado escondido ali pela mesma razão depois de sua morte?

Eram muitas as coisas que ela não queria deixar ali. Mas Mildrede era a mais importante. E Evelinde esperava poder falar com seu marido sobre a possibilidade de levar Mac com eles. Ele era escocês e iria sentir-se confortável em Donnachaidh, e também ela não queria deixá-lo com Edda. A mulher ia descarregar sua frustração e sua irritação em alguém, agora que Evelinde já não estava ali para ser abusada, e Mac seria o alvo mais provável.

Mas Evelinde não tinha nada. Nem sequer uma pequena bolsa com uma muda de roupa. Teria que entrar em sua nova vida com nada, exceto as roupas que ela usava no momento, Evelinde se deu conta, e sentiu medo e ansiedade.

Era o que toda moça enfrentava quando chegava à idade de se casar, e realmente Evelinde tivera sorte de não ter que enfrentar isso quando era mais jovem, como a maioria de garotas que conhecia. Teria feito se o destino não tivesse intervindo. Primeiro, seu prometido se afogou quando tinha doze anos. Antes que seu pai tivesse encontrado um substituto para ele, sua mãe adoeceu, e durante esse tempo seu pai ficara extremamente preocupado pela saúde dela que não se ocupou de fazer um novo acerto matrimonial. Quando Margaret d'Aumesbery morreu, seu pai tinha adiado encontrar para Evelinde um marido, provavelmente para não ter uma nova perda. Finalmente tinha começado lhe procurar um marido pouco antes que seus problemas cardíacos começassem.

De qualquer maneira, Evelinde não acreditava que sua situação atual fosse muito fácil. Seu marido era um desconhecido, e seu novo lar ficava num lugar distante que ela não conhecia. Tudo era muito intimidante.

Terei que levantar a cabeça e aguentar, Evelinde pensou. Parecia que o destino das mulheres era esse. Dando-se conta que estava se lamentando e ficando triste, Evelinde fechou os olhos e decidiu tentar dormir. Havia pouca coisa que ela poderia fazer a essa altura das circunstâncias.

Capítulo V

—Estamos em casa.

Evelinde abriu seus olhos e olhou para seu marido. Então se sentou ereta e seguiu seu olhar para o escuro castelo elevando-se diante deles. O temor imediatamente cresceu dentro dela.

Verdadeiramente, Donnachaidh era uma fortaleza triste e escura envolta no negrume sombrio da noite, ela concluiu, enquanto Cullen guiou seu cavalo colina acima, para os portões. Evelinde se recostou contra o forte peito dele e passou as mãos sobre o rosto, tentando despertar completamente. Tinha dormido a maior parte da viagem de três dias. Não por causa do tônico de Mildrede, mas sim pela monotonia aparentemente eterna. A primeira vez que acordou tinha sido de manhã depois que já tinham deixado o Castelo d'Aumesbery. Ela despertara para descobrir que os efeitos do tônico tinham finalmente desaparecido. Seria vergonhoso que ainda não conseguisse controlar seus músculos.

Cullen só parou tempo suficiente para que ela atendesse suas necessidades fisiológicas, e logo a apressou a retornar ao cavalo. Colocou-a na sela, e montou atrás dela, e empreenderam a viagem novamente. Depois de algum tempo, ele tinha tirado uma maçã, um pedaço de queijo, e pão de um dos alforjes que trazia preso no cavalo. Foi então que Evelinde se deu conta de que não iriam parar, exceto para necessidades fisiológicas.

Tinham cavalgado durante todo o dia, viajando numa velocidade que não permitia conversar ao menos que desejasse se arriscar a morder a língua. As únicas outras paradas que tinham feito tinham sido para trocar os cavalos uma vez ao dia.

Evelinde gostaria de perguntar por que estavam tão apressados. Também teria gostado de saber onde estava o resto de seu contingente. Não notara isso quando deixaram d'Aumesbery, mas quando já conseguia levantar a cabeça e olhar ao seu redor, viu que o grupo estava formado por apenas três pessoas, ela, Cullen e um homem chamado Fergus. Os outros quatro homens não estavam com eles. Mas Evelinde temia que se abrisse a boca, a primeira pergunta que iria sair, seria perguntar por que haviam partido de d'Aumesbery tão

rápido, sem sua criada, sem Mac, e sem seus pertences. Não desejando iniciar o casamento com uma briga, calou sua boca, ficando tão silenciosa quanto seu marido.

Evelinde curiosa deu uma olhada ao seu redor, enquanto todos entravam no pátio do castelo, seu novo lar. Devido ao adiantado da hora, havia pouca atividade e não se conseguia ver muita coisa na escuridão. Tudo o que podia distinguir eram vultos e sombras.

Perdendo a esperança de conseguir observar de perto sua nova casa, Evelinde se recostou novamente contra o peito do marido com um suspiro e esperou impacientemente para poder descer do cavalo. Realmente, Evelinde nunca desejara tanto uma coisa em toda sua vida, como ansiava desmontar do cavalo nesse momento. Nunca deixara d'Aumesbery antes e não imaginava o quão incômoda e aborrecida uma viagem poderia ser. Sinceramente ambicionava não ter que viajar outra vez pelo resto de sua vida.

Cullen deteve o cavalo ao pé dos degraus da entrada que conduziam à fortaleza. Desmontou pela parte traseira do cavalo e a ajudou a descer. Evelinde apertou suas mãos ansiosamente uma vez que ele a colocou no chão, esperando que as pernas encontrassem o equilíbrio novamente. Sentia as pernas débeis, doloridas e ameaçando não sustentá-la.

Cullen nem lhe deu tempo para recuperar-se, simplesmente a levantou em seus braços e a carregou no colo para a fortaleza.

Olhando por cima de seu ombro, Evelinde viu Fergus conduzindo o cavalo de Cullen para os estábulos e calculou que o cavalariaço chefe de Donnachaidh já foi dormir.

O grande salão estava escuro e silencioso quando entraram, mas certamente não estava vazio. Pela luz do fogo na lareira, Evelinde podia ver que o chão estava ocupado com pessoas dormindo. Homem, mulheres, e crianças, enchiam o espaço dormindo um ao lado do outro, deixando somente um caminho livre que ia da porta até as escadas e outro caminho que ia da porta principal para outra porta menor que ela julgou ser a cozinha.

Quando Cullen a levou pelas escadas, Evelinde tentou segurar-se nervosamente em seus ombros enquanto subiam na escuridão, deixando para trás a débil luz do fogo moribundo. Mas seu marido visivelmente não necessitava de luz. Seus passos eram muito seguros. Subitamente parou.

—Abra-a.

Evelinde estendeu a mão cegamente e sentiu um painel de madeira que assumiu era uma porta. Encontrou a tranca, abriu a porta suavemente, então Cullen a carregou ao interior do quarto. Colocou-a sobre uma superfície macia que ela imaginou ser uma cama, então se retirou. Evelinde não estava certa de para onde ele foi até que ouviu o ruído suave da porta fechando-se.

Evelinde seguiu o som dele movendo-se pelo quarto, do lado contrário da cama. Houve um som suave de algo golpeando o chão, o ruído metálico de sua espada e seu cinturão, logo outro, mas suave como um assobio seguido por um sussurro que ela suspeitou fosse seu plaid aterrissando na palha que cobria o piso. Depois ela sentiu que a cama afundava quando ele subiu pelo lado contrário.

—Durma.

A ordem suave foi seguida por um silêncio, mas Evelinde simplesmente ficou sentada onde ele a tinha colocado. Tinha passado muito tempo preocupando-se com a chegada em sua nova casa durante a viagem. Preocupou-se pelo que as pessoas pensariam dela, sobre se a aceitariam. Tinha receado que ela chegasse com uma aparência desastrosa depois de três dias e três noites a cavalo. Evelinde considerava que as primeiras impressões eram importantes, e também tinha estado ansiosa pelo que seu marido faria depois da chegada, temendo que ele quisesse consumir o matrimônio na primeira noite na casa.

Aparentemente, toda sua preocupação tinha sido por nada. As pessoas já estavam dormindo, e seu marido definitivamente não tinha interesse em deflorar sua nova esposa. O homem já roncava junto dela.

Evelinde sacudiu a cabeça com um longo suspiro e se recostou completamente vestida na cama. Realmente, deveria ter percebido que Cullen não estaria interessado em mais nada além de descansar até o dia seguinte da chegada na fortaleza. Enquanto ela dormira muito durante esses três últimos dias, Cullen e Fergus não dormiram nada. Ambos permaneceram acordados durante duas noites e três dias de viagem. Na verdade, ficara assombrada que seu marido ainda tivesse energia para carregá-la até o quarto.

Desconfiou que agora, teria mais um dia inteiro para preocupar-se sobre a consumação por vir. Conhecer a nova criadagem seria algo que aconteceria no momento em que despertasse, Evelinde pensou e fechou os olhos. Dormiu embalada pelo som dos roncos suaves de seu marido.

* * * * *

—O que está fazendo, Mogg! Maldição! Vai deixar cair à maldita tina se não olhar onde pisa. Deixa de observar à moça e presta mais atenção!

Evelinde abriu os olhos com esses gritos, depressa se sentou abruptamente na cama e ficou olhando confusa ao grupo de mulheres movendo-se de um lado a outro no espaço entre o pé da cama e a lareira na parede oposta. No início, estava completamente zonha a respeito de onde estava. Esse não era seu quarto em d'Aumesbery foi à única coisa que brotou em seu esgotado cérebro turvado pelo sono, mas depressa mudou de posição na cama e ofegou ao sentir a dor que irradiava de seus quadris, e se lembrou dos acontecimentos dos dias anteriores.

Estava na casa de Donnachaidh, Evelinde recordou, e provavelmente no quarto de seu marido. Que era dela agora, Evelinde julgou, olhando curiosamente ao seu redor. O quarto

tinha duas vezes o tamanho de seu cômodo em d'Aumesbery. A cama onde estava também era o dobro da sua. Havia duas mesas, uma de cada lado da cama. A mesa do lado de seu marido tinha uma vela apagada, a de seu lado tinha uma grande taça com o que parecia ser hidromel.

Evelinde a olhou curiosamente, logo fixou sua atenção no espaço livre do quarto. Havia um amplo espaço entre o pé da cama e a parede oposta. Era um lugar bonito para colocar um par de cadeiras e possivelmente uma mesa pequena, um lugar onde o lorde e a milady, ela e Cullen, poderiam relaxar de noite. Mas não havia nada ali exceto uma tina e várias criadas apressadas derramando baldes com água fumegante.

—Ela está acordada — uma das mulheres anunciou, lhe dando um sorriso aberto.

Evelinde achou impossível resistir e respondeu com um sorriso também, logo observou à mulher mais baixa, que repentinamente se separou do grupo para correr para seu lado.

—Oh, despertou — a mulher a saudou com um sorriso enquanto lhe estendia a taça que Evelinde pensou ter hidromel e a ofereceu. — Trouxe-lhe hidromel, e lhe preparamos um banho, Cullen disse que gostaria.

Evelinde olhou à mulher por um momento, tentando decifrar o pesado escocês e compreender o que ela dizia. Embora seu marido tivesse pronúncia carregada, ele falava tão pouco que ela não tinha problema em compreendê-lo. Enfim essa mulher falara de maneira tão rápida, que ela precisou pensar por um momento para então compreender o significado por trás do que havia dito. Finalmente, acreditando que havia entendido o que ela dizia, Evelinde estendeu a mão para a bebida oferecida, murmurando.

—Obrigado...

—Sou Elizabeth Duncan, mas pode me chamar Biddy, moça. Todos o fazem — a mulher respondeu a pergunta tácita. Apertando as mãos diante de sua saia, lhe sorriu alegremente e

impacientemente. — Mairghread faz o melhor hidromel de toda Escócia. Estou segura que também concordará.

Evelinde levou a taça aos lábios e engoliu enquanto decifrava as palavras. Assim que achou já saber o que a mulher havia dito, olhou para os servos trabalhando próximo a cama. Parecia que a tarefa de encher a banheira havia terminado e as mulheres a observavam com muita curiosidade e se aproximavam da cama como uma ninhada de cachorrinhos tímidos.

Evelinde lhes sorriu timidamente enquanto abaixava a taça, então pronunciou:

—Acredito que tem razão, Biddy. Certamente é um excelente hidromel, muito fino.

Biddy lhe sorriu, então olhou às pessoas ao pé da cama quando uma delas se chocou contra o recipiente, fazendo-o cair sobre a palha do chão.

—Bem? O que estão esperando? Se já terminaram, podem ir. Há um montão de coisas para fazer — Biddy disse, embora seu tom de voz não estivesse tão feroz como suas palavras sugeriam. Ela soava mais chateada do que irritada com as criadas. Ela as observou sair pela porta antes de voltar-se para Evelinde, e dizer — São todas boas moças, mas deve ser firme, de outro modo não fazem nada.

Evelinde simplesmente assentiu com a cabeça, ainda sentindo-se desorientada.

—Sairei para poder tomar seu banho em paz, eu... Oh! — Biddy tinha se movido para a porta enquanto falava, mas parou olhando para trás, apertando os lábios. — Despachei-as, mas precisará de ajuda para se despir. — Ela vacilou, logo estalou a língua e retornou a seu lado. — Acho que devo ajudá-la.

—Oh, não, está tudo bem... — Evelinde começou a dizer, mas logo fez uma pausa enquanto colocava as pernas para fora da cama e esse movimento pequeno causou uma dor do quadril até os joelhos. Suspirando, ela conseguiu sorrir e sacudiu a cabeça. — Sim, apreciaria sua ajuda se não se incomodar.

—Não — a mulher lhe assegurou, havia preocupação em seus olhos. — Foi uma longa viagem, e Cullen me disse que não pararam. Sem dúvida está sentindo os efeitos agora. Necessita ajuda para ficar de pé?

—Não, acho que eu consigo — Evelinde disse enquanto se apoiava. Sufocou um gemido de dor, mas suas pernas a sustentaram sem tremer pela primeira vez em dias. Assegurando-lhe que era um bom e esperançoso sinal de que logo estaria curada, Evelinde soltou lentamente a respiração e ofereceu um sorriso agradecido enquanto Biddy a ajudava despir-se.

—Deus Santo, moça — Biddy arfou assim que o vestido e a camisa íntima foram retirados. Observando-a lentamente, examinou os machucados. Eram de uma mescla pouco atraente de azul púrpura e preto. Evelinde tinha esperado que comesçassem a diminuir, mas ainda estavam muito feias. —O que lhe aconteceu? — A criada perguntou, sacudindo a cabeça.

—Cullen não é o responsável — Evelinde disse imediatamente, já acostumada a que todos assumissem que era o culpado. — Caí no rio.

—É obvio que ele não fez isso — Biddy disse com um sorriso que sugeria que a mera ideia era ridícula, então ficou séria, e disse solenemente — Não dê atenção a esses contos sobre o lorde. Ele não é o Diabo, e sim um bom homem como seu pai foi. Tem um bom coração. Nunca bateu numa mulher.

Evelinde relaxou com um suspiro. Apesar de sua falta de medo pelo homem que agora era seu marido, seus instintos lhe diziam que ele era um bom homem, mas era bom ter alguém mais que o afirmasse.

—Tenho um bálsamo especial. Vou trazê-lo para depois do seu banho e o aplicarei nos pontos sensíveis e ficará muito bem em breve — Biddy lhe assegurou enquanto a fazia entrar na banheira.

Essa também era maior que a tina de d'Aumesbery, Evelinde notou enquanto relaxava na água.

—Onde está meu marido — Evelinde perguntou, enquanto Biddy recolhia seu vestido e a camisa no chão.

—Fora com os homens, averiguando sobre como estão às coisas — Biddy respondeu. — Ele é trabalhador e responsável, nós Cullen. Um bom homem e um bom líder. O clã tem a sorte de tê-lo. — Sua boca se apertou, e ela adicionou — é uma lástima que alguns não se deem conta disso.

Evelinde levantou as sobrancelhas ante essas palavras.

—As pessoas não estão felizes com ele?

—Oh, não. — Ela sacudiu uma mão exasperadamente, logo continuou sua tarefa enquanto dizia — É que a metade dessas pessoas até acreditam nesses rumores insensatos a respeito do pai dele, do tio, e da esposa, também pensam que Cullen deveria dar um passo ao largo. Mas se esquecem de que nós desfrutamos dessa paz e prosperidade desde que ele se converteu no lorde.

Evelinde guardou silêncio por um momento, logo admitiu:

—Ouvi os rumores.

—Sim. Toda a Escócia e a maior parte da Inglaterra já ouviram — Biddy disse secamente, e sacudiu a cabeça outra vez enquanto cruzava o quarto para a tina. — É tudo um disparate. Cullen nem sequer se encontrava aqui quando seu pai, o velho lorde, morreu. Ele tinha ido visitar nossos vizinhos os Comyns quando isso aconteceu. Cullen viajou de manhã e seu pai morreu pela tarde ao pé dos escarpados, e alguém começou o rumor de que ele foi visto ali. Por isso quando ele retornou para casa, o boato já estava firmemente enraizado, e pouco auxiliou o fato de que ele pudesse apresentar testemunhas comprovando que ele não estava aqui. O rumor começou a crescer, e nada conseguiu detê-lo. Inclina a cabeça para trás moça, vou molhar seu cabelo para lavá-lo.

Evelinde inclinou sua cabeça e fechou seus olhos, mas perguntou:

—Então a morte de seu pai foi um acidente?

Biddy bufou enquanto vertia água sobre sua cabeça.

—É obvio que foi um acidente, mas não convenceu a maioria das pessoas daqui. Acho que até mesmo Cullen pensa que não tenha sido.

Evelinde calou-se, considerando a questão enquanto Biddy começava a ensaboar seu cabelo, logo perguntou:

—Quem é a testemunha que afirma que Cullen estava ali?

—Já disse que Cullen não estava ali — Biddy falou franzindo a fronte.

—Sim, obviamente essa testemunha estava equivocada, mas quem foi?

Biddy fez uma pausa e franziu o cenho brevemente antes de pegar o vasilhame de água e erguê-lo para enxaguar o cabelo enquanto admitia:

—Na Verdade, não sei. Somente falou-se que alguém o tinha visto ali.

Evelinde manteve os olhos fechados quando um segundo balde de água foi vertida sobre sua cabeça, logo perguntou:

—E o tio?

Biddy sacudiu a cabeça.

— Um acidente. Ele estava caçando com os homens e recebeu uma flechada no peito.

—Isso não soa como um acidente — Evelinde disse secamente.

— Não é a primeira vez que algo assim ocorre e não vai ser a última — Ihe assegurou.

Evelinde assentiu com a cabeça, então perguntou timidamente:

—E sua mulher?

Biddy guardou silêncio por muito tempo antes de suspirar e dizer:

—Receio que a dela não tenha sido um acidente... E também temo que ela possa ter atraído sua própria morte.

Os olhos de Evelinde se abriram surpreendidos ante essas palavras.

—Como?

Biddy manteve silêncio por mais alguns segundos, enquanto continuava enxaguando o cabelo, então disse:

—Maggie ficou perturbada que o nome de Cullen estivesse manchado com a morte de seu pai. Ela o amava.

Evelinde se sentiu tentada e quis perguntar se ele também a tinha amado, mas simplesmente abandonou a questão.

—O que ele falava para ela? Cullen parece ser um homem que mantém seus pensamentos para si mesmo, e receio que ele não...

—Cullen não é de falar muito — Biddy a interrompeu tranquilizando-a. — Tende a ser calado. Costumava ser mais falador quando seu pai era vivo, e quando ele e Tralin eram meninos nós conseguíamos fazê-los se calar, mas do problema... — Ela se encolheu de ombros.

Evelinde suspirou diante dessa notícia e se encontrou esperando poder resolver o mistério ao redor de todas essas mortes do passado. Possivelmente então Cullen se tornaria mais aberto e falaria um pouquinho mais.

—Maggie achava o silêncio dele algo difícil de aturar e também temia de que ele não estivesse interessado nela — Biddy disse com compaixão.

—E ele estava? — Evelinde perguntou incapaz de conter-se. — Cullen amava Maggie?

—Acredito que ele chegou a ter afeto por ela — Biddy disse cuidadosamente, logo suspirou.
— Há diferentes tipos de amor, moça. Infelizmente, Cullen tratou Maggie com o afeto de um irmão mais velho. Na verdade, acredito que ela se dispôs a encontrar o assassino de seu pai com a esperança de ganhar seu amor. E receio que possa ter sido isso que a matou.

—Não estou certa de que entendi — Evelinde disse lentamente.

—Essa moça tola morreu nos escarpados. Ninguém sabe como. Pode ter caído ou... — Biddy fez uma pausa e logo admitiu — Frequentemente me perguntei se ela não estava muito perto de solucionar esse mistério, e se ela não foi empurrada. Entende?

Evelinde assentiu com a cabeça, em seguida muito rapidamente negou com a cabeça, sentia-se confusa.

—Se o pai de Cullen e seu tio não foram assassinados, por que alguém então mataria Maggie por investigar essas mortes?

Biddy pareceu sentir-se alarmada ante essa lógica.

—Sim. Isso é verdade.

Evelinde notou a expressão atormentada dela, então soube que Biddy obviamente, não estava tão certa de que eles não foram assassinados como gostaria que os outros acreditassem. Fechando os olhos enquanto a mulher derramava mais água sobre sua cabeça, Evelinde perguntou:

—Como se iniciou o boato de que Cullen a matou?

Biddy emitiu um som de desgosto.

— Como começa qualquer rumor? Alguém comentou e o disparate se propagou como fogo num campo de feno. Dizem que ele a matou porque não lhe tinha dado um filho. Embora, a moça estivesse grávida quando caiu nos escarpados.

—Estava? — Evelinde ofegou, e a olhou com espanto. — Tem certeza?

—Sim. Ela ficou sem seu sangramento feminino durante três luas, embora ainda não se notasse o ventre volumoso.

—Cullen sabia?

—Teria sido difícil que ele não soubesse com eles dormindo na mesma cama — ela disse secamente.

—Sim — Evelinde murmurou, com um rubor subindo pelas bochechas. Não considerara as implicações de estar casada. Agora ela compartilharia um quarto e uma cama com um homem. E ele saberia tudo sobre ela. Cada coisa que acontecesse com seu corpo, e inclusive quando tivesse seu tempo feminino. Mordeu o lábio, então deixou o tema de lado com um suspiro.

Havia pouco o que fazer sobre isso. Era natural. Mas era embaraçoso dar-se conta que Cullen logo a conheceria até melhor que sua aia particular.

—Pronto. Seu cabelo está arrumado. Agora vou levar seu vestido e a camisa de baixo para serem lavados e vou trazer-lhe o bálsamo. Vou levar algum tempo para prepará-lo, então pode continuar na água por mais um momento se quiser, depois se enxugue, mas não se vista. Deite-se na cama com a toalha, que eu logo voltarei para aplicar a pomada.

—Obrigado, Biddy — murmurou, quando ela saiu apressadamente do quarto. Evelinde ficou na banheira por mais alguns minutos enquanto considerava tudo que tomara conhecimento, mas seus pensamentos se interromperam abruptamente quando se deu conta de que não tinha nenhuma roupa para usar.

Uma maldição escapou de seus lábios. Evelinde saiu da banheira e começou a secar-se. Logo se envolveu na toalha e sentou-se na cama para analisar a situação. Para sua repentina decepção, tudo o que tinha no mundo era aquele vestido amarfanhado e sujo que tinha usado na viagem. Assombrava-a que um homem que mostrara tanta consideração em muitos

aspectos pudesse ter se esquecido de um detalhe tão prático como esse. Sacudindo a cabeça, deitou na cama e fechou os olhos, mas em seguida se sacudiu quando o quadril começou a doer.

Evelinde ficou de pé, tirou a toalha e a estendeu na cama para evitar que o bálsamo sujasse os lençóis, então se deitou novamente, dessa vez de barriga para baixo. Cruzou suas mãos sobre um travesseiro e apoiou sua bochecha sobre ele. Fechou os olhos enquanto tentava resolver como iria solucionar o problema de ter apenas um vestido. Quem sabe Biddy tenha alguma ideia, ela pensou esperançosamente. Tinha que lhe perguntar quando retornasse com o bálsamo.

Até agora, a mulher realmente parecia ser muito competente, e dava a impressão de estar muito satisfeita de tê-la ali, mas Evelinde sentia saudades da Mildrede. Suspirando, ela fechou seus olhos e imediatamente adormeceu.

* * * * *

Evelinde acordou com a sensação de um bálsamo quente sendo espalhado sobre suas costas. Sorriu sonolenta enquanto mãos fortes massageavam o bálsamo sobre o machucado das costelas e de seu traseiro. A massagem era tão boa quanto o bálsamo.

—É um amor, Biddy, obrigado.

O grunhido que veio em resposta fez seus olhos abrirem abruptamente então virou a cabeça alarmada.

—Cullen! — Evelinde ofegou.

—Esposa — ele disse serenamente.

—Pensei que era Biddy. — Foi à única coisa que conseguiu articular enquanto sua mente gritava que um homem estava ajoelhado ao lado de sua cama, e que ela tinha o traseiro nu e exibido diante dele.

Cullen não se incomodou em dizer nada, simplesmente continuou com as massagens.

Mordendo o lábio, Evelinde permaneceu rígida.

Cullen trabalhou em silêncio durante outro momento, então grunhiu:

—Relaxe.

Evelinde tentou. Mas simplesmente era impossível enquanto suas mãos se moviam sobre sua pele e seus olhos observavam sua nudez.

Cullen continuou massageando-a enquanto ela tentava relaxar, mas falhava miseravelmente. Então ele se deteve, a tomou pela cintura, e lhe deu a volta para deitá-la de costas.

Evelinde arquejou alarmada, seus olhos abriram-se imensamente, e então a boca de Cullen cobriu a dela. Evelinde paralisou de imediato, não o repelindo, mas tampouco lhe dando precisamente total aceitação. Estava muito aturdida pela velocidade dos acontecimentos, mas logo a língua dele deslizou para dentro de sua boca, e ela relaxou finalmente com um suspiro. Seus braços lentamente se enlaçaram ao redor do pescoço dele enquanto a boca e língua faziam sua magia.

Cullen beijava muito bem, Evelinde pensou sonhadora, depressa abriu os olhos quando ele repentinamente interrompeu o beijo. Logo em seguida, ele a colocou de bruços outra vez como se ela fosse uma criança e recomeçava a espalhar o bálsamo em suas costas novamente. Só então Evelinde se deu conta que ele só a beijava para fazê-la relaxar.

E tinha funcionado, Evelinde ressaltou. Sentia-se mais bamba depois daquele simples beijo. Mas como agora ele não estava mais a beijando sua mente voltou a funcionar normalmente, Evelinde lembrou-se de que estava nua diante dele. Isso teve um desenfreado efeito no seu controle, lentamente trazendo tensão a seu corpo enquanto se perguntava se seu traseiro estaria tão avermelhado como suas bochechas nesse momento.

Cullen tirou as mãos, e ela deu uma rápida olhada para trás a tempo de vê-lo tirar um pouco de bálsamo da tigela. Friccionou o lenitivo entre suas mãos por um momento, esquentando-o, logo se voltou para aplicá-lo sobre suas costas.

Para sua surpresa, Cullen não estava apenas aplicando o remédio sobre seus machucados, mas o espalhava em suas costas. Ela começava a relaxar sob o efeito de sua massagem quando as mãos alcançaram seu traseiro.

Evelinde estremeceu quando as mãos dele deslizaram pelo lado dos quadris. Instintivamente tentou afastar-se desse contato. Cullen não comentou nada, simplesmente continuou aplicando o bálsamo e ela recomeçou a relaxar quando a dor aliviou e desapareceu. Finalmente Cullen desviou sua atenção às nádegas.

Evelinde teve que morder o lábio e apertar as coxas para evitar reagir a esse contato. Sentiu-se mais aliviada quando suas mãos desceram pelas pernas. Mas quando seus dedos começaram a demorar na face interna das coxas, cada músculo de seu corpo se esticou novamente.

—Vire-se — ele comandou.

Evelinde olhou para trás e o viu retirando mais um bocado de bálsamo da tigela. Por alguns instantes considerou desobedecer sua ordem, mas estava diante de seu marido, e ele certamente já vira todo seu corpo, Evelinde disse a si mesma. Cullen tinha ajudado a vesti-la no dia das bodas.

Parece uma vaca, ela pensou amargurada quando recordou o comentário, então suspirou e reservadamente virou-se. Mas Evelinde não pôde evitar que suas mãos instintivamente se movessem para cobrir-se.

Quando Cullen voltou com o bálsamo, não comentou nada sobre seus esforços para preservar o pudor, apenas começou a esfregar o bálsamo sobre seu pescoço e ombros. Evelinde observou seu rosto enquanto trabalhava, mas como sempre tinha uma expressão

neutra. Mas seus olhos, não. E ela se encontrou fascinada pelo fogo que encontrou em seu olhar.

Ela não resistiu quando Cullen lhe pegou o braço que tinha colocado para cobrir os seus seios e começou a massageá-lo. Cullen começou morosamente com os dedos, logo seguiu com a mão, o pulso, e o antebraço. Tinha alcançado a parte superior do braço quando Evelinde se deu conta que sua mão tinha roçado no plaid que ele usava cruzado em seu peito.

—Há bálsamo em seu plaid — ela disse.

Cullen olhou para baixo e franziu o cenho. Ele a soltou tentando limpar o tecido, mas só o que fez foi aumentá-la. Franzindo o cenho, ele pegou o broche que prendia o plaid, então fez uma pausa para observar suas mãos cobertas de bálsamo. Levantando o pescoço, ele disse — Faça você.

Evelinde vacilou, mas logo estendeu a mão e rapidamente desabotoou o broche. O plaid se despreendeu imediatamente para deslizar ao redor da cintura dele.

—A camisa, também.

Evelinde insegura percorreu com o olhar o rosto de seu marido. Sua expressão estava fechada, esperando. Enfim mordendo o lábio, ela se sentou na cama, limpando a mão suja na toalha. Logo pegou na barra solta da camisa e a suspendeu até seu peito, seus olhos ampliando-se enquanto centímetro por centímetro a pele se revelava.

Diferente do dela, o peito de seu marido estava imaculado, sem um machucado à vista, ela pensou. Ele levantou os braços e se inclinou para frente para que ela terminasse de lhe tirar a camisa. Evelinde o fez e depois se recostou para observar o homem seminu diante dela.

—Deus! — Ele era belo. Evelinde desejou colocar suas mãos sobre seu peito, e brevemente considerou a ideia de tomar um pouco de bálsamo como a desculpa para fazer isso.

—Deite-se.

Evelinde se deitou como lhe foi ordenado, mas não podia evitar que seus olhos se prendessem a explorar o peito do homem diante dela. Esse homem tinha que ter o dobro de largura que ela.

Cullen a distraiu da exploração de seu peito ao dobrar-se para massagear novamente. Suas mãos aplicaram o bálsamo no grande machucado do lado das costelas. Evelinde estremeceu com o primeiro contato, mas o bálsamo logo aliviou a dor dali. Depressa percebeu quando suas mãos começaram a mover-se entre círculos mais largos nessa zona... Até que seus dedos roçaram ligeiramente o lado de um seio.

Evelinde mordeu o lábio, seus olhos se fixaram no rosto masculino enquanto ele trabalhava. Realmente, a princípio ela tinha pensado que o toque tinha sido meramente acidental. Não havia nada em sua expressão que sugerisse algo diferente, mas a seguir seus dedos roçaram o lado de seu seio outra vez, um pouco mais acima dessa vez.

Na terceira passada, os olhos de Cullen repentinamente foram para o rosto de Evelinde, e ele capturou seu olhar mantendo-a cativa enquanto seus dedos deslizavam para cima novamente. E subiram tão alto que dessa vez se aproximaram perigosamente do mamilo. A respiração de Evelinde ficou presa na garganta, então ele retirou as mãos e pegou mais bálsamo e, outra vez, esquentou a pomada entre suas mãos. Evelinde observou o processo com interesse, seu olhar indo de suas mãos até seu rosto. Repentinamente Cullen virou para ela e cobriu seus seios com suas mãos.

Evelinde ofegou, seu corpo ficou excitado quando ele começou a massagear seu seio. Seus olhos se fecharam enquanto os dedos dele estavam fazendo magia, extraíndo respostas que a deixaram ofegante. Era ao mesmo tempo excitante e atemorizante. Ele já a tinha descontrolado antes, mas então ela não se sentira tão... Tão vulnerável e tão... Nua. E não ajudava, ele a observando continuamente com olhos famintos.

Evelinde quis pedir que não parasse. Quis implorar que não se detivesse, e continuasse beijando-a. Ele continuou acariciando-a até que Evelinde imaginou que não poderia suportar

outro segundo mais. Justamente quando ela abriu a boca para protestar, para pedir que ao menos a beijasse enquanto a tocava, suas mãos se retiraram, e ele começou a pegar mais bálsamo.

Evelinde mordeu o lábio para evitar falar. Quando ele se voltou e ignorou a parte superior do corpo e em lugar disso fixou sua atenção em suas pernas. Massageou e acariciou seus pés, seus tornozelos, suas panturrilhas e joelhos.

Evelinde o observou dar a volta procurando mais bálsamo, consciente de que sua respiração se tornou irregular. Era uma combinação do que ele estava fazendo e a antecipação do que estava por vir, então Cullen virou, e as mãos dele percorreram suas pernas para cima dos joelhos. Evelinde estava tão rígida como um pau, todo seu corpo, esperando. Quando suas mãos se moveram mais acima e se aproximaram da união entre as pernas, ela ofegando se agarrou aos lençóis.

Evelinde não sabia se era efeito do bálsamo, ou da massagem, mas suas dores tinham desaparecido completamente; A única sensação que experimentava era uma doce antecipação.

—Relaxe — ele grunhiu outra vez, e Evelinde suspirou quando suas mãos se moveram por baixo de suas pernas: Dessa vez, quando as mãos chegaram mais alto ao longo das coxas, não ficou rígida, mas sim se arqueou ligeiramente.

Evelinde repentinamente sentiu que ele havia separado suas pernas, deixando suas partes íntimas a mostra para ele. Uma onda de vergonha a invadiu, mas não o suficiente para fazê-la fechar as pernas e evitar seu toque. Então os dedos dele roçaram ligeiramente o centro de seu sexo, e suas pernas se fecharam, prendendo a mão com o movimento.

Foi uma reação instintiva. Evelinde não pode evitar, embora tivesse tentado. Mordendo o lábio, abriu os olhos e encontrou seu marido examinando-a. observaram-se mutuamente por um momento, nenhum dos dois se moveu, então, ainda deparando com seu olhar, Cullen

usou ambas as mãos para separar as pernas dela outra vez e se movimentou para ajoelhar-se entre elas, para que Evelinde não pudesse fechá-las. Enquanto o fazia, o plaid escorregou e ela ficou perigosamente perto de ver a dureza que no momento erguia o tecido.

Evelinde o observou silenciosamente, consciente de que respirava cada vez mais rapidamente, sentindo que seus dedos roçavam ligeiramente a pele delicada novamente. Como não podia fechar as pernas, Evelinde fechou aos olhos e se agarrou aos lençóis gemendo, seus quadris instintivamente tentaram mover-se e arquear-se enquanto seus dedos dançavam sobre a carne íntima.

Evelinde começou a sofrer uma necessidade que não compreendia e que era semelhante ao que tinha sentido no rio. Seus quadris começaram a mover-se por vontade própria. Então subitamente, Cullen retirou esses dedos mágicos.

Evelinde sentiu a ausência, e seus olhos se abriram imediatamente. Encontrou-se com o olhar masculino e viu um sorriso curvar-se em seus lábios antes que repentinamente ele se inclinasse para frente para afundar sua cabeça entre as pernas dela, substituindo a mão pela boca. Evelinde gritou sobressaltada e tentou sentar-se para agarrá-lo pela cabeça e afastá-lo, mas logo sua língua lambeu a carne sensível, e ela paralisou, com a respiração abafada. Uma segunda lambida lhe fez soltar o fôlego em um assobio, e Evelinde caiu pesadamente na cama.

Seus quadris começaram a ondular acompanhando aos gemidos que saiam de sua boca. Logo se converteram em um uh... Um pouco mais alto... E logo em um oh Deus, oh Deus, oh Deus.

A excitação crescente expandiu-se, percorrendo seu corpo em ondas de alucinado prazer que a deixou incapaz de emitir qualquer som. Perdida nessa sensação invasiva, Evelinde não percebeu que Cullen tirava o plaid para deixá-lo cair no chão, e voltava para sua posição entre as pernas dela.

Evelinde vagamente sentiu uma espetada suave, em seguida repentinamente Cullen mergulhou dentro dela, preenchendo-a até que ela pensou que partiria ao meio. Cullen paralisou. Evelinde abriu os olhos lentamente para descobrir que ele tinha uma expressão quase de dor no rosto. Logo depois de um momento seus olhos se abriram, e Cullen a observou enquanto se retirava parcialmente dela.

Evelinde sentiu seu corpo protestando pela súbita saída, então ele se enterrou novamente, e ela fechou os olhos abandonando-se às sensações excitantes que recuperavam vida dentro dela.

Evelinde ergueu os quadris, e gemeu enquanto ele investia outra vez em seu corpo. O gemido pareceu atuar como um estimulante para Cullen. A velocidade das investidas se acelerou, os quadris femininos marcando o ritmo, e seu corpo enterrando-se dentro dela repetidas vezes, inflamando sua paixão até que ambos gemeram em êxtase.

Capítulo VI

Evelinde abriu seus olhos, sorriu olhando o lugar onde seu marido tinha dormido, e acordou deleitada. Decidiu que realmente gostava do matrimônio. Era a aventura mais excitante que já havia lhe acontecido. Pelo menos era com Cullen. Estava tão deliciada consigo mesma, com seu marido, e com o matrimônio, que pensou que se Edda estivesse ali nesse momento, poderia sentir-se tentada a abraçá-la e lhe dar um grande beijo de agradecimento.

Bem, possivelmente isso era um pouco extremo, mas uma carta para agradecer poderia ser suficiente. Uma carta bem alegre que provavelmente fizesse com que a mulher arrancasse o cabelo e tivesse um ataque de raiva.

Esse último pensamento fez Evelinde franzir o cenho, e decidiu não fazê-lo. Se Edda soubesse o quão feliz estava se sentindo, ficaria muito furiosa e desferraria nas pessoas do castelo d'Aumesbery. Evelinde enrugou o nariz ante essa ideia. Não queria que ninguém pagasse por sua felicidade. Teria que privar-se de compartilhar sua alegria com sua madrastra.

Evelinde rolou feliz na cama, e logo fez uma parada movendo a perna enquanto se dava conta que mal doía. Não sabia se era o bálsamo, ou a massagem de seu marido, mas se sentia muito melhor.

Era um dia maravilhoso, Evelinde decidiu, e se levantou para ir ao seu baú, só para deter-se quando lembrou que não tinha nenhum. Tinha chegado com apenas o vestido que estava usando. E nem sequer tinha mais esse vestido, Evelinde notou com súbita desilusão, porque Biddy o tinha levado para lavar.

Seu sorriso lentamente se desvaneceu. E ficou ali por vários minutos, pensando a respeito do que fazer. Não tinha muitas opções. Não podia passear por Donnachaidh nua. Pegou uma toalha e se envolveu nela.

Sentou-se na cama sentindo-se bastante acabrunhada, triste... E deprimida.

Fazendo uma careta, Evelinde ficou de pé e começou a caminhar pelo quarto, seu olhar indo com desinteresse para os poucos objetos espalhados no grande quarto. Além da cama e das duas mesas pequenas, realmente não havia muito para distrair-se, salvo três arcas.

Seu olhar posou na maior, e Evelinde a contemplou silenciosamente. Realmente não ficava bem que fosse bisbilhotar os baús de seu marido, sabia, mas poderia haver algo ali que pudesse pôr; Uma das camisas de seu marido, por exemplo. Seria melhor que ficar aí encerrada envolta em uma toalha.

Movendo-se para o baú maior, ela ajoelhou-se para abri-lo, seus olhos se dilataram quando viu seu conteúdo. Estava cheio de vestidos. Se esse era o baú de seu marido, ele tinha costumes muito estranhos, Evelinde pensou, e sorriu fracamente quando recordou ter tentado explicar que Cullen lhe rasgara o vestido ao tentar tirá-lo de si mesmo e Mildrede tinha perguntado se ele tentou vesti-lo. A criada se divertiria muito vendo todos esses vestidos, Evelinde pensou, e sentiu tristeza pela mulher que tinha sido sua aia pela maior parte de sua vida.

Ela iria sentir muitas saudades.

Suspirando, Evelinde pegou um vestido que estava na parte de cima da pilha. Desdobrou-o e o inspecionou. Era de um formoso azul profundo.

Com o coração acelerado ante essa descoberta, Evelinde levou o vestido até a cama e o estendeu, logo retornou à arca para procurar por uma camisa íntima.

Encontrou uma rapidamente e parada ao lado do baú, enrugou o nariz pelo aroma rançoso da roupa quando passou por sua cabeça ao vesti-la. Era óbvio que a peça estivera guardada durante um longo tempo. Essas roupas provavelmente pertenceram à primeira esposa de Cullen e simplesmente nunca mais tinham sido tocadas depois de sua morte.

Esse pensamento a paralisou e a fez considerar que talvez ele se zangasse, caso vestisse as roupas de sua esposa morta. Quase tirou a camisa, mas a perspectiva de ficar presa no dormitório não lhe parecia atraente. Se Cullen tivesse trazido seus pertences, ela não precisaria usar essa roupa, Evelinde disse a si mesma, endireitando os ombros.

Satisfeita, Evelinde analisou a camisa que vestira. Era bem grande. A primeira esposa de Cullen obviamente tinha sido mais alta que ela, sem mencionar que tivera muito mais busto, Evelinde pensou pasmada notando o decote. Era evidente que teria que reformar todos os vestidos se pensava usá-los, mas por agora teria que conformar-se. Começaria a trabalhar nos vestidos nessa mesma noite. Mas no momento desejava conhecer sua nova casa.

Movendo-se para a cama, Evelinde colocou o vestido, mordendo o lábio quando ela viu que o peitilho e o decote estavam largos como os da camisa. Também estava muito comprido. Tentou prender o tecido do vestido nas costas para ver se isso melhorava o aspecto. Dando-se conta que assim aliviava, Evelinde então olhou ao seu redor procurando algo que servisse como alfinete, mas não viu nada útil. Finalmente, ela se ajoelhou diante do baú e revolveu seu conteúdo. Quando não encontrou nada favorável, foi para um dos dois baús menores. O primeiro baú continha as roupas de seu marido; plaids escoceses e camisas brancas. Mas a última arca era abastecida por um estranho conjunto de artigos, alguns dos quais tinham pouco sentido.

Evelinde tirou uma flecha com plumas brancas e escuras na extremidade, fazendo uma careta quando notou que estavam machadas com sangue seco. Evelinde seguiu revirando o baú até que encontrou um grande broche entre o resto dos objetos. Era similar ao que seu marido usava para prender o plaid sobre o ombro.

Fechou a tampa do baú, franziu o excesso do tecido do vestido nas costas e com um pouco de esforço conseguiu prendê-lo com o broche.

Evelinde olhou ao redor com a ideia de encontrar uma escova ou pente para arrumar o cabelo, mas é claro, não encontrou nenhum dos dois. Ajoelhou-se diante do baú de Cullen outra vez e revirou entre as facas e as outras coisas do baú, atenta na busca de uma escova, mas não encontrou.

Evelinde se endireitou exasperadamente, fechou o baú novamente. Sinceramente, ela estava muito contente por estar longe de Edda, mas...

Nenhuma mas, ela disse a si mesma. Tudo ficaria bem. Reformaria os vestidos da primeira esposa, e encontraria uma escova, pois certamente ele devia ter uma em alguma parte. Seu marido tinha cabelo comprido e não andava com uma massa de nós na cabeça, devia ter ao menos um pente. Tudo correria bem, Evelinde se afirmou. Esses simplesmente eram pequenos inconvenientes em seu caminho para a felicidade, e realmente não tinha muito do

que se queixar. Esses problemas menores eram muito melhor do que ter um marido cruel que não estivesse interessado em lhe agradar na cama.

Agarrando-se a esse pensamento, Evelinde ficou de pé e confiante passou as mãos pelo cabelo. Desejando ficar apresentável, foi para a porta. Era hora de começar a explorar.

* * * * *

Quando Evelinde saiu do quarto, se descobriu num corredor muito escuro. Isso explicava por que seu marido não tivera dificuldade em chegar ao quarto no meio da escuridão na noite anterior. Sem janelas, o corredor estivera quase tão escuro como agora. Obviamente ele estava acostumado a atravessar o vestíbulo com pouca luz. Assinalando que deveria sugerir iluminar com tochas o vestíbulo durante o dia, Evelinde cuidadosamente foi para as escadas.

Para seu alívio, a luz ali era melhor. Evelinde erguera as saias volumosas do vestido para evitar tropeçar e havia começado a descer a escada quando as portas da fortaleza se abriram para Fergus entrar. O homem não a viu nas escadas, e cruzou rapidamente o grande salão. Suas longas pernas percorreram rápido à distância enquanto se aproximava da porta que ela acreditava levava a cozinha. Uma vez que ele atravessou a porta, o grande salão ficou outra vez vazio.

Evelinde então começou a descer a escada, lhe parecendo muito estranho que o grande salão estivesse deserto. Em d'Aumesbery no grande salão sempre tinha alguém. Quando as pessoas e os servos não estavam apertados ao redor das mesas para uma refeição, tinha criados limpando, ou um grupo de cavaleiros tomando cerveja antes de retornar à vigilância do muro, ou Edda sentada perto do fogo... A lista de possibilidades parecia ser infinita.

Ao descer as escadas, Evelinde vacilou insegura sobre o que fazer como senhora dali... Ela mordeu o lábio, reconhecendo que não fazia a menor ideia das responsabilidades que lhe caberiam. Sabia o que precisava fazer na sua antiga casa, mas não tinha ideia de como fazer as tarefas em Donnachaidh.

Evelinde olhou para a porta que imaginou conduzir à cozinha, deu um passo para ela, e fez uma pausa novamente. Em sua casa, um de seus deveres tinha sido falar com a cozinheira a respeito das refeições e as provisões que necessitavam e coisas assim, mas provavelmente, Donnachaidh já devia estar funcionando muito bem antes que ela tivesse chegado. Não sabia quem realizava tais tarefas e não queria interferir com o trabalho de ninguém.

Estalando a língua impacientemente, Evelinde desejou ter indagado a Biddy alguns assuntos enquanto a mulher estivera ajudando-a com o banho. Fá-lo-ia na próxima vez, Evelinde se prometeu, e também perguntaria a seu marido o que ele esperava dela. No momento, ela exploraria sua nova casa.

Sentindo-se melhor agora que já tinha um plano, Evelinde levantou sua saia e cruzou o grande salão para a porta por onde Fergus tinha desaparecido. Como esperava, encontrou-se na cozinha quando entrou. O que não tinha esperado era encontrá-la completamente ocupada por mulheres. A cozinha em d'Aumesbery tinha criados masculinos e femininos. Além disso, o cozinheiro gordinho tinha vários ajudantes varões para fazer os trabalhos mais pesados. De qualquer maneira não havia nem um só varão à vista na cozinha de Donnachaidh. Inclusive Fergus se foi. Obviamente, havia outra porta de saída da cozinha.

O olhar de Evelinde percorreu o quarto, passando por várias mulheres de diferentes idades até que pousou em Biddy. Para sua surpresa, a mulher que tinha servido como sua aia era quem realmente se encarregava da cozinha. Ao menos, era ela quem agitava uma grande faca e dava ordens às outras mulheres.

Um repentino feixe de luz do sol atraiu sua atenção para a porta por onde Fergus devia ter saído, e Evelinde observou como um homem magro entrava. Ele olhou para Biddy, a seguir quase parecia caminhar nas pontas dos pés ao longo da parede da cozinha até alcançar o que parecia ser uma bandeja com doces.

—Se afaste dessas massas, Scatchy, ou perderá um dedo — Biddy grunhiu sem olhar para cima. — Fergus já provou, e não estou com paciência para tratar com vocês, homens essa manhã.

O velho Scatchy observou tristemente a bandeja e voltou um olhar severo para Biddy.

—É uma mulher cruel, minha senhora, fazendo esses refinamentos e não nos deixando tocar.

Evelinde se sobressaltou com o título. Minha senhora? Seu olhar voltou-se para Biddy, e seus olhos se abriram imensamente quando viu o vestido da criada. Tudo o que tinha notado ao entrar na cozinha foi o avental, Evelinde não tinha prestado atenção ao vestido que usava debaixo, que era muito rico para ser de uma criada. Quem diabo era ela e o que estava fazendo agindo como uma criada na cozinha? Evelinde se perguntou. Seu marido não tinha mencionado nenhuma parenta mulher. Mas tampouco tinha mencionado nenhum parente masculino, entretanto ela sabia que tinha um primo chamado Tavis, ou ao menos pensava que Tavis era o primo. Um dos poucos comentários que Fergus fez durante a viagem a Donnachaidh foi que não deveriam ter deixado para trás o primo Tavis com o resto do grupo porque o homem era propenso a enganchar-se com a primeira mulher que cruzasse em seu caminho. Ele provavelmente se esqueceria de voltar para o castelo Donnachaidh. Cullen grunhiu e havia dito que os outros homens manteriam Tavis sob controle.

—Poderá comer massas ao meio dia com todos os outros — Biddy disse sem nenhuma compaixão. — Agora volte para os estábulos, antes que alguém o confunda com um dos frangos.

Deu ênfase ao comentário dando um golpe com a faca cortando uma coxa de frango.

Sacudindo sua cabeça, o homem desolado foi para a porta, desacelerando seu passo para oferecer a Evelinde um sorriso amplo e desdentado.

—Há! — Biddy gritou, e olhou para cima para lançar um olhar severo ao homem, ao qual foi substituído por uma de surpresa quando viu Evelinde perto da porta. —Moça! — Colocando a faca na mesa, a mulher limpou as mãos no avental e correu para seu lado. — Levantou. Cullen pensou que dormiria até a tarde.

Evelinde tentou não ruborizar-se.

—Não. Dormi durante a maior parte da viagem até aqui.

—Oh. Pois bem, você gostaria de tomar o café da manhã?

—Se não for problema — Evelinde disse.

—Não é nenhum — Biddy lhe assegurou. —Só vá sentar-se à mesa, e mandarei uma criada com hidromel e doces. Ou prefere um pouco de queijo e pão?

—Os doces parecem deliciosos, mas não há necessidade de enviá-los ao salão. Comerei aqui. Tenho algumas perguntas para lhe fazer se não se incomodar — ela explicou.

—É obvio que deve ter perguntas. Venha aqui então. — Biddy a levou de volta para onde ela esteve trabalhando. O olhar da senhora se dirigiu para uma jovem criada loira picando verduras. — Mary! Traz esse banco aqui.

A moça deixou de picar para pegar o banco e apressar-se com ele enquanto Biddy gritava com outro criado que servisse massas e hidromel.

—Aí está — Biddy disse assim que Evelinde se sentou. — Pode perguntar o que quiser saber. Eu continuarei trabalhando se não te incomoda.

— Não me incomoda — Evelinde lhe assegurou, então vacilou sobre como expressar o que queria saber. Finalmente, ela simplesmente balbuciou — Quem é você?

Biddy fez uma pausa e a olhou com olhos espantados, e disse:

— Eu me apresentei moça. Sou Elizabeth Duncan, se esqueceu? Ou os golpes afetaram sua cabeça?

—Não, não, estou bem — Evelinde lhe assegurou rapidamente. — Não me esqueci de seu nome, é simplesmente que Scatchy te chamou minha senhora, e não me dei conta... Digo, quando me ajudou com o banho pensei que fosse apenas uma criada, e em seguida venho e vejo que está encarregada da cozinha, mas Scatchy a chamou minha senhora. Além do que meu marido não mencionou nenhuma mulher. Tampouco mencionou os parentes masculinos. Na verdade, ele me falou muito pouco exceto para me dar ordens — ela comentou irritadamente. — Então, notou que Biddy olhava-a silenciosamente e com os olhos arregalados, então Evelinde disse como se desculpando — Nada disso me diz respeito, mas receio não saber quem é.

Muito para seu assombro, Biddy, ou Lady Biddy, pareceu esforçar-se para não rir. Evelinde não conseguia pensar o que podia ser tão divertido. Ela mesma se envergonhava terrivelmente por sua falta de conhecimento embora estivesse um pouco zangada com seu marido por deixá-la nesse estado de ignorância.

—Coma os doces — Biddy disse finalmente, conseguindo manter-se séria. — Irei explicar tudo enquanto come.

Soltando um suspiro, Evelinde pegou a taça com hidromel e bebeu um gole enquanto a mulher começava a falar.

—Sou a tia de Cullen — Biddy anunciou, enquanto pegava a faca novamente. — Tavis é meu filho, e Darach foi meu marido.

Os olhos de Evelinde se abriram assombrados enquanto reconhecia o nome do tio que todos diziam que Cullen tinha matado. Mordeu o lábio e observou silenciosamente como a mulher cortava em pedaços um frango.

— Então, por que está trabalhando na cozinha?

Biddy sorriu abertamente.

— Faz soar como alguma espécie de castigo.

—Pois bem — Evelinde olhou a seu redor, sem querer insultar as mulheres dali ao dizer o que pensava, mas sua expressão deve ter falado por ela, porque Biddy riu.

—Eu gosto de cozinhar — lhe assegurou divertida. — Sempre gostei. Estava acostumada a vir frequentemente à cozinha, chateando nosso cozinheiro MacFarlane quando era menina. É óbvio, minha mãe deplorava esse costume e tentou me tirar daqui e o conseguiu até que tive minha própria casa. Então retornei para incomodar o cozinheiro daqui. Ele me ensinou algumas coisas para que o deixasse em paz... E porque não tinha outra opção, pois eu era a senhora — ela comentou. — E através dos anos vim cada vez mais à cozinha.

—E seu marido não se incomodava? — Evelinde perguntou curiosamente. Seu pai ficaria horrorizado de saber que sua mãe estava trabalhando na cozinha.

—Meu marido não se importava com o que eu fazia desde que fosse feliz e não estivesse chateando a ele — ela disse com uma careta.

—Oh — Evelinde murmurou.

—E o resultado é que minhas massas e alguns dos meus outros pratos são bons, ao menos nenhum dos homens protestou ainda — Biddy disse com um sorriso aberto, logo adicionou mais seriamente. — Não fico na cozinha todo o tempo, simplesmente dou uma mão em certas ocasiões, ou em substituição à cozinheira quando ela precisa viajar. Agora mesmo está ausente por um par de dias, visitando sua filha.

—Oh — Evelinde disse outra vez, então clareou a garganta, e acrescentou. —Bem, então muito obrigado por me ajudar com o banho.

Biddy riu gostosamente

—O que mais podia fazer? Tinha dispensado os serviçais. Além disso, isso me deu uma oportunidade para lhe conhecer um pouco melhor. Agora... — Ela agitou a faca assinalando, e ordenou — coma. Seu corpo precisa alimentar-se e curar-se, e as massas é minha especialidade.

Evelinde conseguiu sorrir e pegou um doce. Suspirou com o sabor que sentiu em sua boca com o primeiro pedaço, o doce parecia derreter em sua boca.

— Oh, está delicioso, minha senhora,

Biddy se ruborizou ante o elogio.

—É minha especialidade. Todos em Donnachaidh as amam. Especialmente Fergus. Por isso vem aqui ao menos dez vezes ao dia tentando roubar as massas. Acabam-se rapidamente, mas mantereí alguns doces separados para você cada vez que fizer as massas.

—Sim, por favor — Evelinde murmurou, então pegou outro bocado. Sempre tinha pensado que a cozinheira em d'Aumesbery era boa, mas ela nunca tinha preparado nada como essas massas.

—Quer mais? — Biddy perguntou, quando Evelinde terminou o primeiro.

—Sim, mas irei pegar — Evelinde disse rapidamente. De pé, ela foi para onde estava a bandeja de massas, tomou uma e retornou ao banco. Antes de comer um pedaço, perguntou,

— É a senhora quem dirige o castelo, então?

—Biddy — ela insistiu, seus olhos azuis brilharam. — Ou Tia Biddy, se quiser.

—Obrigado... Tia Biddy — Evelinde disse timidamente, e lhe pareceu um gesto de muito boa aceitação.

Biddy assentiu com a cabeça satisfeita, e disse:

—Sim. Fui à senhora daqui quando meu marido era o lorde. Quando ele morreu, e Liam, o pai de Cullen... — ela fez uma pausa antes de continuar — a esposa de Liam tinha morrido já fazia muito tempo e ele não voltou a se casar, então permaneci como senhora do castelo. Então continuei quando ele morreu, e Cullen se converteu em lorde. Foi assim até que ele se casou, e então a pequena Maggie virou a ama daqui.

—Incomodou-a muito ser substituída? — Evelinde perguntou, preocupada porque agora ela estava a ponto de substituir essa mulher.

Biddy se mostrou assombrada com a pergunta, logo riu, sacudindo a cabeça.

—Para falar a verdade, desfrutei de estar livre das responsabilidades durante esses dois anos. Pude passar mais tempo na cozinha. Embora... — ela admitiu com uma careta de desgosto — A pequena Maggie odiava que eu fizesse isso. Pensava que era uma tarefa muito inferior para mim. — Biddy fez uma careta, e disse solenemente — Mas me acredite, moça, nenhuma tarefa é inferior se a desfrutar. Tenho prazer em fazer uma boa comida, e que todos fiquem satisfeitos — lhe assegurou. — É muito mais satisfatório do que dar ordens aos criados ou tratar com os comerciantes.

Evelinde assentiu com a cabeça. Olhou para baixo, observando o vestido enorme que tinha posto, então voltou para Biddy, que jogava partes do frango numa panela.

— Maggie era miúda?

Biddy riu com a pergunta.

—Não. A mulher era enorme; Alta, redonda, e com muito busto. Mas ela era menor que a mãe dela, por uns poucos centímetros, por isso era “a pequena Maggie”.

—Oh. — Evelinde murmurou.

—Estou certa que sua mãe a treinou muito bem para ser a senhora do castelo, mas se precisar de ajuda, ou se tiver alguma dúvida, só tem que perguntar. Me mantereí longe da cozinha se sua família vier lhe visitar, assim não terá de que se envergonhar.

—Obrigado —Evelinde murmurou — Mas isso não será necessário. Meus pais estão mortos. Minha mãe morreu faz alguns anos e meu pai dois anos atrás. Tenho só um irmão e minha madrasta.

—Oh, sinto muito, moça — ela disse sinceramente. — Não há nada mais duro que perder um ser querido.

—Sim. — Evelinde franziu o cenho quando viu infortúnio no rosto da mulher, suspeitando que ela pensasse em seu marido. Procurou em sua mente algo para falar para modificar o assunto, enquanto mordida a massa — Além disso, não vejo nada de mal em que trabalhe aqui se quiser. Especialmente se você for fazer massas como essas.

Biddy sorriu, a aflição se apagou.

—Assim será, moça.

Evelinde observou às mulheres trabalhando na cozinha, então perguntou:

—Por que não há nenhum homem na cozinha? Em d'Aumesbery temos homens para ajudar com o trabalho pesado.

—Fergus nos dá uma mão se estiver na cozinha — Betty disse, então acrescentou — E ele está muito frequentemente na cozinha. O homem é magro como uma vara, mas sempre está comendo algo.

As sobrancelhas de Evelinde se arquearam ligeiramente no humor irônico na cara da mulher.

—Seria uma bênção ter um par de homens aqui permanentemente — Biddy continuou. — Infelizmente, são mantidos ocupados protegendo os muros e treinando para batalhar. E as mulheres têm que providenciar todo o resto.

—Há tão poucos homens? — Ela perguntou surpreendida.

—Não. Pois bem... — Biddy fez uma pausa, e a seguir disse — há menos homens que mulheres aqui em Donnachaidh, isso é certo. Muitos bons homens se perderam em batalhas, mas não estamos tão mal como estávamos acostumados a estar. Liam trabalhou duramente para fazer alianças depois da morte de Darach, e Cullen continuou com esses esforços. Apesar de que temos batalha de vez em quando. E então muitas das filhas do clã que casaram com homens de outros clãs voltaram para Donnachaidh com eles, que aumentou o número de varões. Provavelmente em algum tempo haverá igual quantidade de homens e mulheres outra vez.

Evelinde assentiu com a cabeça lentamente antes de perguntar:

—Se os homens agora são requisitados poucas vezes para as batalhas, então por que alguns deles não as ajudam na cozinha? Entendo que ainda devem treinar, mas certamente um ou dois não faria diferença, e seria mais fácil ter homens aqui dentro para fazer tarefas pesadas e coisas assim.

Biddy fez uma pausa em sua tarefa para olhá-la surpreendida, e finalmente disse:

—Bem, sim, mas é desse modo que sempre foram às coisas.

Evelinde mudou de assunto, mas o guardou em sua mente como algo para conversar com Cullen. É o modo em que sempre foram as coisas, uma razão para continuar embora houvesse uma melhor forma de fazer as coisas. Não entendia por que um par de homens não podia dar uma mão com o trabalho pesado da cozinha.

—Então, os homens estão todos ocupados protegendo os muros ou praticando no pátio externo do castelo? — Ela perguntou, colocando a taça vazia no aparador.

Biddy bufou diante da sugestão.

—Não, estão todos ocupados celebrando seu casamento.

Evelinde levantou as sobrancelhas surpresa, e perguntou:

—Celebrando nossas bodas?

—Sim. — Biddy sorriu abertamente ante seu desconcerto. — Estão bebendo cerveja e provocando Angus. Que é um touro velho — ela explicou antes que Evelinde pudesse perguntar. — um tipo de touro velho com um caráter facilmente irritável. Cada vez que celebram, os homens levam um par de barris de cerveja a e se divertem provocando o pobre animal.

—Essa é a ideia deles de celebrar? — Ela perguntou com assombro.

Biddy riu, e disse:

—São homens — como se isso explicasse tudo.

Evelinde sacudiu a cabeça, e perguntou:

—E o que fazem as mulheres para celebrar?

Biddy fez uma pausa outra vez, com a surpresa estampada outra vez em seu rosto.

—Não temos tempo para celebrações, moça. Temos muito trabalho que fazer aqui para perder tempo.

Evelinde franziu o cenho.

—Então os homens só praticam com suas espadas ou celebram enquanto as mulheres fazem todo o trabalho?

—Sim. — Biddy assentiu com a cabeça e voltou a dar uns golpes no frango. — É o modo que sempre foi.

—Já entendi — Evelinde murmurou — Meu marido está lá celebrando também?

—Sem dúvida — Biddy disse. —Cullen levava um dos barris de cerveja quando saiu.

—Creio que irei falar com ele, mas quando retornar provavelmente a chatearei com mais perguntas, está bem? Fui à senhora do castelo em d'Aumesbery desde a morte de minha mãe, mas cada castelo é diferente, e eu...

—Sua madrasta não se tornou a senhora do castelo quando se casou com seu pai? — Biddy a interrompeu surpresa.

Evelinde enrugou o nariz.

—Edda prefere ser uma dama do ócio.

—Ah. — Biddy assentiu com a cabeça entendendo. — Bem, dou-lhe as boas-vindas a Donnachaidh, moça. Não temos damas de ócio aqui, mas nos alegra lhe ter aqui. Ficarei feliz em lhe ajudar a se adaptar a esse lugar. Venha a mim com as perguntas quando estiver preparada.

—Obrigado. — Evelinde apertou o ombro da mulher num gesto carinhoso enquanto ficava de pé, logo deixou a cozinha.

* * * * *

Seu olhar percorreu o grande salão enquanto o cruzava. Por ser uma fortaleza mantida em sua maior parte por mulheres, era muito simples, com comodidades que só garantiam algumas necessidades. Não se via nenhum conforto e requinte. E esse era o grande salão. Embora houvesse palha fresca no piso, não havia nenhuma tapeçaria nas paredes e questionou-se, se a primeira esposa de Cullen realmente preferia assim, ou se tinha sido mais acolhedor enquanto ela tinha vivido para então tirarem toda a decoração.

A imagem das paredes áridas lhe recordou duas tapeçarias que tinha deixado para trás. Seu pai as tinha comprado para sua mãe durante seu casamento. O primeiro mostrava Adão e Eva

no paraíso terrestre, e o segundo representava um unicórnio e uma dama. Ambos estiveram penduradas no grande salão em d'Aumesbery até a chegada de Edda. Ao dar-se conta de que tinham sido presentes para a esposa anterior, a mulher tinha insistido para que fossem tiradas. Ela tinha se desfeito de tudo que tinha a ver com a primeira senhora d'Aumesbery.

O pai de Evelinde não tinha discutido. Simplesmente tinha ordenado que as tapeçarias fossem retiradas e guardadas, dizendo a Evelinde que ela poderia levá-las quando casasse e se mudasse para sua nova casa.

Era uma lástima que não conseguira trazê-las, Evelinde pensou tristemente. Ficariam preciosas na parede daqui e teriam alegrado o lugar. Também ficaram os almofadões que ela e sua mãe tinham costurado a noite. Eles fariam com que as cadeiras localizadas perto da lareira ficassem mais acolhedoras. E também...

Evelinde cortou esses pensamentos, sabendo que era inútil lamentar-se por coisas que não podia ter.

Sempre se podia fazer algo melhor, Evelinde murmurou enquanto saía pelas portas da fortaleza e se dirigia para os degraus da entrada que levavam para o pátio externo do castelo. É obvio que não poderia bordar uma tapeçaria ela mesma. Não tinha nem a habilidade nem o tempo necessário para semelhante empresa, e muito menos um tear no qual realizar a tarefa. Os tecedores de tapeçarias sempre eram homens, e podia levar até dois meses para que dois homens tecessem simplesmente um metro quadrado de uma tapeçaria.

Evelinde franziu o cenho, levantou as volumosas saias e desceu os degraus, deixando essas preocupações de lado para que não se somassem com os outros pequenos incômodos que tinha que conversar com seu marido. Essa lista de probleminhas parecia aumentar em sua mente. E isso tudo em só três dias de casados.

Evelinde se deteve olhando atentamente o pátio do castelo enquanto descia os degraus. Estava tão vazio como o salão tinha estado, com simplesmente algumas mulheres caminhando

em diferentes direções com alguma tarefa ou outra. Sabia exatamente onde encontrar os homens. No curral.

Lembrava-se da direção na qual Fergus tinha levado os cavalos na noite anterior e supôs que o curral devia estar junto aos estábulos. O encontraria facilmente. Tudo o que precisa fazer era tentar escutar as vozes masculinas. Em sua experiência os homens ficavam barulhentos e revoltosos ao celebrar, e não tinha dúvida de que os ouviria muito antes que os visse.

Evelinde se encontrou inspecionando os estábulos enquanto caminhava. Pela rápida imagem que conseguiu ver, parecia tão bem cuidado como o estábulo de Mac em d'Aumesbery.

Laady seria bem atendida aqui, Evelinde pensou, logo rapidamente afastou esse pensamento. Não pretendia aproximar-se de seu marido zangada, pois isso poucas vezes conseguia algo, exceto causar uma discussão. Sempre era melhor abordar um tema serenamente e enquanto ambas as partes estavam de bom humor.

Em sua mente, seu marido deveria estar de bom humor nesse momento. Certamente ela mesma havia se sentido bastante alegre depois de consumir o matrimônio, ao menos até que os pequenos problemas tinham começado a surgir... Como a falta de seus pertences.

Cullen, é obvio, não se interessaria em falar desse assunto, pois estava celebrando, mas parecia o momento perfeito para lhe perguntar o que desejava que ela fizesse como sua esposa. Ao menos foi isso o que Evelinde refletiu. Embora, para falar a verdade, essa conversa poderia esperar até a noite depois do jantar. Mas Evelinde se encontrava ansiosa por ver seu novo marido, e também estava segura que ele ficaria encantado de vê-la. Sem dúvida lhe sorriria, e lhe abriria os braços, lhe dando as boas-vindas, logo a beijaria e...

Evelinde deteve seu sonho quando ouviu uma gargalhada. Como esperava, tinha ouvido os homens antes de vê-los. Detendo-se para olhar ao seu redor, deu-se conta que tinha

alcançado uma série de cavalariaças que se estendiam até o muro. O primeiro compartimento estava vazio, e foi a outro e depois a outro. Os homens estavam reunidos na seguinte cavalariaça, observando alguma atividade que se desenvolvia dentro.

Seu olhar passou por cima de uma massa de corpos, para procurar por seu marido, quando outro estouro de risadas se ouviu. Sentindo-se curiosa, Evelinde voltou sua atenção ao curral. Seus olhos se arregalaram com espanto quando ela se deu conta de que os homens tinham provocado 'Angus, o pobre velho'. Para diversão deles tinham feito Angus montar em um cavalo enfurecido. Realmente, o cavalo parecia enlouquecido. Estava corcoveando, retorcendo-se, e dando saltos, fazendo tudo que podia para derrubar o homem de seu lombo.

Evelinde decidiu que o homem no lombo da besta devia estar tão louco como o cavalo justo quando o cavalo se virou, e ela notou que o louco era seu marido.

Por um momento, Evelinde simplesmente ficou parada tentando agarrar-se num poste próximo, abrindo a boca com espanto. As imagens começaram a dançar em sua cabeça: seu marido voando fora da besta e sendo pisoteado até morrer. A ideia de ficar viúva em tão pouco tempo depois de descobrir as alegrias da vida matrimonial quase a fez desmaiar. E então seu marido efetivamente voou pelo ar, jogado do lombo da besta caindo sobre uma pilha de lixo.

Um chiado de horror escapou de seus lábios, Evelinde imediatamente começou andar. Estava decidida a chegar a seu marido tão rapidamente quanto pudesse. Mas a saia tinha outras ideias, e se enganchou na madeira. Evelinde puxou impacientemente o tecido e ouviu um rasgão, então ficou livre, caindo de barriga no chão.

Grunhindo pelo impacto, Evelinde ficou de pé, agarrou a saia enquanto corria através do curral

A pesar do ruído que faziam, vários dos homens aparentemente a ouviram gritar o nome de seu marido e começou a observá-la atravessar rapidamente o curral. O horror em suas caras

oprimiu o coração acelerado dela. Evelinde não tinha visto seu marido aterrissar, mas obviamente algo não tinha saído bem, ela se acautelou, quando os homens começaram a lhe gritar.

Esperando que ele não estivesse muito ferido, Evelinde começou a recordar tudo o que Mildrede tinha lhe ensinado a respeito de curas enquanto corria. Cullen provavelmente teria um osso quebrado, dois... Ou mais. Os ossos precisavam soldar-se. Mas a cabeça foi sua primeira preocupação, e Evelinde fez uma prece silenciosa que ele tivesse protegido a cabeça quando caiu. Ele ainda estava se recuperando de sua última queda de cavalo. Em que estava pensando, ao montar sobre essa besta louca? Iria perguntar-lhe isso, Evelinde pensou, logo que considerasse que estava suficientemente saudável para lhe responder.

Os gritos dos homens tinham aumentado e estavam quase frenéticos. Eles faziam gestos e mais gestos com as mãos. Evelinde rogou para que não dissesse que Cullen não teria salvação.

Não pode ser ela se disse. Deus não pode ser tão cruel.

—Evelinde!

Alarmada ao reconhecer a voz de Cullen, ela deixou de lado suas preocupações e se viu mais próxima das pessoas do outro lado do alambrado. Seu coração se sobressaltou com alívio quando viu Cullen abrindo espaço com empurrões através dos homens amontoados contra a cerca.

—Maldição, mulher, se mova! — Cullen gritou, começando a subir a cerca para chegar a ela.

Evelinde notou a fúria em seu rosto e repentinamente não estava de todo segura se desejava vê-lo são e salvo enfim. Não tinha ideia do que tinha feito para causar semelhante fúria, mas estava definitivamente segura de que não queria vê-lo até que ele tivesse a possibilidade de acalmar-se.

Foi então que girou a cabeça para o caminho por onde tinha vindo então viu o touro. Se seu coração quase havia parado quando viu Cullen ser lançado do cavalo, isso não era nada em comparação com a resposta de seu corpo quando viu o touro Angus correndo na direção dela.

Evelinde nunca tinha sido uma pessoa atlética. Não se esperava isso de uma dama. Gostava de montar e nadar no rio, mas essas eram todas suas atividades físicas. Mas ser perseguida por um touro bufando era um motivador maravilhoso para desenvolver novas habilidades físicas. Evelinde ergueu as saias e se lançou em uma corrida para seu marido. Corria tão rapidamente que seus pés mal pareciam tocar o chão. De fato, não ficaria surpresa se alguém lhe dissesse que estava voando como um anjo. Evelinde se moveu tão rapidamente que alcançou a cerca antes que Cullen tivesse acabado de subi-la.

O modo em que Evelinde subiu o cercado foi um capítulo completamente à parte. Não podia subir e manter erguida a saia ao mesmo tempo. Evelinde pôde ouvir o som das patadas avançando atrás dela e na verdade pôde sentir o fôlego quente dos bufados ferozes de Angus em suas costas. Nunca subiria na cerca antes que ele estivesse sobre ela. Iria ser chifrada, e ele então a lançaria no ar e a esmagaria onde ela aterrissasse, Evelinde pensou consternada ao mesmo tempo em que sua mão se aproximava da madeira de... E então apareceu Cullen na parte superior da cerca, pegou-a pelo tecido do vestido, e a levantou no ar.

Capítulo VII

—Que diabo estava fazendo, mulher estúpida! — Cullen rugiu. Não era a primeira vez que tinha gritado essa pergunta. De fato, pareceu ser a única coisa que podia dizer enquanto

observava sua trêmula esposa, sem nem sequer lhe dar a oportunidade de responder antes de lhe gritar outra pergunta e novamente.

Cullen não podia conter-se. Quando tinha visto sua esposa atravessando rapidamente o curral de Angus, seu coração subiu pela garganta, fazendo-o respirar fortemente e com dificuldade por um terror que nunca antes havia sentido. Seu terror só tinha aumentado quando tinha descoberto que Angus também tinha visto a estúpida mulher e vinha correndo em direção a ela.

Pior ainda, a estúpida mulher deixara de se mover quando viu seu marido, um olhar aliviado tinha cruzado em seu rosto. Por que diabos que se sentira aliviada de vê-lo ali?

Na verdade, Cullen tinha ficado muito impressionado com a velocidade da corrida de Evelinde, mas isso não diminuía sua irritação. Deus Santo estava certo de que tinha envelhecido dez anos com o susto... E ele não se assustava facilmente. De fato, Cullen honestamente podia dizer que nunca havia experimentado tanto terror e medo em todos os anos de sua vida... e não queria senti-lo nunca mais.

—Eu...

—Que diabo estava fazendo? — Cullen a interrompeu para perguntar novamente. O touro esteve a ponto de chifrá-la quando ele a tinha levantado no ar. E essa não era a primeira vez que Evelinde se colocava em perigo com um comportamento insensato, Cullen recordou. Havia aquele passeio no prado com as rédeas de sua égua conduzidas pelos dentes. A mulher parecia dada aos comportamentos perigosos.

—Vinha lhe falar — Evelinde murmurou rapidamente, antes que ele pudesse repetir essas palavras novamente.

—Comigo? — ele perguntou incredulamente.

—Sim. Mal tinha chegado quando o vi sendo arremessado desse cavalo enlouquecido. Tive medo de que tivesse se machucado e pensava que carecia de atendimento. Em vez de perder

tempo dando volta ao curral, pulei a cerca para correr através do curral. Pensei que estava vazio — lhe explicou.

—Vazio — Cullen repetiu com incredulidade. — É cega além de estúpida? Como pôde não vê-lo?

Evelinde não tinha uma resposta para isso. Foi Fergus quem deu um passo ao lado de Cullen e colocou uma mão tranquilizadora sobre seu braço enquanto timidamente lhe dizia ouvido:

—O curral tem forma de L, meu lorde. O touro estava na outra ponta, onde ela não podia vê-lo.

Cullen sentiu seus ombros afrouxar ante esse comentário. Na verdade, muita de sua irritação tinha diminuído ao descobrir que o comportamento estúpido de sua esposa tinha se originado em sua preocupação por ele. O comentário de Fergus simplesmente tinha apagado o resto de ira. Sentia-se muito contente de saber que sua mulher não era idiota. Inclusive se sentiu um pouco feliz de saber que ela ficou preocupada com ele. Contudo, Cullen não sabia dizer por que isso era tão importante... Exceto possivelmente... Porque realmente gostava, e porque ele ficou preocupado ao vê-la no curral com Angus. Na verdade, tinha sentido pânico.

Cullen ouviu som de pigarros, viu o olhar de Fergus e dos outros homens que estavam ao redor deles, todos olhando estupidamente para sua esposa. Cullen olhou severamente a todos eles e tomou Evelinde pelo braço para tirá-la do curral.

—Sinto muito, marido. Na verdade não vi o touro — Evelinde disse timidamente, enquanto partiam pelo caminho para o castelo.

Suspirando, Cullen a observou enquanto passavam pelos estábulos, realmente vendo-a pela primeira vez agora que o medo e a irritação tinham desaparecido. O cabelo da mulher era uma massa de nós, e o vestido que tinha posto era tão grande que o decote ficava escancarado.

—Que diabo é isso que está usando? — perguntou.

—Eu... — Evelinde olhou sua roupa e ficou sobressaltada ao ver que o broche se soltou, exibindo boa parte de seus seios.

Cullen franziu o cenho. O vestido lhe parecia familiar, mas não era dela, disso estava seguro.

—Meu lorde!

Cullen fez uma pausa e olhou o muro de onde vinha o grito para ver que um dos homens lhe fazia gestos com as mãos.

—O que aconteceu?

—Um grupo de cavaleiros se aproxima — o homem gritou em resposta.

Cullen franziu o cenho, então olhou Evelinde.

—Vá a nosso quarto e vista algo que lhe fique bem — pediu lhe dando um empurrãozinho em direção à fortaleza. — Tenho que ir ver quem chegou.

* * * * *

Evelinde foi em direção da fortaleza, mas não caminhava muito depressa. Era difícil caminhar rapidamente enquanto sustentava o vestido. Ia procurando o broche que tinha tomado emprestado sem permissão de Cullen. Obviamente se soltou e Evelinde esperava que ele tivesse ficado enganchado entre as dobras do vestido. Infelizmente, após uma busca exaustiva comprovou que o broche não estava ali.

Fazendo uma pausa, Evelinde mordeu o lábio e olhou para o curral. A maior parte dos homens já se dispersou; só uns poucos ainda estavam na área. Mordendo seu lábio, Evelinde observou na direção que seu marido partiu indo para as escadas do muro. Sem dúvida se dirigia ao portão de entrada, ela pensou e olhou para o curral novamente.

Evelinde realmente não desejava aproximar-se do touro outra vez, mas tampouco queria ter que dizer a seu marido que perdera seu broche. O que aconteceria se o broche tivesse

algum valor sentimental? Poderia ter sido de seu pai, ou de sua mãe. E mesmo que não fosse uma lembrança de família, esse broche era caro. Com toda certeza tinha rubis e esmeraldas.

Suspirando, Evelinde retomou o caminho de volta ao curral. Avançou lentamente, seus olhos esquadrinhando o chão em busca do broche enquanto caminhava: Mas não o encontrou. E quando ela alcançou a cerca, os últimos homens já não estavam. Parecia que a celebração tinha terminado.

Evelinde fez uma pausa no alambrado e olhou dentro do curral, procurando o touro. O animal não estava em nenhuma parte, mas foi isso o que ela tinha pensado da última vez, pois não se dera conta de que o curral em vez de ser um retângulo, tinha o formato em L, e que não podia abrangê-lo completamente com sua visão. Sem dúvida a besta louca estava no setor que não podia ser visto. Evelinde decidiu que era melhor não tentar revistar o curral nesse momento.

Apertando os lábios, batia os dedos na madeira do alambrado com frustração, depressa se lembrou da luta que teve com a saia para subir na mureta. Possivelmente o broche se abriu nesse momento e tinha caído em algum lugar por ali. Evelinde começou a revistar o chão fora da cerca. Quando isso não trouxe resultados, ajoelhou-se e começou a engatinhar na área, colocando suas mãos sobre o pasto. Na verdade não queria ter que explicar que tinha perdido o broche.

Quando não encontrou nada, Evelinde olhou atentamente o curral. O broche poderia ter se soltado quando subiu a cerca e tinha caído dentro do curral.

—Esposa!

Evelinde fechou os olhos ante aquele som áspero, mas não ouviu outra palavra. Cullen soava zangado... Novamente. Não desejando perder o ponto onde estava procurando, ela ficou sobre suas mãos e seus joelhos para observá-lo, seus olhos se abriram terrivelmente quando viu que ele não estava sozinho. Havia dois homens e uma mulher com ele. E todos

eles, Cullen incluído, observavam-na com um horror que ela não compreendeu. Afinal, pensou que não era tão chocante assim encontrá-la engatinhando no chão ou era?

—Esposa, você... — Aparentemente sem palavras, Cullen assinalou seus seios, logo se adiantou para ela.

Evelinde olhou o decote de seu vestido, um rubor de vergonha ardeu em seu rosto ao dar-se conta que o decote exibia completamente seus seios. Ofegando, Evelinde se sentou abruptamente e ofegou outra vez quando Cullen a tomou pelo braço e a puxou bruscamente para pô-la de pé.

Antes mesmo que Evelinde pudesse recolher o tecido e fazer com que o vestido ficasse mais apresentável, Cullen já o tinha feito.

—O que está fazendo? Disse-te que fosse trocar-se.

—Sim, mas perdi... — Evelinde fez uma pausa abruptamente quando percebeu que estava a ponto de lhe dizer que tinha perdido o broche.

—Quando digo que faça algo, deve fazê-lo moça. — As palavras foram duras e inflexíveis.

—Eu...

—Obedecer foi um dos votos que fez — lhe recordou com desgosto.

Evelinde piscou ante essas palavras, e logo disse agudamente:

—Segundo lembro não pronunciei nenhum voto, marido. Somente sacudi a cabeça como um peixe fora da água.

Cullen grunhiu e abriu a boca, sem dúvida para lhe dar outra ordem, mas foi interrompido pela voz de uma mulher, que disse:

—Oh Deus, isso sonha como um conto muito interessante, minha querida. Não posso esperar para ouvi-lo.

Evelinde dirigiu seus olhos muito abertos à mulher, notando que o trio se aproximou mais.

—É inglesa — Evelinde disse surpresa, seu olhar percorrendo a mulher alta e curvilínea com interesse.

—Cem por cento — a mulher concordou com um sorriso. — Embora tema que já peguei o acento escocês depois de todos esses anos.

—Não tem acento escocês — Evelinde disse. — E não tenho que me esforçar para lhe compreender como acontece com todos os demais daqui.

A mulher riu, mas Cullen e os outros dois homens a olharam franzindo o cenho como se ela os tivesse insultado. Parecia que não conseguia fazer nada certo esse dia, nem sequer falar, Evelinde deliberou com tristeza. Seus pensamentos foram interrompidos quando Cullen repentinamente a empurrou para frente com o punhado de tecido que ele segurava.

—Esposa, os Comyns. Comyns, minha esposa — Cullen anunciou enquanto os dirigia para o caminho novamente. Evelinde fez uma careta ante essa apresentação, mas logo sorriu tão graciosamente como pôde e conseguiu dizer:

—Bem vindos.

Lady Comyn, ao menos Evelinde pensou que ela deveria ser. Lady Comyn, riu discretamente e enlaçou seu braço no de Evelinde para conduzi-la à fortaleza.

—Me chame de Ellie, querida. Meu nome é Eleanor, mas só as pessoas de quem não gosto me chama assim.

—E sou Evelinde — ela murmurou, voltando impacientemente seu olhar para seu marido, que ainda estava segurando a parte de trás do vestido e tentava conduzi-la. Evelinde tentou escapar de seus braços e assumir o controle do vestido com sua mão livre, mas ele ignorou seus esforços e simplesmente a olhou severamente. Evelinde franziu o cenho e lhe beliscou a mão.

—Ouvimos que Cullen tinha encontrado uma noiva e não pudemos deixar de vir conhecê-la — lady Comyn disse, distraíndo-a.

Perdendo as esperanças de ver-se livre no momento, Evelinde se virou ante esse anúncio e ofereceu um sorriso.

—Me alegra que tenham vindo.

—Também eu — Ellie disse divertida.

Só então Evelinde notou o lamaçal em que estava pisando. Novamente tentou se livrar dos braços de seu marido, e dessa vez recorreu a cravar as unhas na mão em vez de beliscá-lo.

Uma risada sufocada então atraiu sua atenção em direção aos homens Comyn, um mais velho e provavelmente marido de Ellie, e um mais jovem, que era da mesma idade de Cullen, que Evelinde ponderou que poderia ser seu filho sorriam ante a troca de beliscões entre Cullen e sua esposa.

—Sim, soubemos que Cullen tinha encontrado uma noiva, mas ninguém nos disse que, além disso, tinha encontrado uma adversária a sua altura — o homem mais jovem disse, com diversão faiscando em seus olhos.

—Será interessante ver como o Diabo de Donnachaidh luta com a esposa que não o obedece automaticamente como todos os outros.

Cullen então largou o tecido do vestido para lançar um olhar duro ao homem, mas ele somente riu e bateu em seu ombro.

—Vamos, Cullen, se anime, ou contarei a todos que está preso às saias de sua esposa.

Os olhos de Evelinde se enfocaram no homem que provocava Cullen, mas logo foram para Lady Comyn, que ria alegremente.

—Não preste atenção, minha querida. Meu filho, Tralin, e seu marido são amigos há anos.

Evelinde lhe sorriu tranquilizadamente, mas lançou um olhar nervoso aos homens para ter certeza que eles não estavam brigando. Cullen estava caminhando entre os dois homens Comyn, escutando algo que o homem mais velho lhe dizia, e não se via nada incomodado.

Mas seu alívio só durou até que alcançassem os degraus da entrada da fortaleza. Evelinde se deteve ali e ergueu sua saia para evitar tropeçar, logo ofegou quando seu marido a levantou em seus braços.

—Tropeçará com esse vestido ridículo — ele disse, passando pelo lado de uma Lady Comyn agora rindo abertamente.

Evelinde rilhou os dentes e cruzou os braços sobre seu peito, perguntando-se onde e quando exatamente tinha perdido sua dignidade. A resposta era em algum lado entre a Inglaterra e a Escócia pelos acontecimentos humilhantes que antecederam suas bodas. A queda no rio, a queda de Cullen de seu cavalo, casar-se dopada, parece que só teve problemas desde o momento em que Edda lhe tinha anunciado que devia casar-se com o Diabo de Donnachaidh. Possivelmente a sorte se voltara contra ela.

Cullen tampouco tinha boa sorte, Evelinde pensou, enquanto seu marido a carregava através do salão para as escadas. Havia o episódio de seu pai, do tio e da primeira esposa, todos mortos, e cada morte atribuída a ele. Certamente isso não era boa sorte. Parecia óbvio que seu marido estava sob algum tipo de maldição.

Provavelmente precisasse investigar rituais de boa sorte para ajudar a conservá-la até o final desse matrimônio, Evelinde pensou.

—Troque-se. — A ordem foi dada com apenas uma palavra, quando Cullen fez uma pausa nas escadas que conduziam ao segundo andar da fortaleza e a pôs de pé no chão.

—Com o que, meu lorde? — Evelinde perguntou exasperadamente. — Não tenho nada para vestir exceto algumas roupas que estão em nosso quarto e todas são tão grandes como essa.

—O que? — Ele perguntou seu rosto ficando repentinamente branco.

—Ouviru-me — ela rebateu com algo de seu mau humor escapando apesar de tentar se refrear. Seu olhar foi para os Comyns, e Evelinde suspirou interiormente enquanto se dava conta que pararam nas mesas, e escutavam avidamente.

—É obvio que tem algo mais para vestir — Cullen insistiu. — Ponha um de seus próprios vestidos.

—Meus vestidos? — Evelinde perguntou, voltando-se bruscamente para ele. — Tirou-me tão rapidamente de d'Aumesbery, que eu não trouxe minha criada, nem minha égua, ou minha própria roupa, e tampouco uma escova para o cabelo. Isso foi o melhor que pude fazer — ela gritou.

Cullen grunhiu irritado e sacudiu a cabeça.

—Trouxe uma muda de roupa. Eu mesmo a empacotei enquanto pensavam que estávamos consumando o casamento.

Evelinde notou que os Comyns arqueavam suas sobrancelhas.

—E também pus uma escova — Cullen acrescentou, capturando a atenção errante de sua esposa.

—Onde o pôs? — Evelinde perguntou desconcertada.

—Em uma bolsa. Está no nosso quarto — ele disse.

Evelinde olhou seu marido, dando-se conta de que ele tinha falado mais palavras nos últimos minutos do que já havia dito desde quando se conheceram. Enquanto se sentia aliviada de ter essa informação agora, não pôde evitar sentir-se absolutamente furiosa, se ele simplesmente houvesse dito isso em qualquer ponto durante a viagem, ou antes, ao invés de deixá-la nesse dia, toda a humilhação que tinha passado essa tarde seria evitada. E agora

estaria usando um de seus vestidos, e não teria precisado pegar emprestado o broche que tinha perdido.

Evelinde abriu a boca para dizer algo, mas logo a fechou e virou. Já tinha sido completamente humilhada diante dos vizinhos e não queria piorar a situação. Mas ela e seu marido iriam ter um bate-papo muito sério mais tarde, Evelinde pensou, enquanto terminava de subir as escadas.

Bateu os pés ruidosamente até o cômodo, decididamente entrou como um furacão no quarto e procurou furiosamente pela bolsa da qual ele falara. A princípio, pensou que não havia nenhuma, mas então se lembrou dos sons que ouviu quando ele foi para o lado oposto da cama na noite que tinham chegado. Foi olhar o chão ao lado da cama. Nada.

Ela estava a ponto de sair do quarto e descer para gritar com seu marido quando ela viu uma sombra debaixo da cama.

Evelinde se ajoelhou para puxar o objeto que era uma bolsa. A única coisa em que pôde pensar era que ele acidentalmente a chutou para debaixo da cama.

Fechando os olhos, Evelinde conteve a respiração por um momento, logo a soltou lentamente.

—Paciência — ela murmurou, e abriu a bolsa enquanto ficava de pé. Colocando a bolsa na cama, Evelinde tirou a primeira coisa que tocou. Era um vestido verde escuro, um de seus favoritos. Seguiu-lhe um vestido vermelho; outro de seus favoritos. Uma camisa íntima, em seguida outra. Finalmente, sua mão tirou uma escova. Evelinde virou a bolsa, esvaziando o resto do conteúdo sobre a cama e suspirou quando vários artigos se amontoaram, incluindo um par de seus melhores cintos, meias, tiaras, luvas, e uma bolsa menor, que continha as joias de sua mãe.

Evelinde olhou os artigos e se sentou na cama enquanto lágrimas encheram seus olhos. Tinha pensado em tudo isso. Bem, não em tudo. Suas tapeçarias não estavam ali, mas a bolsa

continha tudo o que necessitaria para vestir por pelo menos por um par de dias. Era muito mais do que tinha esperado. A maioria dos homens não teria pensado em adicionar luvas e fivelas para o cabelo. Mas Cullen, tinha feito isso espontaneamente.

Sua irritação se apaziguou. Evelinde se obrigou a se acalmar, então começou a tirar o vestido. Trocou de roupa e escovou seu cabelo tão rapidamente quanto conseguiu, logo retornou para baixo. Tinham convidados. Seus primeiros convidados. Agora tinha que mudar a primeira má impressão que dera. Se é que isso era possível.

Capítulo VIII

O matrimônio era horrível.

Evelinde fez uma careta enquanto esse pensamento cruzava velozmente sua mente pela centésima vez desde que sentou para costurar um pequeno buraco em seu vestido verde escuro. Já passara três dias desde que os Comyns fizeram sua visita. Evelinde tinha usufruído muito da visita assim que se vestiu corretamente. Ellie, Lady Comyn, era uma mulher encantadora, divertida, e elegante como sua mãe tinha sido. A classe de mulher que Evelinde aspirava ser, mas que aparentemente estava falhando miseravelmente.

Suspirando, costurou outro ponto, com seus olhos procurando por seu marido, onde ele estava sentado na mesa conversando com Fergus. Aparentemente, Cullen podia falar, Evelinde pensou severamente enquanto observava sua boca mover-se entre o que dava a aparência de ser uma frase inteira em vez de seus típicos grunhidos.

Cullen raras vezes se incomodava em falar com ela. Evelinde tinha tentado repetidamente ter uma conversa com ele, sem êxito. Esperando incentivá-lo, tinha monologado longamente sobre sua infância, seus pais, seu irmão, sua égua, etc. Inclusive conseguiu introduzir um comentário sobre suas amadas tapeçarias e sua consternação por não tê-las trazido. Também tinha falado sobre Mildrede e Mac. Sentia muitas saudades e a exprimia em cada oportunidade, Cullen sempre respondia com um grunhido.

Tampouco dera uma resposta quando lhe perguntou quais eram os deveres que gostaria que ela assumisse em Donnachaidh. Quando se deparou com seu usual silêncio desalentador, ela pensou em cumprir a promessa feita a Biddy e perguntou se ele não poderia mandar alguns homens para ajudar às mulheres com as tarefas mais pesadas da cozinha. Tudo o que recebeu como resposta tinha sido um olhar que sugeria que era uma loucura essa ideia.

Se não fosse pelo fato de que Evelinde tinha visto os lábios de seu marido mover-se no que parecia ser conversa com outras pessoas, pensaria que ele era incapaz de formar frases inteiras. Mas vira, e agora suspeitava que na verdade ele simplesmente não se interessava em falar com ela. Evelinde começou a pensar que ele lamentava o casamento. Não era que ele fosse mesquinho ou cruel, mas tampouco voltou a tocá-la desde que tinham consumado o matrimônio. Parecia que o que ela tinha considerado como algo belo, prazeroso e excitante não tinha sido tão agradável para Cullen. Se não, por que não tinha repetido a experiência?

Essa questão ela se formulava repetidamente enquanto ficava deitada na escuridão ao lado dele de noite, escutando-o roncar: por que não havia tornado a tocá-la?

Evelinde estava triste. Sentia saudades de Mildrede e de Mac, sentia-se solitária e perdida em sua nova casa, nem recebia os beijos e carícias de seu marido para reconfortá-la. Em vez disso, andava abatida durante o dia e permanecia insone durante a noite, com um marido desinteressado, calado e sem uma amiga com quem falar.

Bem, tinha Biddy, Evelinde lembrou a si mesma. Mas a tia de Cullen sempre estava ocupada, trabalhando na cozinha, dirigindo os serviços, com todo tipo de tarefas. Evelinde

odiava incomodá-la enquanto ela estava tão ocupada substituindo temporariamente a cozinheira, então procurava evitar incomodá-la muito, fato que acabava fazendo-a sentir-se mais e mais solitária, a tal ponto que a noite anterior tinha desejado brevemente retornar a d'Aumesbery. Embora Edda pudesse fazer sua vida desagradável, ao menos ali tinha alguém com quem conversar, e nos momentos em que podia escapar da fortaleza, estava acostumada a encontrar paz e felicidade montando em Laady. Algo que ela temia que nunca mais lhe acontecesse em Donnachaidh.

A verdade era que o matrimônio não era tão maravilhoso como tinha pensado no dia seguinte a chegada no castelo. Evelinde suspirou enquanto dava os últimos pontos e notou que havia costurado torto. Fazendo uma careta, começou a desmanchar os pontos. Parecia que não conseguia fazer nada direito. Ao menos devia costurar com um pouco de êxito. Não conseguia fazer com que seu marido falasse, não costurava numa linha reta, e tampouco obteve informação que a ajudasse a resolver os assassinatos do tio de Cullen, de seu pai, e sua esposa.

Evelinde suspirou outra vez enquanto refletia sobre esse último tema. Nesses últimos dias tinha passado o tempo investigando o assunto das três mortes.

Fazia muitas perguntas. Evelinde tinha começado com a tia, tentando soar casual, mas Biddy tinha captado imediatamente o que ela estava tramando e lhe ordenou. — Deixa as coisas como estão. A última coisa que Cullen precisa é de outra esposa morta. — Evelinde indecisa perdera a esperança de interrogar a mulher e tinha interrogado aos outros. Ela tinha falado com vários criados, Scatchy, que era o chefe dos estábulos, Fergus, e alguns outros, mas nenhum deles se aproximou do assunto. Tudo o que tinha conseguido foi um baita sermão bem severo de Fergus lhe garantindo que seu marido não matou ninguém e que ela não deveria acreditar nesses rumores desatinados.

Cullen é um bom homem, havia dito, e ela deveria concentrar-se em ser uma boa esposa para ele. Sentindo-se injustamente desafiada, Evelinde tinha deixado o tema esmorecer imediatamente.

Até agora, não chegou a nenhuma parte em sua missão. Era outro fracasso, e tudo isso irritava Evelinde. Tudo começou ao se convencer que o que fazia, era porque queria praticar algo agradável para seu marido em troca da sua amabilidade ao ter empacotado roupas para ela. Mas suspeitava que a verdade fosse outra, que como sua primeira esposa, a pequena Maggie, esperava ganhar seu afeto, ou ao menos a atenção de seu marido ao limpar seu nome.

Não entendia por que isso lhe importava. Era uma aliança, e nos matrimônios poucas vezes incluíam o amor. Eram uniões de poder e fortunas. Através do casamento, Cullen embolsou um bom dote, e ela ganhou um lar pelo resto de seus dias. Sem essa união, ela teria se convertido em uma carga para seu irmão, vivendo em d'Aumesbery como Edda, ou terminaria sendo enviada para um convento religioso. O amor não fazia parte do casamento. Seus pais não se gostavam ao se casar, o afeto tinha chegado mais tarde, e tiveram a sorte de encontrá-lo. A maioria dos casais não chegava a se gostar.

—Minha senhora.

—Sim? — Evelinde olhou para cima para ver quem lhe dirigia a palavra e arquejou — Mildrede! — A criada sorria alegremente quando Evelinde soltou a costura e se lançou nos braços da criada. —Oh, Mildrede, senti tanta saudades!

—E eu, a você — a criada lhe afirmou com um sorriso amplo.

—O que está fazendo aqui? — Evelinde perguntou, separando-se dela para olhá-la.

As sobrancelhas de Mildrede se arquearam interrogativamente.

—Onde estaria se não aqui? Sou sua aia. Meu lugar é ao seu lado.

—Sim, mas... — Evelinde fez uma pausa, confusa. Iria procurar seu marido para achar uma explicação, porém seu olhar se fixou no homem parado a alguns metros atrás da criada, e seus olhos se abriram incredulamente. — Mac? — Evelinde se esquivou dos braços de Mildrede, e correu para o homem lhe dando um abraço. — Não posso acreditar que esteja aqui.

—Nem eu — ele admitiu ironicamente. — Nunca pensei que voltaria a ver minha amada Escócia, mas aqui estou enfim, e muito contente por isso — ele acrescentou. — Não pudemos deixar d'Aumesbery o mais rapidamente para meu gosto. Edda estava de muito mau humor e descarregava sua frustração e sua irritação em qualquer que aparecesse. — Quando Evelinde franziu o cenho ante essa notícia, ele rapidamente adicionou — Não tenha medo, nós cruzamos com um grupo na viagem e nos inteiramos de que Alexander retornou, ele se encarregará de Edda.

—Meu irmão retornou? — Evelinde perguntou com um suspiro de felicidade e alívio. Tinha começado a temer que ele estivesse ferido ou que foi morto na Tunísia. Mas Alex estava em casa. Era quase um presente tão grande como ter Mildrede e Mac ao seu lado. — Poderemos visitá-lo? Não vejo meu irmão há três anos.

—Não agora — Cullen, que tinha se aproximado, respondeu. — Mais tarde ainda esse ano, talvez. Mas pode convidá-lo para nos visitar enquanto isso.

Evelinde concordou com a cabeça, excitou-se com essa perspectiva, logo acenou a Mildrede e a Mac, e perguntou:

—Eles ficam aqui para sempre? — Cullen assentiu com a cabeça. —Mildrede pode ficar? — Ela perguntou, necessitando um esclarecimento.

—Ela é sua criada — ele disse simplesmente.

—E Mac?

—Não disse que era seu amigo? — Cullen se encolheu de ombros. — Ele é escocês, e Scatchy já está ficando velho, precisará que alguém tome o seu lugar e também coordene sua filha nas tarefas dos estábulos.

Evelinde se calou ante essas palavras. Sabia que Scatchy trabalhava nos estábulos, mas não sabia que a filha dele também trabalhava ali. Não que tivesse muita importância nesse momento. Interessava-lhe mais o que seu marido tinha feito por ela.

—Mandou buscá-los porque sabia que eu sentia saudades? — Ela perguntou, com lágrimas surgindo em seus olhos.

—Não.

Evelinde olhou ao seu redor procurando quem falou e viu um homem alto, muito atraente, movendo-se para eles. Reconheceu-o imediatamente como um dos homens que tinham chegado a d'Aumesbery com seu marido, mas que não tinha partido com eles. Mas não tinha ideia de quem era.

—Tavis — ele se apresentou, aparentemente lendo a confusão em seu rosto. — Sou primo de Cullen. E seu também, agora que se casou com ele.

—Oh — Evelinde conseguiu sorrir e assentiu com a cabeça. — Olá, primo Tavis.

O sorriso de Tavis se alargou, seus olhos brilharam, em seguida apontou aos homens ao seu lado e os apresentou:

—Gillie, Rory, e Jasper. — Evelinde saudou com a cabeça cada um dos homens, logo voltou sua atenção a Tavis quando ele explicou — Cullen ordenou que ficássemos com seus pertences, até que preparassem a carroça com suas coisas.

—Sim, minha senhora — Gillie disse.

Evelinde olhou aos homens, lentamente entendendo tudo.

Eles tinham ficado para trás para escoltar a carroça até Donnachaidh; Um veículo com seus pertences.

—Trouxemos todas as suas coisas, — Mildrede disse, chamando sua atenção novamente. — Edda tentou nos deter a princípio, mas Tavis e os homens lhe disseram que se mantivesse fora disso. Trouxemos as tapeçarias e...

A criada deixou de falar porque Evelinde já corria para as portas.

—Oh! — Evelinde ofegou quando viu o veículo carregado esperando na frente. Observou os objetos familiares na carroça com os olhos arregalados. Imediatamente olhou para trás quando as portas se abriram. Mildrede e Mac saíram primeiro, seguidos por Cullen e os quatro homens que tinham escoltado a carruagem. —Trouxeram as cadeiras de meu quarto — ela disse com assombro, descendo os degraus e correndo para a carruagem.

—Sim. Mildrede queria trazer sua cama também, mas não cabia — Tavis lhe informou divertido.

Era como ter um pouco de casa com ela. Cada objeto lhe trazia lembranças, momentos bons e maus. As boas lembranças eram do tempo de seus pais, os maus, de Edda. Evelinde decidiu que só recordaria do bom tempo e se esqueceria do mau. O passado, com Edda já não poderia machucá-la nem humilhá-la.

—Minhas tapeçarias — Evelinde murmurou, acariciando a extremidade de um dos cilindros, em seguida seu olhar seguiu procurando. — Os almofadões que mamãe e eu bordamos!

—E todas suas roupas, e os lençóis bordados que sua mãe tinha preparado para você — Mildrede disse com um sorriso aberto, logo ficou séria enquanto adicionava — E os retratos de seus pais.

Evelinde ofereceu a seu marido um sorriso.

— Obrigado — ela murmurou com gratidão sentida.

Cullen grunhiu.

Evelinde voltou rapidamente para a carruagem. Tanta preocupação e dor por nada...

—Por que você não me contou que isso estava para acontecer? — Evelinde perguntou com desconcerto. — Poderia ter me economizado os últimos dias tão sombrios, eu poderia ter usufruído antecipadamente essa felicidade.

Cullen encolheu os ombros.

—Você decidiu que eu não traria as suas coisas, então a deixei acreditar no que desejava acreditar.

—O que esperava? — Evelinde perguntou com incredulidade, a irritação crescendo nela. — Pensa que eu desejava usar o vestido de sua esposa e fazer o ridículo diante de nossos vizinhos? Acredita que desejava chorar de noite por pensar que tinha perdido às pessoas que amo? Acha que desejava pensar que tinha perdido todas as lembranças de minha família?

—Chorar? — ele perguntou, franzindo a testa ante essa palavra. — Quando chorou?

—Enquanto você dormia — Evelinde grunhiu, sentindo que um rubor coloria suas bochechas. Mas não foi a única a se sentir envergonhada. Os homens e Mac se olhavam constrangidos. Mildrede se encontrava mais alterada do que envergonhada.

—Humm — Mac resmungou repentinamente. — Bem, suponho que deveríamos começar a descarregar esta carruagem. — Agarrando Mildrede pelo braço, arrastando-a para a carruagem. Evelinde ouviu Mildrede dizer que a soltasse, mas Mac respondeu que era melhor não interpor-se entre Evelinde e Cullen. Então os homens rapidamente correram atrás do casal, fugindo do campo de batalha, Evelinde observou.

—Bem, não havia necessidade de chorar — Cullen disse franzindo o cenho, quando o último membro do grupo desapareceu na fortaleza. — Se tivesse confiado em mim para resolver seus

assuntos pessoais como é meu dever fazer, saberia que eu me ocuparia do seu bem-estar. — E acrescentou franzindo o cenho — Já tem laços com sua nova família. Sua família agora sou eu.

—Família? Você? — Ela perguntou com assombro. — Não, meu lorde. Você é um completo desconhecido para mim. E por que deveria confiar num estranho para ocupar-se de meu bem-estar quando minha madrastra, que não era uma desconhecida nunca o fez?

—Eu não sou um desconhecido — Cullen disse impacientemente. — Sou seu marido.

—Pode ser meu marido, meu lorde, mas um par de palavras ditas diante de um sacerdote não muda o fato que é um desconhecido — Evelinde disse com desgosto, logo comentou — Não sei nada a seu respeito. Enquanto eu lhe contei tudo sobre mim, você não compartilhou nada comigo. Conheço melhor Scatchy do que lhe conheço, e tudo o que sei sobre ele é que gosta das massas. Não faço ideia do que você gosta ou o desagrada, exceto possivelmente que de mim você não gosta.

Cullen paralisou surpreso, então se irritou.

—Que diabo a faz pensar que não gosto de você?

—Oh, não sei — ela retorquiu, enquanto Mac agora com as mãos vazias retornava da fortaleza sendo seguido pelos outros homens. — Possivelmente porque não me tocou e não me falou nada além dos grunhidos desde que consumamos nosso casamento.

Os homens que estavam nos degraus da entrada pararam bruscamente e começaram a voltar para a fortaleza sem que Cullen os tivesse visto. Evelinde viu como a boca de seu marido se abriu e se fechou duas vezes sem emitir uma palavra.

Finalmente, ele a olhou severamente e grunhiu:

—Estava sendo cavalheiresco.

—Cavalheiresco? — Ela perguntou com incredulidade.

—Sim. Não desejava piorar seus machucados. Ocorreu-me deixá-la sarar mais antes de lhe incomodar outra vez.

Evelinde estava muito aborrecida para apreciar a generosidade desse gesto. Se fosse verdade, ela pensou furiosamente e replicou:

—Bem, teria sido cavalheiresco se me contasse isso, meu lorde, em vez de me deixar pensando que fui horrível em meus deveres conjugais e que você esperava não ter que realizá-los outra vez.

Os olhos de Cullen se arregalaram em estado de choque, logo a agarrou pelo braço e começou a empurrá-la para a fortaleza.

—Onde está me levando? — Ela perguntou irritada, tentando libertar seu braço enquanto ele a arrastava através do grande salão e para as escadas.

—Para lhe demonstrar o que eu gosto — ele replicou.

Evelinde imediatamente cravou seus pés, detendo-se perto das mesas.

—Não escutou nenhuma palavra do que lhe disse? — Ela perguntou incrédula. — Não espero que me mostre nada, quero ser informada meu lorde.

Cullen se voltou para enfrentá-la quando os homens, que aparentemente tinham decidido ficar na mesa para evitar serem testemunhas da briga do casal enquanto estavam lá fora, rapidamente se levantaram tentando escapar do grande salão, voltando rapidamente para fora.

—Esposa — ele disse com sua expressão exasperada. — Nunca julgue um homem por suas palavras, mas sim por suas ações. Um homem, e uma mulher... — ele acrescentou firmemente — podem permanecer mudos com seus lábios, mas suas ações lhe dirão a verdade.

—Isso pode ser verdade para a maioria das pessoas, marido. Mas eu não sou como a maioria das pessoas, sou sua esposa, e necessito ações e palavras — ela disse firmemente, se dirigindo para o quarto.

Cullen a olhou como se ela fosse alguma espécie de criatura exótica que ele nunca tinha visto antes, então ergueu suas mãos exasperadamente e saiu em direção aos estábulos.

Evelinde olhou a porta fechada por vários minutos, sua mente estava num grande alvoroço. Não lamentava o que havia dito. Pelo amor de Deus! Nem sequer disse que Biddy era sua tia até que a própria mulher tinha contado!

Entretanto, não tinha certeza que tinha conseguido muito. O que Cullen dizia era, em parte, o certo. Se o julgasse por suas ações, seu marido era um homem cavalheiresco e compassivo. Ele fez tudo o que ela tinha desejado que fizesse e sem pedir-lhe. Tudo exceto aliviar sua mente lhe comunicando o que ele estava fazendo.

Evelinde supôs que ser assim era melhor do que ele ser um homem que fazia declarações ou promessas para depois não se incomodar em cumpri-las. E certamente era bem melhor do que ter um marido que bebesse muito e que a surrasse. Exalando um suspiro, massageou a fronte onde uma dor começava a crescer e teve que admitir que talvez as coisas pudessem ser piores. Na verdade preferia o silêncio de um marido introvertido a um marido mentiroso e ofensivo.

Possivelmente teria que aprender a conviver com Cullen e seus silêncios, Evelinde refletiu com um suspiro, enquanto saía do quarto se dirigindo para fora da fortaleza.

* * * * *

Ao menos agora tinha Mac e Mildrede, recordou a si mesma, enquanto abria a porta da fortaleza. Mac, o homem que tinha escutado suas aflições e preocupações desde que tinha idade suficiente para sentar-se numa sela de montar, entrou com um pequeno baú em suas mãos. Foi seguido por outros homens, cada um carregando coisas da carruagem.

Mac se deteve ao lado dela, esperou que os outros passassem e comesçassem a subir as caixas, e logo disse:

—Laady esteve amarrada à carruagem durante quatro dias e talvez deseje dar um passeio. Ela não cavalgou desde que se foi.

—Laady está aqui? — Evelinde perguntou com um grito.

—Sim. Foi levada aos estábulos.

Evelinde imediatamente começou a correr, detendo-se para olhar para trás quando ele a chamou por seu nome.

—Não seja tão dura com o homem, moça. Falar é mais difícil para os homens do que para as mulheres.

Evelinde franziu o cenho diante dessas palavras, e comentou:

—Você fala comigo todo o tempo.

—Sim. — Mac sorriu fracamente. — Mas eu sou um velho, aprendi o valor da comunicação. Mas Cullen é muito orgulhoso e mais jovem. — Mac encolheu os ombros e negou com a cabeça. — As vasilhas vazias não fazem ecoar o som melhor, moça, e ele não está vazio.

—Não, você está certo — ela concordou timidamente.

Aparentemente satisfeito com suas ações, Mac se virou com sua carga.

—Vá com Laady. Ela sentiu saudades.

Sorrindo, Evelinde virou-se e continuou correndo. Seu sorriso se ampliou com a perspectiva de ver sua égua enquanto cruzava o pátio do castelo.

Assim que estava a meio caminho dos estábulos, viu Cullen sair galopando furiosamente em seu cavalo. Imediatamente ele deixou o pátio, obrigando seu cavalo desembestar numa corrida louca logo que atravessou o portão.

Evelinde se perguntou aonde ele iria, mas em seguida deixou de lado a preocupação e foi para os estábulos. Se Laady não estivesse cansada, sairia para passear. Um curto passeio já que ainda não conhecia a área, no entanto inclusive um rodeio curto e rápido a ajudaria a apaziguar-se.

* * * * *

—Meus homens lhe viram do muro há meia hora. Então, selei meu cavalo para vir encontrá-lo. — Tralin o saudou enquanto parava diante do cavalo de Cullen no princípio do bosque que rodeava o castelo dos Comyns.

Cullen grunhiu. Teria feito o mesmo, no dia que Tralin e seus pais estiveram no castelo, se tivesse sido avisado a tempo que um grupo de cavaleiros se aproximava. Cullen suspeitava que os homens do muro estivessem muito distraídos observando-o tentar domar o novo cavalo para notar os cavaleiros que se aproximavam. Ou talvez estivessem observando sua esposa, quando ela quase foi pisoteada e morta no curral pelo touro Angus, Cullen pensou com irritação que imediatamente se desvaneceu quando se lembrou que ela atravessou correndo o curral por temer que seu marido tivesse morrido na queda do cavalo.

Sua esposa estava deixando-o louco a cada minuto, Cullen decidiu exasperado. Num momento lhe dava um susto de morte, no seguinte o fazia enfurecer-se por correr riscos desnecessários, e logo após o fazia emocionar-se, porque ela temia pelo seu bem-estar. Sinceramente, esse casamento iria ser um redemoinho de emoções; seria para cima e depois para baixo, para novamente subir e descer outra vez. Alguém deveria ter lhe advertido que o matrimônio podia nausear um homem.

—Sim? E a que devo sua presença? Ou não posso nem perguntar?

Os olhos de Cullen se estreitaram.

—O que quer dizer com isso?

Tralin encolheu os ombros, logo arqueou suas sobrancelhas.

—Posso me atrever a perguntar como está sendo a vida de casado?

—Intrometido — Cullen resmungou.

Tralin riu ante o insulto, e perguntou:

—Problemas no paraíso? — Quando Cullen simplesmente suspirou amargamente, ele estendeu a mão para lhe dar uma palmada reconfortante nas costas e girou seu cavalo para o castelo Comyn. — Venha meu amigo, suspeito que necessita uma cerveja, e eu quero uma também.

Cullen vacilou. Realmente não deveria estar ali. Era quase uma hora de viagem até Comyn e mais outra hora de volta. Entretanto precisava descarregar sua frustração e sua confusão e de qualquer forma já chegou até ali. Agora que estava nas terras de Comyn, poderia tomar algo antes de voltar, Cullen raciocinou e esporeou seu cavalo para avançar.

—Então... — Tralin disse, assim que já estavam sentados na mesa do grande salão do castelo Comyn. — Como está à bela Evelinde?

Cullen sorriu reticentemente e admitiu.

—Ela é bela.

—Sim — Tralin concordou observando a cara de Cullen com interesse. — Inclusive com... Aquele vestido enorme e o cabelo todo emaranhado ela consegue ser bela, e ficou mais bela ainda quando desceu trocada e com o cabelo penteado.

Cullen aquiesceu com a cabeça, um sorriso curvou seus lábios, enquanto pensava que o que Tralin disse era verdade, mas sua esposa se tornava mais bela ainda, quando ficava nua, com seus olhos azuis brilhando pela paixão que ele despertava nela.

—Ela parece ter uma bela personalidade — Tralin acrescentou, quando Cullen preservou o silêncio. — Portanto só posso assumir que qualquer que seja o problema que lhe trouxe aqui, é sua culpa.

A imagem de sua esposa nua se desvaneceu, Cullen se endireitou abruptamente e deu a Tralin um olhar ofendido.

—O que?

—Pois bem — Tralin encolheu os ombros. — Não imagino Evelinde sendo teimosa e orgulhosa. Mas você Cullen, é as duas coisas.

Cullen fez uma careta ante a verdade dessas palavras e suspirou.

—Não planejava vir aqui, mas já que estou aqui... — ele encolheu os ombros, e disse — Você é melhor do que eu com as mulheres. Ao menos elas parecem gostar de falar com você.

—Isso é porque eu respondo — Tralin disse secamente, logo perguntou —O que aconteceu?

—Inteirei-me que ela chora até adormecer — Cullen admitiu amargamente.

As sobrancelhas do Tralin se arquearam.

—Por quê?

—Ela não sabia que eu ia trazer suas roupas — ele admitiu. — Evelinde achou que eu a trouxe para Donnachaidh com nada exceto o vestido que usava.

Tralin encolheu os ombros.

—Como poderia saber que não era assim? Comunicou-lhe o que estava planejando?

—Não, mas ela deveria saber que eu não a traria para casa sem seus pertences.

—Como poderia sabê-lo? — ele perguntou divertido. — Ela não o conhece, Cullen. E você Cullen, tem que admitir não ser conhecido como o mais comunicativo dos homens.

Cullen franziu o cenho ante a mera sugestão de que ele era o responsável pela situação. O homem só repetia as mesmas queixas de Evelinde.

— Vocês dois falaram do casamento?

—Ela fala — Cullen admitiu com um sorriso enquanto refletia no modo como Evelinde tinha falado num monólogo nos últimos dias. Tinha-lhe contado as histórias da sua infância, suas aventuras, sua amizade com Mac e o carinho que sentia por Mildrede, do mesmo modo como também tinha relatado os truques ardilosos com que tinha conseguido evitar sua madrasta.

—Ela fala? Humm... — Tralin disse, observando seu sorriso. — E o que faz você?

—Eu escuto — Cullen respondeu, e realmente o fazia. Encontrou-se cativado ouvindo sua voz. Evelinde era uma boa narradora de histórias.

—Humm. — Tralin bebeu sua cerveja, e perguntou — E você gosta dela agora?

Cullen considerou a pergunta e assentiu com a cabeça lentamente.

—Sim. Ela é inteligente, doce... Embora agora ela prefira voltar ao castelo d'Aumesbery, com essa madrasta odiosa a ficar no castelo Donnachaidh comigo — Cullen terminou de dizer aborrecido.

Tralin engasgou com a cerveja que estava bebendo, e Cullen lhe bateu um par de vezes nas costas, compreendendo a reação dele. Essa admissão o tinha horrorizado. Era difícil de aceitar que ela estivesse tão infeliz que preferia retornar ao seu lar para ser insultada e abusada por Edda.

—Por quê? — Tralin disse finalmente. — Pois você contou no outro dia que a mulher a tratou horrivelmente.

Cullen assentiu com a cabeça sobriamente. Contou para Tralin e seus pais sobre Edda enquanto Evelinde estava lá em cima se trocando, no dia em que tinham feito a visita. Havia descrito o comportamento de Edda para sua enteada com algumas palavras sucintas que tinham deixado bem claro que ela tinha sido maltratada por essa mulher.

Ele, por sua parte, nunca tinha ofendido ou atormentado Evelinde. Na verdade, tentou fazer todo o possível para facilitar a situação dela; partindo imediatamente depois das bodas para afastá-la de Edda em vez de ficar para passar uma noite descansando depois da longa viagem até o castelo d'Aumesbery. Inclusive até se cortou para fingir a consumação das núpcias em vez de submetê-la à humilhação que Edda tinha insistido em levar adiante.

—Foi brusco com ela na cama? — Tralin perguntou repentinamente, e quando Cullen lhe devolveu um olhar perturbado e furioso, ele acrescentou rapidamente — Somente estou tentando entender por que ela deseja voltar a d'Aumesbery. Sei que você não a insultaria nem abusaria dela como sua madrasta.

—Chamei-a estúpida — Cullen admitiu e então explicou a história do touro.

—Bem, imagino que por isso você pode ser perdoado — Tralin disse franzindo o cenho, logo limpou a garganta pigarreando e retornou ao tema que havia trazido a tona no momento. — Sei que você não maltrataria uma mulher, mas me pergunto se por não ter muita experiência com virgens, não foi um pouco menos que cortês do que deveria ter sido, ou se ela se sentiu escandalizada por... Sabe... O ato em si.

—Evitei tocá-la para deixar seu corpo se curar — Cullen admitiu amargamente. As sobrancelhas de Tralin se arquearam. — Sim, foi consumado — Cullen lhe assegurou e franziu o cenho. Teve a intenção de esperar que seu corpo sarasse completamente para que não estremecesse de dor cada vez que a acariciasse. Mas na manhã seguinte, depois de sua chegada a casa, ele derramou cerveja na roupa e se dirigiu ao quarto para trocar a túnica, mas Biddy o tinha detido e lhe pediu que subisse com o bálsamo para Evelinde. Cullen concordou com a mera intenção de dar o bálsamo a sua esposa, no entanto assim que ele entrou no quarto e encontrou-a nua, deitada na cama todas as suas boas intenções se desvaneceram.

A próxima coisa de que se recordava, era das suas mãos besuntadas com o bálsamo, e que o aplicava nela, e isso tinha sido sua perdição. Biddy não apareceu no quarto para não incomodá-los, e Cullen estava agradecido por isso.

Tralin pigarreou para chamar sua atenção, e perguntou delicadamente:

—E como foi?

—Foi... bom — Cullen murmurou, sabendo que ele estava mentindo descaradamente. Tinha sido incrível. Ele não era mais virgem, porém deitar-se com Evelinde tinha sido uma das experiências mais excitantes de sua vida. Nunca antes havia sentido uma paixão como a que ela tinha despertado, ou o desejo tão intenso de agradar uma mulher como ocorreu com a esposa. Sua luxúria tinha sido tão devoradora que tinha sido uma luta insana permanecer gentil e cuidadoso para evitar tocar pontos doloridos. Refrear a paixão que despertava tinha sido uma espécie de tortura... Uma doce tortura. E uma tortura que gostaria de repetir logo depois de acordar. Mas, receando não poder ser suave e carinhoso na próxima vez, Cullen tinha se obrigado a resistir, recordando-se que ela precisava curar-se dos machucados.

—Foi bom para você — Tralin disse. — Mas, e para ela? Talvez...

—Foi bom para ela também — Cullen o interrompeu secamente. — Foi bom para ambos. Embora, ela parece ter confundido minha consideração de não incomodá-la com a ideia de que ela não me agradou.

—Humm — Tralin murmurou.

—E, além disso, ela quer que eu lhe explique tudo — Cullen murmurou. — Eu lhe disse que devia apenas observar minhas ações e não preocupar-se tanto com as palavras, mas ela insiste em que quer ações e palavras.

—Uma moça comandante.

Cullen assentiu com a cabeça, só dando-se conta que o amigo havia brincando quando Tralin começou a rir.

—Cullen — ele disse agastado. — Sabe que não está acostumado a explicar sua conduta. É um lorde que governa sobre todos em Donnachaidh e como tal não precisa explicar nada a

ninguém, no entanto ela não é simplesmente outro de seus vassalos. Ela é sua esposa, e vocês dois precisam se conhecer mutuamente. Deverão esclarecer algumas coisas no princípio. — Quando Cullen o olhou furiosamente, ele ainda acrescentou — Analise da perspectiva dela. Você surgiu repentinamente, casou-se com ela, e a levou embora de seu lar em seguida, com nada exceto o vestido que usava. A seguir se deitou com ela uma vez, e sem dúvida a deixou largada a si mesma depois disso, sem uma palavra de louvor para lhe assegurar que estava satisfeito com ela, e lhe conhecendo, sem nenhuma diretiva da importância de sua posição em Donnachaidh. Ela sem dúvida se sente perdida e insegura a respeito de sua posição em sua nova casa.

—Mas tenho feito todo o possível para lhe aliviar a situação — Cullen protestou.

—Tudo exceto dizer que está satisfeito com ela como sua esposa — ele comentou. — E essa aprovação é sem dúvida o que ela necessita depois de ter sido insultada por sua madrastra durante todos esses anos.

—Mas...

—Considere isso como outro dever — Tralin o interrompeu. — Você assume muito a sério seus deveres, sei disso. Então, considere que seja mais um dever. A obrigação de assegurar a sua esposa de que ela é apreciada e necessária no castelo de Donnachaidh.

—Um Dever — Cullen resmungou.

—Sim. — Tralin assentiu com a cabeça. — Prometo que se você o fizer pensando nela, consequentemente, por vocês, então será muito mais feliz.

Cullen considerou a sugestão seriamente logo assentiu com a cabeça e ficou de pé.

—Aonde vai? — Tralin perguntou surpreso.

—Para minha casa para cumprir com meus deveres — ele murmurou, indo para a porta.

Capítulo IX

— Estamos perdidas e é sua culpa.

Laady não reagiu nem ao comentário aborrecido da dona, nem a sua fisionomia irritada. A égua somente esperou pacientemente que Evelinde decidisse por qual caminho seguir. Evelinde franziu o cenho ante a falta de interesse do animal e olhou ao seu redor no bosque.

Francamente era culpa da égua que estivessem enfurnadas profundamente no bosque que rodeava Donnachaidh. Evelinde nunca teve a intenção de entrar no bosque, mas Laady teve outros planos. Conjeturou que era sua culpa por dar liberdade de decisão a égua. No entanto, em honra da verdade, fazer isso nunca foi um problema estando em d'Aumesbery. Donnachaidh era um lugar completamente diferente. E não saber para onde se dirigia não impediu Laady de cavalgar alegremente pela colina e para dentro do bosque.

Evelinde tinha tentado segurar a égua ao pé da colina, mas Laady não queria ser detida e entrou correndo no bosque. Enfim, quando Evelinde conseguiu desacelerar a égua, já estavam bem internadas no bosque.

Não lhe pareceu um problema a princípio. Evelinde tinha assumido que se simplesmente desse a volta na égua retornariam pelo mesmo caminho que tinham vindo, e sairiam com êxito dali. Mas elas já estavam cavalgando há mais de duas horas sem encontrar a saída do bosque. Obviamente, elas estavam cavalgando em círculos, tomando a direção errada, mas Evelinde não entendia como isso tinha acontecido.

Era um dia ensolarado fora do bosque, mas as copas das árvores ali dentro eram muito densas, impedindo a entrada da luz. A escassa luz do sol a fazia sentir que já era tarde e que elas estavam no coração do bosque.

Provavelmente já era o entardecer, Evelinde pensou ansiosa, perguntando-se, se ela perdeu a noção do tempo que tinha passado desde que tentou encontrar o caminho para fora do bosque. Esperava que não fosse o entardecer, pois não tinha vontade de passar a noite ali.

O farfalhar das folhas e o som dos ramos pisados por pés chegou a seus ouvidos, e ela olhou apreensiva para os lados enquanto Laady se movia nervosamente, entretanto não havia ninguém ali, e também o som não se repetiu. No entanto, ela e Laady tinham ouvido algo, por isso Evelinde esperou procurando no bosque, com a pele arrepiada.

Isso foi mais do que suficiente para fazê-la decidir que não desejava continuar sentada ali por mais tempo, tentando pensar numa forma de resolver o problema. Pareceu-lhe que mover-se mesmo que na direção errada, era melhor que permanecer fixa em um lugar.

Desviando Laady da direção de onde som tinha parecido vir Evelinde a incentivou a avançar, resistindo ao desejo de olhar para trás.

—Talvez tenha sido um coelho ou uma lebre — ela disse, acariciando tranquilizadamente o pescoço da égua. — Certamente não é um lobo ou algo parecido.

Se Laady se sentiu reconfortada ou não Evelinde não soube, mas com certeza ela não se sentiu muito melhor. Seu corpo estava tenso, esperando que algum animal feroz as atacasse ou que saltasse sobre elas a qualquer momento.

Tentando ignorar a ansiedade que a invadia, Evelinde dirigiu seu olhar seguindo em frente, mas observando a esquerda e a direita, esperando ver uma claridade que lhe avisasse que estavam na borda do bosque. Só esperava não terminar saindo pelo lado errado do bosque.



Seria muito perturbador finalmente encontrar a saída do bosque só para descobrir que estava no lado errado do vale e teria que voltar a atravessar o bosque para sair do lado do castelo.

Se pudesse ver o castelo...

Mas é obvio, não podia, pois as árvores não permitiam.

Evelinde olhou as folhagens no alto. Se conseguisse subir numa dessas árvores altas, então poderia ver o castelo. E aí saberia qual era a direção que deveria tomar.

Uma vez que a ideia tomou forma, não havia nada que pudesse impedir Evelinde de realizar a façanha. Acariciando o pescoço de Laady, desmontou. Então plantou suas mãos nos quadris e olhou atentamente para cima, tentando avaliar qual daquelas árvores era a maior e provavelmente a mais alta para ver o castelo, mas a que tivesse ramos suficientemente baixos para que ela pudesse subir.

Depois de decidir-se por uma árvore, Evelinde se movimentou para colocar-se ao lado de seu tronco. Deteve-se ali, seu olhar percorrendo tudo, da árvore aos arredores, em seguida levantou a parte da frente da saia para enganchá-la na cintura.

Tinha pensado que os ramos da árvore estavam suficientemente baixos, mas Evelinde nunca antes subiu numa árvore e não fazia ideia de como seria complexo. Honestamente, ela tinha visto os meninos de d'Aumesbery escalar as árvores com o que parecia ser um mínimo esforço, mas fazê-lo não era tão fácil como olhá-lo.

O ramo mais baixo da árvore era suficientemente baixo para que ela pudesse enganchar seus braços, o que fez imediatamente. Em seguida ela tentou subir sua perna no ramo, mas sua perna aparentemente não era longa o suficiente. Fazendo uma careta, colocou um pé no tronco da árvore e começou a escalar enquanto estava pendurada pelos braços. Evelinde se orgulhou quando conseguiu enganchar as pernas ao redor do ramo, mas não tinha certeza de como continuar.

Depois de ficar pendurada ali por vários segundos, seus músculos começaram a protestar, e ela desceu às pernas e soltou os braços para se colocar em pé no chão novamente. Só ficou parada ali, com as mãos plantadas em seus quadris, contemplando a árvore até que Laady se aproximou dela e empurrou-a pelo ombro. Evelinde imediatamente observou à égua, sabendo que ela provavelmente queria água.

—Daria água se pudesse... — ela começou a dizer então se deteve quando uma nova ideia lhe ocorreu. Sorrindo, Evelinde subiu na sela da égua. — Prometo-lhe que se me ajudar a subir nessa árvore, logo teremos água — Evelinde disse à égua enquanto se aproximava da árvore que tinha decidido escalar, logo adicionou — com sorte nos estábulos de Donnachaidh.

Evelinde soltou as rédeas e acarinhou o pescoço de Laady enquanto sussurrava.

—Por favor, não se mova. E montou novamente na égua, equilibrando-se na sela, Evelinde se agarrou ao ramo.

Para seu alívio, a égua se manteve completamente imóvel, e Evelinde conseguiu colocar o pé no ramo da árvore. Infelizmente, seus sapatos não foram feitos para essas tarefas e teve que agarrar-se com ambas as mãos para subir no ramo de cima.

—Obrigado — Evelinde murmurou para a égua quando finalmente se sentiu suficientemente estável, observou que o animal recuou vários passos para sair do caminho no caso dela cair. — É agradável saber que tenho seu apoio na tarefa de resgatar a ambas.

A resposta de Laady foi inclinar a cabeça e começar a farejar o chão.

Sacudindo a cabeça, Evelinde se apoiou contra o tronco e se agarrou com uma mão enquanto ela subia o primeiro pé, então o outro para tirar os sapatos, deixando-os ao chão.

Sentindo-se muito mais segura depois disso, prendeu sua atenção na tarefa de subir na árvore. Realmente, Evelinde nunca se dera conta da dificuldade dessa tarefa. Os ramos cresciam para todas as direções, e alguns deles muito juntos, outros demasiadamente

separados. Mas, a determinação a fez avançar apesar de se arranhar repetidas vezes e ralar os cotovelos e o joelho.

Evelinde parou quando imaginou que já estava na metade do caminho da árvore. Então olhou para cima, e em seguida para baixo, ela se decepcionou ao perceber que não estava nem perto da metade ainda. Foi então que decidiu que sua ideia brilhante não era tão brilhante assim.

Suspirando, examinou os ramos e então ouviu o estalo de um galho e vistoriou ao seu redor. Laady também ouviu o ruído, pois a égua se movia nervosamente e olhava na direção de onde o som parecia ter vindo.

Ansiosamente, Evelinde examinou as árvores que a rodeavam; mas estava tão escuro que não podia ver que o que tinha causado o som. Logo depois de um tempo, apesar de vacilante não se deu por vencida e olhou novamente para o alto da árvore. Se pudesse chegar lá em cima o suficiente para ver que direção tinha que tomar, logo estariam fora desse bosque.

Apertando os dentes com determinação, Evelinde começou a subir novamente e já tinha subido no próximo ramo quando ouviu um golpe seco a sua esquerda. Evelinde alarmou-se e começou a virar-se para ver o que tinha ouvido, mas o ramo sobre o qual estava parada escolheu exatamente esse momento para quebrar-se debaixo de seus pés.

Gritando, Evelinde agarrou-se desesperadamente com a mão livre, com os dedos tentando segurar num ramo muito fino. O alívio a invadiu quando conseguiu abraçar-se ao tronco da árvore, com o rosto apoiado na superfície áspera enquanto esperava que seu coração se normalizasse. Uma vez que isso ocorreu, Evelinde olhou para baixo, viu que a égua tinha retrocedido vários metros mais para a trajetória do ramo que tinha caído e agora a observava com uma expressão de acusação.

—Não me olhe assim, é sua culpa — Evelinde murmurou, em seguida suspirou e apoiou sua bochecha contra o tronco novamente.

Nunca mas entraria sozinha neste bosque, Evelinde silenciosamente se jurou, depois levantou o pescoço para olhar o galho em que se agarrou. Seu coração, que acabava de desacelerar, agora parecia parar totalmente enquanto se dava conta que estava enganchada num galho muito fino, que tinha uma flecha encravada nele.

Evelinde ficou tão assustada que num movimento reflexo o soltou imediatamente, ficando presa ao galho original por apenas uma mão. Em pânico, rapidamente se agarrou num outro galho, o alívio a invadia quando escutou:

—Esposa?

Depois de fechar os olhos brevemente, Evelinde abaixou sua cabeça para frente para olhar para baixo. Sem dúvida nenhuma, seu marido a encontrou. O homem estava apeando do seu cavalo, que tinha se detido ao lado de Laady.

Genial, ela pensou amargamente. Por que ele sempre a encontrava no seu pior momento?

—O que está fazendo, mulher estúpida — Cullen rugiu enquanto parava debaixo dela.

Onde já escutei isso antes? Evelinde perguntou-se, em seguida clareou sua garganta, e disse:

—Oh, nada, meu lorde. Simplesmente gozando de uma vista maravilhosa.

—Está pendurada numa árvore, esposa, — ele grunhiu. — Pendurada pelas mãos.

—Estou esticando minhas pernas — ela respondeu prontamente, e depressa sacudiu as pernas tentando encontrar um galho. Quando descobriu, colocou um pé sobre ele, e imediatamente o outro, Evelinde soltou um suspiro de alívio.

—Desça imediatamente! — Cullen soava furioso. — Apenas se solte que a pegarei — ele disse.

—Não. Eu subi e posso descer — Evelinde lhe assegurou, e começou a fazer exatamente isso. Não muito rapidamente. Não estava desejosa de enfrentar sua fúria outra vez e esperava que ele se acalmasse enquanto ela arranjava tempo.

Evelinde tinha alcançado o último galho e se sentou sobre ele, com a intenção de deslizar até o chão quando foi presa por fortes braços e abaixada até o solo.

—Obrigado — ela falou entre dentes, quando ele a pôs de pé.

—De nada — Cullen expressou com um grunhido, logo disse bruscamente — Que diabo estava fazendo?

Evelinde abriu a boca, fechou-a, pigarreou e disse:

—Subindo numa árvore.

—Pude ver isso — ele disse impacientemente. — Por quê?

—Porque me perdi — ela admitiu desgostosa, e se curvou para procurar os sapatos antes de ir para Laady. — Pensei que se subisse numa árvore veria em que direção estava o castelo, em vez de andar vagando pelo bosque pelo resto de meus dias como um estúpido fantasma inglês preso nas malditas Highlands.

Um silêncio breve seguiu a sua explicação, então Cullen clareou a garganta, e disse:

—Isso foi muito inteligente.

Evelinde se deteve junto de Laady e girou, dando um passo para trás tentando descobrir se ele a tinha entendido. Olhando-o com suspeita, perguntou:

—Parece?

—Sim. — Obviamente Cullen não se explicaria detalhadamente, mas não havia nada em sua expressão que sugerisse que estava sendo sarcástico ou que estivesse zombando dela.

Mordendo o lábio, Evelinde olhou seu cavalo e perguntou.

—Foi você quem ouvi antes?

—Provavelmente — ele disse com indiferença.

Evelinde fez uma careta pelo susto que ele lhe deu.

— Então por que diabos você não gritou meu nome e me deixou saber que era você em vez de me perseguir e me dar o maior susto de minha vida?

—Eu a persegui? — Suas sobrancelhas se arquearam. — Não estava perseguindo-a. Simplesmente me deparei com sua égua no caminho de volta ao castelo, e logo a vi pendurada numa árvore e me detive.

Evelinde franziu o cenho e olhou a árvore novamente. Não podia ver a flecha dali de baixo, mas sabia que estava lá. Seu olhar então se dirigiu para o cavalo de seu marido onde pode ver que não havia um arco nem flechas no animal. Cullen tampouco segurava um arco, ela notou. Seu marido não havia disparado a flecha. Era possível que a flecha já estivesse fincada na árvore por anos, e que o som que tinha ouvido tinha sido outro ramo ou um ninho caindo.

Infelizmente, Evelinde não conseguiu dar uma boa olhada na flecha e não poderia dizer se ela era velha ou não.

—Por que está no bosque? — Cullen perguntou.

—Senti vontade de levar Laady para passear. — Evelinde respondeu distraidamente, seu olhar observando o bosque que os rodeava, mas não havia mais ninguém ali que ela pudesse ver. Entretanto, ela disse — Havia uma flecha cravada na árvore.

Cullen despreocupadamente encolheu os ombros.

—Provavelmente há muitas flechas nesse bosque, flechas disparadas durante uma caçada.

—Sim — Evelinde murmurou, mas logo considerou necessário acrescentar. — Não tinha visto a flecha antes, enquanto estava subindo.

Cullen sorriu ligeiramente.

—Não me surpreende. Venha — Os olhos de Evelinde se arregalaram com indignação, porém não protestou quando ele agarrou as rédeas de Laady numa mão e o braço dela com a outra e a levou para o cavalo dele. Cullen parou e soltou Laady para pegar Evelinde pela cintura, logo fez uma pausa antes de erguê-la. — Ainda lhe doem os machucados?

—Quase nada. Os machucados já estavam praticamente curados quando chegamos ao castelo Donnachaidh. Eram apenas os músculos que ainda doíam, no entanto o bálsamo de Biddy e suas massagens resolveram o problema — Evelinde admitiu, ruborizando-se enquanto se lembrava do que aconteceu depois da massagem.

Cullen concordou com a cabeça e a ergueu sobre seu cavalo, em seguida segurou as rédeas de Laady outra vez e montou atrás dela. Evelinde esperava que retornassem diretamente para o castelo, e se surpreendeu quando se viu em um claro do bosque pelo qual passava um rio.

—Não vai gostar de andar dentro d'água como fazia na Inglaterra — lhe avisou enquanto desmontava do cavalo e a ajudava a descer. Caminharam até a margem.

—Por quê? — Evelinde perguntou.

—A água das montanhas é muito fria.

—Oh — ela disse, mas realmente não prestava atenção. A clareira do bosque era pequena e o rio muito estreito e não tinha uma cascata, entretanto era do mesmo modo bonito. Era um lugar agradável para relaxar quando precisasse ter um momento a sós.

—Não poderá deixar o castelo sozinha no futuro — Cullen anunciou, fazendo-a virar-se para pegar as faixas de seu vestido.

Evelinde tentou segurar as mãos dele, ansiosa com o que ele estava fazendo, mas em seguida fez uma pausa franzindo o cenho quando entendeu o que seu marido disse. Não devia vir aqui só? Então lhe perguntou:

—Por quê?

—Eu gosto — Cullen anunciou, rapidamente desatando as faixas para lhe descer o vestido pelos seus ombros.

—Não posso só porque você gosta — Ela indagou confusa, perguntando-se vagamente o que ele estava fazendo ao tirar seus braços do vestido.

—Não... Digo sim — ele se corrigiu. — Não pode vir aqui sozinha porque não é um lugar seguro... E sim, eu gosto — ele acrescentou, abaixando seu vestido e erguendo as mãos para lhe desmanchar o coque.

—Por que não é seguro? E o que está fazendo? — Evelinde perguntou, tentando evitar suas mãos que tocavam seu cabelo.

—Eu gosto — ele repetiu.

Evelinde abriu a boca para reclamar, mas imediatamente a fechou de novo quando suas palavras se extinguiram. Ele gostava dela? Seu marido gostava dela. Bem, isso era justo... Porém não sabia como sentir-se ou o que pensar. Então as mãos dele voltaram a tentar descer o vestido da cintura, e ela repetiu:

—O que está fazendo?

—Eu gosto — foi tudo o que ele disse. Obviamente 'Eu gosto' era alguma espécie de código, mas não tinha ideia do que isso significava então Cullen disse — Já lhe disse, e agora vou lhe demonstrar. Você disse que queria as duas coisas, e lhe darei as duas coisas.

Evelinde piscou enquanto repentinamente compreendia. O ele queria dizer que...

—Aqui? — Ela ofegou assombrada.

—Sim. Aqui, em nossa cama, sobre o tapete de pele diante do fogo. Há muitos lugares onde posso lhe demonstrar e agora que já não está mais dolorida, posso fazê-lo.

Os olhos de Evelinde se abriram imensamente com essas palavras enquanto percebia que enquanto ela se preocupava temendo que ele não a desejasse, seu marido esteve imaginando todos esses lugares onde...

—Você...

—Esposa — Cullen a interrompeu com um suspiro. — Pode pensar que falo muito pouco, mas você fala muito, cale-se e me deixe amá-la.

Evelinde se imobilizou com essa ordem, logo ofegou quando ele repentinamente acabou de lhe abaixar o vestido e se inclinou para beijá-la.

Cale-se e me deixe amá-la disse Cullen. Com as palavras ecoando em seus ouvidos, Evelinde suspirou quando os lábios dele obrigaram-na a separar os seus. Gostava de seu marido e ele gostava de estar intimamente com ela, no entanto não acreditava que se tratasse de amor da parte de Cullen. E a respeito dos seus próprios sentimentos... Bem, na verdade, Evelinde estava confusa a respeito de seus sentimentos. Achava esse homem exasperante e atordoante, mas também o considerava atraente e muito doce... E carinhoso, principalmente quando a beijava com o ardor que estava lhe demonstrando nesse momento, ele a fazia estremecer. Como esse homem podia lhe provocar tantas emoções conflitantes ao mesmo tempo, ela se perguntou, para em seguida deixar de pensar e deslizar seus braços ao redor do pescoço de Cullen.

Seu marido realmente beijava muito bem, Evelinde reconheceu enquanto a excitação crescia dentro dela. Recordou-se da primeira vez quando se conheceram.

—Está sorrindo — Cullen murmurou, seus lábios movendo-se sobre sua face.

—Sim. Porque também gosto — ela disse simplesmente, e ele levantou sua cabeça para olhá-la fixamente e a beijou novamente. Cullen exigia mais muito dessa vez, uma mão se enredou em seu cabelo, inclinou a cabeça dela aonde queria para poder invadir sua boca. Beijou-a profundamente até que Evelinde gemeu e se arqueou.

Um gemido decepcionado saiu de sua boca quando a mão dele se afastou, mas imediatamente ela se deu conta de que ele estava lhe tirando a camisa íntima impientemente.

Evelinde imediatamente se moveu para ajudá-lo. A mão de Cullen cobriu um seio apertando-o brevemente antes que seus dedos se concentrassem no mamilo, estimulando-o entre seus dedos, arrancando um gemido profundo da garganta de Evelinde. Decididamente ele abaixou sua cabeça para apanhar o mamilo entre seus lábios.

Evelinde deslizou seus dedos pelo cabelo masculino e gemeu, enquanto Cullen tomava seu mamilo entre os dentes e o lambia. Quando sentiu a mão dele deslizando por sua perna, Evelinde não se afastou. Em vez disso, abriu as pernas para ele, com sua respiração tornando-se mais acelerada. Quando os dedos dele tocaram em seu pelo púbico, ela ofegou e gemeu quando seu marido começou a acariciá-la. Evelinde estava quase soluçando com a intensa necessidade que sentia. Seu corpo clamava por ele, com ela se contorcendo em seu colo.

De repente Cullen interrompeu suas carícias para lhe tirar a camisa enroscada em seus quadris e deixá-la cair no chão. Em seguida pegou seu quadril com uma mão para atraí-la para mais perto de sua virilha e a obrigou a separar as pernas.

Evelinde mordeu o lábio enquanto sentia uma mão deslizando entre suas pernas outra vez, e novamente Cullen começou a acariciá-la.

De repente seu marido colocou a perna direita dela sobre um tronco caído, e se sentou. Então se inclinou para frente pressionando sua boca onde sua mão esteve a acariciando momentos antes, Evelinde gritou e estremeceu de prazer e achou difícil permanecer de pé.

Enquanto Evelinde achava esse toque muito agradável, um pouco do seu prazer foi amenizado pela culpa quando percebeu que enquanto ele lhe dava prazer, ela não havia tocado nele, nem o acariciado. Evelinde tentou afastar-se de seu marido por um momento para provavelmente aproveitar essa oportunidade para beijá-lo e acariciá-lo, mas o abraço

dele era firme, e a manteve quieta em seu lugar. Redobrando em seu empenho, seu marido a fez esquecer-se da culpa com as carícias de sua língua e a fez ficar equilibrando-se com o único pé que tinha apoiado no chão.

—Cullen — ela implorou, pressionando sua cabeça enquanto seu corpo procurava a liberação. Ela mal sentiu quando uma mão deixou seu quadril, mas ficou definitivamente consciente quando um dedo se uniu à ação de sua língua. Evelinde gritou com a onda de prazer que percorreu seu corpo quando sentiu o dedo deslizar dentro dela. Então a paixão que esteve crescendo dentro dela explodiu e Evelinde jogou sua cabeça para trás e gritou enquanto seu corpo convulsionava.

Só então Cullen se deteve e soltou seu quadril. Quando ele retirou o pé dela de cima do tronco, Evelinde caiu de joelhos diante dele.

Fechou os olhos enquanto recuperava o fôlego, então seus olhos se abriram e ela se deparou com sua ereção. Observou curiosamente seu membro erguido, lembrando-se do soberbo prazer que tinha alcançado, e, sem pensar, Evelinde o tomou em sua mão.

Seus olhos subiram quando Cullen gemeu, e viu que olhos dele se fecharam, e sua expressão era tensa. Observando seu rosto, Evelinde passou sua mão ao longo do falo, então sentiu os dedos dele agarrar seus cabelos e soube que Cullen experimentava um prazer similar ao que ele lhe deu.

Similar, mas não exatamente o mesmo, Evelinde ponderou, e inclinou-se para frente para depositar um beijo sobre o membro. Os olhos de Cullen se abriram imediatamente, e agora estavam arregalados pela surpresa e algo que parecia ser esperança. Foi isso o que a incentivou a beijá-lo outra vez, mas foi sua própria curiosidade que a fez deslizar a língua para lambar o lugar que tinha beijado. A reação de Cullen foi surpreendente. O homem meneou os quadris, e o puxão que deu em seu cabelo foi quase doloroso, demonstrando sua excitação.

Evelinde pensou ter descoberto algo, e então o lambeu outra vez, dessa vez mais lentamente e cobrindo maior superfície do membro. Dessa vez, Cullen gritou, com sua expressão facial tornando-se quase dolorosa, Evelinde reparou. Repentinamente a fez ficar de pé.

—Fiz mal — Evelinde disse em dúvida, enquanto ele se sentava no tronco e a colocava sobre seu colo de frente para ele.

—Não — Cullen grunhiu — Fez bem. Muito bem.

—Então por que... — Evelinde começou a dizer, mas suas palavras terminaram em um ofego quando ele a penetrou e deslizou dentro dela.

—Fala muito, esposa — Cullen murmurou e então sua boca cobriu a dela e ele começou a movimentá-la para subir e descer sobre seu membro.

Evelinde a princípio, imaginou se estaria preparada para acompanhar essa situação, mas logo encontrou um ritmo e uma velocidade com a qual ela se descobriu adaptada na posição em que se encontrava e simplesmente começou a desfrutar até que de repente Cullen mudou de posição. Saindo do tronco, Cullen a levantou com ele enquanto se ajoelhava no pasto, logo a deitava sobre o chão, seus corpos ainda unidos pelos quadris e bocas.

Então a penetrou com novo alento, Evelinde gemeu e arqueou seu corpo para aprofundar as investidas dele, que finalmente os levaram a tão esperada explosão de prazer.

Capítulo X

Cullen depositou um beijo na parte superior da cabeça de Evelinde, logo começou a deslizar para levantar-se da cama.

—Já vai levantar?

Cullen ouviu a decepção na voz de Evelinde e simplesmente sorriu enquanto procurava o plaid. Embora fosse muito cedo, não era tão cedo como quando ele a tinha despertado com beijos e carícias e fizeram amor ardentemente. Essa lembrança fez seu olhar retornar a sua esposa, e a encontrou espreguiçando-se na cama com uma graça felina.

—Está decepcionado?

Cullen olhou seu rosto enquanto ela subia os lençóis, cobrindo-se.

—Com respeito a que?

—Não tenho um busto tão grande como o da pequena Maggie — ela comentou timidamente.

Cullen quase riu, contudo percebeu que ela falava a sério. As mulheres pertenciam a uma raça estranha, Cullen decidiu. Na verdade gostava de seu corpo. E também tinha gostado do corpo de Maggie. Ambos eram belos a sua própria forma. O de Evelinde era magro e gracioso como um casulo de rosa abrindo-se na primavera. O de Maggie tinha sido cheio e amadurecido como uma rosa em flor. Ambas eram iguais as rosas e ambas eram belas.

—Bem? — Evelinde perguntou, a preocupação em sua voz se fez mais pronunciada.

—Não estou decepcionado — Cullen respondeu. Quando isso não pareceu reconfortá-la, lembrou-se de seu dever, e franziu o cenho. — Eu gosto de seu corpo. É miúda, mas me agrada.

—Miúda, baixa quer dizer. — Ela reclamou, parecendo estar ofendida.

—Sim. Vou acabar como um velho, com uma corcunda nas costas de tanto que terei que me agachar para beijá-la, mas valerá à pena — ele brincou.

A expressão de Evelinde foi impagável. Sua boca abriu e fechou várias vezes, logo murmurou algo entre dentes, suas bochechas estavam muito ruborizadas, mas sua expressão não era ofensiva. Estava satisfeita e mais tranquila.

E tudo o que fez foi falar com ela, Cullen pensou. Ele tinha cavalgado durante três dias sem dormir para afastá-la de sua madrastra, no entanto Evelinde não parecia ter apreciado esse esforço. Mas se proferia um par de palavras de elogio que definitivamente não requeria nenhum esforço ela se sentia feliz.

Nunca compreenderia as mulheres, Cullen pensou enquanto se vestia. Seu olhar foi novamente para a esposa enquanto prendia o plaid sobre seu ombro, e se deteve quando viu a maneira em que ela o observava.

—Não me provoque, ou nunca sairei desse quarto — grunhiu, sentindo seu corpo responder à fome nos olhos dela. Quando ela deixou de sorrir, Cullen sacudiu a cabeça, e voltou sua atenção para encontrar o broche com o que estava acostumado a prender o plaid. Não conseguia encontrá-lo sobre a palha do piso onde o plaid estava caído.

—Que procura? — Evelinde perguntou.

—O broche — ele murmurou, e impacientemente foi para o seu baú. Tinha outro broche ali e procuraria o perdido mais tarde. Cullen já tinha se ajoelhado diante do baú aberto, quando Evelinde repentinamente gritou.

—Aqui está!

Fazendo uma pausa, ele olhou para a cama e a viu apanhar algo de cima da mesa de cabeceira e sair apressadamente da cama.

Cullen se endireitou enquanto ela se aproximava correndo para lhe dar o broche. Quando Evelinde parou diante dele em lugar de tomar o broche usou sua mão livre para puxá-la contra seu peito e abaixou a cabeça para beijá-la profundamente. Abraçou-a e a aconchegou contra seu corpo, mas logo Evelinde gemeu e remexeu, e Cullen sentiu seu corpo respondendo. Imediatamente a soltou e tomou o broche antes que a tentação pudesse se tornar irresistível.

—Prepara um piquenique para o meio-dia — lhe pediu enquanto prendia o plaid com o broche.

—Por quê?

Cullen a olhou com uma expressão surpresa, mas simplesmente disse:

—Tenho pretensões de retornar à clareira do bosque com você.

Cullen a ouviu arquejar excitadamente e sorriu enquanto saía do quarto. Agora ela iria esperar ansiosamente o almoço.

Evelinde observou seu marido sair, um sorriso lentamente surgiu em seus lábios e se agitou ao considerar por que ele desejava levá-la de volta à clareira. Mas o sorriso se desmanchou, quando olhou o baú aberto ao lado dela.

Por uma coisa e por outra, Evelinde se esqueceu completamente que tinha perdido o broche que pegou até que Cullen pensou em usá-lo. Pensava nisso agora, e soube que tinha que encontrá-lo, o que implicava numa excursão às cavalariças. Evelinde fez uma careta ante essa ideia, mas era isso ou dizer a seu marido que o tinha perdido.

Percebendo que definitivamente essa não era sua alternativa preferida, Evelinde endireitou os ombros com determinação enquanto ia até a bacia para lavar-se rapidamente antes de vestir-se. Estava de camisa íntima e acabava de escolher o vestido que decidiu colocar nesse dia quando Mildrede chegou.

A criada a ajudava, conversando tranquila sobre suas impressões de Donnachaidh enquanto Evelinde ainda pensava em procurar o broche. Realmente não prestava muita atenção até que Mildrede disse:

—Mal pude acreditar quando ela me contou que os homens somente se dedicam a treinar enquanto as mulheres fazem todo o trabalho duro aqui.

Evelinde franziu o cenho, recordando sua intenção de falar com Cullen a respeito da injusta divisão do trabalho em Donnachaidh. Talvez fizesse isso nessa tarde mesmo, ou enquanto estivessem no piquenique. De tarde, ela decidiu, com a esperança de não arruinar o passeio nem desmotivar seu marido.

—Ufff — Mildrede resmungou enquanto a seguia para fora do quarto mais tarde. — Como podem ver com tão pouca luz... Não sei. Alguém vai se machucar se não colocarem mais luz nesse corredor.

—Sim. — Evelinde suspirou, tomando seu braço para conduzi-la às escadas. — Falarei com Cullen sobre isso esta tarde.

Mildrede grunhiu sua aprovação e continuou sua conversa anterior enquanto elas desciam as escadas.

Evelinde tentou deixar a fortaleza imediatamente para procurar o broche perdido, mas Mildrede não quis que ela saísse sem primeiro tomar o café da manhã. A criada a fez sentar-se à mesa enquanto ela ia buscar hidromel e os doces deliciosos de Biddy, depois Mildrede se sentou e lhe disse que pensava que Biddy era amorosa enquanto observava Evelinde comer.

Evelinde a escutou contente porque parecia estar bem apesar de tudo.

Assim que Evelinde acabou de comer, Mildrede correu para arrumar o quarto, e ela finalmente pôde sair às escondidas da fortaleza.

Não viu seu marido enquanto se dirigia para o curral. Se lhe perguntasse aonde ia, Evelinde não se sentiria confortável lhe mentindo e teria que dizer a verdade. Algo que preferiria não fazer.

Evelinde iniciou a busca por onde esteve no dia em que os Comyns os visitaram, e olhando pelo caminho que imaginava ser o que tinham tomado ao deixar o curral. Seguiu pelo caminho até onde Cullen a tinha tirado do curral, mas sem nenhum êxito.

Suspirou profundamente quando alcançou o alambrado do curral, olhou atentamente para dentro do cercado. Não viu o touro Angus, mas como tinha aprendido a lição, caminhou seguindo a cerca até o final para revistar toda a área. A seguir foi para a parte de trás que conduzia à entrada do estábulo dos cavalos, e do outro lado, à entrada do curral de Angus.

O portão do curral de Angus estava fechado, e não havia rastros do touro. Provavelmente esse era o melhor momento para revistar o curral, e lançou um último olhar para o portão fechado antes de voltar rapidamente para o ponto da cerca de onde Cullen a tinha resgatado.

Subindo a saia, rapidamente subiu o alambrado e caiu dentro do curral. Então se deteve para assegurar-se uma vez mais que o touro ainda estava dentro do celeiro antes de ficar sobre suas mãos e seus joelhos para começar a procurar no pasto. Ela assim o fez rapidamente, não desejava ficar dentro do curral mais tempo do que o necessário. Tampouco desejava que a pegassem na busca. Evelinde não tinha dúvida que Cullen ficaria furioso se ela a apanhasse ali dentro, e ainda mais se soubesse que tinha perdido seu broche.

Estava no meio do curral quando notou o broche. Dando um grito jubiloso, Evelinde o capturou rapidamente e o examinou. Exalou um suspiro de alívio quando viu que estava intacto. Acabava de ficar de pé pensando que teve muita sorte ao vir justo quando o curral estava vazio e encontrar o broche facilmente, quando o som pesado de patadas a fez girar a cabeça. Seus olhos se abriram imensamente ante a imagem de Angus zangado avançando em direção a ela.

Por um momento, Evelinde paralisou, imediatamente começou a correr, com o broche de Cullen agarrado firmemente em sua mão como um talismã.

* * * * *

—Poderá fazê-lo? — Cullen perguntou a Mac enquanto conduzia seu cavalo para fora dos estábulos. Acabava de levar o homem a uma excursão pelos estábulos e o tinha apresentado como o novo chefe dos estábulos a Scatchy e sua filha, Loa.

Scatchy parecia bastante contente com a nova situação. E Cullen não ficou surpreso. O homem lhe havia dito mais de uma vez que estava muito velho para passar a noite toda vigiando um animal doente ou para assistir um parto.

Mas para a surpresa de Cullen, Loa não ficou muito satisfeita com a nova circunstância. Ficou sombria e rígida desde que foi apresentada a Mac e tomou ciência de qual era a nova colocação dele. Cullen esperava que a mulher se sentisse aliviada por ter alguém que a ajudasse com o trabalho. Scatchy quase não tinha ajudado nos últimos anos, e a tarefa de dirigir os estábulos tinha recaído sobre seus ombros.

Observou à mulher agora parada na porta do estábulo, olhando furiosamente ao seu redor.

—Vai se adaptar — Mac disse. Cullen se voltou para notar que Mac também a observava. — Só precisa ser conduzida adequadamente — o chefe dos estábulos adicionou. Quando Cullen levantou as sobrancelhas, ele encolheu os ombros. — As mulheres são como os cavalos; basta mantê-los bem alimentados, massageá-los de noite, e dizer em voz baixa umas palavras doces, e o levarão a qualquer parte.

Cullen soltou uma gargalhada, mas imediatamente tentou sufocá-la quando Scatchy saiu dos estábulos. O velho cavaleiro vinha em direção deles com um sorriso que logo se transformou numa expressão desconcertada quando olhou algo a sua esquerda.

—Não é sua esposa a que está se arriscando com Angus outra vez, meu lorde? — O velho perguntou.

Cullen olhou para o curral, seu coração subiu à garganta quando viu Evelinde com seu vestido vermelho, correndo freneticamente no curral tentando superar o touro que estava quase em cima dela.

Amaldiçoando, Cullen saltou sobre seu cavalo, e o estimulou numa corrida. Cullen achou que nunca chegaria a tempo enquanto avançava para o alambrado. Evelinde não tinha possibilidade de ganhar a corrida contra a besta, pensou, porém rapidamente se deu conta de que a tinha subestimado. Embora ela não fosse mais rápida ou mais forte que o touro, definitivamente ela era mais inteligente. Justo quando Cullen pensou que ela seria chifrada pelo touro e lançada ao ar, Evelinde de repente se jogou para um lado, deitando-se no chão.

Não preparado para essa ação, Angus enraivecido, golpeou suas patas contra o chão várias vezes antes de resignar-se e virar-se. Então, Evelinde se pôs de pé e outra vez correu para a cerca. O touro imediatamente começou a persegui-la novamente, atraído por seu vestido vermelho.

Cullen se inclinou sobre o cavalo e o conduziu diretamente para a cerca. O cavalo saltou sobre a cerca justo quando Evelinde se lançava para um lado para evitar ser chifrada.

O touro se deteve imediatamente, bufando furiosamente toda sua raiva pelas fossas nasais, enquanto observava à mulher que olhava para trás temendo por sua segurança. O coração de Cullen começava a desacelerar pelo alívio de vê-la segura quando o touro, de repente girou sua cabeça para olhar intensamente na direção dele.

Dando-se conta que agora ele estava em perigo, Cullen imediatamente esporeou seu cavalo para o lado, dirigindo-se para o alambrado enquanto a besta avançava. Se o touro atacasse o cavalo antes que saíssem do curral, Cullen sabia que ambos estariam com problemas. Esporeou o animal, lhe exigindo mais velocidade, mas não era necessário fazê-lo. O cavalo não tinha o menor interesse em ser chifrado, e virtualmente voou por cima da cerca.

Aterrissaram pesadamente do outro lado do alambrado ao mesmo tempo em que o touro se chocava violentamente contra a cerca. Mas o cercado se conservou estável, deixando à besta observando-os e bufando de fúria.

Cullen desmontou do cavalo e correu para Evelinde antes que o cavalo parasse completamente.

—Está ferida? — Ele perguntou ansiosamente ajudando-a a ficar de pé.

—Não. Estou bem — Evelinde lhe garantiu ofegando, observando o touro com seus olhos muito abertos, como se temesse que ele ainda pudesse sair e persegui-la.

Cullen fechou os olhos com alívio e sacudiu a cabeça, pensando que sua esposa o mataria de aflição. Ela sempre se metia em confusões e lhe dava sustos mortais. Uma dessas vezes ela iria conseguir matá-lo com suas aventuras, ele pensou, enquanto o alívio o deixava a um passo da cólera. A coisa seguinte que notou era que lhe gritava.

—O que estava fazendo, sua estúpida?

Evelinde o olhou com os olhos arregalados, abriu a boca e a fechou logo após, então estalou a língua com irritação e deu a volta para partir.

Cullen imediatamente saiu no encalço dela. Nunca esteve tão furioso em sua vida. Uma parte dele queria surrá-la por sua estupidez, e a outra parte quis jogá-la ao chão, levantar sua saia, e amá-la até que ela não tivesse forças nem vontade para meter-se em outra dificuldade novamente. Não poderia fazer nenhuma das duas coisas, por isso simplesmente a tomou pelo braço, e a fez girar para enfrentá-lo enquanto dizia:

—O que estava fazendo?

Evelinde lançou um suspiro e então murmurou:

—Onde ouvi essa pergunta antes?

—Esposa — ele grunhiu, com sua irritação apenas sob pequeno controle.

—Tomei emprestado seu broche no outro dia para prender o vestido azul de Maggie.

Cullen franziu o cenho confuso, duvidando que isso tivesse algo a ver com essa situação toda até que recordou que a encontrou de quatro procurando algo perto do curral. O broche, obviamente, ele pensou.

—Quando subi no alambrado o broche se desprende e caiu dentro do curral. Era isso o que estava fazendo quando você e os Comyns me encontraram naquele dia — ela explicou. — Receio ter me esquecido do assunto do broche até essa manhã quando você foi pegá-lo. Vim após tomar o café da manhã para procurá-lo. Foi o que fiz — ela acrescentou, lhe mostrando o broche em sua mão. — Acabava de encontrá-lo quando percebi que o touro avançava sobre mim.

Cullen olhou para o broche na palma de sua mão assombrado.

—Você enfrentou um touro por causa do meu broche?

—Sim. Não — Evelinde se corrigiu, logo suspirou, e disse — o touro não estava no curral.

Cullen compreendeu então que nunca tinha avisado Evelinde que o curral tinha formato de L. Fergus tinha mencionado esse detalhe no outro dia para acalmá-lo, mas o homem tinha falado em voz tão baixa que duvidava que Evelinde tivesse escutado. Essa era uma circunstância na qual sua escassez de palavras era definitivamente prejudicial, Cullen pensou aborrecido e começou a explicar o que ele deveria ter feito anteriormente.

—O curral tem forma de L, esposa. Provavelmente...

—Inspeionei todo o curral, Cullen. — Ela o interrompeu. — Angus não estava fora, e a porta do celeiro do curral estava fechada quando subi.

—Ela tem razão, meu lorde. O touro deveria estar em seu cercado.

Cullen olhou ao seu redor ante essa notícia para ver um homem idoso que avançava sem pressa. O homem era Hamish, que se ocupava do celeiro, e o mancar decorria de uma antiga lesão, um presente que o touro lhe deu anos atrás.

—Não o deixei sair do celeiro — o homem disse quando os alcançou. — Angus entrou no celeiro quando o sol abaixava ontem à noite, e eu fechei a porta e coloquei a trava. Não o tinha tirado ainda. Ele não poderia estar no curral.

—Bem, então alguém o deixou sair — Cullen disse aborrecido.

O homem assentiu com a cabeça lentamente.

—Sim, assim parece.

Cullen franziu o cenho, então ambos os homens começaram a olhar fixamente Evelinde. Ela ficou rígida sob seus olhares penetrantes e então disse impacientemente.

—Bem, posso-lhes assegurar que eu não fui.

—Então foi alguém mais — Cullen grunhiu a cólera crescendo dentro dele. Quem quer que tenha sido quase matou sua esposa. Um toque suave em seu braço o fez olhar para baixo para ver que Evelinde lhe acariciava o braço para acalmá-lo.

—Tenho certeza de que quem o soltou não me viu dentro do curral — ela comentou, então explicou — Estava procurando de quatro. Estou certa de que foi um acidente.

—Sim — ele concordou, mas ainda estava em dúvida pelo incidente.

—Bem — sua esposa disse com um sorriso forçado. — vou devolver o broche ao seu baú.

Evelinde saiu correndo antes que ele pudesse detê-la.

Cullen a observou partir, suas sobrancelhas se arquearam com preocupação.

—Não foi um acidente, meu lorde — Hamish murmurou timidamente, fazendo-o desviar o olhar. — Ninguém cuida do touro, apenas eu. Ninguém teria uma razão para abrir o portão... A menos que tivessem visto sua esposa no curral.

Cullen olhou o homem por um longo período, então perguntou:

—Por que alguém iria querer fazer isso?

Hamish encolheu os ombros.

—Por que alguém mataria seu tio, seu pai, e sua primeira esposa?

—Esses foram acidentes — Cullen disse friamente, embora não estivesse tão seguro. Entretanto, nunca teve certeza, em nenhum dos casos por isso se viu forçado a aceitá-los como mortes acidentais.

—E esse também teria parecido um acidente — Hamish comentou.

Cullen ficou rígido, com sua mente sobressaltada por essas palavras como se tivesse recebido um golpe.

—Somente algo em que pensar — Hamish comentou, e se encaminhou para o celeiro.

* * * * *

Cullen observou-o partir, sua mente estava cheia de pensamentos. Seu tio Darach sofreu o primeiro acidente duvidoso. Com uma flecha cravada em suas costas durante uma caçada. Ninguém nunca admitiu ter disparado essa flecha, e no momento todos pensaram que o indivíduo não tomou conhecimento do que tinha feito. Cullen na época tinha quatorze anos e foi sua primeira caçada, essa em que o acidente aconteceu. Caçavam javalis e se depararam com uma família deles. Havia ao menos vinte homens. Quando dois javalis adultos atacaram tentando proteger os filhotes, os homens se dispersaram, cada um tomando uma direção diferente. Os javalis ficavam muito ferozes quando eram provocados.

As flechas tinham vindo de todas as direções, pois os javalis corriam atrás de qualquer coisa que se movesse, perseguia um homem, e logo depois a outro, não notando as flechas que voavam. Só depois que os dois javalis foram abatidos é que alguém percebeu que Darach, o lorde, não estava ali para recolher as presas. Uma busca começou, e o lorde de Donnachaidh foi encontrado caído entre os arbustos, com uma flecha cravada em suas costas. Darach ainda estava vivo, e lhes disse que caiu do cavalo quando um dos javalis tinha atacado seu corcel, que se empinou em duas patas. Foi ao cair contra os arbustos que ele sentiu a flecha lhe perfurar a pele. Darach pensou que era um acidente, e todos aceitaram isso como sendo verdade. Quando morreu três dias mais tarde pela febre causada pela ferida infectada, todos na fortaleza já tinham considerado que era um acidente trágico.

Então o pai de Cullen, Liam, tornou-se o lorde e trouxe paz e prosperidade ao clã por dez anos até o dia em que foi encontrado na base dos escarpados, na parte de trás do castelo Donnachaidh. Supostamente seu pai despencou por um despenhadeiro rochoso e isso o matou. Cullen estava na casa dos Comyns no dia em que isso aconteceu. Tralin e ele tinham crescido juntos e frequentemente se visitavam, e era onde ele tinha estado.

Cullen havia retornado do castelo dos Comyns para encontrar seu pai já morto e circulando os rumores sussurrados sustentando que tinha sido ele que foi visto perto do lugar do acidente... E que possivelmente a queda não tinha sido um acidente.

Não passou muito tempo antes que as pessoas se recordassem que ele também havia estado presente na caçada quando seu tio foi morto. Começaram a perguntar se realmente esse também tinha sido um acidente. Sugeria-se que Cullen podia ter disparado a flecha que havia matado seu tio. Provavelmente ele estivesse querendo herdar o título de lorde desde esse então... Comentava-se.

Apesar dos rumores, por ser o filho de Liam Duncan, Cullen tinha sido nomeado lorde. Aflito por sua perda por um homem que tinha sido um líder justo e também um bom pai, e muito ocupado com sua nova posição, Cullen não prestou muita atenção aos rumores. Investigou se

a morte de seu pai realmente foi um acidente, mas não havia forma de saber com certeza. O cavalo de Liam tinha retornado sozinho aos estábulos, uma busca tinha começado, e o lorde tinha sido encontrado ao pé dos escarpados. E apesar de que circulava um rumor que alguém tinha visto Cullen afastando-se a cavalo do lugar do acidente, ele nunca conseguiu investigar quem era essa suposta testemunha. Ninguém parecia saber quem era, simplesmente se repetia que alguém o tinha visto.

Com a certeza que ele não esteve no lugar do acidente, Cullen decidiu que essa testemunha não existia e suspendeu a investigação, concentrando-se na tarefa de administrar Donnachaidh. Mais tarde se casou com a pequena Maggie, num acordo matrimonial que seu pai tinha combinado quando eles eram crianças. Ela tinha sido uma boa mulher, simpática e amável, e ele tinha começado a gostar dela facilmente. Teriam levado uma vida pacífica e satisfatória sem as tensões causadas pela paixão e a preocupação que agora sentia por Evelinde. Mas dois anos após o casamento, Maggie também tinha sido encontrada morta ao pé dos mesmos escarpados.

Isso estava além de qualquer coincidência imaginável para Cullen. Infelizmente, também foi uma enorme coincidência para um grande número de pessoas em Donnachaidh, mas enquanto Cullen procurava entre eles quem era o culpado, todos olhavam para ele. Nenhuma resposta foi encontrada.

Cullen suspirou e passou a mão pelo cabelo frustrado. Enquanto aparentemente tudo parecia estar bem em Donnachaidh, mas na verdade existia uma divisão entre sua gente. Existiam aqueles que acreditavam que nenhuma das três mortes foi um acidente, mas sim assassinatos e que Cullen era o responsável por todos eles. E havia os outros que até raciocinavam que os acidentes podiam ter sido homicídios, mas tinham plena certeza de que Cullen não era o culpado. Finalmente, havia um terceiro grupo que não estava certo de nenhuma das duas hipóteses. Isso transformava a direção da fortaleza um assunto difícil, pois enquanto alguns obedeciam suas ordens, um grupo de pessoas do clã alimentava lentamente

um ressentimento contra ele. Ser o lorde durante esses dois anos depois da morte de Maggie tinha sido como ser o capitão a bordo de um navio amotinado.

Incapaz de provar sua inocência, ou de protestar pelas acusações implícitas quando eram meros boatos e sussurros, Cullen foi forçado a ignorá-los e esperar que se desvanecessem com o tempo. Entretanto, cada vez que pareciam desaparecer, algo ou alguém voltava a ressuscitá-los novamente. E então quando o contrato nupcial com Evelinde lhe foi proposto, Cullen que precisava de uma esposa que lhe desse um herdeiro, teve a esperança de que a presença dela fizesse as pessoas se esquecerem do passado e deixassem de mentir. Mas em vez disso, Evelinde agora tinha tido uma série de acidentes, Cullen pensou aborrecido, considerando os episódios que aconteceram desde que a tinha conhecido. A queda do cavalo do primeiro dia definitivamente tinha sido um acidente, como o haviam ser medicada incorretamente no dia do casamento. Inclusive era quase certo que sua primeira aventura no curral de Angus foi um acidente. Entretanto, Cullen estava quase certo que o de hoje não era um acidente. Alguém tinha aberto a tranca e tinha deixado Angus sair enquanto ela estava procurando o broche no curral, e ele quase tinha perdido uma segunda esposa.

Cullen franziu o cenho e observou o pátio do castelo, seu olhar percorreu todas as pessoas cumprindo com suas atividades diárias. Se o episódio de Evelinde com Angus e as mortes anteriores tivesse sido perpetrado por alguém, teria que ser uma dessas pessoas, pois um desconhecido não atravessaria livremente os portões sem que seus homens o detivessem. Uma dessas pessoas que ele olhava agora poderia ter tentado matar sua esposa, Cullen se deu conta... E, possivelmente, não pela primeira vez. Esse pensamento lhe ocorreu quando recordou o incidente quando encontrou Evelinde no bosque, no caminho de volta de Comyns.

Repentinamente recordou a menção de uma flecha cravada na árvore que ela subiu. Cullen tinha assumido que era uma velha flecha, mas algo do olhar aflito quando Evelinde lhe dizia que ela não a viu antes. E, lembrou-se que Evelinde lhe perguntou se ele esteve seguindo-a e por que não lhe tinha avisado de sua presença no bosque.

Sua boca se apertou com desgosto enquanto que em sua mente conectava esses dois pontos, esse acidente e as palavras de Hamish o abalaram. Começava a suspeitar que houvesse mais no comentário de Evelinde sobre a flecha do que admitiu naquele momento, e repentinamente sentiu ansiedade em lhe perguntar sobre esse incidente.

Montando seu cavalo, Cullen se dirigiu a fortaleza. Falaria com Evelinde. E também a teria em seus braços. Advertiria-lhe que ela deveria andar apenas perto da fortaleza até que ele estivesse seguro de que tudo estava bem. Cullen se sentiu triste quando a pequena Maggie morreu. Mas sabia sem dúvida alguma que a dor por essa morte não seria nada comparado com o que ele sentiria se perdesse Evelinde. Sua atual esposa tinha conseguido inserir-se em seu coração com sua risada suave, com seu constante falatório, e com a ardente recepção que dava ao seu corpo.

Cullen gostava de sua esposa. Inclusive poderia dizer que isso era algo mais que gostar dela, embora não estivesse disposto a explorar essa possibilidade no momento. Por agora bastava saber que queria manter essa esposa viva e ao lado dele.

Capítulo XI

—Ali está.

Evelinde deixou que a porta do castelo fechasse atrás dela e viu Mildrede sentada em uma das cadeiras perto do fogo.

—Lady Elizabeth estava a procurando há alguns minutos — a mulher lhe anunciou, quando Evelinde se aproximou.

—Sabe o que queria tia Biddy — Ela perguntou, notando que a criada dobrava seu vestido verde e aparentemente costurava um rasgo nele. Era o vestido que usou no dia anterior. Evelinde o devia ter enganchado em um ramo durante a escalada da árvore.

Mildrede sacudiu a cabeça.

—Ela não disse, mas suponho que tem algo com as refeições para a semana. Ou provavelmente deseja reabastecer as provisões já que a cozinheira logo voltará.

Evelinde assentiu com a cabeça, e vacilou brevemente em dúvida entre ver o que a mulher queria ou subir. Finalmente, decidiu devolver primeiro o broche. A perda do broche lhe tinha causado suficientes problemas, e com a má sorte que a acompanhava ultimamente, temia distrair-se e perdê-lo novamente.

—Se Biddy vier me procurar de novo, diga que vou guardar algo lá em cima e que retornarei para falar com ela. — Evelinde começou a virar-se, mas parou com um estalo da língua de Mildrede.

—Tem manchas de barro em sua saia — ela comentou irritada. — Juro por Deus, menina, que não sei o que anda te acontecendo. Nunca foi descuidada com suas roupas antes, mas parece danificar uma peça por dia desde que se casou com lorde Cullen.

Franzindo o cenho, Evelinde olhou sua saia, fazendo uma careta quando ela viu que o vestido não escapou ileso do incidente com Angus. Suspirando, sacudiu a cabeça irritada, e murmurou:

—Trocarei quando for lá em cima.

—Vou ajudá-la. — Mildrede começou a levantar-se, mas Evelinde agitou a mão, negando-se.

—Posso me arrumar sozinha, Mildrede. Continúa com o que está fazendo.

A criada se sentou no banco com aprovação, e Evelinde correu escada acima. Sua primeira parada ao chegar ao dormitório foi o baú de Cullen. Colocou o broche onde o encontrou suspirando, rapidamente tirou o vestido enquanto caminhava.

Fazendo uma pausa perto do seu baú, Evelinde demorou alguns minutos examinando o vestido. Era um de seus favoritos, e achava que Cullen devia gostar dele também, pois de todos seus vestidos, esse e o verde foram os que ele escolheu ao fazer sua bagagem quando a tirou apressadamente de d'Aumesbery. Como ele falava tão pouco, essa era o único jeito que ela podia julgar seu gosto.

Felizmente, as manchas de terra não eram muito grandes, e ao menos não rasgou dessa vez. Uma boa lavada e esfregada deveria tirar todas as manchas, pensou com alívio, e enrolou o vestido para levá-lo para lavar. Evelinde então se dirigiu para o seu baú, abriu-o, e se curvou para revirar seu conteúdo procurando outro vestido.

Não ouviu a porta do quarto abrindo, e se sobressaltou quando sentiu uns braços deslizarem em sua cintura.

Evelinde não precisou olhar para saber quem era. Reconheceu imediatamente as mãos que repentinamente cobriram seus seios assim como também a maneira com Cullen os massageava sobre o tecido da camisa.

—Vim lhe perguntar algo — Cullen disse com voz rouca perto seu ouvido.

—Oh — Evelinde suspirou, fechando seus olhos enquanto se reclinava sobre ele. Ela cobriu as mãos dele com as dela, apertando-as carinhosamente enquanto ele a acariciava.

—Sim, mas conseguiu me distrair. — Cullen explicou.

Ela arregalou seus olhos ante essas palavras, uma risada ofegante escapou de seus lábios.

— Eu não fiz nada.

—Estava inclinava sobre o baú com nada, exceto a sua camisa — Cullen esclareceu.

—E isso o distraiu? — Evelinde perguntou surpreendida, girando a cabeça para olhá-lo.

—Oh, sim — Cullen grunhiu, e reclamou seus lábios ao mesmo tempo em que ele a erguia em seus braços e a levava para a cama.

* * * * *

—Esposa?

Evelinde abriu os olhos, mas não levantou o pescoço do peito de seu marido. Cullen a tinha esgotado com sua paixão.

—Sim?

—Conte-me sobre o outro dia no bosque antes que eu a encontrasse.

Evelinde arqueou a sobrancelha ante esse pedido, então encolheu os ombros onde estava ainda meio deitada sobre ele. Foi Cullen quem a colocou ali, e ela se sentia contente de continuar assim. Mas agora que ele falava com ela, sentiu-se restringida por essa posição e começou a mover-se para ficar ao lado dele, mas a mão de Cullen de repente a segurou. Aparentemente, ele gostou dela onde e como estava. Relaxando contra ele, Evelinde franziu sua boca e encolheu os ombros.

—O que deseja saber? Perdi-me, subi numa árvore para procurar o castelo, então você chegou.

—Perguntou-me se estive lhe seguindo — lhe recordou.

Ela enrugou o nariz. Essas ocorrências pareciam tão longínquas agora. E só tinham acontecido no dia anterior, mas várias coisas já tinham acontecido, por isso parecia uma lembrança distante, e Evelinde se sentiu tola pelo medo sentido nesse dia no bosque

—Esposa — ele grunhiu insistentemente.

—Pensei ter ouvido alguém — ela admitiu lentamente. Quando seus olhos se fixaram nela, Evelinde rapidamente acrescentou — mas provavelmente foi só um coelho ou um esquilo.

Cullen guardou silêncio, sua expressão era inquieta.

—E a flecha?

Suas sobrancelhas se arquearam, mas ela encolheu os ombros.

—Provavelmente estava ali há muito tempo, como você julgou.

—Não parecia segura disso naquele momento — ele comentou.

Evelinde afastou o olhar e encolheu os ombros.

—Foi algo estúpido realmente. — fez uma pausa e soltou um suspiro exasperado antes de explicar. — Escalava a árvore quando pensei ter ouvido um golpe seco e um zumbido, e...

—Um golpe seco e com zumbido?

Evelinde riu com uma expressão confusa, mas se explicou.

—Um som sibilante como se algo tivesse passado perto de mim, logo um golpe seco como se algo tivesse golpeado a árvore. — Quando as sobrancelhas de Cullen se arquearam em sua frente, ela se apressou em dizer — Provavelmente foi um ramo que se quebrou ou o ninho de pássaro caindo e que golpeou a árvore em sua queda.

Sua expressão não se relaxou.

Evelinde continuou:

—De qualquer maneira, instintivamente soltei um dos ramos e me virava para olhar o que ouvi, quando ramo em que me sustentava escolheu esse momento para quebrar-se. Então procurei algo em que pudesse me agarrar, e depois de recuperar o equilíbrio olhei o que tinha agarrado, e foi então que vi uma flecha. — Ela encolheu os ombros e apresentou um sorriso

envergonhado. — Sei que é uma tolice, mas naquele momento pensei que provavelmente foi esse zumbido e golpe seco o que tinha escutado.

Notando a cara solene do seu marido, Evelinde franziu o cenho. Cullen estava sempre sério, mas dessa vez parecia diferente e a fazia sentir-se nervosa. Decidiu que precisava de uma mudança de tema e escolheu o primeiro que veio em sua mente.

—Marido, não deveria mandar colocar tochas no corredor para que fique iluminado durante o dia? Não há janelas e está muito escuro.

A voz de Cullen era divertida quando disse:

—Sempre foi assim. Já se habituará.

Evelinde entreceitou os olhos com desagrado, mas antes que pudesse falar alguma coisa ele repentinamente a tirou de cima de seu corpo e saiu da cama.

—Aonde vai? —Ela perguntou, sentando-se para observá-lo enquanto começava a vestir-se.

—É meio-dia. Tenho coisas que fazer.

—Mas... — Ela olhou a janela, notando que o sol estava no alto. Certamente já era meio-dia. — E sobre o nosso piquenique campestre?

Cullen vacilou, mas logo sacudiu a cabeça e continuou vestindo-se.

—Terá que ficar para outro dia, já perdi bastante tempo hoje.

—Perdeu! — Evelinde chiou, e saiu da cama e correu atrás dele, enquanto ele ia para a porta. — Mas desejava falar com você de algumas coisas.

Detendo-se na porta, Cullen virou, percorrendo-a com seu olhar, mas quando percebeu que ela estava parada diante dele inteiramente nua. Sua voz soou impaciente quando perguntou:

—Do que queria falar?

Evelinde vacilou meio atarantada, mas quando ele encolheu os ombros e se voltou para a porta, ela murmurou:

—Sobre as tochas do corredor, e sobre a distribuição das tarefas no castelo, acredito que os homens deveriam ajudar com as tarefas mais pesadas, e sobre quais são os meus deveres.

—Já discutimos o assunto das tochas, não são imperativas. E por que insiste que os homens são necessários dentro do castelo?

Evelinde decidiu relevar o assunto das tochas por agora com o fim de conseguir ajuda com as tarefas na fortaleza, e disse:

—As mulheres fazem todo o trabalho enquanto os homens jogam com as espadas, Cullen. Se ajudassem nas tarefas mais pesadas, as mulheres não estariam tão abatidas.

—Os homens não jogam com as espadas — ele disse ofendido. — Praticam para estar em bom estado para defender às mulheres e os meninos de Donnachaidh.

—Sim, é obvio — disse apaziguando-o. — Mas Donnachaidh está em paz há muito tempo, e me parece injusto deixar as mulheres fazerem todo o trabalho pesado, com alguma ajuda dos homens as coisas seriam um tanto mais fáceis. Sem dúvida pode prescindir de um homem ou dois de vez em quando para nos ajudar?

Cullen grunhiu irritado e começou a abrir a porta.

—As mulheres se arranjaram bastante bem por anos. Não vejo razão para alterar as coisas. Assim é como sempre foi.

—Mas...

—O seu dever como esposa é me obedecer — ele adicionou. Fazendo uma pausa outra vez, agora que ele tinha a porta aberta, Cullen se voltou para dizer — Permaneça no castelo de agora em diante.

Então saiu fechando a porta deixando uma Evelinde estupefata observando a porta incrédula. Não estava nada satisfeita com o que tinha sido o bate-papo.

* * * * *

Virando de costas à porta, Evelinde voltou para a cama e se sentou abatida. Era assombrosa a maneira como seu matrimônio se alterava rapidamente de maravilhoso para horrível, outra vez arrebatador para ser depois assombroso. Mas o que aconteceu? Há alguns minutos esteve apoiada no peito de seu marido sentindo-se esgotada, contudo bem amada, e agora queria estrangulá-lo.

—É como sempre foi — ela resmungou desgostosa. Que tipo de argumento era esse? E seu dever é obedecer? Há! Quais eram exatamente os seus deveres? Ela pareceu recordar palavras como confortar, honrar e amar como fazendo parte dos votos matrimoniais. Evelinde não se sentia particularmente confortada ou honrada, e definitivamente não se sentia amada.

Suspirando, ficou sentada na cama e olhou o tecido do cortinado do dossel. Verdadeiramente, o casamento resultava em ser um assunto bastante frustrante. Seu marido parecia vê-la como um ser carente, inútil e...

Era isso! Evelinde levantou-se subitamente. Sem dúvida Cullen via às mulheres desse modo. Tinha sido criado para pensar nelas como o sexo fraco que precisavam ser sempre protegidas. Nesse caso, será difícil que ele a veja como alguém forte. Precisava mostrar que ela era forte, competente e inteligente. Talvez então ele estivesse mais disposto a escutar suas ideias.

O problema estava em como fazer isso, Evelinde pensou, se encaminhando a bacia para lavar-se. A verdade é que não era fisicamente tão forte como um homem.

Mas nunca teve escassez de inteligência, Evelinde recordou respirando. Usando um pouco a cabeça, sem dúvida encontraria algum modo de...

Enquanto isso, Evelinde decidiu, se Cullen não lhe dizia quais eram seus deveres, ela decidiria isso por si mesma... E a primeira tarefa que se impôs era a de trazer os homens à

cozinha. Seu marido podia não estar disposto a ceder os homens, mas havia outras formas de atraí-los até ali...

Evelinde notou que os homens inventavam desculpas para ir até a cozinha nos dias em que Biddy assava suas massas. Provavelmente elas poderiam fazer as massas com mais frequência como um atrativo para aliciar os homens à cozinha, e em troca de um doce, ela e Biddy lhes atribuiriam algumas tarefas. Não perderiam nada tentando. E em relação às tochas para o corredor, se ele não mandava colocar algumas ali, então ela mesma o faria. E com certeza, Cullen descobriria o benefício de um corredor bem iluminado. Ao menos ela esperava que o fizesse, Evelinde pensava sobre isso enquanto terminava de se lavar então se vestiu rapidamente.

Enquanto se ocupava dessas coisas, pensaria numa maneira de como lhe demonstrar que era inteligente. Provavelmente solucionando o mistério dos acidentes, ou homicídios de seus familiares. Em seguida analisou o último acidente no curral. As perguntas de Cullen a respeito da flecha no bosque a fizeram pensar que alguém poderia estar tentando fazer com que seu marido se tornasse viúvo outra vez, mas ela não estava pronta para descansar em paz.

Sim, Evelinde raciocinou enquanto se dirigia à porta, solucionando esse mistério certamente comprovaria a seu marido que ela não era a criatura débil e indefesa que ele a considerava.

Sua determinação em iluminar o corredor ganhou força quando Evelinde saiu do quarto fechando a porta, e se encontrou em plena escuridão.

—Não é bravura caminhar na escuridão — ela resmungou aborrecida, enquanto se afastava cuidadosamente da porta. — É simplesmente uma estupidez.

Sacudindo a cabeça, Evelinde foi para as escadas, mas logo parou ao escutar um sussurro em alguma parte ao seu redor. Seu primeiro pensamento foi que era uma das criadas indo para um dos quartos, mas no momento em que ela se deteve o som também o fez.

—Quem está aí? — Evelinde indagou, olhando a escuridão.

A resposta foi o silêncio.

Evelinde esquadrinhou o corredor esforçando-se por ver. Provavelmente era apenas um camundongo que tinha resolvido viver no corredor ou num dos quartos vazios. Havia cinco nesse andar. Ela tinha conhecido todos eles nos dias anteriores a chegada de Mildrede e Mac. Os três quartos em frente a seu dormitório eram menores, um dos quais era ocupado por Biddy. Mas o quarto ao lado do deles era um grande solário. Estava vazio no momento, mas Evelinde esperava modificar isso no futuro. Era uma das tantas coisas que desejou dizer a seu marido. Mas agora decidiu que se encarregaria dos assuntos ela mesma. Seria um dos deveres que tinha se imposto.

Evelinde não ouviu mais nenhum som. Parecia ter sido realmente um camundongo, se bem que depois dos acidentes estava mais cautelosa, Evelinde estava alerta e se moveu mais lentamente do que era o habitual nela, quando se aproximou das escadas. Já estava no primeiro degrau das escadas quando tropeçou em algo no chão. Apesar de não cair, gritou enquanto tentava alcançar o corrimão de ferro.

Um grito vindo do grande salão lá em baixo respondeu ao seu pedido, mas Evelinde mal o percebeu, estava agarrada firmemente ao corrimão. Embora não interrompesse completamente sua queda, desacelerou-a bastante. Suas pernas escorregaram para um lado, e desceu vários degraus sentada.

—Esposa!

Cullen estava ali quase no momento em que Evelinde se detinha, e ela suspeitava que o grito que ouviu fosse dele. Mas estava tão aturdida pelo susto que apenas o olhou com olhos muito abertos.

—Está machucada? — Cullen fez a pergunta enquanto a levantava nos braços e a carregava até a mesa.

—Estou bem — Evelinde ofegou, enquanto Cullen a deitava na mesa, mas ninguém ouviu sua voz porque foi suplantada pela voz furiosa de Mildrede.

—É esse corredor de merda, está mais escuro do que um covil de lobo! É um perigo! Porque diabo não há uma tocha lá em cima — Mildrede grunhiu enquanto circulava ao redor dele.

Evelinde esperou a frase tão odiada — Porque é assim como sempre tem sido — mas Cullen não disse nada. Ele apalpava seu corpo nervosamente.

—Estou bem — Evelinde repetiu tentando sentar-se, só para ser empurrada novamente.

—Fica quieta até que tenhamos certeza de que não há nada quebrado — Mildrede insistiu, mantendo o ombro dela na mesa, então a criada olhou para Cullen, e perguntou inquieta. — Tem algo quebrado?

—Acredito que não — Cullen resmungou enquanto terminava seu exame e levantava seus olhos procurando por seu rosto. — Está bem?

—Sim... — Evelinde começou a dizer, mas Mildrede a interrompeu.

—É obvio que não está bem! — A mulher reclamou. — Acaba de cair por essas escadas malditas.

A mulher afastou Cullen para examinar ela mesma Evelinde. Mildrede moveu suas mãos sobre seus braços, pernas e estômago.

—Estou bem, Mildrede — Evelinde murmurou, tentando fazê-la afastar-se.

A mulher apertou os lábios, e disse:

—Não está bem, ficará toda dolorida... Outra vez — Mildrede acrescentou, olhando furiosamente Cullen, obviamente culpando-o por esse último acidente.

—O que aconteceu agora?

Evelinde olhou ao redor para ver Fergus aproximando-se da mesa. Tavis estava atrás dele.

—Ela caiu pelas escadas — Cullen respondeu com um grunhido e olhava franzindo o cenho como se isso fosse culpa dela, Evelinde notou com irritação.

—Sempre foi assim tão atrapalhada?

A cabeça de Evelinde virou ante a pergunta de Tavis, e o olhou furiosamente apesar do tom brincalhão que ele tinha usado. Tavis lhe sorriu com um brilho divertido em seus olhos.

—Não! — Mildrede grunhiu aparentemente mais zangada do que Evelinde — De fato, ela raramente sofria acidentes em d'Aumesbery. Mas esse não é o primeiro acidente que aconteceu perto de Lorde Cullen.

Os olhos de Evelinde se arregalaram, então percebeu que Biddy devia ter contado a Mildrede a história de como tinham morrido o pai, o tio, e a primeira esposa de Cullen. Antes de chegarem ao castelo, todo o falatório era o boato de que ele os matou e que as mortes deles eram resultado de acidentes suspeitos. Seu olhar foi para Cullen para ver como ele aceitava as palavras da criada, só para encontrar seu rosto tão inexpressivo como sempre.

—Está sugerindo que o nosso lorde tem alguma coisa com isso? — Fergus contestou, afastando a cotoveladas Tavis para poder falar com a criada.

—Mildrede — Evelinde disse num tom áspero quando a mulher abriu a boca para responder.

A criada hesitou, mas controlou sua língua. Evelinde somente relaxou quando Cullen de repente a tirou da mesa e a levou para as escadas.

—O que está fazendo? — Ela perguntou.

—Levando-a ao nosso quarto para descansar.

—Não preciso descansar Cullen. Estou bem. Não acredito que tenha me machucado dessa vez, consegui me agarrar ao corrimão — lhe assegurou rapidamente, ignorando a leve dor em seu braço. Era pequena comparada com o que poderia ter sofrido.

—Vou levar hidromel e misturarei um tônico — Mildrede anunciou indo à cozinha.

—Marido — Evelinde disse impacientemente. — Estou bem, verdade.

—Não está bem. Quase se arrebentou e descansará para deixar que seu corpo se recupere.

Evelinde abriu a boca para responder, mas já alcançavam o topo das escadas e em vez disso lhe advertiu:

—Tome cuidado, tropecei em algo no chão pouco antes de chegar às escadas. — Quando Cullen se deteve para olhá-la. Ela assentiu com a cabeça. — Foi isso o que me fez cair.

Cullen a olhou silenciosamente e por um momento Evelinde pensou que ele não acreditou, mas logo Cullen começou a gritar sobre seu ombro.

—Tragam-me uma tocha. Movam-se rápido!

Tavis apareceu atrás deles pouco depois trazendo uma tocha acesa na mão. Com um gesto de Cullen, ele se adiantou e subiu a escada.

—Espera — Cullen disse, quando Tavis começou a ir para o dormitório. — Aproxima a tocha do chão perto das escadas.

Evelinde viu o homem arquear uma sobrancelha, mas baixou a tocha, iluminando o chão diante deles. Evelinde franziu a fronte ao ver que não havia nada ali. O caminho estava limpo.

—Mas tropecei em algo — ela murmurou, e virou-se nos braços de Cullen, tentando olhar a parte superior das escadas. Era impossível ver algum objeto que tivesse algo com sua queda

—Acalme-se — Cullen ordenou, fazendo um gesto com a cabeça para Tavis para que ele continuasse avançando.

—Mas tropecei em algo — ela insistiu.

—Provavelmente com seus próprios pés — Tavis brincou enquanto avançava pelo corredor.

O olhar alarmado de Evelinde ia do primo para seu marido. A cara de Cullen era inexpressível como sempre, inclusive seus olhos não revelavam nada, temeu que ele estivesse de acordo com a brincadeira de Tavis.

O objeto devia ter rodado escada abaixo, Evelinde pensou com frustração.

—Obrigado — Cullen disse, e Evelinde olhou ao seu redor e descobriu que tinham chegado ao dormitório. Tavis tinha aberto a porta e agora se afastou para que Cullen entrasse.

O primo de seu marido começou a fechar a porta, mas antes que pudesse fazê-lo, Cullen lhe pediu:

— Quero tochas no corredor de agora em diante.

Tavis fez uma pausa, as sobrancelhas se arquearam ligeiramente.

—Nunca tivemos tochas no corredor antes.

—Teremos agora — Cullen disse firmemente. — E as quero acesas da manhã até a hora em que formos dormir. Diga a Fergus, e assegure-se que ele providencie isso.

Os olhos do homem se dirigiram para Evelinde com uma expressão curiosa na cara, mas Tavis assentiu com a cabeça, e logo fechou a porta.

—Obrigado — Evelinde disse timidamente enquanto ele a colocava na cama. Parecia que uma queda dela conseguiu o que seus pedidos não puderam fazer. Haveria luz no corredor.

A resposta de Cullen foi um grunhido enquanto dava meia volta e ia para a porta, saía.

Evelinde exalou um suspiro quando a porta se fechou atrás dele, É obvio que seu marido não acreditou que ela tropeçou em algo que não fossem seus pés. Desconfiou que não pudesse culpá-lo. Franzindo a testa, Evelinde tirou os pés da cama. Estava perfeitamente

bem. Os músculos do braço doíam um pouco, mas passaria rapidamente, e não tinha intenção de descansar. Tinha um plano de campanha que desejava pôr em marcha nesse momento.

Capítulo XII

—Seu plano está funcionando muito bem.

Evelinde sorriu ante o elogio jubiloso de Biddy quando entrou na cozinha e deteve o olhar no lugar onde Fergus e mais outro homem, levavam uma grande quantidade de sacos com verduras para a refeição da noite.

—Obrigada — ela disse com um suspiro agradecido. Era seu primeiro êxito em Donnachaidh, e Evelinde sinceramente esperava que não fosse o último.

—De fato, tenho mais ajuda do que posso coordenar — Biddy comentou ironicamente, seus lábios curvando-se num sorriso enquanto Fergus mastigava o doce que tinha na boca.

Evelinde olhou o homem com curiosidade. Não era a primeira vez que ela o via sorrindo, mas Evelinde percebeu que ele só sorria quando estava na presença de Biddy. O resto do tempo tinha uma cara tão séria como a que Cullen mostrava normalmente.

Voltando sua atenção ao que Biddy havia dito, Evelinde sugeriu:

—Se tiver mais ajuda da que necessita, então só prepara as massas à tarde. Ou só quando achar que precisará de ajuda.

—Sim. Farei isso — Biddy deliberou. — Deveria ter pensado em usar suborno anos atrás. Teria aliviado nosso trabalho todos esses anos. — Ela olhou Evelinde solenemente. — É uma moça muito inteligente.

Evelinde ruborizou totalmente.

—Não é suborno. É um tiquinho de algo doce para tentá-los.

Biddy riu do seu desconforto, e disse:

—É suborno e é eficaz, ninguém parece ofendido por isso. — Ela encolheu os ombros, e então perguntou — vai tomar café da manhã? Preparei uma porção fresca de massas.

—Sim, mas me contentarei com uma maçã se é que temos — Evelinde disse, não desejando pegar nenhuma das valiosas massas e assim obrigar à mulher a cozinhar mais.

—Comerá uma massa e a usufruirá sem culpa — Biddy respondeu imediatamente, indo buscar uma. Pegou uma grande taça de hidromel, uma maçã e retornou. — Agora leve isso e sente-se na mesa para comer. Esteve muito ocupada toda a semana e deve se cuidar.

Evelinde murmurou obrigada e deixou a cozinha com seu tesouro, sentindo um pouco de peso na consciência de qualquer forma. Realmente não esteve tão ocupada nessa última semana desde sua queda pela escada. Simplesmente tinha assumido seus deveres como senhora do castelo.

Seu olhar percorreu o grande salão enquanto caminhava para a mesa, e uma doce sensação de orgulho invadiu Evelinde enquanto notava as modificações conseguidas. Nas paredes vazias tinham passado cal e agora nelas estavam penduradas suas adoradas tapeçarias, nas cadeiras próximas a lareira tinham os almofadões que ela e sua mãe tinham bordado, e o chão estava coberto por palha fresca e cheirosa. O ambiente estava muito mais quente e acolhedor, ela desejou que o seu marido ao menos tivesse notado as mudanças, mas ele estava muito distraído ultimamente.

Evelinde bufou ante seus pensamentos. Seu marido tinha estado muito mais que distraído ultimamente, ele havia...

—É uma das massas de Biddy?

Distraída com seus pensamentos deprimentes, Evelinde observou surpreendida Gillie, que de repente se encontrava ao lado dela, escoltando-a até a mesa. Ele ou Rory pareciam estar presos em suas saias durante toda a última semana, ela já notou, e começava a achar isso um pouco cansativo.

—Sim — Evelinde disse enquanto se acomodava na mesa, então sugeriu — por que não pergunta a Biddy se ela precisa de ajuda? Ela pode lhe dar uma massa se a ajudar.

O homem olhou desanimado para a cozinha, depois negou com a cabeça se acomodou no banco ao lado dela.

—Não. Não tenho fome. Só me sentarei e lhe farei companhia.

Evelinde se dominou para não fazer uma careta enquanto partia a massa pela metade. Onde antes tinha sido difícil de encontrar um homem perto da fortaleza durante o dia enquanto as mulheres trabalhavam agora eles surgiam como cogumelos. Fergus sempre encontrava alguma desculpa para visitar a cozinha, mas Evelinde já se acostumou com isso. Ele fazia isso desde a sua chegada, e ela suspeitava que o homem alimentasse sentimentos amorosos por Biddy. Entretanto Cullen também tinha começado a aparecer na fortaleza várias vezes ao dia, o qual teria sido gentil se ele o fizesse para vê-la, mas ele nunca lhe dirigia nenhuma palavra. E no momento também tinha Rory e Gillie. Agora que tinham retornado de escoltar a carruagem com seus pertences, os dois homens pareciam estar sempre situados no grande salão, e a pouca distância de suas saias. Evelinde não teria prestado tanta atenção se não fosse pelo fato de que sempre pareciam estar perto, observando-a. Não tinha ideia por que o faziam, mas desejava que não o fizessem; isso a fazia sentir-se estúpida.

Decidindo que iria tirar vantagem de sua presença, ela perguntou:

—Gillie, já vivia aqui na época de Darach?

—Sim, mas só tinha quatro anos de idade. Nem sequer me lembro do homem — ele disse, com seus olhos carregados de desejo enquanto a observava morder a torta.

Evelinde engoliu a comida sentindo-se decepcionada, mas perguntou:

— Teria uns quatorze anos quando Liam morreu?

—Sim. Mas estava visitando a família de minha mãe nesse momento — ele disse distraído, então lambeu os lábios enquanto a observava dar outra mordida. — Estou certo que deve estar saborosa.

Ela ignorou o comentário, e perguntou impacientemente:

—Sem dúvida alguma você estava aqui quando Maggie morreu?

Gillie começou a assentir com a cabeça, mas logo negou.

—Não. Estava fora caçando com Rory.

Evelinde estalou a língua exasperadamente, novamente não encontrou nenhuma resposta útil. Todos os que ela interrogou até agora tinham negado ou fugido de suas perguntas. Sacudindo a cabeça, Evelinde decidiu que deveria continuar com seus deveres como senhora do castelo e colocou o último pedaço de massa na boca.

—Aonde vai? — Gillie perguntou, ficando de pé imediatamente.

Ela levantou as sobrancelhas ante a pergunta e admitiu:

—Me ocorreu dar um olhar no solário e ver o que é necessário para torná-lo habitável novamente.

—Oh — Gillie hesitou com seu olhar indo dela até a porta da cozinha. — Bem irei correndo à cozinha e implorarei uma massa a Bidy.

Evelinde levantou as sobrancelhas, mas simplesmente se dirigiu para as escadas. Olhou para trás duas vezes enquanto subia os degraus para o segundo andar, em ambas às vezes encontrou Gillie ainda vigiando-a da mesa. Ela tinha chegado à porta do solar antes de ouvir o rangido da porta da cozinha abrir e fez uma pausa. Evelinde esperou um segundo, depressa voltou sobre seus passos, um suspiro de alívio escapou de seus lábios quando observou que o grande salão estava vazio. Gillie obviamente tinha entrado na cozinha.

Imediatamente ergueu suas saias e retornou veloz escada abaixo. Se andasse rápido, poderia sair escondida antes que ele retornasse, Evelinde pensou esperançosa, lançando olhadas ansiosas para a porta da cozinha enquanto atravessava rapidamente o grande salão. Não se atreveria a sair enquanto Gillie ou qualquer outro estivesse por ali, por medo de que reportassem a Cullen. Ele certamente se sentiria muito nervoso ao inteirar-se que ela saiu da fortaleza. Era contra suas ordens expressas. Seu marido lhe deixou muito claro que ela deveria ficar dentro do castelo. Evelinde não fazia à menor ideia do por que ele insistia nisso, provavelmente temesse uma nova visita dela ao curral, mas Evelinde estava farta de ficar o tempo todo lá dentro. Certamente uma visita rápida até os estábulos para ver Laady não machucaria a ninguém. Desde que não fosse pega, Evelinde pensou ironicamente enquanto escapulia pela porta.

O pátio do castelo estava quase abandonado nessa hora, os homens estavam ocupados com seu marido treinando. Evelinde conseguiu escapar.

Entrando silenciosamente nos estábulos escuros, olhou atentamente ao seu redor, aliviada ao dar-se conta que também estava vazio. Relaxando um pouco, Evelinde tirou uma maçã de seu bolso e foi para o compartimento de sua égua.

Laady estava encantada de vê-la. Sem dúvida a égua estava tão aborrecida quanto ela, Evelinde pensou amargamente, e considerou a ideia de tirá-la para dar um passeio rápido.

* * * * *

—Seu marido sabe que está aqui?

Evelinde se assustou e com culpa virou para ver Mac enquanto ele avançava pelo corredor na direção dela, trazendo um cavalo pintalgado.

—Só quis ver Laady — Evelinde disse, observando-o guiar o cavalo a uma baia próxima e vazia.

—Ouvi que não deveria deixar a fortaleza.

Evelinde franziu o cenho enquanto se afastava da baia de Laady para apoiar-se contra a porta do compartimento onde ele trabalhava.

—Quem te disse isso?

—Seu marido — ele disse secamente.

—Oh — ela murmurou com um suspiro. — Pois bem, estou farta de ficar confinada, estive restringida por mais de uma semana.

—Estou certo de que pode encontrar muitas coisas que precisam ser feitas dentro do castelo para encher seu tempo.

—Sim — Evelinde admitiu. — Mas também é agradável sair.

—Como escapou de seus vigias? — Mac perguntou, escovando o cavalo. Vendo sua confusão, ele disse — Gillie e Rory. Cullen pôs os dois para lhe vigiar.

—O que? — Ela perguntou indignadamente. — Eu não preciso de vigilância.

—Oh, sim. Para não se colocar em dificuldade. — Mac bufou, então perguntou — Como estão os machucados que fez ao cair da escada?

—Não caí da escada — Evelinde disse impaciente, logo acrescentou — Ao menos não por toda a escada. Agarrei-me ao corrimão de ferro e me salvei. O braço doeu por alguns dias, mas

isso foi tudo. Além disso, isso não foi minha culpa. Tropecei em algo embora ninguém acredite. Todos pensam que sou simplesmente uma tonta — ela adicionou severamente.

—Seu marido não acha — Mac anunciou.

—Sim? — Evelinde perguntou ansiosamente.

—Sim. É por isso que pôs os guardas. Porque pensa que alguém colocou algo ali para que você tropeçasse, e que retirou o objeto enquanto todos estavam em sua volta.

Os olhos de Evelinde se abriram imensamente ante essa sugestão, e perguntou:

—Por que alguém faria algo assim?

Mac deu de ombros, sem arredar a vista do cavalo que atendia.

—Por que alguém mataria a primeira esposa dele? Ou ao seu pai? Ou ao tio? Cullen estava averiguando.

Evelinde olhou fixamente o homem.

—Cullen esteve falando com você?

—Sim.

Um grunhido exasperado escapou de seus lábios.

—Espero que ele fale mais comigo. Sou sua esposa.

—Para falar a verdade, imagino que ele não fala muito com ninguém — Mac comentou. —
Dá a seus homens ordens e coisas assim, mas... — ele encolheu os ombros novamente.

Evelinde olhou o homem. Estava muito interessada em que o chefe dos estábulos falava com Cullen. Mac entendia às pessoas assim como também o fazia com os cavalos. Ele sempre afirmava que era por isso que preferia os animais; não tinha um bom conceito das pessoas em

geral. Ela e Mildrede eram as únicas pessoas com quem ele tinha passado tempo em d'Aumesbery, mas agora parecia ter incluído Cullen nesse pequeno círculo.

Evelinde se sentia um pouco ciumenta por seu marido falar com Mac e não com ela.

—Cullen não sabe em quem confiar aqui — Mac comentou espontaneamente. — Eu sou uma pessoa estranha e não estive envolvido nos assuntos que atualmente o preocupam. Ele aceita minha opinião, pois você confia em mim, por isso veio me falar depois de sua queda pelas escadas.

As sobrancelhas de Evelinde se arquearam. Cullen considerava o fato de que ela confiava em Mac, isso era muito alentador. Ao menos ela pensava que poderia sê-lo.

—Por que Cullen não confia em ninguém aqui? É pelas mortes e os boatos?

—Sim. Não sabe o que é o que. Ele pensou que as mortes de seu pai e de seu tio tinham sido acidentes, mas quando a pequena Maggie morreu no mesmo lugar que seu pai, suspeitou de algo um pouco mais nebuloso. Não tem certeza se os três foram homicídios, ou somente o dela. E também existem os rumores que afirmam que ele estava por trás de tudo isso. — Mac continuou. — Não sabe em quem confiar e por isso se viu forçado a guardar silêncio.

Evelinde mordeu o lábio ante essa notícia. Parecia-lhe uma forma terrível de viver, rodeado por pessoas que o consideram um assassino, entretanto não diziam isso em seu rosto, só comentavam as suas costas. E era o seu próprio clã. Ainda pior, como lorde, ele era o responsável pelo bem-estar e a segurança deles.

—Ainda não sei por que ele conversa com você e não comigo — ela disse, afastando esses pensamentos. — Eu não estava aqui quando aconteceram os assassinatos.

—Alguns homens não falam muito — ele disse, voltando-se para o cavalo. — Seu marido se viu forçado a ser um desses homens desde que ocorreram essas mortes. Mas ele fala, e se não fala com você, é porque teme revelar algo que ainda não está preparado para que você saiba.

— Evelinde se sentiu intrigada quando ele adicionou — Mas ele lhe segue constantemente

com os olhos, e procura desculpas para entrar na fortaleza durante o dia só para estar com você, e se preocupa com você isso sugere sentimentos muito profundos.

Evelinde guardou silêncio por um momento. A semana da quase queda pela escada tinha sido a mais difícil para Evelinde.

—Cullen avalia que os outros incidentes que lhe aconteceram além desse das escadas podem ter sido ataques. — Ela tinha chegado a essa conclusão sozinha, mas quase lhe dava medo que seu marido pudesse estar de acordo. Mas isso também significava que ele não a considerava como uma tola atrapalhada. — ele suspeita de que alguém soltou o touro no curral — Mac disse. — Hamish dirigiu esse celeiro por anos. Nunca nesse tempo ninguém exceto ele tira Angus do curral... Até o dia em que você entrou nesse cercado. E também tem a flecha cravada na árvore do bosque. Lorde Cullen suspeita de que alguém lhe seguia, e a flecha foi disparada contra você enquanto subia.

Evelinde se apoiou contra a porta do compartimento.

—Por que ele não me disse nada disso?

—Contudo o mais importante é pesquisar por que alguém desejaria vê-la morta — Mac disse secamente. — Cullen e eu estivemos tentando elucidar isso. Mas é muito difícil. O problema é que se alguém deseja matá-la, provavelmente tenha algo com as outras mortes, mas está difícil de investigar quem teria cometido os três assassinatos porque não pudemos encontrar um motivo em comum. Se a morte do tio foi assassinato, o culpado teria sido o pai de Cullen, Liam. Era o único a ganhar algo com isso, tornou-se o lorde — Mac comentou. Os olhos de Evelinde se abriram amplamente ante essa sugestão. —Mas se a morte de Liam foi um homicídio, Cullen é o suspeito mais provável já que a morte dos dois homens lhe permitiu converter-se no lorde. — Evelinde ficou rígida, mas Mac continuou raciocinando — Mas não foi ele.

A convicção em sua voz fez que Evelinde se sentisse curiosa.

—Como pode estar seguro?

—Cullen me falou de seu pai, e pode se notar afeto e respeito em sua voz. Nunca teria matado seu pai para herdar um título. — Mac disse solenemente, então admitiu — e ainda escutei seus homens conversando durante a viagem, e o observei desde minha chegada e... — Mac a olhou, deixando-a ver uma expressão muito sério quando disse — O moço é um dos homens mais honrado que conheci.

Evelinde assentiu com a cabeça lentamente, ela já começou a notar essa conduta prudente e suas maneiras amáveis... Apesar de seus silêncios frustrantes.

Mac voltou para o cavalo, antes de acrescentar:

—É fácil um homem poderoso aproveitar-se de sua posição para castigar aqueles que o ofenderam, mas Cullen não tem feito nada para vingar-se dos rumores e sussurros. E ainda tem o modo como tratou você. — Mac se deteve outra vez para olhá-la. — Cullen soube imediatamente sobre o que estava fazendo Edda. Apesar de viajar durante cinco exaustivos dias para chegar ao castelo d'Aumesbery ele não aproveitou a oportunidade de permanecer ali um dia ou dois antes de retornar. Ele lhe tirou dali imediatamente para que não tivesse que suportar o abuso dela nem um minuto mais.

Os olhos de Evelinde se abriram incredulamente.

—Foi por isso que saímos imediatamente depois das bodas?

—Sim.

—Eu gostaria que ele tivesse me dito — Evelinde disse com frustração. Realmente, era uma coisa muito doce e apreciada. Mas ela não tinha sabido isso.

—Cullen não é do tipo de ostentar suas boas ações — Mac disse com indiferença. — O ponto é que não acredito que Cullen esteja por trás da morte de seu pai. Então, terá que descobrir quem, além de Cullen, ganhou algo com essa morte. — Mac guardou silêncio por

um momento, logo adicionou — Sem considerar a morte de Maggie, avaliaria Tavis como o suspeito mais provável. Ele poderia ter esperado herdar o título de lorde.

—Mas Tavis era um menino quando Darach morreu — Evelinde protestou.

—Sim, mas esse, realmente poderia ter sido um acidente — Mac comentou. — E se assim foi, Tavis poderia alimentar um ressentimento secreto por não ter sido nomeado o novo lorde depois da morte de Darach, o título recaiu em Liam, que passou para Cullen quando Liam morreu.

As sobrancelhas de Evelinde se arquearam ligeiramente. Não tinha considerado isso.

—Mas — Mac continuou. — se Tavis ambicionava o título, deveria ter matado Cullen, não à pequena Maggie, e até onde podemos refletir ninguém ganhou nada com essa morte. — Mac sacudiu a cabeça. — A morte dela é inexplicável. Então aconteceram os ataques contra você. Ninguém ganharia nada com sua morte.

Evelinde mordeu o lábio e logo admitiu:

—Biddy pensa que a pequena Maggie foi morta porque fazia perguntas sobre as outras mortes. Ela acredita que a pequena Maggie tentava conquistar o amor de Cullen limpando sua reputação.

Mac deixou de trabalhar e a olhou surpreso.

—Ela estava fazendo isso?

—Sim — Evelinde disse e então Mac se moveu inquieto.

—Você não está fazendo a mesma coisa, verdade, moça?

Evelinde evitou seu olhar.

—Fazendo o que?

—Indagar sobre as mortes — ele a acusou com segurança em sua voz.

—Sim — ela admitiu reticente. — Mas não descobri nada.

Ela podia ver o conflito no rosto dele enquanto a observava.

Finalmente, Mac perguntou:

—A Quem fez perguntas? A Tavis?

—Não. Ele não estava aqui. Perguntei a Biddy, e várias criadas na fortaleza. Falei com Scatchy também, e com Fergus e Gillie.

Mac franziu o cenho.

—Nenhum de seus acidentes aconteceram antes que Tavis chegasse.

—É certo — ela concordou.

—Alguém pôde ter mencionado a Tavis que estava fazendo perguntas — Mac disse com a fronte franzida.

—Pensa que foi Tavis, então? — Evelinde perguntou com interesse.

A expressão de Mac era conflituosa, então admitiu:

—Meus instintos me dizem que não. Ele parece ser um tipo folgazão, mais interessado em mulheres do que na responsabilidade de ser lorde, mas... — ele sacudiu a cabeça. — Se o motivo é receber o título de lorde, então ele é o suspeito, além de Cullen.

—Mas ele não deveria estar tentando matar Cullen? — Evelinde perguntou lentamente.

—Sim, e talvez ainda tente, é difícil garantir quando não estamos certos da razão por trás dos assassinatos — Mac disse lentamente. — Se os três foram mortos, esse assassino não é somente muito inteligente porque evitou ser descoberto, mas também é extremamente paciente. Passaram-se dez anos entre a morte do tio e do pai de Cullen, e foram quatro anos entre a morte dele e a da pequena Maggie.

—E agora esses acidentes — Evelinde murmurou e então se aprumou — Cullen quase se machucou quando tentou me salvar do touro. Facilmente poderia ter morrido nesse dia. Se Angus foi deliberadamente solto, quem quer que o tenha feito poderia ver que Cullen estava perto e que tentaria me salvar.

—Seria uma grande especulação por parte do assassino — Mac comentou. — Além, ele não foi o alvo do acidente quando você caiu pelas escadas.

—Talvez — Evelinde disse timidamente, logo comentou — Ele saiu do quarto pouco antes do que eu nesse dia. Poderia ter sido o alvo, mas com seus passos largos, simplesmente não pisou na coisa com a que mais tarde eu tropecei.

Mac franziu o cenho, e perguntou:

—E a flecha? Cullen não estava ali?

—Não, mas com Cullen disse nesse dia, que a flecha poderia estar nessa árvore por anos — ela comentou.

—Esse é o problema — Mac disse aborrecido. — Não sabemos com certeza quais são os acidentes e quais não são. Tudo é tão incerto. Podemos estar imaginando um assassino onde não há nenhum. Não é estranho que isto tenha sido um mistério todo este tempo.

—Sim. — Evelinde suspirou. Não sabia o que pensar agora.

—Como conseguiu escapar de Gillie e Rory? — Mac perguntou, passando a outra questão. Evelinde o deixou mudar de assunto.

— Disse-lhes que iria ao solar, e...

—Sabia que iria encontrá-la aqui.

Evelinde fechou a boca e com culpa virou-se para ver de onde vinha esse comentário que a interrompeu. Cullen estava parado, observando-a da porta do estábulo, havia exasperação em

seu rosto. Quando Evelinde somente o olhou, ele avançou para deter-se ao lado dela com um olhar.

Evelinde o olhou severamente em resposta. Sinceramente, esse homem era uma prova enviada por Deus. Se ele falava, era só para lhe dar ordens ou grunhir como um cão raivoso. Como podia o mesmo homem ser ao mesmo tempo meigo e protetor?

—Aborreci-me quando Gillie veio me contar que você escapou da vigilância dele. Pedi-lhe que permanecesse no castelo.

—Sim, e talvez se tivesse explicado por que queria isso, eu teria obedecido — lhe disse. — Mas, e me parece que não estarei muito segura ali, já que um dos acidentes que tanto o preocupa me aconteceu dentro da fortaleza.

Cullen franziu o cenho.

—Por isso os homens estão lhe vigiando. Para mantê-la segura.

—E o que se um deles é o culpado?

—Gillie e Rory eram apenas meninos quando meu tio foi morto — ele comentou. — E se sua morte realmente foi um acidente?

—Eles eram maiores quando seu pai e Maggie morreram.

—Por isso mesmo há dois homens lhe vigiando. Se um for o culpado, o outro certamente não o é, e assim estará a salvo. Agora volte para a fortaleza onde acreditam que deve estar — Cullen grunhiu, passando ao lado dela para entrar na baia de seu cavalo e começar a selá-lo.

Evelinde ignorou a ordem e o seguiu.

—Aonde vai?

—Ao castelo Comyn.

—Sozinho? — Quando ele simplesmente se virou e a olhou fixamente como se essa fosse uma pergunta estúpida, Evelinde perguntou — Não posso ir?

—Não.

—Por quê? Certamente estou a salvo com você. — E você não estará seguro sozinho, ela pensou preocupada porque seu marido poderia ser também alvo de um ataque.

—Esposa... — Cullen fez uma pausa, e sacudiu a cabeça, aparentemente sem palavras.

Mac esteve observando a troca, mas agora interferiu:

—É melhor que desista, moço. Ela é muito persistente. Além disso, vai fazer bem a moça sair para tomar ar fresco. Ela está reprimida há uma semana.

Cullen vacilou, logo cedeu com um suspiro.

—Está bem — disse, voltando-se para terminar de selar o cavalo. — Mas montará comigo.

Evelinde não protestou. Teria preferido montar seu próprio cavalo, mas não se arriscaria a uma discussão e possivelmente fazê-lo trocar de ideia.

* * * * *

—Cullen e Tralin estavam acostumados a fazer tantas travessuras! Sua mãe e eu passávamos a metade do tempo nos preocupando e a outra metade rindo de suas travessuras.

Evelinde sorriu para Lady Comyn, e perguntou curiosamente:

—Tavis alguma vez brincava com eles?

Lady Comyn hesitou, seu olhar se fez criterioso enquanto observava o hidromel.

—Tavis era quatro anos mais novo e esse par de malandros sempre o deixava para trás. Ele estava acostumado a ficar perto de sua mãe.

—E você e Biddy não continuaram sua amizade depois que a mãe de Cullen morreu?

Lady Comyn sorriu tristemente, logo admitiu:

—Fizemos a princípio, mas... — Ela suspirou. — Foi complicado nos reunir, pois era muito triste. Recordávamos o que tínhamos perdido. Ainda nos visitamos, mas não tão frequente. Depois que Darach morreu, Biddy pareceu ficar mais introvertida. Passava mais e mais tempo na cozinha. — Ellie Comyn encolheu os ombros. — Fomos nos afastando.

Evelinde estava a ponto de fazer outra pergunta quando as portas do grande salão se abriram para deixar entrar Cullen e Tralin.

—É hora de partir — Cullen anunciou.

Evelinde assentiu com a cabeça e agradeceu lady Comyn por ter passado um tempo agradável. Então deixou que seu marido a escoltasse até a saída da fortaleza, onde seu cavalo já os esperava. Em minutos deixavam o pátio externo do castelo e voltavam para Donnachaidh.

Eles já cavalgavam por um bom tempo quando Cullen repentinamente perguntou:

—Gostou?

Evelinde girou a cabeça para olhar seu marido. Ele poucas vezes lhe falava, e que Cullen lhe fizesse uma pergunta era uma surpresa agradável.

—Sim. Lady Comyn é amorosa. Tivemos um bate-papo muito agradável — ela respondeu, e era verdade. Enquanto Cullen e seu amigo Tralin tinham ido aos estábulos ver um cavalo novo, Lady Comyn tinha mostrado a Evelinde seus jardins. Tinham usufruído de uma caminhada prazerosa antes de se sentarem para conversar. Na verdade tinha aproveitado um bom período. Evelinde se inteirou de algumas coisas. Parecia que Tralin e Cullen eram amigos há muito tempo. E Lady Comyn foi amiga da mãe de Cullen, as mulheres se visitavam com frequência enquanto os meninos cresciam.

—E você? — Ela perguntou com a esperança de manter seu marido falando.

—Sim. Tralin é um bom amigo.

Evelinde sorriu abertamente e admitiu:

—Ela me contou de quando você e Tralin eram garotos. Parece que vocês dois faziam muitas travessura. — Um sorriso curvou os lábios de Cullen, mas tudo o que ele fez foi grunhir. — Evelinde hesitou, mas perguntou — Marido, me mostraria o lugar de onde seu pai caiu nos escarpados?

O pedido pareceu sobressaltá-lo, e Cullen a olhou aguçadamente.

—Por quê?

Evelinde vacilou, mas admitiu:

—Me ocorreu que se visse o lugar, teria uma melhor ideia do que teria acontecido. Ninguém parece seguro de que tenha sido um acidente, e isso só aumenta a confusão.

Cullen manteve silêncio por bastante tempo, parecia evidente que ele iria ignorar seu pedido. Evelinde suspirou e recostou-se para trás apoiando-se nele. Passaram outros vinte minutos antes que ela percebesse que em vez de aproximarem-se da frente do castelo, foram para a parte de trás. Os escarpados eram ali.

Sentando-se aprumada diante dele, ela olhou curiosa ao seu redor quando ele deteve o cavalo num escarpado açoitado pelo vento atrás do muro dos fundos do castelo.

Era um lugar estreito, Evelinde notou, enquanto Cullen a desmontava. A área corria paralela do alto do muro de pedra até a borda e tinha aproximadamente uns dez metros de largura.

Cullen agarrou seu braço enquanto ela examinava o declive, segurando-a como se temesse que ela pudesse cair. Evelinde sentiu satisfação por Cullen fazê-lo, quando viu como era abrupta a queda. Causava vertigem. Um vento forte formava redemoinhos ao redor dela.

—Ele estava a cavalo? — Evelinde perguntou, se afastando da beirada.

—Sim.

—Acredita que ele desmontou e que de certa forma caiu pelo declive? Ou que seu cavalo se assustou e o derrubou da sela. — Ela perguntou com a fronte franzida.

Cullen negou com a cabeça.

—Ninguém sabe, ou pelo menos ninguém que eu pudesse encontrar. Se realmente houvesse uma testemunha, ele poderia nos dizer isso.

—E se foi um homicídio, o assassino poderia nos dizer isso — Evelinde disse timidamente. Cullen assentiu com a cabeça. Suspirando, Evelinde se virou. Vir ali realmente não ajudou a visualizar como teria ocorrido o suposto acidente. Não havia nada ali, além de uma área extensa e um monte de pedras. Seu olhar curioso foi para um monte de pedras. Pensou que era simplesmente uma formação rochosa, mas repentinamente notou que não era natural. Evelinde se moveu para lá. — O que é...?

A pergunta morreu em seus lábios quando repentinamente pensou que poderia ser um jazigo para lorde Liam. Ou para Maggie.

—É de Jenny. A irmã de Bidy — ele explicou.

Evelinde hesitou, mas em seguida perguntou?

—Quer dizer que ela está realmente sepultada debaixo dessas pedras? — Cullen assentiu com a cabeça. —Por quê? — Evelinde o olhou com súbito desapontamento.

—Foi onde Bidy quis — ele respondeu secamente, e quando o olhou confusa, Cullen explicou — Ela se matou e não pôde ser sepultada em solo sagrado. Mas ela gostava desse lugar e passava muito tempo aqui, então Bidy decidiu que esse deveria ser o lugar de seu descanso eterno.

—Ela se matou? — Evelinde voltou seu olhar à tumba de pedra. — Por quê?

—Só tinha quatorze anos nessa ocasião, mas ela estava comprometida para casar-se com um Campbell.

—Campbell?

—Sim. Ele morreu já faz cinco anos, mas era um bastardo, cruel e desumano. Dizem que ela preferiu matar-se a casar-se com ele.

Evelinde assentiu com a cabeça, mas sua mente não estava realmente no Campbell.

—Tinha quatorze quando ela morreu? Esse foi o ano em que seu tio morreu? Verdade?

—Sim. Ela morreu só duas semanas antes que o acidente de caça acontecesse.

Evelinde olhou fixamente o lugar. Era um lugar árido frígido, solitário e de difícil acesso.

—Ela realmente gostava desse lugar?

—Sim. Ela costumava vir aqui com frequência desde a primeira vez que nos visitou no castelo.

—Ela se matou, mas não se matou na primeira visita ao castelo?

—Não. Ela esteve de visita aqui uma vez antes dessa, aproximadamente dois meses antes,

— Cullen disse. — Ela era mais nova que Bidy, julgava-se que Jenny iria ficar durante um mês, mas ela só ficou três semanas. Tralin ficou muito decepcionado. Achava que ela era a moça mais bonita que já tinha visto — Cullen lhe contou.

Evelinde lhe sorriu, agradecida porque realmente estava falando com ela. Ansiosa por mantê-lo falando, lhe perguntou:

—E você?

—Ela era muito bonita, na verdade — Cullen admitiu com indiferença — mas eu não estava tão apaixonado como ele.

Evelinde se sentiu secretamente encantada com essas palavras, mas somente disse:

—Por que Jenny voltou duas semanas antes que seu tio morresse?

—Ela chegou inesperadamente e pediu falar com o tio Darach.

—Por que com seu tio? — Evelinde perguntou surpreendida. — Por que não com Biddy?

—Darach era o lorde — Cullen disse indiferente. — Se alguém fosse lhe oferecer refugio, só poderia ser o lorde. Darach a levou para cavalgar para que pudesse expressar-se livremente, mas meu tio deve ter lhe negado refúgio, porque ela chorava muito quando retornou e foi correndo ao seu quarto e não quis mais sair. Biddy a encontrou à manhã seguinte. Ela tinha se enforcado no quarto.

As sobrancelhas de Evelinde se arquearam. Isso explicava por que o solário estava inativo. Supôs que Biddy tinha esvaziado o quarto e nunca mais tinha entrado nele novamente.

—Venha. — Cullen pegou seu braço e a conduziu para retornar ao cavalo.

Evelinde ficou em silêncio enquanto ele a colocava na sela e se unia a ela. Sua mente estava ocupada com seus pensamentos. A irmã de Biddy morreu duas semanas antes que o tio de Cullen, e estava sepultada no mesmo lugar onde o pai de Cullen e Maggie mais tarde tinham morrido. Era uma coincidência tão estranha... Se é que era uma coincidência.

Capítulo XIII

—Obrigado — Evelinde murmurou, quando Mildrede voltou a encher sua taça com hidromel. Seu olhar examinou o grande salão. Cullen a tinha deixado dormindo essa manhã, e todos já haviam tomado o café da manhã antes que ela descesse. Agora somente ela, Rory, e Gillie estavam, embora os dois homens estivessem sentados mais afastados na mesa, falando em voz baixa. Vigiam-na como sempre.

—Parece-me muito distraída essa manhã — Mildrede comentou enquanto sentava-se à mesa ao lado de Evelinde. — De fato, está muito silenciosa desde que retornou do castelo Comyn ontem. Aconteceu algo enquanto estava ali? Não foi bem?

—Não. Foi muito agradável — Evelinde lhe assegurou, e era verdade. Entretanto, esteve muito distraída desde que tinha retornado a Donnachaidh. Sua mente se ocupou com a dificuldade de como abordar Biddy a respeito de sua irmã, Jenny. Evelinde estava segura que não podia ser uma coincidência a morte de Jenny duas semanas antes de Darach e que o pai e a primeira esposa de Cullen mais tarde tivessem morrido exatamente no lugar onde a jovem tinha sido enterrada.

Devia haver alguma conexão.

—Bem — Mildrede disse quando Evelinde ficou calada. — A menos que tenha destruído outro vestido e não me disse, já terminei com os remendos. Quer que comece a trabalhar no solário? Mencionou que gostaria de limpar o lugar e talvez voltar a usá-lo — Mildrede lhe recordou.

Evelinde aquiesceu com a cabeça, mas continuava com a testa franzida. Havia considerado fazer isso, mas foi antes de inteirar-se de que Jenny se suicidou nesse quarto. O fato não a incomodava, mas ela não desejava contrariar Biddy.

—Poderia ficar um cômodo essencial, um lugar bonito para que você e Cullen evitem o grande salão em dias abarrotados de gente durante a noite. Provavelmente vocês possam ter uma ceia tranquila juntos sem ter que sair do quarto.

—Sim — Evelinde murmurou, então suspirou, e disse — Mas não estou certa de que Biddy vai gostar; certamente isso vai lhe trazer más lembranças.

—Más lembranças?

Evelinde conservou silêncio enquanto sua mente avaliava a situação. Uma ideia lhe ocorreu. Mildrede e Biddy passavam muito tempo juntas ultimamente. As duas mulheres com frequência se sentavam perto da lareira depois do jantar, conversando enquanto costuravam ou bordavam. Não era incomum que uma dama e sua criada fossem amigas, embora fosse algo incomum que a dama seja amiga da criada de outra dama. Porém, as duas mulheres tinham quase a mesma idade.

—Mildrede, Biddy alguma vez mencionou sua irmã?

A criada a olhou fixamente.

—Sua irmã?

—Jenny — Evelinde explicou.

—Não. Não tinha ideia que ela tinha uma irmã.

Evelinde notou a estranheza na cara da criada, e disse em voz baixa:

—Jenny se suicidou anos atrás, Mildrede. Sem dúvida é muito doloroso para Biddy falar disso.

—Oh — Mildrede disse, em seu rosto havia compaixão, e perguntou — por que limpar e arrumar o solário pode lhe trazer más lembranças?

—Jenny se enforcou no solário algumas semanas antes que o marido de Biddy, Darach, fosse morto — Evelinde murmurou.

Os olhos de Mildrede se abriram incredulamente, logo um ofego escapou de seus lábios antes de murmurar:

—Pobre Lady Elizabeth. Ela teve tantos infortúnios.

—Sim — Evelinde concordou. Depois de mastigar e engolir um pedaço de pão, ela ainda murmurou — suponho que poderíamos lhe perguntar se não existe problema. Ela pode não desejar entrar no solar, mas talvez não se incomode que o utilizemos.

Mildrede vacilou brevemente, mas logo assentiu com a cabeça.

—Tenho certeza que não se incomodará.

Evelinde bebeu o último gole do hidromel e ficou de pé. No momento em que o fez, Gillie e Rory ficaram de pé também. A raiva cresceu nela quando o fizeram, mas se obrigou a dar um sorriso inocente e lhes fez um gesto para que retornassem aos seus assentos.

—Não há necessidade de se incomodarem cavalheiros. Simplesmente vou lá em cima para dar uma olhada no solário e ver o que precisamos fazer. Podem ver a porta daqui.

Os dois homens hesitaram, trocaram olhares, então se sentaram em seus lugares, e Evelinde imediatamente deu a volta e se dirigiu para as escadas, consciente de que Mildrede estava seguindo-a.

As escadas e o corredor estavam muito mais agradáveis de transitar desde que colocaram as tochas. O corredor era simplesmente uma passagem comprida e vazia, com portas aos lados, mas ao menos agora podiam ver onde pisavam e sem medo de tropeçar em algo que não podiam ver.

Evelinde fez uma careta ante essa ideia. Já teve acidentes e quedas mais que suficientes ultimamente e com sorte evitaria ter algum outro por um longo período.

Apesar de já ter visto o solário antes, Evelinde ainda ficou um pouco chocada ante a onda de fedor que circulou quando abriu a porta. Um aroma mofado fez com que as mulheres enrugassem seus narizes com asco. Se ela queria usar esse quarto, teriam que limpá-lo e arejá-lo muito bem.

—Traga uma das tochas do corredor, por favor, Mildrede — Evelinde ordenou, e deu alguns passos cuidadosos para dentro do quarto, agitando a mão diante dela para tirar as teias do caminho. Recordou de sua primeira visita ao quarto que havia janelas, quanto mais rápido as abrissem, mais rápido veria o que tinha que fazer, e mais rápido o ar fresco dissiparia o aroma de umidade.

—Aqui está.

Evelinde virou-se para sua criada com alívio quando ela reapareceu na soleira, com a tocha na mão, formando sombras dançantes nas paredes do quarto. Tomando a tocha, Evelinde a estendeu na frente, sacudindo-a para tirar as teias enquanto ia para as janelas. Era um pouco tenebroso depois de dezessete anos fechado, mas imediatamente a luz iluminou o quarto, também entrou uma brisa que fez voar pó e teias, criando uma nuvem tóxica.

Mildrede foi para um grupo janelas, abrindo-as. Evelinde tentou lhe advertir que não o fizesse, mas antes que pudesse falar, a poeira no ar entrou em seu nariz e boca, e acabou espirrando e com acesso de tosse.

Evelinde retornou para a janela que tinha aberto e inspirou ar fresco até que a necessidade de tossir passasse. Girou e cautelosamente começou a enfrentar o quarto.

Era evidente que o cômodo não foi usado durante dezessete anos, desde que Jenny tinha morrido. Cada minuto transcorrido após se refletia no quarto, com pó acumulado em cada superfície, teias agitando-se com a brisa, e a palha do chão podre e também petrificado com o decorrer do tempo.

—Há muito trabalho a fazer — Mildrede murmurou.

Alguma coisa no tom de sua voz fez com que Evelinde a olhasse, e suas sobrancelhas se arquearam quando viu que seu olhar estava erguido para o alto, no teto, sem dúvida procurando de onde Jenny poderia ter se pendurado. Evelinde também se indagou, mas essa era a primeira vez que entrava no quarto desde que soube da morte da jovem. Seu olhar percorreu o quarto agora, com novos olhos, mas a seguir, decidiu que na verdade não queria saber e nem ter essa imagem em sua mente, desviou sua atenção do teto para a palha do chão. Tinham que trocá-las, o que certamente melhoraria o odor dentro do quarto.

—Irei pegar uma vassoura para tirar a palha — Mildrede decidiu.

Evelinde a observou partir e voltou seu olhar ao quarto novamente. Definitivamente ia ser um grande esforço fazer a limpeza, mas valeria à pena... Ou pelo menos esperava.

Enrugando o nariz, Evelinde deu a volta e olhou pela janela ao pátio do castelo, desfrutando do ar fresco, inclinando-se sobre o parapeito. Sinceramente o cheiro aqui dentro era muito desagradável, e Evelinde suspeitava que talvez encontrasse ratos vivendo nesse quarto vazio. Ratos vivos e mortos.

Evelinde considerava essa desagradável possibilidade quando uma tosse a fez endireitar-se e virar.

—Tia Biddy — Evelinde disse com a culpa dominando-a quando viu a mulher na soleira.

—Vai utilizar o solar — a tia de Cullen disse timidamente, seu olhar parecendo centrar-se em Evelinde para evitar olhar o quarto.

—Ia falar com você primeiro, mas, sim — ela admitiu com inquietação. — Espero que não se incomode.

—É obvio que não — Biddy murmurou com seu olhar recaindo na palha do chão, depois em sua saia. — É um desperdício não usá-lo.

Evelinde vacilou, logo admitiu:

—No caminho de volta de Comyn ontem, Cullen me levou ao escarpado onde Lorde Liam e a pequena Maggie morreram.

O rosto de Biddy paralisou brevemente, mas logo conseguiu mostrar uma expressão neutra.

— Oh, sim?

—Sim — Evelinde vacilou, logo continuou. — Cullen me contou sobre Jenny. Sinto muito, Tia Biddy. — Biddy assentiu com a cabeça, mas conservou silêncio. Evelinde exalou um suspiro, mas continuou resolutamente — Disse-me que ela se matou para não casar-se com um Campbell? — Biddy conservou silêncio, seus dedos começando a apertar-se em punhos. — Sinto muito, sei que isso deve lhe afligir — Evelinde disse timidamente, achando a conversa muito difícil. Gostava de Biddy e não desejava angustiá-la, mas... — Não acha que a morte de sua irmã teve algo a ver com a morte de seu marido?

Biddy repentinamente golpeou uma mão contra o marco de porta ao seu lado.

—Uma arranha — Biddy resmungou a modo de explicação, limpando a mão.

Evelinde assentiu e quase parou de interrogá-la, mas apenas continuou:

—Perguntava-me se poderia haver uma conexão.

Isso fez com que a mulher levantasse o pescoço e a olhasse com uma expressão premente.

Evelinde mordeu o lábio ante esse olhar severo, e disse desculpando-se:

—Só me parece algo estranho que ela esteja de certa forma relacionada com as outras mortes. Ela morreu aqui duas semanas antes de seu marido, então o pai de Cullen e sua primeira esposa, ambos morreram nos escarpados onde Jenny foi enterrada. É admissível que alguém culpasse Darach de sua morte porque não deu refúgio a ela, para não casar-se com o Campbell? — Ela indagou.

—Refúgio? — Biddy perguntou surpreendida.

Evelinde franziu o cenho.

—Sim. Por que ela desejava falar com Darach quando ela retornou aqui?

—Moça — Biddy começou a dizer com desgosto, logo se deteve abruptamente, sua cabeça virou para a porta quando Tavis de repente apareceu atrás dela. Os dois se olharam mutuamente por um momento. Evelinde não poderia ver o rosto de Biddy, mas a expressão de Tavis era neutra, e logo Biddy se voltou. — É bem-vinda a abrir esse cômodo. Embora eu provavelmente não o use muito

O olhar de Biddy se conduziu para uma aranha pendurada numa teia no teto. Evelinde olhou fixamente a aranha, perguntando-se se foi assim que Jenny se enforcou, depressa decidiu que era provável que fosse assim. Não conseguia ver nenhuma outra possibilidade no quarto.

Seu olhar procurou Biddy, só para ver que a mulher escapuliu enquanto Evelinde examinava a aranha, e Tavis tinha dado um passo atrás no corredor para segui-la com o olhar. Uma expressão torturava seu rosto quando olhou Evelinde.

—Não se preocupe — Tavis disse enquanto entrava. — Gostava muito de Jenny.

Evelinde aquiesceu com a cabeça, sentindo-se mal, estava embaraçada entre a culpa por ter perturbado a mulher, e a frustração de não ter descoberto nada novo.

—Vim lhe dizer que Cullen mandou Rory e Gillie sair e nos designou para vigiá-la — ele anunciou, quando ela se calou, distraída com seus pensamentos.

—Nós? — Evelinde perguntou, olhando-o curiosamente.

—Fergus e eu — Tavis explicou. — Entrou comigo para lhe encontrar, mas acredito que foi à cozinha procurar algo para comer.

Evelinde sorriu fracamente, e disse:

—É outra coisa, não a comida, que o leva a cozinha todo o tempo.

—Mas comida é tudo o que conseguirá — Tavis disse.

Evelinde inclinou a cabeça, olhando-o curiosamente. Parecia óbvio que ele também suspeitava que Fergus tivesse sentimentos amorosos para Biddy.

—Seus sentimentos lhe desagradam então? — Ela perguntou.

Tavis encolheu os ombros e se movimentou para frente, seu olhar observando curiosamente o quarto sujo.

—Minha mãe amou meu pai profundamente. Perdoou-lhe todos seus pecados, e não mostrou nenhum interesse em outro homem desde sua morte. Na verdade, ela não mostrou nenhum interesse por nada exceto cozinhar. A morte mudou-a muito.

—De seu marido ou de sua irmã? — Evelinde perguntou.

—A dele — lhe garantiu solenemente. — Oh, ela estava triste quando Jenny morreu. Só chorava. Meu pai passou as duas semanas antes de sua morte somente amparando sua mão e reconfortando-a. E depois ele morreu. — Tavis sacudiu a cabeça. — Ela se retraiu, começou a desaparecer todo o tempo, ia aos escarpados para sentar-se ao lado da tumba de Jenny ou na cozinha, longe de nós. Penso que seu coração estava quebrado, e ela já não podia amar mais. Nem sequer a mim — ele acrescentou com um pequeno sorriso irônico que era amargo e encantador.

Evelinde franziu o cenho, seu coração oprimiu-se pelo o que o jovem Tavis teria passado nesse momento. À tenra idade de dez anos de idade, ele se encontrou órfão de pai e foi abandonado por sua mãe.

—Quem lhe cuidou?

Tavis encolheu os ombros.

—O tio Liam fez o que pôde por mim. E as mulheres daqui me consolaram como puderam.

O sorriso capcioso de seu rosto sugeria que consolo não foi somente um abraço, e Evelinde franziu o cenho, perguntando-se com que idade o menino tinha sido iniciado em sua sexualidade.

—Lembra de Jenny? — Ela perguntou abruptamente, desejando trocar o assunto.

—Sim. — Tavis sorriu fracamente. — Foi muito divertido a primeira vez que ela esteve aqui. Uma moça muito alegre, sempre rindo. Cullen e Tralin estavam acostumados a me evitar. Pensavam que eram muito grandes para jogar comigo, mas Jenny não. Ela me deixava segui-la quase todo o tempo. — Tavis franziu o cenho repentinamente, em seguida admitiu — Bem, a princípio o fazia, então começou a sentar-se no escarpado, para observar o vale, e também começou a me despachar na maioria das vezes. Eu podia segui-la a qualquer parte menos ao escarpado.

—Por quê? — Evelinde perguntou curiosamente.

Tavis fez uma careta.

—Ela me disse que era perigoso e que ela desejava estar sozinha para pensar.

—Mas você não acreditou?

Tavis negou com a cabeça.

—Entendi depois. Há uma porta no muro de trás do castelo. Há um truque para abri-la, e eu não sabia naquele tempo, mas pude subir numa árvore e ver... — Um sorriso sagaz se curvou em seus lábios novamente. — Ela não estava sozinha, e eles não estavam exatamente pensando.

As sobrancelhas de Evelinde se arquearam.

—Com quem ela estava?

—Não sei — ele admitiu. — Não pude ver muito bem. Tudo o que vi foram às pernas de um homem entrelaçado com as dela no chão. — sorriu ironicamente, e admitiu — Eu não queria que ela soubesse que estive espiando-a e se zangasse, então retornei ao castelo para que minha mãe curasse os arranhados. — Ambos ficaram em silêncio por um momento, logo Tavis disse — Não foi muito tempo depois que ela partiu. Um par de dias, talvez. Minha mãe estava fora caçando coelhos para fazer guisados, e a tia Jenny foi ao escarpado, só para retornar chorando. Pensei que ela havia se machucado, mas ela não parecia ter nenhuma ferida. Quando tentei lhe perguntar se estava tudo bem, ela gritou que a deixasse sozinha e me mandou sair de seu quarto. Ela saiu alguns minutos mais tarde, apenas com uma bolsa pequena com alguns vestidos nele e foi aos estábulos. — Tavis encolheu os ombros. — Ela se foi, de qualquer jeito, sem nenhuma palavra para mim ou para minha mãe.

—Sozinha? — Evelinde perguntou com assombro.

—Não, três homens a escoltaram.

—Quais? — Ela perguntou imediatamente, pensando que talvez o amante de Jenny estivesse no trio.

Tavis considerou a pergunta, mas logo sacudiu a cabeça.

—Não estou seguro. Estava parado nas escadas da entrada da fortaleza. Estava muito longe para ver.

—Bem alguém deve ter providenciado a escolta — Evelinde comentou. — Seu pai, Talvez?

Tavis considerou a pergunta, logo sacudiu a cabeça.

—Não recordo havê-lo visto próximo. Ele tinha saído para cavalgar antes que Jenny saísse para dar seu passeio diário ao escarpado.

Evelinde pensava nisso quando Mildrede entrou. A criada trazia vários artigos de limpeza com ela; uma vassoura de palha, balde com água, trapos, e outros itens de limpeza, e Evelinde

se apressou a pegar a vassoura e um trapo enquanto Tavis pegava o recipiente com água para evitar que escorregasse de sua mão.

Tavis colocou a um lado o balde logo se endireitou e foi para a porta.

—Bem, é melhor descer. Estaremos no grande salão se precisarem.

Saiu do quarto antes que ela pudesse perguntar algo mais sobre ele. Evelinde supôs que Tavis temia receber instruções para ajudar na limpeza. Prendeu sua atenção em tirar as teias do teto enquanto Mildrede começava a varrer a palha do chão para a porta.

Como tinha temido alguns animais tinham estabelecido residência no solário. Ela e Mildrede saíram chiando um par de vezes quando os ratos perturbados começaram a correr. Isso trouxe Tavis e Fergus ao cômodo. Evelinde lhes pediu que ajudassem à criada a carregar a palha do chão que ela tinha juntado em um enorme monte perto da porta. Ambos resistiram à mera sugestão, mas depois da promessa de pedir a Biddy que assasse mais massas só para eles, decidiram que alguém ajudaria enquanto o outro continuava de guarda. Coube a Tavis ajudar Mildrede a carregar a palha enquanto Fergus ficava no salão e observava a porta do cômodo. Evelinde, eles insistiram, devia continuar com seu trabalho no solário. Não seria bom aborrecer Cullen deixando-a sair do castelo.

Voltando-se para limpar as teias que ainda havia, Evelinde continuou tirando a imundície que juntou através dos anos, mas sua mente repassava o que descobriu através de Tavis.

Ela não estava sozinha, e eles não estavam pensando.

Soava como se a jovem Jenny tivesse um amante. Um engano tolo quando ela sabia que teria que casar-se com um Campbell, um homem conhecido por sua crueldade. A única coisa que Evelinde podia pensar era que a moça esperava do seu amante casamento, quem quer que fosse, e a salvasse do Campbell. Seria preciso um lorde muito poderoso para poder conseguir isso, um que pudesse resistir à vingança dos Campbell. Mas o único lorde poderoso em Donnachaidh era Darach, e ele já estava casado, e não estava em posição de casar-se e

salvá-la. Até onde Evelinde sabia não havia nenhum outro lorde poderoso de visita no castelo nesse momento... Mas, ela pensou repentinamente, existia o filho de um lorde poderoso. Tralin.

Evelinde desacelerou seu trabalho nas teias de aranha enquanto considerava isso. Cullen havia dito que Tralin acreditava que Jenny era a moça mais bonita que ele já tinha visto. E se ela tivesse gostado dele? Jenny obviamente tinha estado encontrando-se com seu amante no escarpado para ter privacidade. Podia ser Tralin? Ela acreditaria que ele se casaria e a salvaria do Campbell?

Evelinde piscou e se endireitou enquanto percebia que havia outro homem poderoso, o pai de Cullen, Liam.

Não, ela compreendeu logo após, então se inclinou para retomar seu trabalho imediatamente. Liam não era poderoso antes da morte de seu irmão, quando herdou o título e a posição de lorde... E isso a fazia considerar Tralin novamente.

Que Jenny voltasse chorando só podia significar que tinha discutido com seu amante. Evelinde se indagou quem poderia ter sido, mas havia algo a incomodando. Tavis contou que Jenny saiu sem falar com a irmã. Sendo assim, então quem providenciara à escolta para ela? Darach?

Evelinde franziu o cenho quando sentiu um forte cheiro de queimado, não era odor de sebo das tochas, a não ser a...

Ela olhou rápido ao seu redor, seus olhos arregalaram-se horrorizados quando viu que a tocha que Mildrede tinha colocado no prendedor perto da porta caiu sobre a palha amontoada diante da porta, e estava queimando.

Evelinde agarrou rapidamente um dos trapos úmidos e foi para a porta com a palha em chamas com a intenção de sair apressadamente do aposento, mas o fogo estava espalhando-

se velozmente. Não poderia apagar, e não podia esperar por ajuda. O fogo bloqueava a porta. Evelinde estava presa.

A expressão de Cullen era nebulosa quando ele entrou no pátio. O incidente com a flecha na árvore esteve perturbando-o desde que começou a suspeitar que os imprevistos de sua esposa pudessem não ter sido acidentes. Finalmente, nesse dia tinha cavalgado até o bosque para localizar a árvore que sua mulher tinha escalado. Então ele subiu para olhar à flecha. Um olhar foi suficiente para lhe dizer que a flecha não estava ali há muito tempo. Não tinha chovido desde o incidente, e as penas estavam intactas. Alguém havia tentando matar sua esposa.

Cullen tentou arrancar a flecha da árvore, mas estava muito enfiada no tronco então teve que se dar por vencido. Examinou o eixo da seta e as penas para ver se havia algo de incomum nela que o pudesse conduzir à pessoa que tinha disparado, no entanto as penas eram de ganso. A maioria dos caçadores usava penas de ganso, e uma menor quantidade algumas vezes, usavam penas de cisne na confecção das flechas. Alguns usavam uma combinação de ambas para fazê-las mais especial, mas essa flecha era muito comum e poderia ter pertencido a muitas das pessoas de Donnachaidh.

Decepcionado pela flecha não lhe dar nenhuma pista, Cullen desceu da árvore e tomou o caminho que levava diretamente de volta ao castelo. Tinha suspeitado que houvesse alguém tentando matar sua mulher desde que Hamish tinha comentado do touro no curral. Vê-la e assegurar-se que ela estava bem era a única coisa em que podia pensar agora para tranquilizar-se.

Cullen considerava se não deveria pôr quatro homens de vigilância em vez de só dois enquanto desmontava seu cavalo e entrava na fortaleza. Mas todos seus pensamentos se dispersaram quando viu Fergus sentado na mesa do salão sozinho.

—Onde está Tavis? — Ele perguntou com seu olhar indo para as cadeiras perto da lareira em busca de sua esposa. Quando não a viu ali, franziu o cenho, indagou — Onde está minha esposa?

—Tavis ajuda Mildrede a carregar a palha suja que tiraram do solário — Fergus respondeu lentamente. — E sua esposa está no solário.

—Sozinha? Acredita-se que devem protegê-la, — Cullen grunhiu.

—Sim, mas ela disse que não nos queria no meio de seu caminho, e podemos ver a porta do aposento daqui — Fergus comentou. —Ninguém poderia chegar ali sem que o vejamos.

Cullen franziu o cenho ante essas palavras, então sua cabeça virou para ver a única porta que podia ser vista lá de baixo. A porta solário. Seu coração subiu pela sua garganta quando viu que a porta estava em chamas.

—Evelinde! — O nome retumbou de sua garganta como um rugido de agonia enquanto corria pelas escadas. Cullen reconheceu o pânico e a dor em sua voz, mas nem deu atenção. Seus ouvidos só procuravam uma resposta de sua esposa lhe dizendo que ainda estava viva.

Cullen correu para a porta, então se deteve abruptamente quando encontrou uma barreira de chamas. Era como se alguém tivesse construído uma fogueira gigante justamente diante da soleira. As chamas eram quase tão altas quanto ele, e o que podia ver era que o quarto estava cheio de fumaça.

—Grita pedindo ajuda — ele rugiu, quando Fergus chegou a seu lado.

O soldado virou imediatamente para descer correndo a escada. Cullen olhou de volta o quarto, com o coração agoniado quando notou como estava escuro. Ela poderia morrer ali com a fumaça antes que Fergus conseguisse retornar com água.

Cullen apertou os dentes e retrocedeu afastando-se da porta alguns passos.

—Já vou, esposa! — ele rugiu.

Cullen ouviu-a gritando algo em resposta, mas já corria atravessando as chamas. Não perderia Evelinde. Não poderia perdê-la. Amava essa mulher tola, espertalhona e doce.

Capítulo XIV

—Não, marido! Tenho água! — Evelinde gritou num acesso de tosse, prontamente deixou de protestar para se jogar para um lado quando viu Cullen cruzando as chamas.

Esse homem estúpido vai conseguir se matar, quando poderia ter esperado um pouco para que apagassem o fogo, ela pensou impacientemente.

Evelinde precisou apenas de um minuto para lembrar-se do balde com água suja que estava no quarto, um minuto precioso durante o qual o fogo tinha crescido vorazmente e então ela ouviu seu marido chamá-la aos gritos. Ela amaldiçoou esse minuto de estupidez enquanto observava Cullen tentando saltar as chamas.

Para seu alívio, Cullen foi o suficientemente sensato para inclinar sua cabeça quando saltou, mas seus ombros esbarraram no marco de porta, e ele caiu não muito longe do fogo.

Evelinde gritou alarmada, seu coração subindo pela garganta enquanto ele rodava para frente e se afastava do fogo.

—Está bem? — Ela ofegou, correndo para o seu lado quando ele se levantou.

—Sim — Cullen grunhiu, agarrando-a pelo braço e levou-a até a janela quando Evelinde começou a tossir novamente. Assim que ela inspirou algumas golfadas de ar fresco e parou de tossir, ele lhe perguntou — O que aconteceu?

Ignorando a pergunta, Evelinde o observou procurando algum sinal de queimaduras ou feridas, e repetiu:

— Está bem?

Cullen lhe causou tanto medo! Um medo que não havia sentido mais desde o dia em que seu pai tinha morrido. Ela havia sentido esse mesmo nó no estômago, era uma sensação que nunca tinha experimentado antes ou após... Até agora, com esse homem. Isso demonstrou a Evelinde que seus sentimentos por seu marido eram muito mais fortes do que supunha. De certa forma, apesar de seus silêncios frustrantes, o homem abriu caminho em seu coração.

—Estou bem — Cullen lhe assegurou, tentando pegar mãos dela tremendo. — Temos que sair daqui.

Os olhos de Evelinde se abriram com espanto, mas ela o seguiu através do quarto até que ele parou. Ela não duvidava que ele tivesse intenção de carregá-la em seus braços para fora do aposento, mas não havia necessidade.

—Esposa! — ele grunhiu, mas parou quando ela tomou o balde com água, entretanto quando Evelinde se encaminhou para as chamas para jogar a água, ele de repente estava ao seu lado.

—Dê-me isso — Cullen grunhiu, tomando o balde pesado. Quando ela o soltou facilmente e se inclinou para tossir por causa da fumaça que irritava sua garganta, ele pediu — Espere perto da janela, o ar está mais fresco lá.

Evelinde fez uma careta ante seu tom de voz autoritário, mas quando ela abriu a boca para protestar e tossiu outra vez, cedeu e fez o que ele lhe ordenou. Observou inquieta da janela como Cullen apagava as chamas rapidamente. A água não as extinguiu completamente, mas bastou para que ele pudesse golpeá-las com os trapos úmidos que lhe deu.

—O que aconteceu? — Cullen perguntou quando apagou as últimas chamas.

—Não estou certa — Evelinde admitiu. — Acredito que a tocha caiu da argola e ateou fogo na palha do chão. — A expressão de Cullen dizia que ele duvidava disso, mas ela continuou — Lembrei-me do balde com água quando o ouvi gritar. Tentei lhe dizer que não entrasse até que tivesse jogado a água, mas... — Ela encolheu os ombros, sem incomodar-se em apontar que ele não a tinha escutado.

Cullen meramente grunhiu, dirigindo seu olhar para algo entre as brasas. Evelinde foi atrás dele para ver o que era. Seu olhar depressa foi à braçadeira ao lado da porta, notou que estava inclinada para um lado. Era evidente que a tocha escorregou dali. O enigma era que se a tocha se desprendeu naturalmente, teria caído mais perto da porta, não a um metro e meio de distância e justo no meio do monte de palha acumulada no chão.

—Não foi um acidente — Cullen grunhiu, endireitando-se.

—Não — Evelinde concordou, mas não estava surpresa. Ela não tinha ouvido a tocha cair. Se tivesse caído sozinha, ela teria ouvido o golpe contra o chão. Mas não houve nenhum som.

A braçadeira de ferro estava fixada na parede de pedra por um grande prego. Havia dois quando Mildrede tinha colocado a tocha mais cedo. Evelinde percorreu o chão com os olhos, mas não viu o segundo prego em nenhuma parte. Então olhou de volta a Cullen. Quando ele deu um puxão ao prego ainda preso na parede, ele saiu fácil e silencioso, o que explicava por que não ouviu nada.

Jogando para o lado a braçadeira da tocha, Cullen se virou para levantá-la em seus braços e carregá-la por cima das brasas. Encontraram Fergus no corredor. O homem estava sem fôlego, com um balde de água em cada mão e várias mulheres atrás dele.

—O fogo já está apagado, mas as brasas ainda estão quentes. Encharque-as bem — Cullen grunhiu então levou Evelinde para o quarto.

Evelinde poderia ter caminhado, mas sabia por experiência, que não tinha sentido discutir com Cullen. Permaneceu quieta em seus braços enquanto ele caminhava para a porta do

quarto. Logo esperou pacientemente que ele a transportasse ao seu interior, chutando a porta para fechá-la atrás deles. Mas no momento em que ele se deteve ao lado da cama, ela sacudiu as pernas e lhe pediu que a descesse.

Cullen hesitou e Evelinde pensou que ele se negaria, mas logo a colocou no chão. No momento em que o fez, Evelinde ficou de joelhos diante dele e começou a lhe examinar as pernas procurando queimaduras.

—O que está fazendo? — Cullen perguntou, tentando afastar-se. Evelinde envolveu o braço ao redor da perna dele para mantê-lo no lugar e continuar a sua inspeção. Levantou-lhe o plaid para examinar suas coxas. — Esposa! — Cullen tentou afastar-se, e ela olhou para cima, foi uma surpresa ver que o homem estava vermelho.

—Quero ter certeza de que não sofreu queimaduras quando atravessou as chamas — lhe explicou, e levantou o plaid outra vez, ficou assombrada ao encontrar uma ereção crescendo na frente de seu rosto.

Sacudindo a cabeça, Evelinde continuou a examinar atentamente a pele, engatinhando ao redor dele para olhar seu traseiro também. Acabava de levantar a parte posterior do plaid quando Cullen pareceu estar no limite de sua paciência. Virando-se rapidamente, ele pegou-a pelo braço e a puxou para colocá-la de pé. Sua expressão era exasperada.

—Não estou queimado — grunhiu. — Estou mais preocupado com você nesse momento. Inalou muita fumaça. Dói-lhe o peito?

—Não — lhe assegurou seriamente, mas não pôde evitar sorrir abertamente e acrescentou — se importaria de me examinar para procurar queimaduras?

A boca de Cullen caiu aberta ante esse convite atrevido, porém negou com a cabeça e soltou uma risada que terminou com um suspiro enquanto apoiava seu queixo sobre sua cabeça, e disse:

—Vai me matar de desgosto, esposa.

O sorriso de Evelinde se apagou ante essas palavras por temor que certamente pudesse matá-lo se tais acidentes continuassem. Embora o incêndio sugerisse que ela era o alvo do ataque, Cullen poderia ter morrido tentando salvá-la. Se não estivesse com um balde com água dentro do quarto, ambos ficariam presos nesse aposento cheio de fumaça. Evelinde estava certa de que ele não poderia saltar sobre as chamas carregando-a no colo. Não tinha dúvida de que Cullen a salvaria, mas ele poderia acabar queimado, e essas queimaduras frequentemente terminavam em infecção e morte.

—Já lhe disse hoje o quanto me agrada, esposa?

Evelinde paralisou ante essas palavras carinhosas. Algo em seus olhos fez com que sua respiração parasse na garganta. Pensou que poderia ser algo mais que simples afeto entre marido e mulher.

—Que diabo aconteceu? — eles ouviram — Onde está minha senhora?

Evelinde e Cullen olharam a porta fechada do dormitório, surpreendidos pelos gritos no corredor. Parecia que Mildrede e Tavis tinham retornado da primeira viagem para desfazer-se da palha podre.

Cullen foi até a porta.

Evelinde começou a segui-lo, no entanto ele fez uma pausa na porta e se virou para lhe pedir:

—Fique aí. Mandarei preparar um banho para você.

Evelinde ouviu Cullen gritar no corredor. Repreendeu Fergus e Tavis por deixarem sua esposa trabalhando sozinha no cômodo. Evelinde considerou a ideia de sair e explicar o acontecido, mas logo repensou. Cullen os acusava de não seguir suas ordens. E culpou seus homens disso, e não havia nada que ela pudesse dizer para alterar isso. De fato, Evelinde suspeitava que sua intervenção só piorasse a situação dos homens.

Suspirando, voltou às costas à porta e retornou à cadeira para esperar o banho.

—Ninguém subiu essas escadas — Fergus repetiu pela quarta vez. — A tocha deve ter se desprendido sozinha.

—Não caiu debaixo da braçadeira — Cullen grunhiu com frustração.

—Mas ninguém subiu essas escadas — o homem insistiu. — Eu observei o tempo todo.

—Não desviou a vista nem por um minuto? — Cullen perguntou.

—Não — Fergus lhe assegurou.

—Bem? — Os dois homens fizeram uma pausa para observarem Tavis quando ele pronunciou essa palavra. Tavis lançou um olhar de desculpa a Fergus, mas comentou — Veio me ajudar com a porta.

Os ombros de Fergus se curvaram, e chateado passou a mão pelo cabelo.

—Os dois tinham as mãos ocupadas com a palha, então fui até a porta para abri-la — ele admitiu — Com um suspiro, acrescentou — Mas isso só levou um minuto, não é tempo suficiente para que alguém pudesse subir sem que eu o visse.

—Aparentemente isso foi o que aconteceu — Cullen grunhiu furioso porque o homem tinha falhado. Fergus habitualmente era o mais responsável dos seus homens. Por isso é que ele era o seu primeiro em comando por tanto tempo.

—Bem, ninguém poderia subir e descer nesse tempo — Fergus disse, soando frustrado. — Tem que ser um acidente.

—Alguém poderia ter esperado aqui e ter escapado depois enquanto eu estava no quarto, e você estava lá em baixo pegando a água — Cullen comentou.

Esse ponto não agradou ao homem. Fergus negou com a cabeça decidido e insistiu:

—Tem que ser um acidente. Não posso acreditar que alguém faria...

—Não foi um acidente — Cullen o interrompeu furiosamente, logo adicionou — No futuro, quem quer que proteja minha esposa deve ficar no quarto com ela, ou segui-la aonde ela vá. Está entendido?

—Sim — Fergus e Tavis disseram em uníssono.

Cullen soltou um suspiro exasperado. Não estava satisfeito. Evelinde quase tinha sido morta, e isso lhe acendeu uma vontade insana de fazer amor e tê-la em seus braços por várias horas. Mas infelizmente, Mildrede chegou correndo ao quarto para assegurar-se de que sua ama estava bem em seguida ele começou a gritar com os homens, e os servos agora subiam as escadas carregando a banheira e a água. Fazer amor com sua esposa estava fora de questão, e também como gostaria socar os homens parados diante dele não era uma alternativa aceitável no momento. Zangado como estava, poderia matá-los.

Precisava de uma descarga, e inesperadamente virou as costas aos homens para dirigir-se às escadas. Um bate-papo com Mac, e também uma cavalgada deveria ajudá-lo a tranquilizar-se, Cullen pensou, mas fez uma pausa com frustração quando percebeu que ele não poderia descer as escadas até que as mulheres acabassem de subir com a tina.

Seu olhar feroz se cravou nas mulheres enquanto esperava impacientemente, mas logo notou a luta das mulheres com a banheira. Havia quatro mulheres carregando a banheira, e Cullen de repente se lembrou de Evelinde afirmando que alguns homens trabalhando dentro da fortaleza aliviariam a carga das mulheres. Só seriam necessários dois homens para carregar a banheira, o que teria acelerado o processo e seria menos dificultoso.

Enquanto pensava no assunto dos homens dentro do castelo, Cullen se lembrou da última vez que tinham comido javali. Precisou de seis mulheres para carregar a bandeja com o animal, e o javali acabou na palha do chão quando uma das mulheres tropeçou. Elas rapidamente pararam e colocaram o javali de volta na bandeja e tinham continuado seu caminho à mesa principal. A comida estava deliciosa, mas tiveram que ir tirando a palha presa no animal depois da queda.

Com os homens ajudando nas tarefas mais pesadas da cozinha, poderiam ter evitado esse acidente. E isso também teria liberado às mulheres para servir os outros pratos mais rapidamente. E realmente, ter três ou quatro homens dentro do castelo para ajudar com essas tarefas não prejudicaria o treinamento. Ou possivelmente podiam fazer por turnos. Um dia no castelo, três ou quatro dias treinando. A sugestão de sua mulher realmente era boa Cullen admitiu. Tinha que organizar os turnos.

—Quero tomar um banho e não posso fazer isso com vocês dois me observando — Evelinde repetiu exasperadamente, achando impossível de acreditar que seu marido realmente tinha ordenado aos homens que permanecessem no mesmo quarto com ela. No que estava pensando? Meu Deus! Esses dois homens também a seguiriam na latrina quando precisasse usá-la?

—O lorde ordenou. Teremos que permanecer no mesmo quarto com você — Fergus repetiu enfaticamente. Ele estava um pouco zangado e aborrecido com todo o assunto. Obviamente, não queria meter-se em problemas e tampouco queria arriscar-se a desobedecer à ordem de Cullen. Tavis, por sua parte, sorria abertamente com a ideia que ela tivesse que banhar-se diante deles.

—Isto é uma insensatez — Mildrede disse exaltada, entrando na briga. — Não podem ficar aqui enquanto ela toma banho.

—E não podemos ir — Fergus disse firmemente. — Ela terá que esperar até que Cullen retorne para tomar o banho.

—Oh... Isso seria um desperdício — Tavis protestou. — A água esfriará, após as mulheres trabalharem tão arduamente para esquentá-la e subi-la até aqui.

Evelinde olhou severamente ao primo de seu marido, sabendo que ele não se importava nem um pouco com todo trabalho feito pelas mulheres para lhe preparar o banho. De outra

maneira, ele mesmo teria ajudado a carregar a maldita banheira. Movendo-se impacientemente, Evelinde foi para a porta, perguntando:

—Onde está meu marido?

Quando não recebeu resposta, Evelinde tornou a olhar para ver que enquanto a seguiam, suas expressões sugeriam que não tinham a menor ideia de onde tinha ido Cullen. Sacudindo a cabeça exaltada, ela abriu a porta e saiu do quarto, consciente de que os homens ainda a seguiam. Evelinde fez uma pausa no alto das escadas, seu olhar percorreu irritado o grande salão lá em abaixo. Tinha esperado encontrá-lo ali. Mas não estava ali. Cullen poderia estar no pátio, nos estábulos, cavalgando pelos arredores ou até mesmo poderia ter deixado o castelo. Que chateação!

Evelinde ficou parada no alto das escadas, indecisa a respeito do que fazer. Então sacudiu a cabeça firmemente e deu meia volta. Fergus e Tavis correram atrás dela para alcançá-la e a seguiram enquanto ela caminhava pelo corredor, mas quando chegou a seu quarto, Evelinde abriu a porta só o necessário para entrar, depois a fechou com um golpe e pôs a trava. Assim que tinha posto a trava de madeira eles começaram a golpear a porta.

—Minha senhora! — Fergus reclamou do corredor. — Abra essa porta! Não podemos deixar que fique fora de nossa vista.

—Abrirei a porta assim que acabar meu banho — Evelinde anunciou serenamente enquanto atravessava o quarto para a banheira, onde Mildrede ria intensamente enquanto sentia a temperatura da água.

—Vamos, Evie! — Tavis falou sedutoramente, fazendo Evelinde arquear as sobrancelhas pelo uso do apelido que só Mac estava acostumado a usar. — Irá nos colocar em dificuldade. Abre a porta, moça, e nos deixe entrar. Prometemos não olhar.

Evelinde bufou ante essa afirmação enquanto rapidamente começava a tirar o vestido. Até poderia acreditar que Fergus não olharia, mas Tavis? Nem em sonhos. O homem era um

sedutor nato. Parecia não existir nenhuma mulher que não gostasse dele. Ela o tinha visto com juvenzinhas e com não tão jovens, com loiras, ruivas e morenas. Tinha visto com mulheres magras e mulheres gordas, e com mulheres de todos os meios. Suspeitava que Tavis estivesse tentando preencher o vazio afetivo causado pelo aparente afastamento de sua mãe quando era menino, mas não tinha certeza.

—Preparada, minha querida — Mildrede murmurou enquanto terminava de ajudar Evelinde a tirar o vestido e a camisa.

Agradecendo Mildrede pela ajuda, Evelinde entrou na banheira soltando um suspiro quando a água quente rodeou sua pele manchada pela fuligem. A temperatura estava perfeita, e teria sido um banho delicioso se não fosse pelos gritos que vinham dos homens no corredor.

Fazendo uma careta, Evelinde afundou rapidamente na água, tirou a fuligem tão rapidamente como pôde. Aparentemente ela não era a única a se incomodar com os gritos. Nunca viu Mildrede lavar sua cabeça tão rápido, e lhe pareceu que só passou alguns minutos quando saiu da banheira. Secou-se apressadamente e vestiu roupa limpa.

—Já é tempo de esclarecermos os acidentes e o que ou quem os está causando, — Mildrede disse seriamente enquanto ajudava Evelinde com os cordões dos sapatos. — Creio que farei algumas perguntas. Talvez possa me inteirar de algo interrogando às outras criadas.

—Não — Evelinde disse severamente. — Não quero que se ponha em perigo.

—Mas...

—Não — Evelinde repetiu firmemente. —deixa que vou resolver esse caso sozinha.

A boca de Mildrede se fechou hermeticamente, mas ela não insistiu, e Evelinde foi para a porta. Não podia aguentar mais o barulho que Fergus e Tavis estavam fazendo.

Era meio-dia quando Evelinde terminou de secar o cabelo e dirigiu-se ao salão. Mildrede sorria com secreta diversão enquanto descia as escadas junto dela, mas era a única do grupo que estava se divertindo. Fergus e Tavis ficaram no quarto, suspirando enfadados enquanto esperavam que Evelinde terminasse com o cabelo. Do mesmo modo que Evelinde achava a situação dela nada agradável. Se seu marido estava lá embaixo, teria que trocar uma ou duas palavras com ele.

Mas ele não estava à vista. Evelinde soltou um suspiro sombrio e foi até a mesa principal para almoçar. Já tinha cruzado a metade da distância quando as portas do salão foram abertas, atraindo seu olhar. Evelinde parou bruscamente vendo Tralin Comyn entrar, e quase caiu no chão quando um de seus guardiões não se deteve o suficientemente rápido e se chocou em suas costas.

—Por Deus! — ela disse exasperada quando alguém rapidamente a amparou para mantê-la de pé, ela se virou para ver que Tavis era o culpado. — Não há necessidade para caminhar grudado em meus saltos. Não vou escapar.

—Sinto muito — Tavis murmurou, parecendo divertido.

Estalando irritadamente a língua, Evelinde girou e foi até Tralin em vez de ir para o seu lugar.

—Bom dia, meu lorde — ela o saudou. — Meu marido não está aqui no momento, mas estou certa que retornará logo.

—Sim. — Tralin sorriu. — Mac disse que Cullen tinha saído para cavalgar quando deixei meu cavalo nos estábulos. Ele também acredita que Cullen retornará logo.

Evelinde se sentiu irritada. Parecia que todos sabiam coisas que ela não sabia, isso realmente a incomodava. Sinceramente, seria um grande esforço para Cullen avisar a ela que iria cavalgar?

Então ela disse:

—Bem, é bem-vindo a se unir conosco para o almoço enquanto o espera.

—Não me dei conta que era tão tarde quando parti — Tralin disse desculpando-se. —Mas se não lhe incomodar, eu gostaria de comer com vocês.

—Isso não é problema — Evelinde lhe assegurou, enlaçando seu braço no dele para guiá-lo à mesa principal. Na verdade, teria muito gosto em falar com esse homem.

—Mac também me contou que houve um problema essa manhã — Tralin disse, enquanto se acomodavam na mesa. —Mas parece ter se saído bastante bem.

—Oh, sim, estou muito bem — lhe assegurou, detendo-se para olhar severamente Tavis quando ele se colocou tão perto dela no banco que estava sentado sobre a saia de seu vestido. Tavis simplesmente sorriu e tirou o tecido da saia de debaixo de suas nádegas enquanto Fergus se sentava do outro lado.

—Não é o primeiro problema que teve desde que chegou — Tralin murmurou, chamando sua atenção. — Cullen me contou sobre o episódio no curral, a flecha na árvore, e sua queda da escada quando estiveram de visita em Comyn.

Evelinde hesitou, e disse cuidadosamente:

—Acho que tive muitos acidentes ultimamente.

—Cullen não acredita que sejam acidentes — Tralin disse seriamente. — Por isso vim aqui hoje. — Ocorreu-me ver se todos estavam bem.

A boca de Evelinde se apertou. Tralin veio para ver se todos estavam bem, só para descobrir que aconteceu outro acidente.

—Estamos bem — ela finalmente disse. — Felizmente, quem quer que esteja causando esses acidentes parece ser bastante estúpido já que nenhuma das tentativas teve êxito.

Tinha sido um comentário um pouco áspero, mas serviu para aliviar a inquietação de Evelinde. No entanto esse comentário causou um efeito interessante nos homens sentados com ela. Tralin parecia alarmado e preocupado, enquanto que Tavis soltou uma gargalhada. Fergus olhava-a com a testa franzida.

—Essa é uma atitude que fará com que termine morta, minha senhora — Fergus grunhiu irritado. — Teve sorte até agora, mas se não nos deixar protegê-la como foi ordenado, pode calhar de não ser tão afortunada no próximo atentado.

Evelinde fez uma careta ante essa reprimenda, então viu a sobrancelha arqueada de Tralin, e explicou:

—Fergus apenas está aborrecido porque não deixei que ele e Tavis me observassem enquanto tomava banho.

O queixo de Tralin caiu aberto com essas palavras, mas em seguida sorriu.

—Diabos, Fergus. Esperaria isso de Tavis, mas não de você.

—Cullen nos ordenou ficar com ela o tempo todo — o homem grunhiu seu rosto ficando rubro. — Mas ela nos enganou, saiu do cômodo para logo voltar e nos deixar de fora.

—Estou certa de que meu marido não ordenou que vocês presenciassem o meu banho — Evelinde disse serenamente.

—O... — Fergus começou a retrucar, mas ficou calado quando várias mulheres saíram da cozinha e se detiveram diante deles com as bandejas com comida.

—Obrigado — Evelinde murmurou enquanto olhava os diferentes pratos e escolhia um pouco de carne e queijo. Todos ficaram calados quando começaram a comer, mas quando Evelinde sentiu o ombro de Tralin encostar-se no dela, ergueu a vista para vê-lo rindo, com seu rosto avermelhado de divertimento enquanto observava um Fergus ainda contrariado.

Tavis, que ela notou, também parecia se divertir muito. Evelinde lhe sorriu francamente, em seguida seu olhar foi para uma das mesas abaixo da principal, onde Mildrede se sentou, e seu sorriso se apagou quando observou a concentração na cara de sua criada. Mildrede assentia com a cabeça e escutava uma mulher sentada ao lado dela. Repentinamente Evelinde tinha certeza que apesar de sua ordem de não fazê-lo sua criada estava investigando os fatos relacionados com os acidentes. Evelinde entendia a vontade dela em fazê-lo, mas não desejava que a criada se expusesse ao perigo atraindo a atenção do assassino. E soube que a única maneira de parar Mildrede seria solucionar esse mistério ela mesma.

Mordendo o lábio, olhou Tralin outra vez, notando pensativa que ele realmente era muito bonito. Seu sorriso franco e seus olhos vivazes eram muito atraentes. Embora seu marido raramente sorrisse, suas feições eram mais esculpidas e... Belas, Evelinde por alguma razão achava Cullen mais bonito.

Apesar da frustração causada pela falta de comunicação entre eles, as ações de Cullen na verdade pareciam falar mais alto que muitas palavras das outras pessoas. Obrigar os homens a vigiá-la a cada minuto era um gesto muito doce e demonstrava afeto e preocupação. Isso dava esperança ao seu coração, pois Evelinde temia estar apaixonada por seu marido. Embora, querendo ser honesta consigo mesma, suspeitasse que esse sentimento, já havia começado quando ela enfim chegou ali. Sinceramente, não fazia ideia de quando tinha acontecido. Sabia que desfrutava de seus beijos e carícias, e gostava da forma como faziam amor. Evelinde também achava Cullen frustrante porque muito a miúdo se inteirava de suas virtudes através de outra pessoa, depois que as ações bondosas estavam realizadas e já era muito tarde para apreciá-las.

—Esse foi um suspiro de pesar.

Evelinde olhou Tralin com um sobressalto, logo forçou um sorriso.

—Só pensava.

—Devem ser pensamentos muito aflitos para produzir semelhante suspiro — ele murmurou.

Ela considerou isso brevemente, em seguida olhou ao redor do salão, para compreender que a maioria das pessoas já tinha terminado de comer e deixavam o grande salão. Ficaram apenas alguns sentados. Mildrede tinha se levantado da mesa e agora subia as escadas, sem dúvida para constatar quanta avaria o fogo fez no aposento, Tavis deixou seu lugar e estava paquerando com uma das criadas que limpavam as mesas. Até mesmo Fergus se levantou da mesa e agora estava parado falando com Gillie perto da porta do castelo, sem dúvida lhe dando recomendações a respeito de algo. Mesmo falando com Gillie, os olhos do homem estavam fixos nela, com a boca enrugada com desagrado. Evelinde suspeitou que ele passaria a ter os olhos cravados nela em cada minuto do dia até que resolvessem o assunto de quem causou os acidentes e as mortes do passado.

Voltando-se para Tralin, ela anunciou:

—Cullen e eu nos detivemos no escarpado onde Jenny está sepultada quando retornávamos de Comyn o outro dia.

Tralin ergueu uma sobrancelha, com a curiosidade evidente em seu rosto.

—Sim?

—Sim, disse que você gostava de Jenny, a irmã de Bidy, quando ela esteve aqui visitando.

Um sorriso acessível e lento se desenhava em seu rosto.

—E você quer saber se gostava dela também.

—Não — Evelinde lhe assegurou rapidamente. — Só por curiosidade queria saber se isso era verdade.

Tralin considerou a questão por um momento e assentiu com a cabeça.

—Sim, eu gostava. — Evelinde estava imaginando como lhe perguntaria se foi seu amante quando ele acrescentou — Mas não aconteceu nada. Ela só tinha olhos para outro.

—Outro — Ela perguntou com interesse.

—Darach.

Evelinde ficou rígida e suas sobrancelhas se arquearam.

—O marido de Biddy?

—Sim. — Tralin riu de sua expressão, logo explicou — Darach era... Na Verdade, era muito parecido com Tavis agora — ele disse com indiferença, seu olhar recaindo no homem.

Evelinde acompanhou seu olhar para ver que Tavis sussurrava algo no ouvido da criada que se ruborizava e ria nervosamente.

—Sim, e fisicamente muito parecido, também — Tralin continuou. — Darach era loiro e bonito como Tavis, e até mais galante também.

Evelinde estreitou seu olhar em Tavis enquanto ele deslizava um braço ao redor da cintura da criada e a atraía contra ele, enquanto continuava lhe falando no ouvido. A criada estava um pouco aflita, e Evelinde sentiu compaixão pela garota, pois estava claro que ela achava essa atenção algo perturbador. O homem era definitivamente atraente, e mais que encantador quando se propunha.

—Tavis verdadeiramente causa agitação entre as mulheres, mas Darach... — Tralin sacudiu a cabeça — ele tinha todas as mulheres suspirando por ele; das mais jovens as mais velhas. Como um jovem como eu poderia ter competido contra isso? — Evelinde voltou seu olhar a Tralin para ver a expressão irônica em seu rosto enquanto ele continuava — Eu simplesmente era um adolescente e Jenny perseguia a atenção de Darach. E ele brincava, adulava-a, e ela absorvia cada palavra como uma flor desesperada por atenção.

—E Biddy não se importava? — Evelinde indagou lentamente, perguntando-se pela primeira vez se Darach era o amante secreto. Se fosse verdade, ele tinha sido um calhorda aproveitando-se de uma juvenzinha. Sem mencionar que era sua cunhada.

—Não. — Tralin rechaçou a ideia. — Biddy sabia que se tratava de uma brincadeira. Todos sabiam. Embora acredite que Jenny pode ter sido suficientemente ingênua para crer em cada palavra que ele lhe dizia. E ela o considerava muito mais atraente do que Cullen ou eu, que tínhamos um ano a menos que ela — ele acrescentou, fazendo uma careta. — Na verdade, ela era muito ingênua.

—Ela só tinha quinze anos verdade? — Evelinde perguntou com a testa franzida.

—Sim — Tralin disse e sacudiu a cabeça tristemente. — E uma bela menina de quinze anos. Nunca teria sobrevivido a um matrimônio com o Campbell.

Evelinde assentiu e murmurou:

—Cullen mencionou que ela estava comprometida para casar-se com ele.

—Sim. Não sei no que estava pensando o pai dela quando arrumou esse matrimônio. — Tralin sacudiu a cabeça e logo acrescentou cinicamente — Ou, na verdade, provavelmente saiba. O homem cobiçava a riqueza do Campbell e as conexões poderosas que o casamento lhe traria. Não é estranho que a moça se matasse.

Evelinde considerou isso, seu olhar se dirigindo para Tavis, que estava sentado no banco onde a criada esteve trabalhando. Agora já não trabalhava mais, e se sentou em seu colo com os seus braços ao redor do seu pescoço enquanto ele a beijava e colocava uma mão debaixo de sua saia.

Evelinde desviou o olhar rapidamente, sacudindo a cabeça ante a ideia que esse homem devia protegê-la. Fergus ainda a observava de perto, mas... Seu olhar correu novamente para Tavis, e franziu o cenho. E se Darach era tal como Tralin o havia descrito?

Voltando-se para Tralin, perguntou-lhe:

—Está certo de que o pai de Tavis não andava com Jenny?

Tralin franziu o cenho ante a pergunta, e por um momento ela viu a incerteza em seu rosto, mas logo ele negou com a cabeça.

—Não. Darach era um galã e gostava de levantar as saias das moças ou criadas dispostas, mas nunca teria se metido com uma jovem mulher nobre. E muito menos arruinaria a irmã de sua esposa. Biddy o teria matado se o tentasse.

Capítulo XV

Biddy o teria matado se o tentasse.

Evelinde olhou o feixe de luz que entrava pela janela até a cama e bocejou cansada. Não tinha dormido bem. Sua mente esteve ocupada com o que tomou conhecimento através de Tralin. Cullen havia retornado à fortaleza depois que Tralin disse essas palavras, impedindo-a de fazer mais algumas perguntas, mas não lhe tinha impedido de reconsiderar toda a nova informação.

Apesar de Tralin ter contado que Darach não teria arruinado Jenny tomando-a como amante, ele não parecia estar muito seguro. A única coisa que oferecia uma pista de que Darach não tinha sido o amante de Jenny, era Tavis ter lhe dito que viu seu pai montando no pátio do castelo pouco antes de Jenny retornar chorando do passeio e fugir. Mas era

admissível que Darach tivesse cavalgado para o escarpado. E também poderia ter sido o amante de Jenny.

Não falava muito bem da irmã de Biddy ou de seu marido se eles tivessem sido amantes, mas se Darach era tão mulherengo como Tavis, Evelinde não confiava que a consciência dele lhe pesasse muito. Certamente não enxergava problema de consciência em Tavis quando seduzia às mulheres. Ele conseguia o que podia de cada mulher e alegremente partia para a seguinte como uma abelha movendo-se de flor em flor.

No que dizia respeito à irmã de Biddy, Jenny esteve comprometida em matrimônio com um homem horrível, conhecido por sua crueldade e seus abusos. Estava suficientemente desesperada para envolver-se com o marido de sua irmã numa solução para salvar-se, ou simplesmente porque era a última oportunidade de felicidade antes de ser forçada ao matrimônio.

Evelinde quase podia entendê-la. Seu próprio comportamento no dia em que soube que deveria casar-se com o Diabo de Donnachaidh foi menos que exemplar. Tinha deixado que Cullen a beijasse e a tocasse intimamente apesar de ser um desconhecido. E ela se justificou usando a desculpa do casamento horrível que a esperava no futuro. Disse a si mesma que esse era o único prazer que iria experimentar na vida. E ela não era tão jovem como Jenny.

Evelinde bocejou outra vez e suspirou enquanto raciocinava que uma mocinha como Jenny poderia justificar perfeitamente assumir o marido de sua irmã como amante. E ela devia ter imaginado que o homem poderia encontrar a maneira de salvá-la do matrimônio.

Franziu o cenho ante essa possibilidade, revirando em sua mente. Biddy teria ciência de que sua irmã e seu marido eram amantes? Essa tinha sido uma indiscrição que não esteve disposta a perdoar em Darach? E por que tinha retornado Jenny depois de partir tão abruptamente? Realmente havia se suicidado? Era possível que ela se sentisse incomodada por ser a amante do marido da irmã e se suicidou? Ou sua morte simplesmente tinha sido outro assassinato encoberto?

Biddy poderia ter assassinado Jenny e ao seu marido depois de inteirar-se de romance deles, Evelinde conjecturou, no entanto se fosse assim, por que matar o pai de Cullen tantos anos mais tarde, perguntou-se. O pai de Cullen, Liam, teria descoberto o drama acontecido anos atrás, e a confrontou, e com isso tinha causado sua própria morte? Ou provável e simplesmente tinha sido com intuito de corrigir a injustiça que Biddy poderia sentir por ter matado Darach enquanto seu filho era muito novo para assumir a posição de lorde. Talvez ela esperasse que o título passasse ao seu filho em vez de para Cullen se matasse Liam.

No que dizia respeito à Maggie, as perguntas que ela esteve fazendo poderia ter colocado Biddy muito nervosa, por isso tinha decidido matá-la, ou provavelmente Maggie tinha descoberto por acaso a verdade, causando sua própria morte.

Evelinde analisou seriamente todas essas possibilidades. Apesar de que tudo até tinha certo sentido, custava-lhe imaginar Biddy como uma assassina voraz, correndo de um lado para o outro para eliminar todas essas pessoas; Sua irmã, seu marido, seu cunhado, e a esposa de seu sobrinho. Além disso, Evelinde gostava de Biddy e não queria acreditar que a mulher estava tentando matá-la.

Tinha que resolver esse assunto rapidamente, Evelinde decidiu, mas não tinha certeza de como fazê-lo. Falar com Biddy não lhe traria respostas. A mulher se sentiria ofendida se fosse inocente ou simplesmente mentiria e negaria tudo se fosse à culpada.

Evelinde imaginou se ela conseguira entrar escondida no quarto de Biddy, quando ela já não estivesse mais ali para ver se havia algo que a ajudasse a descobrir o que tinha acontecido. Cartas de Biddy para sua irmã, um diário... Ou talvez uma confissão, ela pensou enquanto se movimentava impientemente na cama.

—O que está lhe perturbando? — A pergunta soou sonolenta perto de seu ouvido enquanto Cullen a abraçava por trás.

—O que o faz pensar que estou perturbada? — Evelinde perguntou em vez de responder.

—Porque você está suspirando e bufando suficientemente forte para me acordar — ele respondeu, e começou a acariciar com o nariz sua orelha.

—Não estava — Evelinde disse.

—Sim, o fazia — Cullen lhe assegurou, colocando uma mão debaixo dos lençóis para expor seus seios.

—Oh — Evelinde ofegou, enquanto sua mão se fechava sobre um seio e ele começava a acariciá-lo, com os quadris pressionando-a por trás, pôde sentir sua ereção aumentando entre eles.

—No que estava pensando? — Ele perguntou, mordiscando seu ombro.

Evelinde engoliu em seco, achando difícil pensar enquanto ele a tocava assim.

—Diga-me — ele insistiu num sussurro, sua mão deixando o seio para acomodar seu membro na entrada do canal úmido entre as pernas dela.

Evelinde gemeu enquanto ele esfregava a ponta do pênis contra seus clitóris.

—Diga-me — Cullen repetiu, apertando seu mamilo enquanto continuava movendo seus quadris.

—Em Jenny e Darach e se foram amantes e se Biddy soube e os matou... — Suas palavras morreram abruptamente quando Cullen repentinamente se paralisou.

—Jenny e Darach — ele disse inexpressivamente, e Evelinde se virou ligeiramente para poder ver seu rosto. Estava atordoado com a mera sugestão.

—Sei que parece improvável — disse Evelinde desculpando-se — Mas Tavis me disse que Jenny se encontrava com um amante nos escapados, e para Tralin parece que Darach prestava muita atenção na moça e ela parecia ter sentimentos por ele. Se Darach foi como Tavis é com as mulheres, e se Jenny era tão ingênua... — Ela não terminou a frase, e deixou

seu marido tirar sua própria conclusão, logo acrescentou — Pode ser uma coincidência que Jenny se matasse duas semanas antes do acidente que matou Darach, mas custo a acreditar que elas não estão de alguma maneira relacionadas. Seu pai e a pequena Maggie morreram em quedas do mesmo escarpado onde Jenny foi enterrada.

Cullen ainda estava em silêncio, mas ela podia ver seus pensamentos passando veloz através de seus olhos, então repentinamente ele se afastou dela levantando-se da cama.

—Marido — Evelinde franziu o cenho e jogou para um lado os lençóis para segui-lo. Franziu o cenho outra vez quando viu que ele se vestia, e sua expressão era sombria. Mordendo o lábio, ela indagou apreensiva — O que vai fazer?

—Esqueça, eu me ocuparei disso — Cullen disse firmemente enquanto pegava seu plaid.

Evelinde mordeu o lábio enquanto o observava procurar sua espada, e logo disse:

—Por favor, não diga nada a Biddy. Posso estar completamente enganada e não gostaria de vê-la sofrer até que tenhamos certeza.

—Deixe isso — Cullen repetiu. Mas quando viu a preocupação em sua expressão, Cullen a tomou em seus braços. — Não quero que se preocupe mais com isso. Já sofreu bastante com todos os atentados contra sua vida. Quero que seja uma esposa feliz e contente. Te amo. — Os olhos de Evelinde se abriram imensamente, e sua boca caiu aberta ante esse anúncio inesperado. Cullen se inclinou para beijá-la. Foi um beijo rápido, mas amoroso, depressa a soltou e foi até a porta. — Se arrume. Mandarei subir os homens para lhe vigiar.

Evelinde ainda piscava ante suas palavras quando a porta se fechou atrás dele. Cullen a amava. Havia dito que a amava. Deus Santo, seu marido a amava. Retornou para a cama e caiu sentada nela. No minuto seguinte Evelinde corria para vestir-se. Cullen ia enviar os homens e uma vez que os guardas estivessem com ela, não teria a chance de revistar o quarto de Biddy. Não que Evelinde pensasse em encontrar uma pista no quarto da mulher. Mas era plausível de ser tentado.

Vestiu-se rapidamente, nem perdeu tempo com o cabelo. Apressando-se até a porta, Evelinde olhou atentamente o corredor, aliviada ao compreender que ainda continuava vazio. Os homens ainda não tinham subido a escada. Estava a ponto de sair escondida do quarto, quando a porta do quarto de Biddy de repente se abriu e viu a mulher encaminhar-se rapidamente até a escada. Felizmente, Biddy não olhou em sua direção.

Agradecendo ao céu, Evelinde esperou que Biddy estivesse fora de vista na escada, a seguir deslizou para seu quarto e abriu a porta.

* * * * *

Cullen estava no solário, examinando o revestimento. Tinha ido em direção às escadas quando lhe ocorreu que Evelinde e Mildrede provavelmente desejariam prosseguir com o projeto de limpar o aposento. Subitamente preocupado porque o piso poderia não estar firme depois do incêndio. Ouviu alguém próximo da porta e viu Biddy passar apressadamente. Não disse nada para chamar sua atenção, simplesmente escutou seus passos rápidos enquanto ela corria até a escada.

Então abaixou a vista para o revestimento outra vez, mas sua mente só tinha lugar para o que sua esposa lhe contou. Tavis pensava que Jenny tivesse um amante? E Tralin pensava que a moça tinha tido sentimentos por Darach?

Parecia ser que ele na adolescência havia sido bastante distraído, porque Cullen nesse tempo todo não percebeu nada de todo esse drama sentimental. Mas agora que sua esposa tinha explanado essas possibilidades, lembrou-se que a cara de Jenny, costumava-se iluminar cada vez que seu tio estava no mesmo ambiente. Também recordava Tralin e ele esbarrando com ela uma vez, e que suas bochechas estavam ruborizadas, os lábios inchados, e seu vestido amassado. Recordava que zombaram dela nessa circunstância, sugerindo que ela deveria estar beijando um dos escudeiros embora realmente não tivessem acreditado nisso. Jenny era muito bonita, mas sempre lhe pareceu um tanto dissimulada e esnobe, e para Cullen seria difícil imaginá-la beijando alguém de uma posição social inferior a dela.

Havia outra coisa que preocupava Cullen.

Desejaria não ter expressado impulsivamente as palavras que havia dito a sua esposa nessa manhã. Não teve intenção de fazê-lo. Isso acabava de acontecer. Infelizmente, a resposta de Evelinde tinha sido menos que auspiciosa. Seus olhos se arregalaram assombrados, ficou de queixo caído, e o observou como se repentinamente tivesse lhe crescido chifres. Então Cullen simplesmente a beijou para evitar que ela dissesse algo que ele não gostaria de ouvir, mas sabia que eventualmente teria de escutar sua resposta. Não era tão tolo de esperar que sua mulher correspondesse ao seu amor. Como Evelinde tinha apregoadado mais de uma vez, ela apenas o conhecia por sua característica de não falar muito. Isso era algo que deveria modificar.

Mas primeiro tinha que resolver o assunto de quem estava tentando matá-la, Cullen pensou, e o que ela havia dito nessa manhã apontava suas suspeitas na direção de Biddy. Interrogar sua tia provavelmente não o levaria a nenhum lugar, mas um bate-papo com Lady Comyn poderia lançar alguma luz sobre as coisas. Não a visitava tão frequentemente como estava acostumado a fazê-lo quando existia sua mãe, mas ela fez algumas visitas enquanto Jenny esteve hospedada no castelo Donnachaidh e poderia saber de algo.

Também poderia inspecionar o quarto de Biddy, Cullen ponderou, para ver se havia algo ali que pudesse ajudá-lo a solucionar o caso. Embora não conseguisse imaginar o que poderia ser esse algo. Ao menos sabia que Biddy não estava ali nesse momento, então poderia revistar... mas primeiro tinha que estrangular sua bela esposa, Cullen refletiu, enquanto via Evelinde passar sigilosamente na frente da porta aberta do solário.

Evelinde estava tão concentrada em seus pés para evitar fazer ruído que nem tinha arriscado um olhar ao aposento onde ele estava. Se fosse atenta, teria visto um marido muito zangado. Cullen deixou bem claro que ela não deveria ir a nenhum lugar sem os guardas acompanharem, mas ali estava ela, movendo-se sorrateiramente.

Cullen avançou silenciosamente para seguir o caminho de sua mulher. Suas sobrancelhas se arquearam quando ela parou na porta de Biddy e entrou silenciosamente no quarto. Parecia que ele não era o único a quem tinha ocorrido examinar o quarto de sua tia. Não era a toa que gostava tanto de sua esposa, Cullen decidiu. Era óbvio que ambos pensavam do mesmo modo.

Sacudindo a cabeça, saiu do aposento, com a finalidade de seguir Evelinde e provavelmente assustá-la entrando de surpresa. Sentia-se mal com essa perspectiva, mas era o que ela merecia por se expor ao perigo quando sabia que alguém estava tentando matá-la. Mas se ela não cuidava de sua própria vida, ao menos poderia considerar os sentimentos de seu marido nessa questão. Amava essa mulher e não tinha vontade de viver a vida sem ela. Isso era estranho. Até pouco tempo atrás, ele não teria imaginado sua vida com uma mulher como ela, e antes de conhecê-la, sua vida tinha sido simples e boa, não horrível ou solitária, só... Boa. Mas agora sabia que sua vida sem Evelinde seria muito triste.

Cullen acabava de sair quando um ruído vindo da escada o paralisou. Suas sobrancelhas se arquearam com espanto quando viu Biddy no corredor e vindo apressadamente em sua direção, obviamente se dirigia para seu quarto.

Uma vez a salvo dentro do quarto de Biddy, Evelinde se apoiou contra a parede suspirando, como essa coisa de andar movendo-se disfarçadamente era algo muito enervante.

Fazendo careta, olhou atentamente ao redor do quarto, só para voltar a observar nervosamente a porta quando pensou ter escutado um burburinho de vozes no corredor. Sem dúvida era Gillie e Rory, ou Tavis e Fergus, ou provavelmente algum outro par de homens, enviados para protegê-la. Franziu o cenho enquanto se dava conta de que seria descoberta. Com os homens no corredor seria impossível sair despercebida. Por que não considerou isso quando teve essa ideia brilhante?

Suspirando, Evelinde olhou o quarto. Havia pouco o que pudesse fazer em relação aos homens agora. Estava aqui e poderia revistar o lugar. Se, por acaso encontrasse algo que permitisse resolver o evento do passado e o que acontecia agora, Evelinde não se importaria se os homens a vissem sair do quarto.

Essa foi sua máxima esperança nessa ocasião. Estava decidida a resolver esse caso. Até agora tinha tido sorte e sobreviveu aos atentados contra sua vida relativamente ilesa, mas Cullen poderia ter sido seriamente ferido ou inclusive morrer ao tentar salvá-la do incêndio, e ela não queria ver seu marido nessa situação novamente. Ela o amava. E ele a amava.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Te amo, Cullen havia dito. Embora o homem definitivamente não fosse romântico, ela poderia viver com isso. Até mesmo poderia viver com sua negativa em ser mais comunicativo. Mas acreditava que não poderia mais viver sem Cullen em sua vida. Evelinde percebeu que ela tinha começado a depender de sua consideração e afeto silencioso.

Tampouco queria morrer antes de aproveitar o amor dele por algum tempo... E possivelmente ter um menino ou dois. Um pequeno Cullen lhe agradaria. Ela ficaria satisfeita, em vê-lo tornar-se um homem tão bom como seu pai. Então fixou sua atenção no quarto a examinar.

O que Maggie descobriu? Evelinde se perguntou enquanto estudava atentamente o dormitório. Era um quarto muito menor do que aquele que ela compartilhava com Cullen. Tampouco havia muitas coisas. Uma cama estreita contra a parede oposta. Havia uma mesa pequena com uma vela pelo meio num castiçal de ferro, e havia ainda um arco com um conjunto de flechas apoiados num dos três grandes baús que estavam encostados na parede ao pé da cama.

Evelinde se moveu pelo quarto, com a intenção de começar a revistar os baús, mas logo fez uma pausa e foi para a cama, um instinto a fez ajoelhar-se para olhar debaixo da cama. Estendendo a mão, agarrou o que parecia ser uma bolsa de couro e a puxou fortemente para

tirá-la. Franzindo o cenho viu que era apenas outro conjunto de flechas. Evelinde estava a ponto de empurrá-la para baixo da cama quando notou as penas das flechas. Tirou uma delas e a examinou mais de perto. Cada uma tinha uma combinação de penas brancas e outras mais escuras em um padrão alternado. Algo similar com as flechas que havia no baú de Cullen. Também tinha sangue seco, ela se lembrou, e se indagou o que poderia significar isso. Parecia óbvio que a flecha no baú de seu marido pertencia a esse grupo.

Mas por que havia uma flecha igual no baú de Cullen, e de quem era o sangue?

Deixando de lado esse problema por hora, colocou a flecha de volta na bolsa de couro, então a empurrou para debaixo da cama, imediatamente ficou de pé e caminhou para o segundo conjunto de flechas apoiado contra um dos baús. Um olhar rápido provou que as plumas dessas flechas eram de cor mais escura, provavelmente pena de ganso, ela refletiu. Eram as mais usadas habitualmente.

Evelinde não tinha certeza de onde vinham as penas brancas. Supôs que eram penas de cisne, mas essas eram estranhas ao serem usadas em flechas. Não impossível, mas era estranho. Não lhe surpreendeu que a tia de Cullen tivesse um arco e flechas. Biddy tinha mencionado que gostava de caçar animais para cozinhar. O que a assombrava que tivesse dois conjuntos diferentes de flecha.

Deixando essa questão de lado, fixou sua atenção nos baús. Ajoelhou-se diante do primeiro e o abriu para encontrar o que pareciam ser vestidos. Rapidamente revistou a roupa, fazendo um esforço para não desordenar mais do que além da conta. Só encontrou roupa no primeiro baú, Evelinde foi ao seguinte. Continha lençóis e travesseiros, mais nada, além disso. Decepcionada, fechou-o e foi para o último baú. No momento em que o abriu, soltou o fôlego e neste suspiro mostrava ser esse mais prometededor. Continha artigos obviamente pertencentes a um homem, as coisas de Darach, ela supôs, mas mais importante ainda, havia uma pilha de cartas no fundo.

Evelinde retirou-as e começou a abri-las, com sua consciência acusando-a por invadir a privacidade de Biddy, mas determinada a descobrir o que pudesse. Havia muitas cartas. Evelinde as passava rapidamente, e quase tinha chegado ao final da pilha quando encontrou a correspondência entre Jenny e Biddy. Deteve-se então e começou a ler.

A primeira carta falava do plano da visita de Jenny ao castelo Donnachaidh. Jenny tinha se entusiasmado com a perspectiva de ver sua irmã mais velha. Parecia que Jenny nunca tinha estado em Donnachaidh e as visitas de Biddy ao seu lar de infância em MacFarlane, tinham sido poucas. Ambas pareciam contentes com a expectativa de voltarem a se ver.

A segunda carta era novamente do mesmo tópico, mas tinha sido escrita muito mais próxima da data da viagem e a excitação da jovem quase saltava fora da folha.

Mas foi a última carta que fez com que Evelinde se recostasse para lê-la mais cuidadosamente. Era a última carta que Jenny escreveu e o tom dessa era muito diferente do que havia nas outras cartas. Nessa Jenny estava cansada e triste e a carta devia antecipar a Biddy que ela estava a ponto de suicidar-se e por que.

Evelinde soltou a respiração lentamente quando terminou de ler a carta. Era dolorosa e amarga, tão cheia de traição e desesperança que lágrimas começaram a fluir de seus olhos. Fechando o baú, Evelinde ficou de pé desolada, e colocou a carta dentro de seu bolso. Tinha que falar com Biddy, e dessa vez ela não deixaria que a mulher evitasse responder suas perguntas.

Capítulo XVI

Cullen olhou Biddy, observando seus lábios mover-se enquanto falava, mas realmente ele não estava escutando-a. Estava muito ocupado tentando ver como podia evitar que ela fosse ao seu quarto. Tinha conseguido detê-la lhe perguntando se tinha alguma sugestão sobre como poderia tirar as marcas do fogo do chão do solário. Biddy o tinha seguido de volta ao cômodo e estava ponderando. Mas ele sabia que ela logo deixaria de lhe dar sugestões, e teria que encontrar outra maneira de evitar que ela fosse ao quarto dela.

— Isso deverá funcionar — Biddy terminou finalmente, logo olhou brevemente para o canto do quarto onde a arandela de madeira das luzes costumava estar pendurada antes de desviar o olhar e voltar-se para a porta. — Devo retornar à cozinha. Na verdade ia ao meu quarto para procurar um avental limpo. A cozinheira diz que acabaram as massas, e pensei em assar outra fornada.

— Não — Cullen disse firmemente, dando um passo na frente dela quando ela se desviou.

Biddy fez uma pausa, suas sobrancelhas se arquearam.

— Não?

— Não — ele repetiu, procurando freneticamente em sua mente, então disse — Eu gostaria que viesse a Comyns hoje comigo.

— A Comyns? — Ela perguntou surpresa.

— Sim. Alguém está tentando matar minha esposa, e quero chegar até o fundo disso. Preciso fazer algumas perguntas sobre Jenny e Darach, e espero que você e Ellie Comyn, possam me dar respostas.

A cabeça de Biddy girou como se tivesse sido esbofeteada. Estava muito pálida. Mas não disse uma só palavra, no entanto o evitou e saiu ao corredor. Alarmado, Cullen viu sua tia mover-se surpreendentemente rápido para sua idade. Ela já tinha cruzado os poucos passos para a porta de seu quarto e a abriu antes que ele pudesse agarrar suas costas.

Cullen paralisou quando a porta se abriu, esperando que Biddy começasse a gritar, mas tudo o que ela disse foi:

—Vou preparar-me para a viagem.

A porta se fechou atrás dela com um ruído surdo, e Cullen hesitou, inseguro sobre se devia abri-la e entrar, mas não houve sons dentro que indicassem que Evelinde foi descoberta. Nem sequer houve um sussurro. Franzindo o cenho, deu um passo para mais perto da porta, escutando atento, e foi assim que Biddy o encontrou quando abriu a porta.

Cullen se endireitou com culpa e retrocedeu.

—Receia que eu tente escapar? — Biddy perguntou secamente quando saiu do quarto, então sacudiu a cabeça enquanto colocava o casaco e caminhava pelo vestíbulo para a escada. — Estou muito velha para perder tempo em tais disparates, sobrinho. É hora de tudo sair à luz.

Cullen a seguiu com o olhar, essas palavras causaram um calafrio em suas costas. Sempre tinha gostado de sua tia Biddy. A mulher fazia as massas mais deliciosas de toda a Escócia e estava acostumada a preparar uma porção só para ele e Tralin quando eram meninos. Mas as palavras agora não eram muito alentadoras. Temia que a teoria de Evelinde fosse uma realidade.

Lembrando-se de sua esposa, Cullen voltou até a porta de Biddy. Obviamente, Evelinde se escondeu ao ouvir a porta abrir-se. Graças a Deus ela foi suficientemente sensata para fazer isso.

—Vem ou não?

Cullen deixou cair à mão do puxador da porta e deu a volta para ver que sua tia não tinha descido a escada e que agora esperava impacientemente que ele a seguisse. Cullen hesitou, mas depressa decidiu que Evelinde estaria segura retornando a seu próprio quarto sozinha, especialmente se sua tia era a culpada dos crimes, como tudo parecia sugerir.

Voltando as costas para a porta, seguiu Biddy ao andar inferior. Deixando-a caminhar para os estábulos sem ele, deteve-se tempo suficiente para ordenar a Gillie e Rory que vigiassem Evelinde quando ela descesse. Em seguida seguiu Biddy aos estábulos. Rapidamente disse a Fergus que iria à casa dos Comyns e que Fergus ficaria a cargo da fortaleza até que ele retornasse.

* * * * *

—O que é isto?

Evelinde parou de escovar seu cabelo e se virou. Seus olhos se abriram alarmados quando ela viu que sua criada tirava a carta do bolso de sua saia.

—Nada — ela disse rapidamente, deixando a escova e cruzando o quarto para recuperar a carta. Evelinde tinha retornado ao quarto depois de deixar o dormitório de Biddy, agradecida por ter encontrado o corredor vazio. Tinha ouvido vozes no solário quando tinha passado e viu seu marido ali dentro falando com Biddy. Desejando estar a sós com ela quando finalmente a confrontasse, Evelinde tinha decidido lavar-se e trocar-se antes de sair procurando explicações, esperava que então Cullen tivesse terminado com o bate-papo que tinha com sua tia e saísse para cumprir com seus deveres diários.

Tinha retornado ilesa ao cômodo e em seguida Mildrede tinha entrado para lhe ajudar a se vestir e arrumar o cabelo. Mildrede observava curiosa, com o cenho franzido o vestido que Evelinde colocou. A mulher imediatamente a ajudou a despir-se, falando todo o tempo sobre vestidos limpos e sujos. A reprimenda só piorou depois de Evelinde ter lhe confessado que ainda não se banhou. Mildrede então a tinha submetido a um sermão sobre incidir nas condutas pagãs dos escoceses enquanto rapidamente tirava a camisa e a levava para a bacia para lavar-se.

Evelinde brevemente tinha pensado em lhe explicar o que estava tramando e em lhe explicar por que tinha colocado o vestido usado no dia anterior. Mas estava relutante em lhe

revelar o que encontrou na exploração do quarto de Biddy, ao menos até que tivesse falado com a mulher. Sentia que lhe devia pelo menos isso.

—Prendo seu cabelo? — Mildrede perguntou.

Evelinde abriu a boca para dizer que sim, mas sacudiu a cabeça em vez disso, lavou-se e vestiu as roupas que Mildrede tinha preparado. Não podia perder tempo num penteado complicado. Desejava ter o bate-papo com Biddy.

—Não, o usarei solto hoje.

Mildrede assentiu e disse:

—Venha então. Deve tomar o café da manhã.

Com a carta na mão, Evelinde deixou que a criada a tirasse do quarto.

—Já está tão tarde que todos já comeram e saíram — Mildrede comentou enquanto desciam a escada. — Deseja comer na mesa, ou perto da lareira, onde posso lhe fazer companhia enquanto bordo?

O olhar de Evelinde foi para a mesa onde Gillie e Rory estavam sentados observando-a descer a escada, então viu as duas cadeiras colocadas perto da lareira e nem sequer teve que pensar na resposta.

—Perto do fogo com você, mas irei pegar a comida, Mildrede — ela acrescentou. — Eu gostaria de ter uma palavra com a Tia Biddy.

Mildrede concordou silenciosamente e se dirigiu para as cadeiras perto da lareira enquanto Evelinde se dirigia para a porta da cozinha. Ela ingressou no cômodo úmido e quente, esperando encontrar Biddy ali como sempre, mas a mulher não estava.

—Oh, minha senhora! Você quer tomar o café da manhã agora?

Evelinde olhou à cozinheira e lhe ofereceu um sorriso. A mulher tinha o rosto avermelhado e suarento e estava abarrotada de trabalho. Verdadeiramente, Biddy parecia conduzir a cozinha muito melhor que a cozinheira, que parecia padecer na tarefa.

—Vá sentar-se que mandarei uma das moças com algo — a cozinheira disse, tirando-a da cozinha.

—Obrigado — Evelinde murmurou, mas não saiu imediatamente e lhe perguntou. — Onde está Biddy?

A cozinheira franziu o cenho e encolheu os ombros.

—Ela falou em assar uma fornada de massas enquanto tomava o café da manhã, mas não voltou aqui. Ela chegará a tempo, estou certa.

Concordando, Evelinde saiu da cozinha e voltou para a sala, seu olhar indo para os homens na mesa. Se eles estavam sentados na mesa desde que Cullen tinha descido, sem dúvida saberiam aonde tinha ido Biddy.

Um estouro de risadas atraiu seu olhar para os homens na mesa, e se lembrou da tarefa que se propôs. Precisava achar e falar com Biddy, e quanto antes melhor. Endireitando os ombros, ela se foi até a mesa. Não estavam somente Rory e Gillie. Enquanto ela tinha estado na cozinha, Fergus tinha se unido aos dois homens, e todos riam enquanto ela se aproximava.

—Viram Biddy? — Evelinde perguntou.

Os três homens pararam de rir para olhá-la.

—Ela deixou a fortaleza pouco antes do lorde — Gillie lhe informou serviçalmente.

Evelinde tinha o cenho franzido quando Fergus disse brandamente:

—É o dia de Jenny.

Ela alçou suas sobrancelhas quando notou o olhar dele bisbilhoteiro fixo na carta em sua mão, então perguntou hesitantemente:

—O dia de Jenny?

—O aniversário da morte de sua irmã — explicou, com seu olhar indo da carta até seu rosto. — Biddy sempre vai levar flores à tumba nesse dia.

—Oh. Obrigado — Evelinde murmurou, e se virou, indo para as cadeiras perto do fogo onde tinha visto pela última vez Mildrede. Mas a mulher já não estava ali, e tinha deixado seu bordado, então deveria voltar logo, Evelinde avaliou distraída, com seus pensamentos centrados em Biddy. Evelinde desejava falar com a mulher, mas não estava tão ansiosa para segui-la aos escarpados. Esse era o último lugar onde gostaria de encontrar com a tia de Cullen. Seu pai e sua primeira esposa já tinham morrido ali, e Evelinde não tinha vontade de arriscar-se a ser a terceira morte no mesmo cenário.

Teria que esperar que Biddy retornasse. De repente fez uma pausa, pois percebeu que talvez pudesse procurar Biddy nos escarpados. E também, diferente do pai de Cullen e de sua primeira esposa, ela teria Rory e Gillie para protegê-la.

Agradecida por que não teria que esperar para confrontar à mulher, Evelinde voltou para a mesa, mas seu sorriso oscilou quando viu que era Fergus quem estava agora. Seu olhar foi para a porta do grande salão a tempo de ver que Rory e Gillie saíam e a porta se fechava.

—Aonde vão Gillie e Rory? — Perguntou-lhe, retornando para a mesa.

—Não estou certo — Fergus admitiu. — Acabaram de me pedir que a vigiasse por alguns minutos, por quê? Precisa de algo?

Evelinde hesitou, imaginado se deveria arriscar-se a ir ao escarpado com apenas um homem, mas logo se sentiu tola. Biddy era uma mulher velha. Podia ter pegado de surpresa ao pai de Cullen, e poderia ter vencido Maggie sozinha, mas certamente não poderia lutar com ela e Fergus?

—Eu matei Darach.

Cullen engoliu em seco e olhou sua tia ante essas palavras faladas brandamente. Não estavam cavalgando por muito tempo e faziam isso em silêncio até que ela fez essa confissão. As palavras tinham caído como do céu e o tinham golpeado como uma pedra na cabeça. Olhou-a sem compreender por um momento, mas logo perguntou:

—Por quê? Amava esse homem, sei que se amavam e todos sabiam. Perdoou-lhe cada colocada de mão em outras mulheres, cada...

—Sim, mas ele finalmente fez algo que não podia lhe perdoar — ela disse severamente.

—Jenny — Cullen perguntou, recordando a sugestão de Evelinde dessa manhã.

Biddy aquiesceu com a cabeça, ruborizando-se de raiva ela virou a cara para olhar as colinas diante deles.

—Não tinha ideia disso naquela ocasião. Oh, sabia que ele a adulava e também que a provocava como a todas as demais, e provavelmente deveria ter me dado conta, mas nunca imaginei que... Minha irmã mais nova. — Ela disse as palavras com repugnância e desconcerto.

—Como se inteirou? — Cullen perguntou brandamente.

—Não até que foi muito tarde — ela admitiu. — Verdadeiramente pensei que ela havia se suicidado para não casar-se com o Campbell, como todos os outros pensaram. Por duas semanas chorei. E durante todo esse tempo, Darach... — Ela sacudiu a cabeça. — Ele foi tão doce. Sempre estava ali para me confortar, sempre me dizendo que a moça estaria melhor no céu, longe do alcance do Campbell. Realmente pensei que essa era a prova de que ele era um homem maravilhoso apesar de suas infidelidades. — Biddy soltou a respiração num suspiro, e acrescentou — Então encontrei a carta de Jenny. Devia estar no solário todo esse tempo, mas não a encontrei até que finalmente me atrevi a entrar no quarto para procurar o bordado que

ela esteve fazendo para mim antes de morrer. Li o que ele lhe fizera, Darach... A minha própria irmã! Ele perseguia e seduzia todas as outras mulheres, mas com minha irmã? — Biddy apertou os dentes e sacudiu a cabeça. — Ele a arruinou. Jenny era uma menina, e ele a tratou como uma rameira comum. Em sua ingenuidade ela acreditava que era amor, até que na última vez que estiveram juntos lhe disse a cruel verdade, e Jenny fugiu de Donnachaidh. — Biddy dirigiu seus olhos furiosos a Cullen, e disse — Na noite da partida dela, Darach teve a coragem me dizer que ela levou todas suas brincadeiras e paqueras a sério e ele teve que lhe explicar claramente que me amava. — Biddy acrescentou seriamente. — Ele apenas se esqueceu de mencionar que ele a desvirginou primeiro e que se deitou com ela muitas vezes.

Cullen soltou a respiração com um suspiro triste.

—Jenny estava muito envergonhada pelo que tinha feito, planejava manter em segredo todo o assunto — Biddy disse tristemente. — Mas quando se deu conta de que ela estava grávida de um filho de Darach soube que não haveria modo de esconder isso do Campbell. Ela veio até aqui muito assustada e desesperada pela ajuda de Darach. — Sua boca fechou de repente, então ela disse — Sabe o que esse bastardo cruel fez?

Cullen negou com a cabeça.

—Disse-lhe que esse era seu problema e que ele negaria esse filho se ela tentasse acusá-lo, — Biddy disse furiosamente. — Disse-lhe que se ela tentasse me contar a verdade, ele obrigaria a três ou quatro de seus homens a jurar que tinham sido seus amantes, e ela ficaria como uma rameira vulgar na frente de todos. — Biddy respirou várias vezes profundamente, é claro tentando acalmar-se, em seguida continuou falando tristemente — Jenny não soube o que fazer. Sabia que a igreja afirmava que os suicidas iam para o inferno, mas sentia que de qualquer modo iria para o inferno por ter me traído, e então se matou.

—Sinto muito, Biddy — Cullen disse brandamente, e a cara dela se fez sombria.

—Perdoei-lhe tanto Cullen, tantas mulheres... Mas não podia lhe perdoar por Jenny. Não iria fazê-lo nunca, não depois de ler essa carta. — Biddy ficou calada por um momento enquanto aparentemente refletia sobre a devastação que Darach tinha causado, logo suspirou. — Desci as escadas furiosa, determinada a confrontar esse bastardo, mas todos vocês tinham saído para caçar — Ela apertou os dentes. — Peguei o arco e as flechas, e parti. Não tive dificuldade em encontrá-los os segui e quando vocês se aproximaram do javali e o caos deflagrou, aproveitei a oportunidade. Disparei em Darach ele caiu na primeira flecha, me senti em paz com o que tinha feito. — Sua expressão estava quase rebelde enquanto se confessava, mas logo Biddy suspirou outra vez, e continuou — Essa paz não durou muito. Pois quando retornei ao castelo a culpa me invadiu. Foi quase um alívio quando vocês voltaram, e percebi que ele não estava morto. Jurei curá-lo, e a princípio ele pareceu melhorar, mas... — ela sacudiu a cabeça amargamente, e acrescentou — Enfim, não pude salvá-lo.

Cullen olhou sua tia quando o silêncio caiu sobre eles novamente. Seus sentimentos eram uma mistura de muitas emoções; Compaixão por Jenny, piedade pelo abuso e por sua vida perdida inutilmente, fúria contra seu tio por agir tão cruelmente. Se ele mesmo tivesse encontrado e lido essa carta, não estava tão certo se não teria disparado uma flecha também nesse bastardo. Certamente, Darach tinha merecido morrer por arruinar a vida de Jenny e provavelmente a de muitas mulheres ao longo dos anos.

Nesse momento, Cullen poderia ter reconfortado sua tia lhe dizendo que tinha agido bem e que não precisavam voltar a falar desse assunto outra vez... Mas Darach não foi o único morto. Havia seu pai e Maggie para considerar, assim como os atentados contra a vida de Evelinde.

Clareando a garganta, ele se sentou um pouco melhor na sela, e perguntou:

—E meu pai?

—Liam — Biddy o olhou confusa então uma faísca de entendimento cruzou por seu rosto, e ela sacudiu a cabeça. — Não tive nada a ver com isso. Matei Darach, porém nunca teria

danificado um cabelo da cabeça de seu pai. Liam foi um bom homem. Um homem de bem. Ele amava sua mãe. Nunca se comportou como Darach fez. Não — ela repetiu firmemente. — Eu não o matei. Realmente acredito que sua morte foi um acidente.

—Acredita-o? — Cullen a questionou.

—Foi à morte de Maggie que me causou estranheza. Ela começou a perguntar sobre as mortes de seu pai e Darach, e quando foi encontrada ao pé dos escarpados, perguntei-me se a morte de Liam tinha sido um acidente depois de tudo — ela admitiu. — Perguntei-me se não tinha sido um homicídio, e se a Maggie investigando, não havia colocado alguém nervoso. Pareceu-me muita coincidência que ambos morressem de uma queda no escarpado onde Jenny foi enterrada.

Cullen assentiu silenciosamente. Isso era exatamente o que Evelinde havia dito essa manhã.

—E depois — Biddy continuou, — quando os acidentes começaram a acontecer a Evelinde, não pude deixar de me preocupar, estive tentando pensar quem poderia ter matado Liam e à Maggie.

—Pensou em alguém em concreto? — Cullen perguntou, mas ela negou com a cabeça.

—Não. Simplesmente não compreendo por que alguém matou Liam. Você era o único que se beneficiaria com sua morte. — Cullen ficou rígido com essas palavras e ela se apressou a acrescentar — Mas sei que amava seu pai, Cullen. Nunca o teria matado. Você também queria à pequena Maggie, não lhe teria feito mal. Mesmo que duvidasse disso, não tenho a menor dúvida que ame Evelinde e que não tentaria matá-la.

Cullen relaxou, mas perguntou:

—Como sabe que amo Evelinde?

Biddy sorriu ligeiramente. Foi um pequeno sorriso, mas o primeiro que mostrava desde que se cruzaram no corredor.

—Moço, seu amor é fácil de ver em seus olhos cada vez que olha à moça.

Ele sorriu francamente e assentiu com a cabeça, sua mente voltando para a pergunta de quem poderia ter assassinado seu pai e Maggie.

—Acredita em mim? — Cullen olhou sua tia vacilando. — Eu não matei Liam nem Maggie e não sou a responsável pelos acidentes de Evelinde — ela explicou. — Sei que pensava que era eu quando me trouxe aqui fora, mas agora crê que...

—Acredito sim — ele a interrompeu, e era verdade. Cullen acreditava nela. Biddy não era o tipo de mulher que poderia matar sob circunstâncias normais. Suspeitava que se ela tivesse tido a chance de pensar depois de ler a carta de sua irmã, não mataria Darach. Ela o fez num ataque passional. Não teria sentido essa mesma fúria e essa mesma paixão por seu pai, e certamente não pela pequena Maggie. Não, Biddy não tinha matado Liam nem Maggie... O que queria dizer que ainda havia um assassino solto em Donnachaidh, tentando torná-lo viúvo.

—Venha — Cullen disse, e virou seu cavalo de volta pelo mesmo caminho pelo que tinham vindo. Repentinamente queria regressar para ter certeza de que Evelinde estava a salvo. Embora tivesse resolvido parte do enigma do passado encontrando um assassino, havia outro mais perigoso nos arredores.

—Sobrinho. — O tom firme de sua voz o interrompeu e olhou-a em resposta. Biddy o observava seriamente, e perguntou — O que fará comigo agora?

Cullen hesitou, apertando os lábios. Queria dizer que não faria nada, que Darach tinha colhido o que tinha semeado, contudo tinha a responsabilidade como lorde de defender a justiça e não estava seguro se poderia fazer isso.

—Não estou certo — Cullen admitiu finalmente. — preciso refletir sobre isto.

Biddy o olhou silenciosamente por um momento, logo pôs em marcha seu cavalo.

—É um bom lorde — Biddy lhe disse enquanto cavalgava atrás dele para a fortaleza. — Me expulsará, e aceitarei sua decisão. Na verdade, será um alívio finalmente poder ser castigada pelo que fiz.

Cullen não disse nada enquanto voltavam, mas lhe ocorreu que Biddy esteve castigando a si mesma pelos últimos dezessete anos por ter matado seu marido. Afastou-se daqueles a quem amava, desterrou a si mesma à cozinha, e se negou a desfrutar dos pequenos luxos durante todos esses anos. Ele tinha notado que seu dormitório era pequeno e estreito e que ela já não usava travesseiros e lençóis de linho fino, que passava a noite em uma cama dura em um quarto tão austero como a cela de um monge. Poucas vezes comprava tecidos para fazer novos vestidos, e quando o fazia, escolhia tecidos que não fossem luxuosos ou coloridos, a não ser tecidos toscos e grosseiros que uma dama jamais se atreveria a usar sem envergonhar sua família.

Sim, Cullen pensou, Biddy provavelmente se sentiria aliviada de ser castigada. Assim poderia deixar de fazê-lo ela mesma.

Voltaram para a fortaleza velozmente.

Uma vez no pátio do castelo, ele guiou seu cavalo aos estábulos, e Biddy o seguiu. Mas, em sua ansiedade por alcançar a fortaleza e averiguar sobre Evelinde, Cullen deixou o cavalo com a filha de Scatchy enquanto Biddy ficava para atender seu próprio cavalo.

Cruzou o pátio rapidamente, mas os pensamentos de Cullen estavam muito distraídos e quase já tinha alcançado o castelo antes de avistar Gillie e Rory falando com Mac de pé nos degraus de entrada. Saudou o velho com uma inclinação de cabeça, e a seguir lançou um olhar severo aos dois jovens.

—O que estão fazendo aqui vocês dois? Supõe-se que deviam vigiar minha esposa.

—Rory e eu estávamos ficando sonolentos no grande salão então Fergus disse que podíamos sair e dar uma volta aqui fora. Ele disse que a vigiaria enquanto esticávamos as pernas por alguns minutos. — Gillie lhe explicou desculpando-se.

Cullen os olhou severamente, mas não podia culpá-los. Fergus era seu primeiro em comando, e ele o deixou a cargo da fortaleza enquanto viajava. Parte do trabalho do homem era dar descanso aos homens. Um homem não seria um bom guarda se caísse de sono.

Assentindo com a cabeça, ele seguiu para a fortaleza.

—Meu lorde?

Cullen fez uma pausa e olhou para trás.

—Sim?

Os homens trocaram um olhar, então Rory perguntou:

—A irmã de Bidy não morreu no outono?

—A irmã de Bidy? — Ele perguntou, sobressaltado ao ouvi-los mencioná-la. Gillie e Rory eram dez anos mais jovens que ele. Estava surpreso de que recordassem da mulher.

—Sim — Rory disse. — Acompanhei Bidy para levar flores ao escarpado no último outono porque ela disse que era o aniversário da morte da Jenny. Mas Fergus disse a Evelinde que Bidy estava nos escarpados porque hoje era o aniversário de sua morte.

—Ele está equivocado. Você tem razão, Jenny morreu no outono, não no verão — Cullen disse, e sacudiu a cabeça exasperadamente. Estava certo que tinha mencionado a Fergus que iria levar Bidy com ele à casa dos Comyns. Aparentemente, o homem se esqueceu disso.

—Já sabia — Rory disse com satisfação, e acotovelou Gillie. — Disse que o cérebro do velho estava enfraquecendo.

Cullen fez uma careta, deixou a preocupação pela memória de Fergus de lado e ansioso por ver sua esposa continuou seu caminho subindo os degraus.

Mildrede saía da cozinha quando Cullen entrava na fortaleza, mas, além disso, o grande salão estava vazio. Franzindo o cenho, ele olhou à criada.

—Onde está minha esposa?

As sobrancelhas de Mildrede arquearam e assinalou a porta da cozinha.

—Ela saiu pela cozinha alguns minutos atrás. Não estava sozinha — a mulher acrescentou rapidamente. — Fergus a escoltava.

Cullen franziu o cenho.

—Escoltá-la aonde?

—Não estou certa — ela admitiu hesitante. — Não tive a oportunidade de falar com ela. Fergus a tirava pela porta que dá ao pátio quando eu entrava na cozinha. — Como Cullen continuava franzindo o cenho, ela adicionou — Sei que ela andava procurando lady Elizabeth mais cedo. Possivelmente tenham ido procurá-la fora.

—Quem me procura?

Cullen se voltou para a porta atrás dele quando Biddy a fechou e caminhou através do grande salão em direção a eles.

—Evelinde — Mildrede respondeu.

—Pois bem, estou aqui. O que quer? — Biddy perguntou, quando as portas da fortaleza se reabriram, e Gillie, Rory e Mac entraram seguidos por Tavis.

Mildrede sacudiu a cabeça com desconcerto.

—Não sei.

—Fergus lhe disse que você estava no escapado — Cullen resmungou. — Mas eu havia lhe dito que você vinha comigo a Comyns.

Amaldiçoando, Cullen foi para a porta da cozinha.

—O que está acontecendo? — Mildrede perguntou, seguindo-o, havia preocupação evidente em sua voz quando indagou. — Não foi no escapado que seu pai e sua primeira esposa morreram?

—Sim — ele replicou, começando a correr.

—Certamente Fergus não está por trás dos acidentes e das mortes? — Biddy perguntou, mas seu tom dizia que ela temia isso.

—Fergus? — Tavis repetiu o nome surpreso enquanto ele e os outros homens começavam a seguir seu amo. — Não pode ser Fergus, Cullen. Não ganharia nada com essas mortes. O que ganharia matando meu pai? Ou ao seu? Ou a Maggie?

—Algumas dessas mortes poderiam ter sido acidentes — Gillie comentou.

—Sim — Rory concordou. —Mas é curioso que ele leve a moça aos escapados se sabia que Biddy não estava ali.

Esse comentário causou um silêncio que recaiu sobre o grupo enquanto saíam correndo da cozinha. Cullen quase desejou que continuassem dizendo tolices. Ao menos isso evitava que pensasse no que poderia estar acontecendo a sua esposa nesse momento. Se Fergus a machucasse, mataria o homem com suas próprias mãos. Não iria perder Evelinde.

Capítulo XVII

O olhar de Evelinde percorreu todo o escarpado solitário e desolado, mas não havia sinais da presença de Biddy ali. Então sua atenção se moveu para o monte de pedras da tumba de Jenny, mas não havia flores que falassem de uma visita recente de Biddy.

Franzindo o cenho, voltou-se para ver Fergus fechando o portão do muro atrás deles.

— Ela não está aqui.

O guerreiro estudou a área e encolheu os ombros.

— Talvez ela já tenha ido.

— Teríamos nos cruzado — Evelinde comentou.

— Não, não há só um caminho. Eu escolhi o mais rápido. Biddy pôde ter tomado qualquer dos outros caminhos. — Ele encolheu os ombros outra vez, então arqueou uma sobrancelha.

— O que queria com Biddy?

Evelinde conseguiu sorrir. Tinha tentando pensar em como lhe dizer o que descobriu, mas não conseguia se decidir como iniciar as explicações. Evelinde considerou que ainda bem que Biddy não estava mais aqui, de outra maneira ela teria trazido cegamente o homem numa situação que podia ter sido perigosa.

— Moça — Fergus a apressou. — O que queria com Biddy? Talvez eu possa lhe ajudar.

Evelinde sorriu ironicamente, sabendo que ele não poderia responder as questões que tinha para Biddy, mas logo depois de um momento, ela perguntou:

— Fergus, o que recorda da morte da irmã dela?

— Jenny? — Ele disse o nome com tristeza. — Para Biddy foi uma perda tremenda. Amava muito sua irmã.

— O suficiente para matar o homem que foi responsável pelo suicídio dela?

Fergus ficou em silêncio por tanto tempo que ela imaginou que ele não responderia, mas finalmente ele se moveu para a tumba de pedras.

—Encontrou a carta.

Com a boca repentinamente seca, ela perguntou:

—A carta?

—Sim. Maggie encontrou alguns anos atrás. Deveria tê-la destruído então, mas eram as últimas palavras de Jenny, e não tive coragem de tirar isso de Biddy. — Lançou um olhar triste e sacudiu a cabeça. — Por isso a guardei no fundo de seu baú.

—Maggie encontrou a carta? — Evelinde perguntou fragilmente, dando-se conta de que ela tinha cometido um grande engano. Um erro muito tolo. Sabia no fundo de seu coração que Biddy não era uma assassina. Também sabia que Fergus tinha sentimentos amorosos por ela e que ele era capaz de matar. Como soldado, tinha sido treinado para defendendo seu lar e matar pessoas. Nunca deveria ter vindo aqui fora com ele.

—Não sei por que teve que colocar o nariz nisso, moça. — Evelinde deu um passo atrás cautelosamente quando ele começou a avançar. — Se tivesse deixado o passado como estava... Agora terei que lhe matar também, para proteger Biddy.

—Protegê-la do que? — Ela perguntou angustiada, continuava retrocedendo enquanto ele se aproximava.

—Protegê-la de que alguém se inteirasse que ela disparou a flecha em Darach.

Consciente de que se aproximava da borda do penhasco, Evelinde começou a mover-se lateralmente em vez de para trás, ela perguntou:

—Soube que ela o matou todo esse tempo, e a protegia?

—Não, ela não o matou — ele afirmou. — Eu o fiz.

—Mas acaba de dizer que ela disparou à flecha em Darach — ela comentou confusa.

—Sim, fez — ele respondeu. — Mas essa flecha não o matou. Ele estava se recuperando, por isso o estrangulei quando estava dormido três dias depois.

Evelinde parou de mover-se. Mas o alívio que a invadiu quando soube que Biddy não era uma assassina não a ajudava agora. Esperava mantê-lo falando enquanto pensava numa forma de livrar-se dele, Evelinde perguntou:

—Não foi uma infecção o que o matou?

Fergus negou com a cabeça.

—Não, foi sua estúpida capacidade para não controlar os impulsos de seu pênis o que o matou. — Seus olhos se abriram em choque, mas ele não se desculpou por dizer essa grosseria na frente dela. O homem repentinamente estava furioso. — Tinha uma boa esposa! — Fergus disse, repentinamente gritando. — Biddy o amava. A mulher lhe perdoou todas as suas infidelidades — ele disse lamuriante. — Deus Santo, qualquer homem mataria para ser amado dessa maneira.

Evelinde assentiu com a cabeça.

—E outros matariam para ganhar essa mulher.

Fergus franziu o cenho, mas disse:

—Sim. Ele não merecia uma mulher como ela, não lhe bastou meter-se debaixo das saias de todas as criadas e moças que cruzavam pelo caminho enquanto ela chorava por sua infidelidade, também teve que meter-se com sua irmã — Fergus cuspiu ao chão. — Biddy o perdoou pelas outras mulheres, mas eu sabia que não lhe perdoaria por Jenny. Ela amava Jenny.

—Foi você quem contou? — Evelinde perguntou hesitantemente. Estava mais confusa agora. A carta que tinha lido parecia significar que Jenny contava a Biddy algo que ela não sabia.

—Não. Queria fazê-lo, mas como poderia machucá-la dessa maneira... Mas sabia. Os encontrei, Darach e Jenny, aqui na terceira semana da primeira visita. Ele tinha uma obsessão em seduzir as mulheres. Era como uma enfermidade. O homem simplesmente não podia resistir. E dizia a Jenny que a amava. — Fergus muito aborrecido sacudiu sua cabeça. — Darach não a amava. Esse homem nunca amou ninguém. Ele nem sequer era suficientemente bondoso para mentir à moça. Ela rogava-lhe que dissesse que a amava, Darach ria, e dizia: — É obvio que a amo, amo todas, as mulheres são flores para ser arrancadas.

Evelinde mordeu o lábio. Podia imaginar a humilhação que Jenny sofreu nesse momento.

—Sim — Fergus disse, lendo sua expressão. — Era um animal cruel. E ele a deixou aqui num terrível estado de dor. A jovem tentou se jogar do escarpado nesse dia, e talvez devesse ter permitido que o fizesse, mas a contive e a tranquilizei. Finalmente, ela decidiu que não valia à pena morrer por Darach. Rogou-me que não contasse nada a Biddy e que a ajudasse a partir cedo, e isso foi o que fiz. Tirei a moça daqui antes que Biddy pudesse dar-se conta de que algo estava errado.

—Mas Jenny retornou — Evelinde comentou.

—Sim — Fergus disse pesadamente. — Eu não estava aqui quando ela chegou dois meses mais tarde, de outro modo o que seguiu poderia não ter acontecido. — Ele suspirou. — Ela estava grávida de Darach. — Fergus fez uma pausa e a observou brevemente, e logo disse — Se leu a carta, sabe o que aconteceu depois.

Evelinde assentiu solenemente.

—Sim. Darach a rechaçou, e ela se matou.

Fergus franziu o cenho.

—Tentamos detê-la. Ela tinha deslizado a carta por debaixo da porta do quarto de Biddy e Darach antes de enforcar-se. Subi para acender as tochas, as mantínhamos acesas nessa época então vi luz debaixo da porta do dormitório. Darach saía nesse momento, então se inclinou para recolher a carta que estava no chão. Abriu-a, leu-a, amaldiçoou, e foi ao quarto de Jenny, mas ela não estava ali, então ele correu para baixo. Segui-o. Dirigia-se ao muro. Deve ter pensado que ela pensava lançar-se ao vazio dali. No caminho Darach espremeu a carta e a lançou ao chão. Eu a recolhi e a li, então a guardei e voltei para a fortaleza. Eu também pensava que a moça provavelmente se lançaria do escarpado. Não queria ver seu corpo quebrado, então retornei para esperar a notícia no grande salão. Mas quando voltei para a fortaleza, Biddy gritava. Ela tinha encontrado sua irmã pendurada no solário.

—Se você tinha a carta, como chegou a Biddy? — Evelinde perguntou.

—Duas semanas depois que Jenny morreu, coloquei-a no solário onde ela a encontraria. Esperava que pensasse que a moça a deixou.

—Por quê? — Ela perguntou com súbita desilusão. O homem acabava de passar vários minutos dizendo que nunca poderia machucar Biddy. Mas finalmente tinha feito a única coisa que poderia destruir a mulher.

—Estava cansado de ver como o bastardo do Darach agia como um marido carinhoso e compassivo. Ele tinha causado a morte de Jenny, ele tinha causado a dor de sua esposa, e Biddy lhe agradecia o ombro que lhe dava para chorar! — Fergus fechou seus olhos brevemente e sacudiu a cabeça. — Não pensei atentamente. Queria que ela percebesse do que ele era capaz, mas não considerei bem como ela reagiria. Deixei a carta e saí para caçar com os outros alegremente antecipando o confronto com ele quando retornássemos. Mas em vez disso, acertou o bastardo.

—Está seguro de que ela fez isso? — Evelinde perguntou esperançosamente. — Talvez tenha sido realmente um acidente.

—Não. Foi à flecha de Biddy. As penas revelavam — ele explicou. — Ela tinha um cisne quando se casou com Darach. Tinha morrido alguns anos antes, mas ela conservou as penas, suas flechas têm penas brancas de cisne alternadas com penas escuras de ganso. Reconheci logo a flecha e soube que Liam também o faria. Não havia tempo para tirá-la e substituí-la por outra, então cobri as penas com sangue e barro, esperando que as cores não fossem notadas, e não foi nessa ocasião.

—Mas a flecha dela não o matou — Evelinde assinalou. — Disse que você fez isso.

—Sim. Sufoquei-o enquanto dormia, mas todos pensaram que ele morreu como resultado da ferida — ele explicou, então adicionou com dor — Biddy estava devastada... Mas eu simplesmente sabia que era sentimento de culpa, e que ela se recuperaria com o tempo.

Fergus ficou calado, seu olhar foi até as pedras da tumba de Jenny, mas Evelinde suspeitou que não fosse isso o que ele olhava. Estava certa de que seus pensamentos estavam no passado e aproveitou a oportunidade para olhar ao redor, procurando uma rota de fuga ou ao menos uma arma que pudesse usar para salvar-se. Na realidade uma vez desviou completamente sua atenção de Fergus, que aparentemente tinha terminado com suas ruminções. Ele deu um passo na direção dela, Evelinde rapidamente perguntou:

—Por que matou o pai de Cullen, Liam?

—Liam. — Fergus pronunciou o nome quase como uma prece.

—Dez anos já tinham passado — ela comentou. — por que matá-lo tanto tempo depois da primeira morte? Sem dúvida você já tinha saído ileso do assassinato de Darach por que então?

—Sim. Esses anos passaram tranquilamente, e quase tinha esquecido completamente de Darach... Até que a flecha começou a me incomodar. — Ele murmurou. — Não sabia nessa ocasião, mas Liam aparentemente tinha levado a flecha de Biddy para seu quarto no dia que a tiraram de Darach. Eu pensei que tinham jogado fora a flecha e esse engano me obrigou a

matar Liam — Fergus disse com verdadeira dor. — Não queria fazê-lo. O pai de Cullen era um bom homem, muito melhor que seu irmão. Sua morte sinceramente foi uma desgraça.

—Mas assim mesmo o matou — Evelinde disse com seu olhar rapidamente percorrendo a área novamente. Havia várias rochas que poderia usar, mas estavam um pouco afastadas.

—Foi por Biddy — Fergus explicou, recuperando sua atenção. — Tudo era minha culpa, e não podia deixar que Biddy pagasse por isso. — Enquanto ela o observava silenciosamente, ele explicou — Liam aparentemente guardava a flecha porque algo a respeito dela o intrigava. O sangue tingindo a cor das penas, ou então a extensão da flecha. As flechas de Biddy eram tão curtas como a dos meninos, então se tratava de sua flecha — ele comentou, depois encolheu os ombros. — Pôde ter sido isso, ou qualquer coisa, mas era algo que tinha feito Liam guardar a flecha no baú do quarto, suja e com sangue.

Os olhos de Evelinde se abriram enquanto se dava conta de que a flecha que tinha visto no seu quarto no baú de Cullen era a que Darach tinha recebido.

—Mas o sangue secou e ao longo dos anos foi desprendendo das penas. Finalmente Liam se deu conta que se tratava de penas brancas mescladas com outras mais escuras... Até que um dia ele desceu ao escarpado e me encontrou limpando coelhos que tinha caçado.

—Coelhos? — Evelinde perguntou desconcertada, não entendeu qual a relação com os fatos.

Fergus assentiu com a cabeça.

—Biddy não tinha caçado mais desde a morte de Darach. Ela costumava gostar de fazê-lo antes, mas depois de disparar em seu marido, nunca mais havia tocado em seu arco até que a convenci a vir comigo para caçar, quase dez anos depois da morte de Darach. Ela decidiu que viria comigo e que conseguiria alguns coelhos para fazer um guisado para o jantar. Sempre lamentei tê-la envolvido nisso — Fergus disse com um suspiro. — Quando retornamos, enviei-a para a cozinha para começar a picar as verduras enquanto eu traria os coelhos aqui para

limpá-los e cortá-los. — Seu olhar foi para o monte de pedras. — Eu também gostava de vir aqui visitar Jenny. — Fergus encolheu os ombros então disse — Nesse dia, trouxe os coelhos aqui para limpá-los, e Liam veio me procurar. Quando me elogiou pelo número de coelhos caçados, com ironia admiti que todos eles eram de Biddy. Só então notei algo em seus olhos. Tinha reconhecido as penas das flechas e já era muito tarde. Já não poderia convencê-lo de que tinha sido eu quem matou Darach. Ele não me escutaria, então tive que matá-lo. Liam não suspeitou de nada — Fergus lhe assegurou como se isso pudesse fazer alguma diferença. — Ele apeou e estava de costas para o escarpado. Lancei-me sobre ele então o empurrei pela beirada sem que lutássemos.

—E a pequena Maggie? — Evelinde perguntou com o seu olhar agora indo para o portão do muro. Sabia que uma vez que ele terminasse de explicar tudo, ele iria matá-la. Precisava de um plano para salvar-se, e Evelinde pensou poderia lhe atirar uma pedra e correr para o portão.

—Senti muito ter que matar à pequena Maggie.

A boca de Evelinde se apertou ante essas palavras. Parecia-lhe que Fergus tinha sentida dor em cada um dos assassinatos, mas isso não o impedia de cometê-los, ou continuar com outros. Não tinha dúvida de que ele estava cheio de tristeza por ter que matá-la também. Então ela ficou rígida quando notou que o portão do muro se abria um pouco. Por um momento, ela pensou que Fergus simplesmente não o tinha fechado corretamente, mas então viu várias caras aparecendo na abertura estreita. Reconheceu Cullen imediatamente, assim como Mildrede, Tavis. Seu coração então se confrangeu quando viu Biddy e notou a expressão em seu rosto. Evelinde não tinha ideia de quanto tempo todos eles tinham estado ali escutando as confissões de Fergus, mas foi o suficiente para deixar Biddy comovida e pálida.

—A pequena Maggie era uma moça doce.

Evelinde se obrigou a voltar seu olhar ao homem para que sua distração não fosse vista.

—Mas ela teve que colocar seu nariz nesse assunto. Como você — ele adicionou com desgosto. — A única diferença é que ela veio a mim primeiro com o plano de resolver o episódio. Ela imaginava que Cullen se sentiria tão agradecido tendo seu nome limpo, que lhe prometeria amor eterno... Pequena tola. Tentei convencê-la de não investigar, mas ela também pensava que a morte de Jenny era algo muito complexo, e voltou suas suspeitas para Biddy. No momento em que ela fez isso soube que teria que matá-la. Mas queria bem à moça, e vacilei até o dia em que ela revistou o quarto de Biddy como você obviamente fez essa manhã.

O olhar envergonhado de Evelinde se dirigiu para o portão, mas a atenção de Biddy estava somente enfocada em Fergus enquanto ele falava.

—Quando encontrou a carta de Jenny, Maggie veio correndo me entregá-la, e eu a trouxe até aqui ao escapado. Ela estava tão excitada me contando sobre sua descoberta, que nem notou para onde a trazia. Ela imaginava que já que Biddy tinha matado Darach também devia ter matado Liam porque ele de certa forma tinha descoberto o primeiro assassinato. Foi nesse dia aqui, que então me decidi, ela me olhou confusa perguntando por que estávamos aqui e eu a golpeei, pondo-a fora de combate imediatamente. Então a coloquei sobre a sepultura de Jenny para raciocinar no que fazer. Maggie tinha que morrer se quisesse proteger Biddy, mas como fazê-lo, então decidi que iria jogá-la do escapado enquanto ela ainda estava inconsciente. Nunca despertou e nunca sofreu.

—E meus acidentes? — Ela o apressou quando ele ficou calado. — Também foi você?

—Sim, tentei fazer com que parecesse um acidente para que ninguém pudesse acusar Cullen, mas ele salvou sua vida com muita persistência. — Fergus fez uma careta, e logo admitiu — Lamento ter que lhe matar, pois parece óbvio que Cullen a ama, mas chegou seu momento.

A boca de Evelinde se fechou bruscamente ante essas palavras. Fergus avançou outra vez, e ela procurou em sua mente outra pergunta para lhe manter falando.

—E quanto aos rumores? — indagou, agarrando-se à pergunta, enquanto Cullen começava a transpassar o portão. — Você iniciou isso também?

Fergus fez uma pausa novamente.

—Não foi proposital, depois da morte de Liam as pessoas começaram a falar sobre um homicídio e a perguntar se a de Darach também o tinha sido. Preocupei-me de que fossem acusar Biddy. Então, para desviar os rumores dela, mencionei que alguém tinha ouvido que outra pessoa tinha visto um homem moreno fugindo da área na época em que Liam tinha morrido. A seguir soube que o boato voltava com nome de Cullen como suspeito, lamentei o problema que causei Cullen.

Evelinde esteve observando seu marido avançar lenta e silenciosamente por trás de Fergus enquanto escutava o relato do homem, mas suas últimas palavras a fizeram ficar rígida enquanto se dava conta de que algum som provavelmente revelou a presença de Cullen. Olhou profundamente ao soldado e se surpreendeu ao ver que enquanto ela observava seu marido, Fergus se moveu para mais perto dela. Agora ele estava a um ou dois metros de distância. Antes que ela pudesse mover-se para fora de seu alcance, ele se equilibrou, pegando a parte superior de seu braço puxando-a contra seu peito prendendo-a contra si enquanto se virava para enfrentar Cullen, acrescentando:

—Você administrou tudo isso muito bem, moço. Seu pai teria sentido orgulho.

Cullen parou, apertando os punhos com frustração, pois ela estava cativa, então disse, Pois ele poderia destruí-lo se ainda estivesse vivo.

—Fergus — Biddy disse brandamente, transpassando o portão parando ao lado de Cullen.

— Solta Evelinde.

A lâmina afiada de uma faca contra seu pescoço demonstrou a Evelinde que Fergus não estava disposto a fazer isso. Estava completamente paralisada, até contendo a respiração para não cortar-se acidentalmente enquanto esperava uma oportunidade de liberar-se da situação.

—Fiz tudo isto por você, Biddy — Fergus disse solenemente.

—Mas eu não lhe pedi isso — Biddy disse amargamente.

—Você iniciou isso — ele comentou exasperadamente.

—Sim, mas... Isso foi em um momento de fúria pelo que tinha feito a Jenny — ela disse, tentando explicar seus sentimentos. — O assassinato é maligno. Deveria ter...

—Não é um assassinato quando se trata de alguém como ele. Darach merecia morrer — Fergus insistiu. — Ele era um bastardo desumano, se continuasse vivendo, teria partido seu coração muitas vezes, e teria arruinado a incontáveis moças.

—Sim, mas pelo menos eu não teria sofrido a culpa que padecei todos estes anos pensando que tinha cometido um pecado mortal e que assassinei meu marido — Biddy replicou, soando zangada pela primeira vez. — E Liam e Maggie não mereciam morrer. Ambos eram boas pessoas, amigos e seres queridos por quem levei luto por anos. — Seu olhar se dirigiu para Evelinde, e seus lábios se apertaram antes que ela acrescentasse — E tem Evelinde. Pensa em matá-la, também? E quem seria o seguinte? Cullen? Matará a todos que ama em seu suposto esforço para me proteger? Preferiria que tivesse me matado naquela noite em vez de matar aos outros, incluindo Darach. Não tem feito nada, além de me causar mais dor Fergus. Além de adicionar o assassinato à lista de meus pecados.

Evelinde engoliu em seco e desviou a vista para o lado, tentando olhar Fergus. Mas ele ainda estava parado atrás dela, sua respiração estava mais rápida agora, e ela não estava certa como ele recebia as palavras de Biddy.

—Solte Evelinde — Cullen disse aborrecido. — Não ganhará nada com sua morte, acabou.

—Sim, assim parece. — Fergus suspirou perto de seu ouvido, então começou a retroceder. — Sinto muito, Biddy. Tudo o que quis foi lhe fazer feliz e protegê-la. Merecia algo melhor. Mas tudo o que consegui fazer foi estragar tudo.

—Fergus, solte Evelinde — Cullen grunhiu, movendo-se para frente enquanto Fergus continuava retrocedendo para o escarpado.

—Não desejo brigar com você, moço. Já me sinto mal o suficiente por ter matado seu pai. Não acrescentarei sua morte à lista de meus pecados.

—Pois bem, não adicione a de Evelinde tampouco — ele disse desesperadamente.

—Por favor, deixe-a ir, Fergus — Biddy disse brandamente. — Cullen e Evelinde se amam. Merecem a felicidade que nenhum de nós dois encontrou.

—Sim, talvez seja assim — Fergus concordou, retrocedendo vários passos, antes de parar e dizer ao ouvido de Evelinde. — vou deixá-la ir, moça, e quando o fizer, vai caminhar até seu marido.

—O que vai fazer? — Ela perguntou com preocupação.

—Não se preocupe por isso — ele disse. — Só vá com seu marido e ame-o. Biddy tem razão, vocês se merecem reciprocamente.

Evelinde abriu a boca outra vez para perguntar o que iria fazer, mas Fergus subitamente a empurrou para frente. Não preparada para isso, Evelinde tropeçou, mas Cullen estava ali para pegá-la, mas ela se virou para pegar Fergus. A mão de Evelinde ficou no ar, e seus olhos abriram-se com horror quando viu Fergus lançando-se ao vazio e Cullen se jogando para frente para segurá-lo.

Evelinde não foi à única em gritar, mas era a única que estava suficientemente próxima para deter Cullen quando ele tentou pegar Fergus e quase perdeu o equilíbrio. Ela o apanhou pela parte traseira do plaid e o acompanhou ao chão quando ele caiu. A metade superior do corpo de Cullen estava pendurando na borda do escarpado. Mas o corpo de Fergus estava completamente no ar, não caía no vazio só porque Cullen o agarrava pela túnica. Quando o peso de Fergus começou a arrastar Cullen para frente, Evelinde engatinhou para sentar-se sobre suas pernas, acrescentando seu peso para ancorá-las.

—Deixe-me morrer, moço — ela ouviu Fergus pedir quase bondosamente.

—Não — Cullen grunhiu. — Toma minha mão, o plaid pode rasgar-se.

—Pegue sua mão, Fergus — Tavis rogou, enquanto os homens tentavam ajudar.

Evelinde relaxou um pouco quando Gillie e Rory se ajoelharam ao seu lado e tentaram pegar Cullen para ajudar a evitar que ele caísse pelo escarpado junto com o homem que segurava.

—Pegue a mão, bastardo — Cullen respondeu bruscamente, enquanto Evelinde escutava o ruído de um tecido rasgando-se. — Estou tentando salvar sua vida.

—Para que? Para que mais tarde possa me enforcar pelas mortes. — Fergus perguntou secamente, logo repetiu — Me solte. Estou preparado para morrer.

Cullen ficou em silêncio, e Evelinde soube que ele hesitava relutante em soltar o homem que tinha sido seu primeiro em comando por tantos anos, e provavelmente o tinha treinado como soldado em sua juventude. No entanto, também sabia que se o salvasse agora, mais tarde teria que castigá-lo pelos três assassinatos e que Fergus terminaria na forca.

O coração de Evelinde se condoia por seu marido, sabendo que tomar essa decisão era uma agonia para ele, mas a decisão foi arrebatada de suas mãos. O vento forte repentinamente parou, foi um lapso breve, mas o suficiente para que Evelinde ouvisse o ruído da túnica de Fergus rasgando-se; e logo o vento voltou a soprar açoitando-os enquanto Fergus caía. Não gritou, o único som foi o uivo do vento ao redor deles.

Capítulo XVIII

—Não é necessário que me carregue marido. Não estou ferida. Posso caminhar — Evelinde repetiu pela centésima vez desde que Cullen se colocou de pé no escarpado, ergueu-a em seus braços, e marchou para o castelo. E pela centésima vez ele a ignorou e continuou caminhando silenciosamente.

Perdendo a esperança de caminhar por si mesma, Evelinde olhou por cima de seu ombro o grupo que os seguia. Bidly, Tavis, Mildrede estavam com Mac, Rory, e Gillie. Seu olhar se focalizou em Bidly, observando sua expressão perdida. A cara da mulher estava pálida, e seu tremor era visível. Mildrede a abraçava pela cintura para sustentá-la enquanto caminhava, Tavis segurava no braço de sua mãe. O primo de Cullen também estava comovido com as revelações desse dia, e Evelinde se perguntou se ao inteirar-se das coisas que seu pai fez, ele poderia mudar sua conduta. Esperava que fosse assim, mas teria que esperar e ver o que acontecia.

—Marido? — Cullen não falou, mas seus olhos se cravaram nela brevemente antes de voltar a caminhar em frente. Sabendo que isso equivalia a um — Sim, esposa? — Evelinde disse — O que fará com Bidly?

Um canto da boca dele tremeu, mas mantinha a inexpressiva expressão habitual, mas pelo que pôde ver em seus olhos soube que ele não tinha ideia sobre o que fazer com sua tia.

—Ela não o matou — Evelinde disse brandamente. — Disparou-lhe uma flecha, mas isso não o matou. Darach merecia isso e muito mais pelo que fez a Jenny. Não pode esquecer o que ela fez e deixá-la em paz?

—Sim. — Cullen suspirou. — Na verdade, Bidly esteve punindo a si mesma por todos esses anos pelo que pensava que tinha feito. Não é necessário castigá-la

Evelinde circulou os braços ao redor de seus ombros num breve abraço, depois relaxou e sorriu.

—Não deveria sorrir. Você deveria estar furiosa comigo — Cullen grunhiu, ao alcançarem a porta traseira que levava a cozinha, e ele a chutou para abri-la.

Os olhos de Evelinde se arregalaram espantados, mas esperou até eles chegarem ao grande salão vazio, antes de perguntar:

—Por quê?

—Porque novamente minha falha em conversar lhe causou dor, e dessa vez quase a morte também.

—Sim? — Ela perguntou perplexa.

—Sim — ele disse enquanto começava a subir as escadas com ela nos braços. — Fergus não a teria levado a nenhum lugar se eu tivesse mencionado minhas dúvidas a respeito dele.

Evelinde o observou intensamente quando alcançaram o primeiro andar.

—Suspeitava de Fergus?

—Não — ele admitiu, parando para deixá-la abrir a porta do quarto. A seguir entrou e chutou a porta para fechá-la e a levou para a cama, então ficou parado ali, enquanto dizia — O episódio do incêndio no solário me intrigava. Fergus afirmava que esteve no grande salão e que teria visto se alguém subisse as escadas, além de ser muito insistente ao afirmar que tudo foi um mero acidente. Inclusive quando lhe contei que a tocha tinha caído muito longe do prendedor para ser um acidente, ele insistia que tinha que sê-lo. — Cullen fez uma careta. — Alegava que tinha desviado a vista por um momento para abrir a porta para Tavis e Mildrede, mas eu sabia que Fergus levava muito a sério seus deveres e que jamais teria afastado a vista do solário se o vigiasse, e esse fato não me deixava em paz. Talvez se tivesse mencionado isso, você teria pensado duas vezes antes de ir a algum lugar a sós com ele.

— Sim, é certo — ela concordou serenamente, mas não havia censura em suas palavras.

—Sinto muito — Cullen disse seriamente, então lhe prometeu — Trocarei. Irei Contar-lhe tudo no futuro. Farei assim... — Cullen fez uma pausa, seus olhos abrindo-se muito surpreso quando ela lhe cobriu a boca com sua mão, obrigando-o a calar-se.

—Não precisa trocar marido. É...

—Sim, preciso — ele insistiu seriamente, movendo a cabeça para retirar mão dela. — Te amo, Evelinde. E sei que você não me corresponde. Como poderia me amar se mal me conhece? É minha própria culpa. Você contou tudo a respeito de sua vida, de sua infância, de sua família... Tudo. Mas não sabe nada sobre mim, vou mudar isso, e vou fazer com que me ame.

—Eu te amo — Evelinde disse rapidamente.

Cullen piscou.

—Sim?

Ela riu de sua expressão assombrada, então o abraçou com força.

—Sim, marido. Te amo.

—Como pode me amar quando mal me conhece? — Ele perguntou confuso.

—Mas eu o conheço, — Evelinde lhe assegurou seriamente. — Sei que é forte e honrado. Sei que sempre providenciará meu bem-estar e minha felicidade. Sei também que é nobre, é justo e compassivo ao lidar com sua gente... — Ela sacudiu a cabeça. — Cullen, suas ações falam mais alto que suas palavras. — Por ele não parecer muito convencido, ela continuou — Olhe Fergus. Ele afirmava que amava Biddy. Que nunca iria machucá-la, e ainda assim a machucou. — Evelinde fez uma pausa, e a seguir perguntou — O que você teria feito no lugar de Fergus se tivesse descoberto Jenny com Darach?

A boca de Cullen se apertou.

—Eu o desafiaria a um combate e teria matado o bastardo.

—Sim. — Ela assentiu — e o que faria após o suicídio de Jenny e a representação de Darach no papel do marido compassivo?

—Teria denunciado-o diante de todos e teria contado tudo, também o desafiaria a um combate e o mataria.

Evelinde mordeu o lábio para evitar sorrir. Havia um padrão de conduta definido. Parecia que Cullen considerava o comportamento de seu tio desprezível e acreditava que devia matar o bastardo. Não estava surpresa, e simplesmente comentou:

—Fergus providenciou para que Biddy enfim descobrisse tudo e esperou que ela confrontasse o homem. Quando ela disparou em Darach, mas não o matou, Fergus então completou o trabalho, mas não por Biddy como ele declarou. Biddy tentou desesperadamente salvar seu marido, por culpa ou por amor não sei. Mas Fergus alterou a decisão dela. Tampouco matou seu pai ou a pequena Maggie por amor a Biddy. Não creio que seu pai não teria escutado Fergus se ele tivesse confessado que tinha matado Darach, certo? — Evelinde esperou que Cullen negasse com a cabeça. Então encolheu os ombros, e disse — Fergus nunca tentou fazer essa confissão para salvar Biddy, porque isso teria significado colocar a si mesmo em perigo. E com isso deixou que Biddy continuasse sofrendo com sua culpa — ela acrescentou secamente. — Isso não é amor, Cullen. Fergus falava de amor, mas suas ações não respaldavam suas palavras. Você, por outra parte — Evelinde disse brandamente, erguendo uma mão para pressioná-la contra bochecha dele. — Poucas vezes você me dirige a palavra, mas suas ações sempre falaram de forma intensa sobre quem é e nos valores em que acredita. Sua honra brilha por cima de tudo, e eu te amo por isso. — Ela sorriu candidamente, e acrescentou — Bem, assim que me informo de suas ações.

Cullen abraçou-a com força, se inclinou para beijá-la. Deu-lhe um beijo doce e apaixonado, mas imediatamente começou a ser mais passional. Ambos ofegaram quando ele interrompeu o beijo.

—Te amo, Evelinde — ele repetiu seriamente, seus dedos movendo-se para começar a desfazer os laços do vestido. — Quando cavaleguei até d'Aumesbery para lhe pegar e me casar com você, minha única esperança era que fosse alguém com quem pudesse conviver bem, mas encontrei algo muito melhor do que isso. Eu gostei de você desde a primeira vez. E esse gostar ia aumentando a cada momento que passávamos juntos. É diferente de qualquer mulher que já tenha conhecido.

—Também gosto muito de você — Evelinde murmurou quando ele deixou de abaixar seu vestido de seus ombros. — Ainda bem que fui afortunada em conhecer homens tão bons como você no passado. — Quando ele ficou rígido, lhe sorriu espontaneamente, e acrescentou — Você é muito parecido com meu papai, e espero que meu irmão ainda seja assim, tive a sorte de estar com bons homens em minha vida e me orgulho de ser sua esposa.

Cullen relaxou, mas imediatamente a olhou fixamente nos olhos, e Evelinde inclinou a cabeça com curiosidade.

—O que aconteceu?

—Acabo de me lembrar de algo que me esqueci de lhe dizer — ele admitiu. Ela levantou as sobrancelhas com curiosidade. —Recebi uma carta de seu irmão — ele anunciou. — Alexander vem lhe fazer uma visita.

Evelinde sorriu satisfeita ante a notícia. Mas observou que Cullen parecia menos feliz, então perguntou:

—Não deseja que ele venha? Disse que poderia convidá-lo — lhe recordou apreensiva.

—Sim, e não estou aborrecido por isso, é só que deveria ter lhe dito isso dias atrás quando recebi a notícia — ele então lhe prometeu — Não me esquecerei das coisas que lhe fazem feliz no futuro. Direi-lhe tudo, e lhe direi o que desejar saber a meu respeito. Contarei-lhe sobre minha infância, e sobre meu pai, minha mãe, qualquer outra coisa que queira saber. — Cullen

deixou que sua camisa caísse no chão. — Contarei-lhe sobre a primeira vez que fui caçar, sobre meu primeiro casamento, sobre meu...

— Marido — Evelinde o interrompeu.

— Sim? — Cullen perguntou, parando com suas carícias brevemente.

— Conte-me tudo isso mais tarde — ela sussurrou, enquanto enlaçava o seu pescoço para forçá-lo a beijá-la.

— Sim, esposa — ele ofegou antes que sua boca cobrisse a dela.

FIM

